


Helena
Rebello



OS
PORQUÊS do
PORTUGUÊS



A Variação
Linguística em
Usos Quotidianos

Os Porquês do Português



**A Variação Linguística
em Usos Quotidianos**

Helena Rebelo

Os Porquês do Português



**A Variação Linguística
em Usos Quotidianos**



Edições Colibri

Biblioteca Nacional de Portugal
– *Catálogo na Publicação*

REBELO, Helena, 1967-

Os porquês do português : a variação linguística em usos quotidianos.
– (Extra-coleção)
ISBN 978-989-566-036-0

CDU 811.134.3

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04188/2020

Título: Os Porquês do Português.

A variação linguística em usos quotidianos

Autora: Helena Rebelo

Editor: Fernando Mão de Ferro

Capa: Raquel Ferreira

Depósito legal n.º 477 654/20

Lisboa, Dezembro de 2020

Ao meu querido marido, Carlos Emanuel Rodrigues Dias,
pela sempre boa disposição e pelo amparo constante

Índice

Nota Introdutória.....	11
Prefácio	13
Porquê usar “à” e “há”?.....	17
Porquê escrever “porque” e “por que”?	19
Porquê escrever “onde” e “aonde”?	21
Porquê escrever “trás” e “traz”?.....	23
Porquê escrever “senta-se” e “sentasse”?.....	25
Porquê usar acentos gráficos?	27
Porquê escrever “com certeza”, separando “com” e “certeza”?.....	29
Porquê diferenciar “se” “não” e “senão”?	31
Porquê querer substituir “vós” por “vocês”?.....	33
Porquê dizer “a perda” e “a perca”?	35
Porquê escrever “ajudo-te”, “não te ajudo” e “ajudar-te-ei”?	38
Porquê usar dois participios passados: “entregado” e “entregue”?	42
Escreve-se “ensino a distância” ou “ensino à distância”? Porquê?	45
Diz-se “havia muitos livros” ou “havam muitos livros”?	49
Diz-se “eu parece-me” ou “parece-me”?.....	52
Diz-se “mantém-o”, “mantém-lo” ou “mantém-no”?	56
Diz-se “a presidente” ou “a presidenta”?	59
Escreve-se “vêm” ou “vêem”/ “veem”? Porquê?	63
Pode dizer-se “por outro lado” sem mencionar “por um lado”?	66
Há quem diga “ouvisto” em vez de “ouvido”. Porquê?	70
Porquê estudar a fala, sobretudo no dia da voz?	74
É “vinte e um ano” ou “vinte e um anos”?.....	79
Diz-se “muita grande” ou “muito grande”?	83

Diz-se “casou-se” ou “casou”? Porquê?.....	86
Diz-se e escreve-se “quaisques” ou “quaisquer”? Porquê?.....	90
Diz-se “perdoou-o” ou “perdoou-lhe”? Porquê?.....	94
Qual a diferença entre “portanto” e “por tanto”? Porquê?	98
Diz-se “muitas das vezes” ou “muitas vezes”? Porquê?	101
Uma mulher deve dizer “Obrigado!” ou “Obrigada!”? Porquê?	105
Deve pedir-se “um copo de água” ou “um copo com água”? Porquê?	109
Deve dizer-se “maciço” ou “massivo”? Porquê?	113
Deve dizer-se “refundação” ou “refundição”? Porquê?	116
Diz-se “a dengue” ou “o dengue”? Porquê?.....	120
Diz-se “parquímetro” ou “parcómetro”? Porquê?.....	124
Diz-se “história” ou “estória”? Porquê?	127
Diz-se “destrocar” ou “trocar”, quando precisamos de trocos? Porquê?.....	131
Diz-se “quadrienal” ou “quadrianual”? Porquê?	134
Diz-se “síndrome”, “síndroma” ou “síndromo”? Porquê?	137
Significam o mesmo “racionalizar” e “racionar”? Porquê?	141
Pode dizer-se “gostar-se” em vez de “gostar”? Porquê?	145
Pode dizer-se “Prontos!” em vez de “Pronto!”? Porquê?.....	150
Faz sentido dizer “Olá! Bom dia!”, para saudar alguém? Porquê?	154
Deve dizer-se “empenho” ou “empenhamento”? Porquê?	159
Diz-se “mal-estar” ou “mau-estar”? Porquê?	163
Serão “adesão” e “aderência” sinónimos? Porquê?.....	166
É “verde-rubros” ou “verdes-rubros”? Porquê? (Primeira Parte).....	170
Diz-se “verde-rubros” ou “verdes-rubros”? Porquê? (Segunda Parte).....	174
É “connosco” ou “conosco”? Porquê?	179
Serão sinónimos “inclusive” e “inclusivo”? Porquê?.....	182
Serão sinónimos “ementa” e “menu”? Porquê?	185
É “omeleta” ou “omelete”? Porquê?	189
É “bastante” ou “bastanta”? Porquê?	192
É “cargar” ou “carregar”? Porquê?	195
É “para além de” ou, simplesmente, “além de”? Porquê?.....	198
Terá “Pai Natal” plural? Porquê?	202

É “enquanto” ou “enquanto que”? Porquê?	206
É “ao nível de” ou “a nível de”? Porquê?	210
Qual é o feminino de “o capitão”? Porquê?	213
É “sociais-democratas” ou “social-democratas”? Porquê?	216
É “abissal” ou “abismal”? Porquê?	220
Serão sinónimos “constrangedor” e “confrangedor”? Porquê?	224
Fará sentido a sequência “tal como”? Porquê?.....	228
É “reestruturação” ou “restruturação”? Porquê?	231
É “o/ a hambúrguer” ou “hamburguer”? Porquê?	235
É “quotidiano” ou “cotidiano”? Porquê?.....	239
É “catorze” ou “quatorze”? Porquê?	243
É “tinha pagado” ou “tinha pago”? Porquê?	247
É “encarregado” ou “encarregue”? Porquê?.....	251
É “controle”, “controló” ou “control”? Porquê?	255
Para “cair”, escreve-se “eles caem” ou “eles caiem”? Porquê?.....	259
Serão “velar” e “zelar” sinónimos? Porquê?	262
É “afogador” um sinónimo de “gargantilha”? Porquê?.....	266
Significarão o mesmo “resistência” e “resiliência”? Porquê?.....	269
O pronome “se” pode indicar uma construção passiva? Porquê?.....	273
Para “não adequado”, diz-se “inadequado” ou “desadequado”? Porquê?	277
É “ <i>supra</i> citado” ou “supracitado”? Porquê?	281
Escreve-se “escoteiro” ou “escuteiro”? Porquê?	285
Escreve-se “caboverdeano”, “caboverdiano”, “kabuverdianu” ou “cabo-verdiano”? Porquê?.....	290
É “anos atrás”, “há anos” ou “há anos atrás”? Porquê?.....	293
O que é uma “contracapa”? Porquê?.....	296
É “guardiense” ou “egitaniense”? Porquê?	300
É “um chiclete”, “uma chiclete” ou “uma pastilha”? Porquê?	304
Por que motivo se escreve “comummente”? Porquê?	308
É “fontanário” ou “fontenário”? Porquê?.....	312
É “o este” ou “o leste”? Porquê?.....	316
Podemos, ou não, usar o verbo “constatar”? Porquê?	320

É “anis” ou “aniz”? Porquê?	324
É “mandado de captura” ou “mandato de captura”? Porquê?	327
É “porto-santense”, “portossantense” ou “portosantense”? Porquê?	332
É “vinho e alho(s)”, “vinha de alho(s)” ou “vinha-d’alho(s)”? Porquê?	336
Porquê? Em memória de Tiago Freitas	341

NOTA INTRODUTÓRIA

Nos últimos vinte anos, fui respondendo a várias questões de língua portuguesa que me foram colocando ou que foram surgindo em diversas situações de comunicação em que me encontrava. Também publiquei várias na imprensa. Com frequência, as pessoas que as colocaram julgavam que a resposta era simples porque não imaginavam que as línguas vivas suscitem problemas que, por vezes, são de difícil solução. A investigação na área das línguas vivas, incluindo a materna, não é sequer equacionada pela maioria das pessoas enquanto falantes de uma mesma comunidade. Se se perguntar à população em geral se considera possível, e necessário, realizar-se investigação científica com matérias ligadas à língua portuguesa a resposta será negativa. Já o experimentei e tenho verificado isso mesmo ao longo dos meus mais de trinta anos de ensino. O que procurei fazer foi, então, explicar aos meus interlocutores que estes assuntos merecem ser analisados minuciosamente e que nem sempre são o que parecem. Muitas horas de investigação foram passadas à volta de gramáticas, prontuários e dicionários. Aliás, parece que muito começa aqui: dizer-se que se vai consultar “o dicionário” ou “a gramática”, para estas pesquisas, não serve, já que o singular, habitualmente empregue, não revela a complexidade destas matérias. Logo, não consultei “o dicionário” e “a gramática”, mas “dicionários” e “gramáticas”, quer obras produzidas em território português, quer algumas publicadas no Brasil. A língua é apenas uma e os materiais de trabalho podem ser diversificados. A ponte Portugal-Brasil é percorrida sistematicamente ao questionar a língua portuguesa, fazendo lembrar um belíssimo texto de Mía Couto – “Perguntas à Língua Portuguesa” – a contestar a norma e a fazer valer a importância da língua portuguesa em Moçambique. A variação linguística é um Património Linguístico ainda pouco valorizado.

No início, decidi equacionar as temáticas em função de questões, evidenciando-as num “porquê”, uma vez que procurei a reflexão linguística com base nos dados existentes. A variação na comunidade de falantes é mais do que evidente e é a ela que aludo, quando equaciono um problema de língua portuguesa. O *modus operandi* foi também evoluindo à medida que fui contactando com os problemas linguísticos que me foram sendo colocados. Os que estão aqui datam, sensivelmente, desde 2008. Inicialmente, procura-

va responder às perguntas colocadas com argumentação simples e apresentava-a, num breve “tira-dúvidas”. Com o tempo, pensei que a consulta de dicionários seria extremamente útil para confrontar argumentos. Passei a facultar, então, no “tira-dúvidas”, em fim de cada texto explicativo, as propostas dos dicionários consultados, o que tem possibilitado uma comparação extremamente interessante, inclusive a nível cultural, revelando que os dicionários vão acompanhando as alterações culturais e sociais. Poderiam ser outros títulos? Poderiam. São estes porque os tinha à mão e porque considero que qualquer material é válido para esta consulta. Logo, os mais antigos são tão “bons” quanto os mais recentes. Tendemos a preferir obras de consulta bibliográfica mais recentes, mas, muitas vezes, temos de olhar para trás para perceber os fenómenos que estão a acontecer a nível linguístico. Esta é a minha convicção.

Basicamente, o que pretendi foi, permanentemente, auxiliar quem andava na dúvida e evidenciar que a variação linguística, numa comunidade de falantes de mais de 200 milhões, revela diversas possibilidades e uma grande riqueza linguística, embora também proporcione uma enorme instabilidade. No entanto, há aqui todo um património a explorar, um filão inesgotável, para quem reconhece a sua língua materna (inclusive para quem a tem por segunda, terceira ou mesmo sendo apenas estrangeira) como o primeiro e mais importante monumento a explorar, descobrir e conhecer, por fora, enquanto usuário, e por dentro, enquanto potencial linguista. Nem todos os falantes são cientistas da língua, embora muitos o julguem ser, mas todos se devem questionar sobre o modo como a usam.

A fim de continuar a auxiliar os falantes, ajudando-me, igualmente, a mim, porque também tenho dúvidas, decidi compilar variadas questões que fui tratando, nestes últimos anos. Espero que a publicação seja útil a todos os que se questionam para resolver dúvidas pontuais, mas também para suscitar o interesse pela investigação no domínio da Linguística, em especial no que se prende com a variação. Esta publicação vem no seguimento de outras. Uma língua é viva e, enquanto funcionar, vai variando, sendo indispensável entender o processo para poder continuar a manter a comunidade de língua portuguesa unificada, seja no território continental português, nas ilhas atlânticas, no Brasil, em Moçambique, em Angola ou em qualquer outra parte do mundo, mesmo na comunidade emigrante da diáspora, pelo mundo fora.

Funchal, 30-10-2020

Helena Rebelo
Universidade da Madeira (FAH-CLLC-CIERL)
CLLC-Universidade de Aveiro

PREFÁCIO

Começemos, desde logo, por algumas dificuldades com que se depara quem precisa de comunicar eficazmente no seu dia a dia, em registo formal ou informal: dúvidas sobre a ortografia, hesitações sobre a pronúncia correta de uma palavra por influência de uma variedade fonética regional, falta de confiança em relação ao uso e significado de uma locução, um bloqueio devido ao desconhecimento da regra que rege uma dada forma lexical ou construção sintática, a incerteza acerca da possibilidade de feminizar certos cargos e profissões, a difícil escolha do termo mais apropriado à determinada situação de comunicação. Não é exaustiva a lista, mas serve para dar uma ideia da angústia que pode apoderar-se do sujeito enunciador, inibindo-o nas tarefas comunicativas.

Sendo a língua um sistema dinâmico em constante tensão devido às mudanças que a sociedade gera na atividade e comunicação humana, é natural que usuários do português fiquem com dúvidas sobre a língua usada em certos lugares sociais, geográficos ou culturais, por não coincidir muitas vezes com a língua padrão ensinada nas escolas ou com a variedade do português ouvido em casa ou na rua. Tais dúvidas podem provocar no usuário o sentimento de insegurança linguística consoante as formas e expressões que o próprio considera certas, estranhas, adequadas ou agramaticais, levando-o a autodiscutir sobre o uso “correto” ou “incorreto” da linguagem. Até porque não faltam ocorrências desviantes à norma-padrão que induzem o usuário em incertezas. A variação na língua portuguesa infringe, não raro, a norma, e não se deve confundir o erro (involuntário), por desconhecimento ou distração, com o desvio voluntário da norma, para efeito de maior expressividade. Acresce que a língua escrita difere muito da língua falada, porque, sendo mais próxima do uso normativo, resiste mais às inovações de que é pródiga a coloquialidade. Todavia, expressões escritas há, informais como as SMS, que assimilam sem complexos traços da oralidade. Além do mais, se, por um lado, muitas das “regras” que regulam o uso do português comportam exceções, por outro, as formas de certas locuções nem sempre seguem uma lógica fácil de aplicar.

Como se não bastasse tudo isso, outros factos da língua dão também que pensar como: estrangeirismos – porque nenhuma língua está isolada; gírias –

engendradas para que elementos de um grupo específico possam comunicar entre si sem que os outros (indivíduos exteriores a esse grupo) os percebam; modismos – porque, na língua viva que é a nossa, há locuções cuja construção é contrária às regras gramaticais e que não tem tradução direta em nenhuma outra língua; ou bordões – quando o pensamento precisa por vezes de uma moleta linguística para fazer avançar o fluxo discursivo. Afinal, qualquer língua encerra em si um mundo de variações e subtilezas, e o português não derroga tal princípio.

É sobre estas questões que versa o livro que temos agora em mãos. O núcleo da obra agrupa, por ordem aleatória como é usual neste tipo de publicação, quase cem textos elaborados com uma estrutura rígida em formato de ficha temática sobre um uso específico do Português Europeu. Na sua larga maioria, os textos configuram-se como crónicas linguísticas acopladas a um quadro didático, que exhibe informações complementares ou diferenciadas, aqui denominado “tira-dúvidas”. Na prática, a autora parte de uma situação do quotidiano que serve de pretexto e de ponto de partida para uma análise linguística com discussão dos dados e solução possível ao problema levantado. Encena a sua relação diária com a língua ao mesmo tempo que regista a espuma dos dias. As situações evocadas inspiram-lhe muitas vezes uma crítica social, uma reflexão ético-moral ou até um comentário sobre responsabilidades políticas pelas crises que o país ou o planeta vão enfrentando. Tal estratégia discursiva permite-lhe não só sugerir que toda a expressão verbal merece da parte dos usuários uma atitude crítica e informada, como também sustentar que os usos linguísticos sempre se inscrevem nos tempos que correm.

De acordo com a definição proposta por Wim Remysen, a crónica linguística consiste em:

um conjunto de discursos sobre a língua, com especial incidência nos maus e nos bons usos do idioma. É divulgada periodicamente sob a forma de rubricas na imprensa escrita (artigos de jornal ou revista) ou eletrónicas (programas de radio ou televisão). A crónica é assinada pela mesma pessoa, física ou moral, a quem se reconhece competência em matéria linguística.¹

¹ Traduzimos a seguinte definição proposta por Wim Remysen: “La chronique de langage est un ensemble de discours sur la langue, plus particulièrement encore sur les bons et les mauvais usages de la langue. Elle est diffusée périodiquement sous forme de rubriques dans les médias écrits (articles de journal ou de revue) ou électroniques (émissions de radio ou de télévision). La chronique est signée par une même personne, physique ou moral, à laquelle on reconnaît une compétence en matière de langue.” A citação é extraída do artigo “La chronique de langage à la lumière de l’expérience canadienne-française: un essai de définition”, in Julie Bérubé, Karine Gauvin et Wim

Com efeito, *Os Porquês do Português*, que empresta o título a este volume, já foi rubrica iniciada em 2008 pela cronista no semanário *Tribuna da Madeira*. Retomadas e revistas, as crónicas sobre problemas de uso do nosso idioma que a autora publicou em vários órgãos da imprensa madeirense, ao longo dos anos, foram compilados nos seguintes volumes: *Desvio ou erro? Problemas na escrita da Língua Portuguesa*, vindo a lume em 2014, reúne crónicas redigidas entre 2010 e 2011, *Problemas de Português com Soluções*, editado em 2017, oferece um florilégio de crónicas publicadas em 2012 e 2013, reformuladas e simplificadas, e, finalmente, também lançado em 2017, *Erro ou desvio? Usos linguísticos na escrita da Língua Portuguesa – crónicas linguísticas (2012-2013)*. *Os Porquês do Português* é a quarta coletânea de crónicas que a autora põe à disposição dos seus leitores, sendo estes, além de professores, estudantes e profissionais da comunicação, todos aqueles que se interessam não só pelo bom uso do idioma, como também pelas tendências linguísticas que transformam a língua. Os títulos que a autora atribuiu aos seus livros de crónicas anunciam de forma cristalina o propósito explicativo de determinados usos da língua portuguesa, através do sinal de pontuação “?” e das palavras “erro”, “problemas”, “soluções” e “porquês”. O crescente número de livros de crónicas linguísticas que Helena Rebelo tem vindo a publicar demonstram o grande interesse que o público tem atribuído às suas rubricas, até pelo facto de a cronista ser cada vez mais interpelada e questionada por leitores seus, como disse nos dá conta nos seus escritos.

Este género discursivo inscreve-se numa tradição que nestas últimas décadas ganhou, em Portugal, particular importância nos *mass media*, talvez devido ao sentimento generalizado de que a língua portuguesa merece ser mais bem tratada. Muitos se lembrarão dos programas televisivos sobre língua portuguesa, como *Bem dizer, Bem escrever* (1984), *Crónicas de Bem dizer* (1986), apresentados por Edite Estrela, e *Falar Português* (1989), a mesma apresentadora contracenando, neste último, com João David Pinto Correia, e, mais recentemente, o *Cuidado com a Língua!* (2010-2019), protagonizado pelo ator Diogo Infante. Na imprensa escrita e na blogosfera, multiplicam-se os cronistas que escrevem sobre assuntos de língua e linguagem. Depois dos historiadores, dos sociólogos, dos filósofos, dos economistas, dos climatólogos, há uma nova especialidade a ganhar cada vez mais visibilidade no ambiente mediático: a dos linguagistas, respaldados na Linguística e na Gramática. Atualmente, nomes como Margarita Correia, Helder Guégués, Manuel Monteiro, Marco Neves e Sandra Duarte Tavares tornaram-se, para o público em geral, nas principais fontes de informação

Remysen (éd.), *Les Journées de linguistique. Actes du 18e colloque 11-12 mars 2004*, Québec, Centre interdisciplinaire de recherches sur les activités langagières, (“B-225”), 2005, p. 267-281.

sobre curiosidades que definem a língua portuguesa, o seu uso correto e as novas indústrias linguístico-culturais.

As crónicas de Helena Rebelo, repartidas por estes quatro livros, assentam, principalmente, na fina observação de diversos jornais e revistas nacionais, mas também das mais anódinas situações do quotidiano. A vertente estética da língua literária não é, por opção metodológica, tida em conta, interessando-lhe apenas a vertente mais utilitária da linguagem. Apesar de a autora viver na Madeira e de ter desenvolvido alguns trabalhos sobre as particularidades do português que aí se fala e se escreve, não dá especial relevo nas suas crónicas aos diatopismos madeirenses, embora aluda a alguns casos interessantes, vindos a talho de foice. A cronista prefere refletir sobre factos linguísticos transversais a todos os usuários do Português Europeu, estejam eles em Portugal, nas ilhas lusas ou no estrangeiro, emigrados. Esforça-se por familiarizar o leitor com o uso de uma metalinguagem que o ajude a pensar o funcionamento da língua. No caso da obra vertente, a novidade reside no facto de a autora fomentar o sentido crítico face ao modo como consultamos os dicionários e as gramáticas, lembrando que estes são sempre o reflexo e o produto de uma época.

Linguista de alma e formação, professora por vocação e condição, Helena Rebelo apresenta um perfil de autoridade que lhe advém de uma longa experiência em observar os usos de linguagem, em refletir sobre eles e em explicá-los, com os conhecimentos especializados em Ciências da Linguagem de que é detentora. Mais do que formular um discurso meramente prescritivo e corretivo, faz antes uma abordagem descritiva dos factos linguísticos observados, propõe uma análise neutra das expressões escritas ou orais, sem preconceitos. Por vezes, não tem pejo em reconhecer não ter soluções para o problema examinado. No que diz respeito à ideologia linguística, a cronista inscreve-se na sólida tradição daqueles que visam melhorar as qualidades da linguagem, preconizando a pureza (que não o purismo!), a correção, a clareza, a precisão e a propriedade.

A intencionalidade discursiva da autora é evidente: detetar e discutir os maus usos da língua portuguesa de modo a contrapor-lhe os bons exemplos que a enriquecem; despertar nos usuários do Português Europeu uma consciência linguística que os motivará a contribuir para a sua promoção e a conferir-lhe a dignidade que merece. Quanto mais consciência da língua portuguesa tivermos, melhor saberemos expressar-nos e melhor a ilustraremos.

Thierry Proença dos Santos

Nota: O texto foi escrito seguindo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Porquê usar “à” e “há”?

O português, como todas as línguas, exige aprendizagem e estudo, mesmo para os falantes nativos. Afirma-se, por hábito, que é difícil. É certo que tem muitas particularidades, mas todas as línguas as têm. Vejam-se, por exemplo, as complexas declinações latinas, as preposições inglesas que alteraram o sentido de verbos, as consoantes geminadas do francês e do italiano. Portanto, quem quer dominar uma língua tem de a estudar, a fim de a poder compreender. É sabido que é fácil o que se entende. Pensar nos usos linguísticos assimilados é um exercício que aprecio e que proponho.

Hoje, queria pensar numa dificuldade que reencontro frequentemente, isto é, a confusão entre à e há. Na teoria, sabemos que são duas formas distintas e cremos, se já as diferenciamos, que nunca as confundiríamos, até porque estamos esclarecidos quanto à segunda: é um verbo. Quando se trata de escrever um texto, chegamos a hesitar. Ponho um acento ou não? Se ponho acento gráfico, desenho-o para a esquerda ou para a direita? Tem h? Se tem, vem antes ou depois do a? As dúvidas são o primeiro passo para o conhecimento, mas, como não vamos verificar, por preguiça ou outra razão qualquer, fazemos uma opção que nem sempre coincide com a que os dicionários, os dicionários ou as gramáticas propõem, já que neles figura a língua herdada e que, convencionalmente, assume certas características. Surge, assim, o erro que repetiremos, enquanto não compreendermos as diferenças substanciais que estão detrás do acento grave ou agudo e do emprego do h. Temos, para um mesmo som, [a], formas gráficas distintas, correspondendo a vocábulos distintos: à e há. A estas duas, podemos, ainda, juntar a e ah. As primeiras são, contudo, as que mais confundimos.

O primeiro [a], à, é, morfologicamente, aquilo que se costuma designar como **contração da preposição a e do artigo, definido feminino singular, a**. Assim, em vez de ter a mesma vogal repetida [a preposição + a artigo], regista-se com acento grave a assinalar o amálgama, a fusão de dois elementos que sabemos que existem porque, se usarmos o artigo definido masculino singular, o aparece junto da preposição a, como em *Vou ao mercado*. O substantivo *mercado* é masculino singular, daí o artigo o. Se usarmos um substantivo que não requeira o uso do artigo, como é o caso de *Coimbra* em *Vou a Coimbra*, verificamos que ficou apenas a preposição a, exigida pelo verbo, *ir a*, que se pode usar com outras preposições: *ir para*, *ir de* ou *ir por*. O segundo, há, é, como sabemos, uma **forma verbal de haver**, neste caso, na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, como em *Há muitas gaivotas*. É possível conjugar o verbo noutros tempos verbais

[*Havia muitas gaivotas. Houve muitas gaivotas.*]. Então, sempre que puder conjugar o [a], tenho de o escrever com “h” e acento agudo ´. Quem conhecer línguas estrangeiras poderá experimentar a tradução e verificará que, nestas últimas frases, terá de empregar um verbo.

Para um tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Porquê à e há? Porque são dois vocábulos originariamente diferentes.

Tira-dúvidas

um som, [a], para diferentes vocábulos			
à	a	há	ah
a + a	a, b, c, ...	haver	interjeição
contração da preposição <u>a</u> e do artigo definido feminino singular <u>a</u> o artigo pode vir no feminino plural, <u>as</u> , no masculino singular, <u>o</u> , ou plural, <u>os</u> pode usar-se a preposição sem o artigo	primeira letra do nosso abecedário	forma verbal, na terceira pessoa do singular do presente do indicativo pode ser conjugado noutros tempos e modos verbais pode ser sinónimo de <i>existir</i> tradução com forma verbal	interjeição exclamativa
<u>Vou à piscina.</u> <u>Vou ao mercado.</u> <u>Vou aos Estados Unidos.</u> <u>Vou a Coimbra.</u>	<u>O a é uma letra muito usada.</u>	<u>Há muitas gaivotas.</u> <u>Havia muitas gaivotas.</u> <u>Houve muitas gaivotas.</u>	<u>Ah, que belo é!</u>

Porquê escrever “porque” e “por que”?

Seria bom se escrevêssemos como falamos. Simplificaria a vida, já que ninguém teria dúvidas de ortografia. Se, com a escrita, pretendemos representar a oralidade, isso não significa que o consigamos. Se perguntarmos, a um estudante universitário, quantas vogais tem a língua portuguesa, este responderá como qualquer falante minimamente escolarizado: cinco (*a, e, i, o e u*). Ora, estas são letras e não representam todos os sons vocálicos. Reconsiderando, não sei se simplificaria a vida ou se surgiriam outras questões... Na aquisição da linguagem, acabamos por desvalorizar a oralidade perante o aperfeiçoamento da escrita, embora recebamos as suas influências. Vamos, assim, perdendo a consciência das unidades linguísticas que usamos. Pensar nelas, apesar dos riscos que corro, é um exercício que aprecio e que proponho.

Hoje, sem esgotar o assunto, queria Pensar sobre a complexa distinção entre *porque* e *por que*, à qual podemos acrescentar *porquê*. Tendemos a confundir, com frequência, *porquê* e *porque*, já que a única diferença gráfica está num acento circunflexo. Contudo, é muito mais frequente isso acontecer com *porque* e *por que*. Têm a mesma origem (*por + que*), mas foram-se diferenciando. A separação indica que *por* continua a funcionar com preposição e *que* como pronome [*A razão por que não venho é clara*. Temos duas orações com um substantivo repetido que propicia o uso do pronome relativo: *A razão é clara. / Não venho por esta razão*]. Isto deixou de acontecer com a aglutinação dos dois elementos. Passaram a funcionar como uma unidade, que pode ter, além de outras classificações, a de conjunção causal [*Não venho porque estou doente*. Temos duas orações ligadas: *Estou doente. Não venho*]. Nesta confusão dos falantes, parece predominar a preferência por *porque*, devido, por certo, à influência da oralidade. As dificuldades surgem, em particular, nas frases interrogativas. Usaremos, geralmente, *por que*, dois elementos separados, quando pudermos acrescentar *razão* ou *motivo* [*Por que (motivo, razão) faltaste à reunião?*]. Em caso de dúvida, expressar sempre “motivo” ou “razão”. Esta será uma das soluções para resolver o problema. Outra solução estará na tradução. Quem dominar uma língua estrangeira, nomeadamente o francês, poderá compreender melhor a diferença destes elementos na língua materna. Além de outras possibilidades, podemos ter: *porque = parce que/ porquê = pourquoi/ por que = pour quel ou pour quelle*.

É fácil o que se entende e difícil ou discutível o contrário. Portanto, nada melhor do que um breve tira-dúvidas para um tira-teimas, porque as dúvidas

são o primeiro passo para o conhecimento, mas não podem ser o último. Porquê escrever *porque* e *por que*? Porque, é caso para o empregar, são segmentos diferentes cuja semelhança advém, sobretudo, da origem comum e de ocorrerem em frases interrogativas. Ciente de não ter resolvido a questão principal, voltarei, com certeza, a abordar o assunto, essencialmente para compreender o que é um “advérbio interrogativo”.

Tira-dúvidas

formas distintas		
porque	porquê	por que
<i>parce que</i>	<i>pourquoi</i>	<i>pour quel/ pour quelle</i>
<p>conjunção causal + verbo no indicativo</p> <p>conjunção explicativa (com vírgula entre as orações coordenadas)</p> <p>pouco usada: conjunção final + verbo no conjuntivo = para que</p> <p><u>advérbio interrogativo</u></p>	<p><u>advérbio interrogativo</u> (inicia, normalmente, uma pergunta) + verbo no infinitivo</p> <p>substantivo masculino</p>	<p>por (preposição) + que (pronomes relativos)</p> <p>- pode ser substituído por: <i>pelo qual / pela qual / pelos quais / pelas quais</i></p> <p>por (preposição) + que (pronomes interrogativos)</p> <p>- separa-se por de que sempre que se pode acrescentar motivo, razão ou causa</p>
<p><i>Não venho porque estou doente.</i></p> <p><i>Vou ao cinema, porque quero descontrair.</i></p> <p><i>Segura-o porque não salte.</i></p> <p><i>Porque estás doente não vens?</i></p>	<p><i>Porquê faltar à reunião?</i></p> <p>São muitos os porquês do português.</p>	<p>A razão por que não venho é clara.</p> <p><i>Explica-me (o motivo) por que faltaste à reunião.</i></p> <p><i>Por que (motivo) faltaste à reunião?</i></p>

Porquê escrever “onde” e “aonde”?

De 4 a 9 de Agosto de 2008, no Funchal, celebrou-se o IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Acolhendo sócios e não sócios, foi organizado pela Associação e a Universidade da Madeira, com o apoio dos 500 Anos do Funchal. Várias instituições públicas e privadas patrocinaram este evento. Foi impressionante verificar algo que já sabia, mas que alguns falantes comuns desconhecem: a língua portuguesa, nas suas múltiplas variedades, é falada, e estudada, pelo mundo fora, por quem, frequentemente, não a tem como primeira língua. Por seu intermédio, há quem se dedique à Cultura, à História, à Literatura e a outros domínios dos países lusófonos.

Sem contabilizar os participantes do Arquipélago da Madeira, dos Açores, de Portugal Continental e do Brasil, os congressistas, com ou sem comunicação, vêm da Alemanha, da Bélgica, da Bulgária, da Espanha (a maioria da Galiza), dos Estados Unidos da América, da França, da Hungria, da Inglaterra, dos Países Baixos, da Polónia, da Roménia e da Suíça. Tratam temas variados, mas todos falam português. Normalmente, em congressos internacionais, coloca-se o problema das traduções ou a questão da língua a seguir, como o inglês, para facilitar a comunicação. Neste caso, não será assim, já que o português é suficiente. Para mim, é ainda mais impressionante observar que estrangeiros apreciam a nossa língua. Falam, escrevem e, com frequência, ensinam português, dominando aspectos menores, como a diferença entre **onde** e **aonde**, que falantes nativos desconhecem ou pela qual nem sentem curiosidade. Pensar nos usos linguísticos, como este, é um exercício que aprecio e que continuarei, aqui, a propor.

Há quem pense que escrever **aonde** está errado porque o correcto é **onde**. Ora, os dois vocábulos podem ser usados, mas sê-lo-ão em circunstâncias diferentes, embora também haja quem os considere sinónimos. É importante saber que **aonde** resulta da junção da preposição **a** e do advérbio **onde**. Conhece-se, até, um vocábulo popular que junta **a** e **donde** (**de onde**): **adonde**. Este **a** é uma preposição porque pode ser substituída por outras, por exemplo: **de**, **por** ou **para**. Antecedem **onde** e dão-lhe sentidos diferentes, ou seja, ESPAÇO DE ORIGEM (**De onde** vem? Venho **de** Santana.), ESPAÇO QUE SE ATRAVESSA (**Por onde** vai? Vou **por** ali porque é mais perto.) e ESPAÇO DE DESTINO (**Para onde** vai? Vou **para** casa e já não saio.). Logo, **onde** aponta para um espaço circunscrito, sem a indicação de qualquer movimento (**Onde** vives?), enquanto **aonde** assinala o espaço para o qual nos dirigimos, mas no qual não permaneceremos (**Aonde** vai? Vou **à** farmácia e

volto dentro de minutos.). Consequentemente, a distinção que temos de operar é entre **aonde** e **para onde**, uma vez que, com **para**, queremos sublinhar que ficaremos no sítio **para onde** formos (***Para onde** vai, nestas férias? Vou **para** Cabo Verde e fico lá dois meses.*). Com **a**, indicamos que vamos a um determinado lugar e voltamos logo (***Aonde** queres ir? Quero ir **a** casa da Joana buscar o telemóvel que lá esqueci.*).

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Porquê **onde** e **aonde**? Porque são dois vocábulos com sentidos diferentes, mesmo tendo **onde** em comum.

Tira-dúvidas

um vocábulo acompanhado ou não por preposição		
onde	de/ por/ para onde	aonde
espaço geográfico – sem movimento advérbio	espaço geográfico – com movimento indicado pela preposição preposição + advérbio de – origem (de onde – também se pode escrever donde) por – meio para – destino com permanência	espaço geográfico, com o movimento de ir e voltar, sem grande demora preposição + advérbio a – destino sem permanência adonde (a+ donde) – forma popular
Onde vives?	<i>De onde vem? Venho de Santana. Por onde vai? Vou por ali porque é mais perto. Para onde vai? Vou para casa e já não saio. Para onde vai, nestas férias? Vou para Cabo Verde e fico lá dois meses.</i>	<i>Aonde vai? Vou a farmácia e volto dentro de minutos. Aonde queres ir? Quero ir a casa da Joana buscar o telemóvel que lá esqueci.</i>

Porquê escrever “trás” e “traz”?

O Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade da Madeira está a receber candidaturas para cursos de 2.º ciclo, incluindo pós-graduações e mestrados. Quem quiser continuar a estudar tem, neste leque de ofertas, o que escolher, já que este ciclo de estudos vai permitir prosseguir com a formação geral adquirida numa licenciatura. As propostas mostram bem o quanto as Humanidades estão vivas e atentas às realidades contemporâneas. Porque muito há para aprender, a formação que se recebe, neste ciclo de estudos, aplica-se na experiência laboral quotidiana.

É de grande ajuda, sobretudo para quem já está no mercado de trabalho e sente necessidade de retomar o caminho do conhecimento. A formação ao longo da vida é um indicador importante para medir o nível de educação de uma população. Quem se dispõe a aprender assume uma atitude positiva, predispondo-se a melhorar, evitando erros comuns. Se *errare humanum est*, o erro, que é próprio do ser humano, pode ser evitado. A título exemplificativo, e tomando o caso de um erro menor, é frequente haver quem confunda **trás** e **traz**, sem ter grande consciência das diferenças existentes entre ambos os vocábulos. Pensar em usos linguísticos, como estes, é um exercício que aprecio e que continuarei, aqui, a propor.

A distinção entre **trás** e **traz** pode tornar-se complexa, uma vez que não é feita em termos articulatórios. Têm a mesma fonia, mas diferenciam-se na escrita. As consoantes finais e o acento agudo, existente no primeiro vocábulo, fazem toda a diferença. Será esta apenas gráfica? Não, não é. Reside, fundamentalmente, na etimologia. A origem de **trás** e **traz** é diversa. Assim, **traz** escreve-se com **z** porque é uma forma do verbo **trazer**, no presente do indicativo (*Ele **traz** todos os documentos com ele.*) ou no imperativo (***Traz** o pão, por favor.*). O infinitivo, **trazer**, escreve-se com **z** e a forma verbal, **traz**, também. É a explicação mais simples de encontrar. Se houver dificuldades, é possível colocar a forma verbal num outro tempo (*Ele **trazia** todos os documentos com ele.*). Para a grafia de **trás**, o que se pode acrescentar é que reproduz o ruído de uma queda ou de uma pancada (*Ia com pressa e “**trás!**”; bateu na porta envidraçada.*), tratando-se de uma interjeição de origem onomatopaica. Todavia, a confusão que se instala tem mais a ver com a preposição, **trás** (***Trás** aquele ar, esconde-se um ladrão.*), e os advérbios, **atrás** (***Atrás**, há uma vedação verde.*) ou **detrás** (*Aí, **detrás**, está a mala vermelha.*), por terem um segmento semelhante a **traz**, pela homofonia. Assim, de um lado, estará o verbo com **z** e, do outro, a preposição, a interjeição e os advérbios com **s** e acento agudo na vogal, **ás**.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Porquê **traz** e **trás**? Porque são vocábulos diferentes, quer quanto ao sentido, quer quanto à etimologia.

Tira-dúvidas

vocábulos homófonos (pronúncia igual)		
traz	trás	(a)/(de)trás
Do latim “trahere” Forma verbal de trazer Presente do indicativo Ele/ela traz Imperativo Traz (ou traze) tu	Imitação de um ruído Interjeição onomatopaica: representa um ruído de pancada ou queda	Do latim “trans” Preposição trás Advérbio atrás, detrás
<i>Ele traz todos os documentos com ele.</i> <i>Ele trazia todos os documentos com ele.</i> <i>Traz o pão, por favor.</i>	<i>Ia com pressa e “trás!”; bateu na porta envidraçada.</i>	<i>Trás aquele ar, esconde-se um ladrão.</i> <i>Atrás, há uma vedação verde.</i> <i>Aí, detrás, está a mala vermelha.</i>

Porquê escrever “senta-se” e “sentasse”?

Muitas vezes, o que é evidente para uns não o é para outros. Ensinar os fundamentos da gramática portuguesa a estrangeiros é um exercício enriquecedor e um treino constante para a problematização. Eles questionam tudo e deixam quem ensina numa atitude de reflexão permanente. Há perguntas básicas que um falante nativo deixa de colocar, mas que quem aprende pela primeira vez, por estranhar, equaciona. Se há usos de difícil explicação, outros serão mais fáceis, como a diferença entre *-se* e *-sse*, como sucede em *senta-se* e *sentasse*. O verbo *sentar*, poderia ser qualquer outro, serve, unicamente, de exemplo. Pensar em usos linguísticos, como este, é um exercício que aprecio e que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, o uso, considerado imprescindível, do hífen (-) em *senta-se* indica que temos dois elementos: por um lado, o verbo, em si, e, por outro, *se*. Este segundo elemento funciona como complemento e junta-se ao primeiro porque é átono. Não tem acento próprio. O facto de o hífen os unir permite compreender que *se* é diferente de *senta*, tendo, deste modo, de significar algo. É um pronome pessoal reflexo que se adequa ao sujeito, como aprendemos na escola: *eu sento-me*, *tu sentas-te*, *ela senta-se*, *nós sentamo-nos*, *vós sentais-vos* e *eles sentam-se*. Deste modo, empregamos *se* com aquilo que, tradicionalmente, designamos por terceira pessoa dos pronomes pessoais com a função de sujeito. Quando não há a possibilidade de o identificar como pronome, teremos uma terminação verbal. Chegamos à conclusão que a consoante repetida, *ss*, surge sempre que o verbo estiver no pretérito imperfeito do conjuntivo e em todas as pessoas gramaticais: *que eu sentasse*, *que tu sentasses*, *que ele sentasse*, *que nós sentássemos*, *que vós sentásseis* e *que elas sentassem*. Também podemos ter, numa sequência, o pronome e a terminação verbal, mas ele vem, normalmente, antes, exigido por vários elementos, aqui, *que* ou *se*: *que eu me sentasse*, *que tu te sentasses*, *que ele se sentasse*, *que nós nos sentássemos*, *que vós vos sentásseis* e *que elas se sentassem* / *se eu me sentasse*, *se tu te sentasses*, *se ele se sentasse*, *se nós nos sentássemos*, *se vós vos sentásseis* e *se elas se sentassem*. Observando, com atenção, *senta-se* e *sentasse*, verifica-se uma diferença de timbre em *a*. Não se trata do mesmo som porque, em *sentasse*, *a* é uma vogal completamente aberta e, em *senta-se*, não é tão aberta. Temos dois sons diferentes, mas uma mesma letra. A pronúncia pode ajudar-nos a escrever adequadamente. Este monossílabo, *se*, pode ter várias classificações, também pode ser uma conjunção condicional (*Se sentar bem o bebé, ele não cairá. Conti-*

nuava a trabalhar, se ganhasse o Euromilhões.). Não é possível confundir a conjunção com o pronome. Esta conjunção corresponde ao si francês e ao if inglês. Pode acontecer que, numa construção, tenhamos tanto a conjunção (1), como o pronome (2) e a terminação verbal (3): se (1) ele se (2) sentasse (3). É frequente confundir os três e há quem escreva “sentase”, o que não é viável. As confusões são múltiplas.

Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Porquê escrever *sentase* e *sentasse*? Porque as duas formas de escrever são válidas, mas completamente diferentes.

Tira-dúvidas

<i>“se se sentasse”</i>		
Se	Se	-sse
Conjunção condicional <u>si</u> francês <u>if</u> inglês	Pronome pessoal reflexo É substituído por <u>me, te, nos ou vos</u> , consoante o sujeito a que se refere. Normalmente, porque é um pronome átono, isto é, não tem acento próprio, vem depois do verbo, com um hífen pelo meio. Pode vir antes, sem hífen, se exigido por algum elemento da frase, por exemplo, <u>se</u> .	Terminação verbal pretérito imperfeito do conjuntivo
<u>Se</u> sentar bem o bebé, ele não cairá. Continuava a trabalhar, <u>se</u> ganhasse o Euromilhões.	<i>eu sento-me</i> <i>tu sentas-te</i> <i>ela senta-se</i> <i>nós sentamo-nos</i> <i>vós sentais-vos</i> <i>eles sentam-se</i>	<i>se eu me sentasse</i> <i>se tu te sentasses</i> <i>se ele se sentasse</i> <i>se nós nos sentássemos</i> <i>se vós vos sentásseis</i> <i>se elas se sentassem</i>

Porquê usar acentos gráficos?

Há quem julgue que estudar Linguística equivale a saber tudo. Implicará, sobretudo, dominar perfeita e integralmente a língua materna, falar muitas línguas estrangeiras e solucionar as dúvidas de todos. Aliás, o linguista é tido como gramática, dicionário ou prontuário ambulante. Porém, é apenas o cientista das línguas que duvida, questiona e procura soluções. Tem a finalidade de estudar a Linguagem, mas não sabe tudo. Não é prontuário, gramática ou dicionário, apesar de poder conceber estes materiais. Um linguista não tem respostas feitas para todas as questões, mas fica a pensar nelas. Quando chega a uma solução plausível, restam-lhe outras. Como estudo Linguística, experimento esta situação vezes sem conta. Por exemplo, é recorrente confrontarem-me com a questão dos acentos gráficos. Porquê colocar acentos gráficos nas palavras? Porquê usá-los numas palavras e noutras não? Qual a utilidade destes sinais? Poderemos prescindir deles? Pensar em usos linguísticos, como este, é um exercício que aprecio e que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique resolvido.

Resumidamente, vamos considerar **acento gráfico** o sinal que, quando escrevemos português, adicionamos a uma letra classificada como vogal. Assim, temos o **acento agudo** ´, o **circunflexo** ^, o **grave** ` e o **til** ~. No português do Brasil, ainda se empregava o **trema** ¨, antes do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990*. Estes sinais distinguem-se porque têm funções diferentes. Basicamente, o **trema**, usado em francês ou alemão, indica que as vogais contíguas têm de ser articuladas separadamente (*conseqüência, freqüência*). O **til** marca vogais nasais (*irmã, sótão*). Se não vier acompanhado de outro acento, assinala a sílaba tónica, isto é, aquela que se articula com mais força. Ao taparmos o nariz e ao articularmos *lã*, notamos, logo, que *ã* é uma vogal nasal. Algumas destas vogais não têm **til** porque são seguidas de consoantes nasais (*antes, ambos*). O **acento grave**, o que desce da esquerda para a direita, é raro. Ocorre na fusão de elementos com a preposição *a*. Surge, entre outros casos, na fusão de *a + aquela* (*àquela*). É impossível confundir este acento, que não marca a sílaba tónica, com outro, por possuir uma razão de ser particular: a crase. Reconhecemos, com facilidade, o **acento circunflexo** porque o identificamos com um chapéu e verificamos que serve, no essencial, para assinalar vogais fechadas da sílaba tónica (*agência, vê*). Quanto ao **acento agudo**, que sobe da esquerda para a direita, assinala, acima de tudo, vogais abertas (*óculos, página*), mas usa-se também para indicar a vogal da sílaba tónica (*porém/esdrúxulo*).

Os acentos gráficos têm, portanto, uma considerável importância. Normalmente, as palavras paroxítonas não precisam de acento (*casa*, *lobo*) porque, segundo parece, predominam, na nossa língua. No entanto, colocaremos aí um acento gráfico num vocábulo para o diferenciarmos de outro e especificarmos timbres vocálicos (*apanhámos/apanhamos*, *lavamos/lavámos*). Assim, a função principal do acento gráfico poderá ser a de indicar a vogal tónica, que sublinho, e, com isso, distinguir vocábulos (*último/ultimo*, *dúvida/duvida*, *lá/la/lã*, *contêm/contem*, *porem/porêm*, *manha/manhã*). Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Porquê usar acentos gráficos? Porque, quando escrevemos, servem para marcar vogais e distinguir vocábulos.

Tira-dúvidas

Português europeu: acentos gráficos na escrita – marcam vogais			
Til ~	grave `	circunflexo ^	agudo ´
nasais átonas ou tónicas	crase de elementos a (preposição) + a (artigo) a (preposição) + determinante ou pronome	tónicas e vogais fechadas	tónicas e/ou vogais abertas
<i>irm<u>ã</u></i> , <i>só<u>t</u>ã<u>o</u></i> , <i>l<u>ã</u></i> , <i>man<u>h</u>ã</i>	<i>à</i> , <i>à<u>q</u>uela</i> , <i>à<u>q</u>uele</i> , <i>à<u>q</u>uelas</i> , <i>à<u>q</u>ueles</i>	<i>cont<u>ê</u>m</i> , <i>ag<u>ê</u>ncia</i> , <i>v<u>ê</u></i>	<i>só<u>t</u>ã<u>o</u></i> , <i>l<u>á</u></i> , <i>cont<u>ê</u>m</i> , <i>por<u>ê</u>m</i> , <i>ú<u>l</u>timo</i> , <i>dú<u>v</u>ida</i> , <i>apanh<u>á</u>mos</i> , <i>lav<u>á</u>mos</i> , <i>ó<u>c</u>ulos</i> , <i>p<u>á</u>gina</i> , <i>esdrú<u>x</u>ulo</i>

Porquê escrever “com certeza”, separando “com” e “certeza”?

Nesta fase do ano académico, estamos a finalizar o 1.º semestre e a preparar o 2.º. É altura de concluir as avaliações, de lançar notas e de conceber os exames do Período Complementar. A par destes procedimentos pedagógicos, um docente universitário tem de manter a sua investigação em dia, redigir comunicações e ir a congressos, sem contar com a elaboração de textos para publicação e as reuniões, que vão sendo agendadas. Além destes trabalhos, um académico ainda tem outras obrigações profissionais. Torna-se complexo explicar, a familiares e amigos, que não dispõe de muito tempo para conviver porque tem múltiplos afazeres, que requerem gosto e dedicação. As pessoas, normalmente, não compreendem. Vem isto a propósito do tempo que um docente demora a corrigir um exame. Em média, serão precisos cerca de 30 minutos para 4 páginas. Conclusão, serão necessários alguns dias para concretizar este labor. Já me interroguei sobre a lentidão do processo. A explicação mais plausível prende-se com a expressão escrita dos estudantes. Uma adequada expressão escrita é importantíssima para responder bem a uma pergunta e facilita a leitura de quem corrige. Portanto, quando demora, a resposta está mal escrita e é preciso relê-la. Em alguns casos, entre outros problemas, há falta de pontuação, muitas repetições, concordâncias problemáticas, frases longas, troca de palavras e proliferação de erros ortográficos. Parece-me fundamental convencer-se que o erro faz parte da aprendizagem e que cada um terá de tomar consciência dele. A versão definitiva depende sempre de quem erra. É a minha própria experiência.

Poderia dar inúmeros exemplos de erros, mas é melhor escolher apenas um, o que altera a grafia de com certeza. Erros como este exigem a quem corrige uma atitude positiva para não desesperar. O erro “comcerteza” ocorre com regularidade. Por vezes, quem escreve até adequa o erro às regras da ortografia portuguesa e substitui m por n, “concerteza”. Devo confessar que já vi isto noutros tipos de texto. Os estudantes não serão os únicos a cometê-lo. Para o evitar, podemos interrogar-nos. Por que razão temos de escrever com certeza assim, separando com e certeza? Pensar em usos linguísticos, como este, é um exercício que aprecio e que continuarei, aqui, a propor. Resumidamente, não é possível aglutinar, juntar numa única forma, a locução adverbial com certeza (*Quer, com certeza, fazer os exercícios.*), sinónima de certamente (*Quer, certamente, fazer os exercícios.*),

porque é constituída pela preposição **com** (**com** certeza/ **de** certeza) e pelo substantivo feminino singular **certeza**. Será este argumento suficiente? Não me parece. Há vários exemplos semelhantes que demonstram o contrário. Então, o que permite saber que, na locução, a preposição e o substantivo estão separados? É assim porque podemos dizer, por exemplo, **com** toda a **certeza**. O facto de poder acrescentar outros elementos entre **com** e **certeza** permite compreender que não temos um único vocábulo, mas dois (Quer, **com** toda a **certeza**, fazer os exercícios.).

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Porquê separar **com** e **certeza**? Porque são dois vocábulos diferentes e é possível acrescentar entre eles, a separá-los, outras palavras.

Tira-dúvidas

com	certeza	com certeza
Preposição Pode ser substituída por outra preposição, por exemplo, de	Substantivo feminino singular a certeza plural as certezas	Locução adverbial Um sinónimo de certamente É possível acrescentar, entre com e certeza , toda a : com toda a certeza
<i>Vais, de certeza, conseguir chegar lá.</i>	<i>Tenho a certeza que o teu irmão não vem. Fico sem grandes certezas.</i>	<i>Quer, certamente, fazer os exercícios. Quer, com certeza, fazer os exercícios. Quer, com toda a certeza, fazer os exercícios.</i>

Porquê diferenciar “se” “não” e “senão”?

Escrever é, para mim, um exercício exigente. Além de outros parâmetros, requer o domínio de uma língua. Normalmente, começamos a ser “escritores” nos primeiros anos de escolaridade. Sonhamos, então, vir a ser verdadeiros escritores. A confirmar esta ideia estão as numerosas publicações que aparecem, por mês, por ano, no mercado livreiro. Poderá o exercício de escrever não ser tão difícil quanto eu penso? Será ler mais exigente? Para ler calmamente, quem não desejou que um dia tivesse mais do que 24:00? Por azar ou sorte, isso nunca sucedeu, mesmo quando esticámos o dia pela madrugada fora, a ver se o tempo rendia mais minutos e horas. Pelas próprias limitações, temos de gerir muito bem o nosso tempo e é raro lermos, na íntegra e por gozo, mais do que dois ou três livros por mês. Por estranho que pareça, vem isto a propósito da distinção existente entre **se não** e **senão**. Por vezes, nos livros que lemos, vagarosamente, vemos que suscita problemas, confirmando, em parte, a minha ideia. Escrever exige muito esforço e um grande domínio de uma língua, sobretudo da sua gramática. Pensar em usos linguísticos, como a diferença entre **se não** e **senão**, é um exercício que aprecio e que continuarei, aqui, a propor a quem quiser ler.

Resumidamente, uma observação atenta permite verificar que **senão** resulta da junção de **se** e **não**. Aliás, é essa a sua etimologia. Assim sendo, porquê escrever, às vezes, **senão** e, outras vezes, **se não**? A primeira explicação que me ocorre aponta para o facto de, aglutinados, **se** e **não** adquirirem outros sentidos. Tento explicar melhor: **se**, neste caso, é uma conjunção (*Se tivesse tempo, lia todos os seus livros.*) e **não** é um advérbio de negação (*Não, não tenho tempo para ler todos os seus livros.*). Este expressa o contrário de **sim**, embora a afirmação dispense a marcação (*Sim, tenho tempo para ler todos os seus livros.*). Portanto, **senão** terá de corresponder a algo mais. Realmente, é um substantivo que varia em número (*Este livro tem um **senão**. / Este livro tem vários **senões**.*). Todavia, a confusão não se prende com o substantivo. Subsiste, apenas, quando **senão**, como **se**, é conjunção (*Não lê livros recentes, **senão** fica desiludido. / Lerei um romance, **se não** [ler] jornais.*) ou preposição. Para resolver esta questão, as soluções mais plausíveis são a sinonímia e a comutação. É possível substituir **senão** por **caso contrário** (*Não lê livros recentes, **senão** [caso contrário] fica desiludido.*), **mas** (*Não escreveu nem artigos, nem crónicas, **senão** [mas/ a não ser] contos e poesias.*) e **salvo** (*Li todos os seus livros, **senão** [salvo] o último.*). Portanto, **senão** é substantivo, preposição ou conjunção. O sentido desta incide sobre a oração que introduz. Quanto a **se** e **não** são, respectiva-

mente, conjunção e advérbio. A função deste último é modificar o verbo (*Lerei um romance, se não [ler] jornais.*). É evidente que **ler** e **não ler** não significam o mesmo. Quando estivermos a usar a negação, teremos de separar **se** e **não**. Há outras soluções, para resolver o problema. É possível suprimir **não** para verificarmos se se trata do advérbio de negação (*Se [não] ler jornais, não lerei um romance.*). Podemos, ainda, acrescentar um segmento entre ambos (*Se, amanhã, não ler jornais, lerei um romance.*).

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Porquê escrever **se não** e **senão**? Porque são diferentes, embora **se** e **não** tenham dado origem a **senão**.

Tira-dúvidas

Se	Não	Senão
Conjunção	Advérbio de negação Expressa o contrário de sim , embora a afirmação dispense a marcação Modifica o verbo – ler e não ler Teste de supressão de não Teste da adição entre se e não	Latim = “si” + “non” (se + não) Substantivo masculino = defeito Varia em número – plural senões Conjunção: caso contrário, mas Preposição: salvo
<i><u>Se</u> tivesse tempo, lia todos os seus livros. Lerei um romance, <u>se não</u> [ler] jornais.</i>	<i><u>Não, não</u> tenho tempo para ler todos os seus livros. <u>Sim</u>, tenho tempo para ler todos os seus livros. Lerei um romance, <u>se não</u> [ler] jornais. <u>Se</u> [não] ler jornais, não lerei um romance. <u>Se, amanhã, não ler</u> jornais, lerei um romance.</i>	<i>Este livro tem um <u>senão</u>. Este livro tem vários <u>senões</u>. Não lê livros recentes, <u>senão</u> [caso contrário] fica desiludido. Não escreveu nem artigos, nem crónicas, <u>senão</u> [mas] contos e poesias. Li todos os seus livros, <u>senão</u> [salvo] o último.</i>

Porquê querer substituir “vós” por “vocês”?

Há uns anos, ouvi falar dos erros de português veiculados pelo computador Magalhães. Parece que resultaram da “tradução” de um homem de origem portuguesa a residir em França. Disseram que ele teria apenas a “4.ª classe”, mas, afinal, era licenciado em Engenharia. Houve quem falasse de uma tradução automática para explicar as mirabolantes falhas. Já não existirá a profissão de tradutor? Este caso poderia levar-me a pensar sobre o Instituto Camões e as políticas linguísticas, o valor económico do português ou a sua desvalorização, os acordos ortográficos ou, entre outros assuntos, a desejada existência de disciplinas de Língua Portuguesa nos cursos superiores. Prefiro deter-me no hodierno ensino do português e numa tendência de simplificação generalizada. Vem isto a propósito da distinção entre vós e vocês. Pensar em usos linguísticos, como a diferença entre estas formas, é um exercício que aprecio e que continuarei, aqui, a propor.

Nunca abri aquele computador. Porém, contacto, diariamente, com problemas na escrita do português. Muitas vezes, a falta de tempo, invocada por uma técnica do Ministério da Educação, para a questão do computador, provoca os maiores problemas. Tenho-me confrontado com manuais de língua portuguesa para estrangeiros que excluíram vós da classe dos pronomes pessoais com a função de sujeito (*eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas*). Não tenho tempo para rever os conteúdos desses manuais. Todavia, quando o arranjo, fico com uma visão crítica reforçada. Há argumentos incríveis para justificar a exclusão gramatical, como, por exemplo, o uso de vós é antiquado e não integra a norma linguística. Contacto com estrangeiros habituados a conjugar verbos sem aquilo que a Gramática Tradicional designa como “a segunda pessoa do plural”. Aprendem, em substituição, formas verbais com vocês. Empregam também você (terei de pensar sobre esta forma.) como o singular de vocês. Dei por mim a pensar que exageramos nas simplificações. É, pois, estranho o facto de, na escola, os jovens portugueses aprenderem a conjugar verbos com o pronome vós, mas isso não aconteceu com vários estudantes estrangeiros. Aliás, este figura nos dicionários de verbos, nas gramáticas e nos manuais nacionais. Então, porquê ensinar a estrangeiros algo que não se ensina aos portugueses? Não se trata da mesma língua? Alegar que a segunda pessoa do plural corresponde a um uso antiquado não me parece verdade. Eu ouço-a e emprego-a. É para simplificar que dizemos vocês! As formas verbais de vocês correspondem às de eles e elas (vocês/ eles/elas estudam). Custará mais dizer vós estudais? Serão as formas da segunda pessoa do plural (Vós estais cansados. Vós comeis depressa. Que-

reis estudar.) difíceis? Não creio. Existe, apenas, uma tendência para a simplificação que substitui vós por vocês. Esta é uma forma de tratamento, equivalendo a os Senhores/ as Senhoras e aquele um pronome pessoal. Não podemos, então, afirmar que usar vós não se adequa à norma linguística. Reconheço o seu emprego como menos frequente, mas observo que não desapareceu. Portanto, tanto o pronome vós como a forma de tratamento vocês são viáveis. O uso de ambos deveria mudar consoante a situação linguística de comunicação. A presença de ambos enriquece a língua e a ausência de um deles empobrece-a.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Porquê querer substituir vós por você? Aparentemente, é porque exige menos esforço (havendo, obviamente, outras explicações), mas vós subsiste no discurso mais cuidado.

Tira-dúvidas

Vós	Vocês
Pronome pessoal com a função de sujeito <i>eu, tu, ele/ela, nós, <u>vós</u>, eles/elas</i> Gramática Tradicional: segunda pessoa do plural Singular: <i>eu, tu, ele/ela</i> Plural: <i>nós, <u>vós</u>, eles/elas</i>	Forma de tratamento equivalente a <u>os Senhores/ as Senhoras</u> Corresponde a formas verbais na terceira pessoa do plural (eles/elas) Considerado o plural de <u>você</u>
<u>Vós</u> estudais. <u>Vós</u> estais cansados. <u>Vós</u> comeis depressa. [<u>vós</u>] Quereis estudar.	<u>Você</u> estuda. <u>Vocês</u> estudam. <u>As Senhoras</u> estudam. <u>Elas</u> estudam.

Porquê dizer “a perda” e “a perca”?

Há alguns dias, num programa televisivo, ouvi um empresário dizer “a perca” e, logo de seguida, a jornalista com quem ele estava a falar usou “a perda”. Dei por mim a pensar que ela o tinha corrigido em público, sem dar mostras disso. Julgo que este par mínimo (*perda* ~ *perça*) dá um bom tema para tratar questões ligadas à língua portuguesa. Pensar sobre usos linguísticos, como este, é um exercício que aprecio e que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, a problemática aparenta ser de cariz fonético, fonológico, morfológico, semântico e pragmático. Entre várias formulações, e para simplificar, podemos colocar as questões que se seguem: *perda* e *perça* são duas palavras ou uma única? Estaremos perante dois substantivos com, logicamente, significação distinta ou um único substantivo com variação no significante? Será indiferente dizer um ou outro, se representarem a mesma unidade semântica? Por que razão existem ambas? A vogal e é articulada mais aberta [ɛ] ou mais fechada [e] nos dois vocábulos?

Consultar o dicionário *Houaiss* (reorro à versão original, a brasileira, em CD de 2001) permite desfazer algumas dúvidas. Um dos melhores pontos deste dicionário é o de facultar a etimologia. Dando a origem do termo que define, apresenta, também, a sua evolução com atestações. Assim, *perda* (substantivo feminino), que significa, no geral, deixar de ter algo, passou pela seguinte evolução: “prov. o lat.vulg. **perdita,ae*, fem.substv. de *perditus,a,um*, part.pas. de *perdere* ‘perder’, mediante a seguinte cadeia evolutiva *perdiita* > *perdida* > *perdda* > *perda*; cp. esp. *perdida* (1140) ‘perda’ e fr. *perte* (1050) ‘id.’, do lat.vulg. *perdita,ae*; ver *da(d)-*; f.hist. sXIII *perda*, sXIII *perdeda*, sXV *perqua*”. Portanto, é proveniente do latim vulgar, sendo um substantivo constituído com base num participio passado. O d já fazia, na origem, parte do radical. O t do participio sonorizou em d, daí a evolução “*perdita* > *perdida* > *perdda*”. É interessante perceber que está registada, no século XV, uma ocorrência sem o d, mas com qu, o que equivalerá a uma consoante surda [k] como em *perça*. Ao procurar, no referido dicionário, *perça* (substantivo feminino) verifico que designa uma espécie de peixe cuja etimologia é “lat.cien. gèn. *Perca*, do lat. *perca,e* ‘certo peixe de água doce’, do gr. *perke,es* ‘id.’; ver *perc(i/o)*”. Há um dado sobre a homonímia que chama a atenção: “perca /ê/ (fl. perder)”. Além disso, *perça* tem uma segunda entrada, com a informação: “regr. de *perder*, através do rad. *perc-* da 1.^a p.s. do ind.pres. *perco*, este substituto do arc. *perço* e surgido, como se tem explicado, pela infl. do antônimo *venco* (atual *venço*); ver *da(d)-*”.

Nem precisava de outro dicionário porque estão veiculadas as informações que interessam. Todavia, por defeito profissional, vou abrir um outro. Como é impossível aprofundar o tema, neste espaço, posso ir buscar um que, pelo que tenho visto, qualquer estudante tem à mão, como é o da Porto Editora. Eu consultei a 8.^a edição do *Dicionário da Língua Portuguesa*. Procuo **perda** (substantivo feminino), cuja significação posso sintetizar em “privação de uma coisa que se possuía”. Transcrevo, igualmente, os dados etimológicos facultados: “(Do lat. *perdīta*-, «perdida», part. pass. fem. de *perdĕre*, «perder»)”. Para **perca**, assinalo, igualmente, a existência de duas entradas. A primeira remete para peixe “(Do gr. *perke*, «id.», pelo lat. *perca*-, «id.»). A segunda é a que importa, uma vez que indica ser um registo popular de **perda**. Parece-me que está tudo explicado. Assim, concluo que **perda** e **perca** são realizações viáveis.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Porquê pensar sobre as diferenças entre **perda** e **perca**? Porque, por um lado, são duas palavras distintas e, por outro, dois significantes de uma única, com usos situacionais diferentes. A segunda é também empregue como forma verbal. Eis um caso que demonstra bem que a riqueza de uma língua viva se pode revestir de certa complexidade, sem ser difícil.

Tira-dúvidas

perda	Perca	perca	perca
[e] [d]	[e] [k]	[e] [k]	[e] ou [ɛ] [k]
“deixar de ter algo”	“peixe”	remete para perda e o verbo perder	forma do verbo perder
substantivo feminino varia em número origem no latim vulgar substantivo (* <i>perdita,ae</i>) formado do particípio passado (<i>perditus,a,um</i>), de perder (<i>perdere</i>) século XIII <i>perda, perdeda</i> século XV “ <i>perqua</i> ” (?)	substantivo feminino varia em número origem latina com base no grego do latim (<i>perca,e</i>), um género de “peixe de água doce” do grego (<i>perke,es</i>) com a mesma significação	substantivo feminino varia em número Dicionário Houaiss reconhece o uso formado a partir do radical “ <i>perc-</i> ” da 1. ^a pessoa do singular do indicativo presente “ <i>perco</i> ”, em substituição da forma arcaica “ <i>perço</i> ” e surgido pela influência do antónimo <i>venco</i> (<i>venço</i>)	flexão verbal conjuntivo presente que eu perca que tu percas que ele perca que nós percamos que vós percais que eles percam

		<p>século XV “<i>perqua</i>” (?)</p> <p><u>Dicionário da Porto</u> <u>Editora</u></p> <p>registo popular de <u>perda</u> (próprio de circunstâncias comunicativas informais)</p>	
<p>A <u>perda</u> de dinheiro é problemática para a família. As <u>perdas</u> de dinheiro são problemáticas para a família.</p>	<p>Comi uma <u>perca</u> assada ao jantar. Comi duas <u>percas</u> assadas ao jantar.</p>	<p>A <u>perca</u> de dinheiro é um problema para a família. As <u>percas</u> de dinheiro são um problema para a família. - usos populares oralizantes</p>	<p>Vou fazer tudo para que não <u>perca</u> o autocarro.</p>

Porquê escrever “ajudo-te”, “não te ajudo” e “ajudar-te-ei”?

A par dos meus afazeres habituais, estive a preparar um relatório de cinco anos de experiência pedagógica e científica. É incrível a quantidade de trabalho que se pode realizar nesse tempo! Não será por acaso que os professores são, depois dos bombeiros, uma das profissões mais valorizadas pela população. Descobri que trabalhei com mais de 1 000 alunos, ou seja, anualmente e em média, com 200 estudantes. Tive, também, de listar os textos publicados e de os fotocopiar. Voltei a olhar para alguns e chamou-me a atenção um pormenor: um ou outro pronome pessoal átono fora da sua regular posição. Fiquei intrigada: estará o uso destes pronomes de tal forma a mudar que já terei sido influenciada? Normalmente, concluída a elaboração de um texto, releio-o, de imediato, duas ou três vezes, para o corrigir. Depois de publicado, ignoro-o. Ter, com grande intervalo pelo meio, olhado de novo para excertos como o seguinte: “Temos dificuldades em dizer quem começou a usá-lo e porquê, mas verificamos o uso generalizado.” despertou-me a curiosidade. Na linguagem oral, isso é frequente, mas, na escrita, julgava que estaria controlado. Na imprensa, reencontro colocações pronominais como esta e já tinha andado a pensar no assunto. Entretanto, uma mestranda escolheu fazer um trabalho sobre o tema e dediquei-lhe alguma atenção. Porquê colocar o pronome depois do verbo (**ajudo-te**), antes dele (**não te ajudo**) ou no interior (**ajudar-te-ei**)? Talvez não haja uma resposta cabal, mas pensar sobre usos linguísticos, como este, é um exercício que aprecio e que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, a problemática é do domínio da Fonologia e da Sintaxe. Este fenómeno está relacionado com os chamados “clíticos”. Na consulta da versão digital original do *Dicionário Houaiss*, regista-se o seguinte para “clítico”:

adjetivo

1 Rubrica: lingüística.

diz-se do vocábulo átono que, num enunciado, se integra fonologicamente à palavra anterior ou posterior, formando uma sílaba da mesma (pronomes oblíquos, preposições, conjunções, artigos etc.)

2 relativo a esse vocábulo

Obs.: cf. *enclítico*, *proclítico* e *mesoclítico*

Ex.: caráter c.

adjetivo e substantivo masculino

Rubrica: gramática, lingüística.

3 diz-se de ou [sic] pronome pessoal oblíquo átono.

Quanto à etimologia, encontra-se “ing. *clitic-* (c 1946) extraído de *enclitic* e *proclitic*; ver *clit(o)*”. Portanto, a designação, proveniente do inglês, é relativamente recente, se data de meados do século XX. Contudo, o conjunto de elementos átonos, como os pronomes pessoais, as preposições ou os artigos, não o é. São considerados “átonos” porque não têm sílaba tónica. Esta, basicamente, é a que pronunciamos com mais energia numa palavra (“ajudo”). Então, a questão dos clíticos prende-se com a das sílabas. Por ser uma temática técnica, não a desenvolverei aqui. Guardo, contudo, a diferença entre “sílaba tónica” (forte e com muita energia) e “sílaba átona” (fraca e com pouca energia). A colocação dos pronomes pessoais átonos, que não têm sílaba tónica própria, está regulada. A regra geral é que são colocados após o verbo que acompanham, unindo-se a ele através de hífen (“ajudo-te”) e constituindo uma das suas sílabas átonas (cf. definição do *Houaiss*). Esta colocação posterior é designada como enclítica. Quando as formas verbais estão no futuro do indicativo (“ajudarei” – “ajudar-te-ei”) ou no condicional (“ajudaria” – “ajudar-te-ia”), acontece que os pronomes são colocados no interior, ou melhor, antes da terminação verbal. A esta posição, dá-se o nome de mesoclítica. Estará relacionada com a formação do futuro e do condicional (infinitivo do verbo principal e “*haver*” latino, no presente ou no imperfeito, a indicar a terminação verbal). A mesóclise é menos frequente que a próclise e a ênclise. Por vezes, a colocação predominante dos pronomes, a enclítica, não sucede porque há a presença de elementos, muitos deles também átonos, que os “atraem” (“não te ajudo”), passando os pronomes para uma posição anterior à da forma verbal. Designam-se, então, como proclíticos. A lista dos elementos “atraentes”, que provocam a anteposição, é vasta. Enumero uns quantos: *não, para, de, por, que, ambos, todos, tudo, alguém, ninguém, porque, se, sempre, ainda, já, só, talvez, bem, mal, também, quando, quanto, onde, como, quem*. A preposição *a* não entra neste conjunto. Em síntese, estas são as três posições que os pronomes pessoais átonos podem ocupar, situando-se sempre face ao verbo que acompanham. Porém, diariamente, lemos e ouvimos frases como a minha, demonstrando que, com frequência, não cumprimos as regras. Na imprensa, isso sucede muito. Comprovar-se-á com qualquer jornal. Faço, a título exemplificativo, um breve levantamento de um jornal nacional, o *Diário de Notícias* (24-07-2008). Podendo dar mais, aponto apenas cinco frases, indicando a página e sublinhando o segmento que interessa.

1- “O chato é se em Setembro não aparece algo a distrair-nos, ou alguém a entusiasmar-nos, de forma competente, com uma ideia arrebatadora e mobilizadora, porque pode viver-se sem dinheiro, sem família, sem amor ou até sem vida (ou seja, levando uma vidinha miserável) – mas é impossível ir em frente sem sonhos na cabeça.” (p.7)

2- “O campeão olímpico de natação Michael Phelps é uma das celebridades que vão participar no Pro-Am do troféu Mission Hills Star, prova de golfe que vai realizar-se na ilha de Hainan, na China.” (p.53)

3- “A data da cerimónia ainda não é conhecida mas tudo indica que ela irá realizar-se na catedral do Principado.” (p.64)

4- “Dizem que não há palavras, porque Saramago levou-as todas.” (p. 65)

5- “Um número crescente de pessoas usufruiu de subsídios e a falta de acompanhamento e avaliação das situações levou a uma espécie de «turismo» da falsa pobreza pelos meandros do sistema, acumulando prestações dentro do mesmo agregado e conseguindo viver de expediente, ou seja, à custa de todos nós.” (p.66)

Nestes exemplos, os pronomes deveriam vir antepostos (próclise), uma vez que surgem elementos como “porque”, “que” e “de” a exigi-lo. Todavia, verifica-se que vêm em posição enclítica, a que se pode considerar como dominante. As locuções verbais podem explicar o fenómeno. Os autores destas frases sabem colocar devidamente os pronomes, já que, nos textos, havia mais frases com eles, mas, por vezes, isso não se verifica. O que me aconteceu a mim. Será falta de atenção? Dever-se-á a um uso tão generalizado que a tendência é para nivelar as posições, reduzindo-as a uma única? De momento, e sem alongar a reflexão, a observação do assunto revela que há uma flutuação nos usos. A variação linguística é grande.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Porquê pensar sobre as diferenças entre “**ajudo-te**”, “**não te ajudo**” e “**ajudar-te-ei**”? Porque correspondem a três posições dos pronomes pessoais átonos, com motivações fonológicas, centradas na temática da sílaba. Os inúmeros casos de desrespeito das regras estabelecidas revelam a riqueza de uma língua viva como o português e uma provável evolução em curso: a comprovada variação linguística.

Tira-dúvidas

clíticos colocação dos pronomes pessoais átonos		
“ajudo- <u>te</u> ”	“não <u>te</u> ajudo”	“ajudar- <u>te</u> -ei”
ênclise posição enclítica	próclise posição proclítica	mesóclise posição mesoclítica
verbo + hífen+ <u>pronome</u>	elemento atraente + <u>pronome</u> + verbo	infinitivo do verbo + hí- fen+ <u>pronome</u> +hífen+ terminação
depois do verbo	antes do verbo	no interior do verbo (futuro do indicativo ou condicional)
<i>chamou-<u>me</u></i> <i>releio-<u>o</u></i> <i>ignoro-<u>o</u></i> <i>despertou-<u>me</u></i> <i>dediquei-<u>lhe</u></i> <i>registra-<u>se</u></i> <i>encontra-<u>se</u></i> <i>prende-<u>se</u></i> <i>unindo-<u>se</u></i> <i>dá-<u>se</u></i> <i>designam-<u>se</u></i> <i>situando-<u>se</u></i> <i>a exige-<u>lo</u></i> <i>verifica-<u>se</u></i> <i>reduzindo-<u>as</u></i>	<i>que <u>se</u> pode realizar</i> <i>de <u>os</u> fotocopiar</i> <i>para <u>o</u> corrigir</i> <i>não <u>o</u> é</i> <i>não <u>a</u> desenvolverei</i> <i>que <u>os</u> atraem</i> <i>que <u>se</u> pode considerar</i> <i>não <u>se</u> verifica</i> <i>o que <u>me</u> aconteceu</i> <i>o que <u>se</u> entende</i>	<i>comprovar-<u>se</u>-á</i> <i>dever-<u>se</u>-á</i>

Porquê usar dois participios passados: “entregado” e “entregue”?

A pressa é inimiga da perfeição. Na escrita, isso é certíssimo. Por exemplo, num texto meu, relendo-o, de propósito, passados uns dias, verifiquei que me esqueci do verbo “ser” no segmento “O que me aconteceu a mim.”/ **Foi** o que me aconteceu a mim. Na fala espontânea, é-o ainda mais, já que o tempo do pensamento e o do registo discursivo são quase simultâneos. Há uns dias, encontrava-me distraída a ouvir alguém falar em público, quando verifiquei que a pessoa disse para uma multidão considerável: “tenho entregado”, alterando, imediatamente, a construção para “tenho entregue”, sendo o resto da frase idêntico. Despertei automaticamente, prestando atenção. Comecei a pensar no que teria motivado a alteração da forma verbal. Porquê a substituição? É frequente ouvirem-se ambos os participios passados de *entregar* (*entregado/entregue*), o que acontece, também, com outros verbos. Registam-se muitos e as gramáticas listam-nos. Para não complicar, apresento apenas mais dois: *morrer* (*morrido/morto*) e *imprimir* (*imprimido/impresso*). Pensar sobre usos linguísticos, como este, é um exercício que aprecio e que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, a problemática é do domínio da Morfologia, estando ligada à classe do verbo, mais especificamente ao designado **participio passado**. Trata-se de uma forma nominal que funciona como adjectivo, variando em género (masculino/feminino) e número (singular/plural). Por exemplo, se pegarmos no verbo *lavar*, podemos dizer: *Tenho o cortinado bem lavado.*/ *Tenho a roupa bem lavada.*/ *Tenho os cortinados bem lavados.*/ *Tenho as roupas bem lavadas.* O participio passado é reconhecido porque finaliza em **-ado** nos verbos da primeira conjugação, isto é, os verbos terminados em **-ar** (*lavar* – *lavado*) e em **-ido** nos verbos da segunda e da terceira conjugação (*comer* – *comido* e *dividir* – *dividido*). Acontece, porém, que esta forma regular, em **-ado** ou **-ido**, surge, em alguns verbos, a par de uma que não acaba assim. Foi o caso dos que vimos acima, ou seja, *entregue*, *morto* e *impresso*. O que motiva, então, a existência de dois participios passados? Quando se usa um e o outro? Podem ser empregues indiferentemente? Haverá alguma diferença de uso entre ambos?

Por regra, todos os verbos têm um **participio passado regular**, isto é, aquele que termina em **-ado** ou **-ido**, enquanto só alguns, bem menos do que os anteriores, têm também o chamado **irregular**. As razões para a

existência deste duplo participio passado não são fáceis de explicitar e não o procurarei fazer aqui. O que interessa, neste momento, é saber que quando um verbo tem dois participios passados, não se deveriam usar indiferentemente. O irregular pode passar para outra classe morfológica, sucedendo a *morto* e *impresso*, que se empregam como substantivos (*Foram muitos os mortos naquele acidente./ Os impressos estão preenchidos.*). Importa saber que o participio passado depende do verbo auxiliar que o antecede, já que aparece, com frequência, em perífrases verbais, ou seja, junto de outros verbos, por razões de aspecto verbal. Assim, se for o auxiliar *ter*, ou *haver*, o participio passado terá a forma **regular**. Se estiver outro auxiliar qualquer, como *ser*, *ficar* ou *estar*, o participio passado deverá ter a **irregular**. Esta é a regra, mas os usos que dela se fazem são tão variáveis que já começa a ser habitual desrespeitá-la. A variação linguística é observável, neste caso. Foi o que aconteceu a quem ouvi dizer “tenho entregado” (Está de acordo com a regra.) e alterou para “tenho entregue” (Não corresponde à regra, mas a um uso bastante generalizado.).

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Porquê usar dois participios passados: “entregado” e “entregue”? Porque correspondem a duas possibilidades da língua portuguesa, indicando a forma regular (*tinha/havia entregado*) um tempo composto, na voz activa, e, em princípio, a irregular uma construção passiva (*era/estava entregue*) ou construções com indicações aspectuais diversas. Os usos têm vindo a alterar o estabelecido, estando uma provável mudança em curso.

Tira-dúvidas

Participio passado	
forma nominal de um verbo que varia em género e número como um adjetivo <i>Tenho <u>a</u> roupa bem <u>lavada</u>./ Tenho <u>o</u> cortinado bem <u>lavado</u>. <i>Tenho <u>as</u> roupas bem <u>lavadas</u>./ Tenho <u>os</u> cortinados bem <u>lavados</u>.</i> integra perífrases verbais, combinando-se com outros verbos, para indicar o aspecto verbal </i>	
regular	irregular
aparece para praticamente todos os verbos: • primeira conjugação – ar (<i>lavar</i> – <i>lavado</i>) • segunda conjugação – er (<i>comer</i> – <i>comido</i>) • terceira conjugação – ir (<i>dividir</i> – <i>dividido</i>)	surge só para alguns verbos (os de duplo participio passado) termina, normalmente, em – to ou – so ocorre na construção da voz passiva e noutro tipo de construções emprega-se com vários auxiliares: <i>SER</i> , <i>ESTAR</i> , <i>FICAR</i> , <i>ANDAR</i> , <i>PARECER</i> , etc.

<p>forma os tempos compostos da voz activa usa-se com os auxiliares: TER OU HAVER</p>	<p>pode figurar noutras classes morfológicas, como a dos substantivos</p>
<p>lavar (lavado) <u>Tinha lavado</u> a louça, quando chegaste. <u>Havia lavado</u> a louça, quando chegaste. entregar (entregado) <u>Tinha entregado</u> a encomenda no balcão. <u>Havia entregado</u> a encomenda no balcão. morrer (morrido) Já <u>tinham morrido</u>, quando mo disseram. Já <u>havam morrido</u>, quando mo disseram. imprimir (imprimido) <u>Temos imprimido</u> muitos trabalhos a cores. <u>Havemos imprimido</u> muitos trabalhos a cores.</p>	<p>lavar (não tem participio passado irregular) entregar (entregue) A encomenda <u>foi entregue</u> no balcão. A encomenda <u>ficou entregue</u> no balcão. morrer (morto) Já <u>fora morto</u>, quando mo disseram. Já <u>estava morto</u>, quando mo disseram Foram muitos <u>os mortos</u> naquele acidente. imprimir (impresso) Muitos trabalhos <u>são impressos</u> a cores. Muitos trabalhos <u>ficam impressos</u> a cores. <u>Os impressos</u> estão preenchidos.</p>

Escreve-se “ensino a distância” ou “ensino à distância”? Porquê?

Na minha primeira, e única, sessão de ioga, disse-me quem a orientava “É sempre possível ir mais além.”, num tom calmo, durante um exercício. Já foi há mais de uma dezena de anos, mas lembro-me que estava deitada de costas e procurava colocar os pés, esticando as pernas, junto à cabeça, ultrapassando-a. Estava quase a conseguir fazer o exercício e com uma pequena ajuda, um ligeiro “empurrão”, enquanto me dizia isso, consegui mesmo. A partir daí, nunca mais esqueci aquela frase e penso nela, quando tenho em conta a noção de aperfeiçoamento. Realmente, podemos melhorar sempre, superando-nos e esforçando-nos. Se transportar a ideia para a escrita, verifico que também a posso aplicar. Apesar de não ser escritora, gostava de voltar atrás no tempo e de poder fazer como o solitário escritor fechado na sua torre. Guardava a sete chaves o que escrevia durante anos para o reler e corrigir depois, só publicando um texto que tivesse passado pelo crivo do tempo. Esta ideia está completamente ultrapassada neste século, já que tudo é feito a um ritmo acelerado. Aliás, não é por acaso que a revisão e a correcção não são apreciadas. Agora, até são automáticas – embora não completamente fiáveis – com as ferramentas informáticas dos programas de elaboração de texto. Dificilmente aprendemos com os próprios erros ou os dos outros porque os desvalorizamos, ultrapassando-os, sem pensar neles. Quanto menos tempo dedicamos à reflexão, melhor será! Assim, ficamos com uma excelente opinião de nós próprios, eu incluída. Pensar requer tempo e, hoje, nem nas férias o temos, ocupados em mil e uma tarefas. Eu gosto de pensar, mesmo sem chegar a conclusões, e aprecio, acima de tudo, fazê-lo sobre usos linguísticos. É um exercício que exige bastante esforço e tempo. Posso passar dias, meses, anos, a “matutar” num assunto para o poder compreender. Vem isto a propósito de uma questão que me colocaram, há uns bons meses, e que, desde então, não me tem saído do pensamento. “Diz-se **ensino a distância** ou **ensino à distância**?” São problemáticas como esta que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, o problema parece-me ser do domínio da Sintaxe, estando ligado à construção da frase. Também se poderia remeter o assunto para a área da Morfologia porque implica, claramente, a diferença entre artigo definido (**a distância**) e amálgama do artigo definido com a preposição (**à distância**). O português é encarado como uma língua analítica e

perifrástica, o que o latim, basicamente, não era. Os casos latinos (nominativo, vocativo, genitivo, acusativo, dativo e ablativo) resolviam as relações entre os termos de uma frase através das terminações. A nossa língua desenvolveu o uso de preposições no processo de supressão e simplificação dos casos latinos (cf. *Compêndio de Gramática Latina* da Porto Editora: “**rosae odor**” – “**o perfume da rosa**). É completamente diferente optar por **a distância** ou **à distância**. Normalmente, usamos **à** nesta construção, quando falamos do tipo de ensino que é realizado sem a presença concomitante do professor e dos alunos, para o distinguir do ensino presencial. Assim, ao dizer **ensino à distância**, tenho um substantivo masculino antecedido de um artigo definido (**o ensino**), uma preposição (**a**) e outro substantivo, feminino, antecedido por um artigo definido (**a distância**). Na outra construção, é impossível pensar que “ensino” é um substantivo, já que em português, que eu saiba, não se usam dois substantivos com artigos lado a lado, sem uma vírgula ou outro elemento (**o ensino a distância**). Em termos de Sintaxe, a ligação dos elementos da frase, essencialmente se eles forem da mesma categoria, por exemplo dois substantivos, tem de se fazer através de algum termo, como uma preposição. Ao dizer-se “**ensino a distância**”, tenho, então, de pensar que “**ensino**” é uma forma verbal (**eu ensino a distância**).

Sem querer complicar, mas apenas procurando alargar a reflexão, e se se colocasse a hipótese de o **a** em “**ensino a distância**” ser a preposição e de haver um substantivo feminino sem artigo definido? Até que ponto não podemos usar apenas a preposição, sem o artigo definido? Penso, rapidamente, sobre o tema. Temos construções com emprego da preposição e sem o artigo, como em “**o ensino de línguas estrangeiras**” e “**o ensino feito a certa distância**”. O uso de preposição (**de, a**) sem artigo parece implicar a omissão do artigo indefinido: “**o ensino de umas línguas estrangeiras**” e “**o ensino feito a uma certa distância**”. Dizer “**o ensino das línguas estrangeiras**” implica que seja de todas as existentes. Assim, confirma-se que a ligação entre dois substantivos deve, nestes casos, ser feita através da preposição. Se o artigo definido não estiver presente, pressupõe-se que é o artigo indefinido que está presente, podendo, contudo, ser omitido. Para ajudar a pensar, talvez possamos pegar em exemplos. Dizemos: “**a caça à baleia**”, “**a pesca do atum**”, “**bacalhau à lagareiro**”, “**bacalhau com natas**”, “**cozido à portuguesa**”, **vinho da Madeira** (vinho madeira/um madeira) e **vinho do Porto** (um porto). Em Sintaxe, e estando a chave da construção na preposição, temos a seguinte estrutura, representando os parêntesis uma possível omissão.

[ARTIGO] SUBSTANTIVO + PREPOSIÇÃO + [ARTIGO] SUBSTANTIVO

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Porquê dizer **ensino a distância** ou **ensino à distância**? Porque são duas construções frásicas diferentes. A primeira tem uma forma verbal e um substantivo (um complemento de objecto directo): **Eu ensino a distância que existe entre a Madeira e o Porto**. A segunda tem dois substantivos e uma preposição: **O ensino é feito à distância porque o professor e os alunos não estão na mesma sala**. Portanto, significam algo diferente (a primeira remete para aquilo que se ensina, como em “eu ensino a gramática portuguesa”, e a segunda para o tipo de ensino que se faz, “o ensino em presença”, “o ensino à distância”). Correspondem a duas possibilidades da língua portuguesa, mas não se deveriam confundir. A diferença parece residir num simples acento gráfico em à, mas é bem mais profunda do que isso. Aprender gramática é tão ou mais exigente do que praticar ioga. Se não se souber, nem se fizerem exercícios, guardando tempo para aperfeiçoar o que vamos aprendendo ou para, simplesmente, pensar nisso, podemos ter uma vida bem complicada. Sem o domínio da gramática, julgamos que estamos a afirmar uma coisa, mas estamos a dizer outra completamente distinta.

Tira-dúvidas

PREPOSIÇÕES SIMPLES	CONTRACÇÕES DAS PREPOSIÇÕES COM OS ARTIGOS		ARTIGOS
<p><u>a</u> ante após até com contra <u>de</u> desde <u>em</u> entre para perante</p>	<p>a + a = à a + o = ao a + as = às a + os = aos</p>		<p>ARTIGOS DEFINIDOS a o as os ARTIGOS INDEFINIDOS uma um umas uns</p>
	<p>de + a = da de + o = do</p>	<p>de + uma = duma/ de uma de + um = dum/ de um de + umas = dumas/ de umas de + os = de de umas de + uns = duns/ de</p>	

<p>por sem sob sobre trás</p>	<p>uns</p>	
	<table border="1"> <tr> <td> <p>em + a = na em + o = no em + as = nas em + os = nos</p> </td> <td> <p>em + uma = numa em + um = num em + umas = numas em + uns = nuns</p> </td> </tr> </table>	
<p>em + a = na em + o = no em + as = nas em + os = nos</p>	<p>em + uma = numa em + um = num em + umas = numas em + uns = nuns</p>	
	<p>por + a = pela por + o = pelo por + as = pelas por + os = pelos</p>	
<p>- o ensino de línguas estrangeiras - o ensino feito a certa distância - bacalhau com natas - o ensino em presença</p>	<p>- ensino à distância - o perfume da rosa - o ensino de umas línguas estrangeiras ou o ensino dumas línguas estrangeiras - a caça à baleia - a pesca do atum - bacalhau à lagareiro - cozido à portuguesa - vinho da Madeira - vinho do Porto</p>	<p>- ensino a distância ou eu ensino a distância - o ensino - a distância</p>

Diz-se “havia muitos livros” ou “havam muitos livros”?

Nestes últimos dias, estive numa sessão solene em que ouvi uns quantos intervenientes. Não tinha comigo papel para apontar fosse o que fosse, mas anotei mentalmente, entre outras ideias interessantes, dois usos semelhantes do verbo **haver** que motivam este texto. Duas pessoas bem formadas empregaram este verbo em frases como esta “Havam muitos livros na biblioteca.” Curioso, o revisor automático não assinala nenhum erro, lapso ou falha nesta construção que se ouve dizer com frequência, sobretudo na região de Lisboa. O que tem de particular? Será aceitável dizê-la? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão da escolha entre **havia** e **havam** parece-me ser da área da Sintaxe. O melhor será compreender que tipo de verbo é **haver** e quais são as suas especificidades. Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra, há um ponto que trata disto mesmo: a “Sintaxe do verbo *haver*”. Transcrevo alguns excertos da 11.ª edição (pp. 532-535), onde sublinho o que me interessa destacar:

1- “O verbo *haver*, conforme o seu significado, pode empregar-se em todas as pessoas ou apenas na 3.ª pessoa do singular.”

2- “Emprega-se em todas as pessoas:

a) Quando é AUXILIAR (com sentido equivalente a *ter*) de VERBO PESSOAL, quer junto a participio, quer junto a infinitivo antecedido da preposição *de*:

Também a mim me **hão ferido**.

(José Régio, *F*, 56.)

Outros **haverão de ter**.

O que **houvermos de perder**.

(Fernando Pessoa, *OP*, 17.)”

3- “Emprega-se como IMPESSOAL, isto é, sem sujeito, quando significa «existir», ou quando indica tempo decorrido. Nestes casos, em qualquer tempo, conjugam-se tão-somente na 3.ª pessoa do singular:

Há trovoadas em toda a parte...

(Miguel Torga, *V*, 158.)

Havia simples marinheiros; **havia** interiores; **havia** escreventes e operários de bordo.

(Lima Barreto, *TFPQ*, 279.)

Tinha adoecido, **havia** quinze dias.

(Miguel Torga, *NCM*, 16.)

– **Há** dois dias que não vem trabalhar!

(Luandino Vieira, *NM*, 129.)”

4- “O verbo *haver*, quando sinónimo de *existir*, constrói-se de modo diverso deste. Nesta acepção, *haver* não tem sujeito e é transitivo directo, sendo o seu objecto o nome da coisa existente ou, a substituí-lo, o pronome pessoal *o* (*a*, *lo*, *la*). *Existir*, ao contrário, é intransitivo e possui sujeito, expresso pelo nome da coisa existente.

Dir-se-á, pois:

Há tantas folhas pelas calçadas!

Existem tantas folhas pelas calçadas!

Construções do tipo:

Houveram muitas lágrimas de alegria.

(Camilo Castelo Branco, *V*, 82.)

Ali **havam** vários deputados que conversavam de política.

(Machado de Assis, *OC*, II, 67-68.)

Embora se documentem em alguns dos melhores escritores da língua, especialmente do século passado, não devem ser hoje imitadas.”

Os exemplos facultados pelos gramáticos são extraídos de obras literárias cujas referências bibliográficas vêm entre parêntesis. Deixei de lado outros usos do verbo **haver** e mantive apenas dois. Num, verifica-se que é equivalente a **ter** e, no outro, sinónimo de **existir**. No primeiro caso, funciona como um auxiliar de um verbo principal e varia consoante a pessoa, ou seja, consoante o sujeito (Eu **hei lido** um livro. = Eu **tenho lido** um livro. / Elas **hão lido** um livro. = Elas **têm lido** um livro.). No segundo, é um verbo principal, expressando uma ideia de tempo (**Há** dez anos que não te via.). Sendo equivalente ao verbo **existir**, e, contrariamente a este verbo, não tem sujeito, o que explica a sua classificação como impessoal (**Há** muitos livros na biblioteca. = **Existem** muitos livros na biblioteca.). Neste último caso, o verbo **haver** deve usar-se na terceira pessoa do singular (**Havia** muitos livros na biblioteca. / **Houve** muitos livros na biblioteca. / **Haverá** muitos livros na biblioteca. / **Haveria** muitos livros na biblioteca.). O facto de o verbo **existir** ter um sujeito poderá levar a pensar que **haver**, já que são sinónimos, também o tem. Pode ser esta a razão que explica frases como as que ouvi àqueles dois oradores e que alguns escritores também atestam, como referido pelos gramáticos. Contudo, quanto à Sintaxe, **haver** e **existir** têm construções diferentes, apesar de, a nível semântico, poderem ser semelhantes.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão não é aceitável dizer “*Havam* muitos livros na biblio-

teca.”? Porquê? Porque, nesta frase, o verbo **haver** é impessoal e “muitos livros” não é o sujeito, mas o complemento de objecto directo, que pode ser substituído por um pronome (**Havia-os** na biblioteca.). Se tivermos dificuldades em entender e se dominarmos línguas estrangeiras, lembremo-nos de traduzir. Este exercício ajudará. Por exemplo, a frase “**Havia** muitos livros na biblioteca.” dá, em francês, algo como: “**Il y avait** beaucoup de livres à la bibliothèque.”. Esta técnica pode ajudar a compreender a construção frásica. Se não souber fazer uma análise da frase ou substituir o complemento de objecto directo por um pronome, pode traduzir. Verificarei que não ocorre qualquer concordância entre **muitos livros** e **haver** porque se trata de um uso impessoal deste verbo. Assim, se estivermos preocupados em dizer conforme o que está estabelecido e é explicável pela gramática, teremos de optar pela terceira pessoa do singular (**há, houve, haverá, houvera, haveria**, etc.) em frases onde o verbo **haver** é impessoal. Porém, estou convencida que se continuarão a ouvir frases com **haver** impessoal no plural. Cada vez nos preocupamos menos com o que dizemos e sabemos, cada vez menos, de Sintaxe ou Gramática. Se a escola não ensina, ninguém o fará.

Tira-dúvidas

Haver	Haver + verbo principal
Verbo principal Corresponde a existir Não tem sujeito = é impessoal Ocorre apenas na 3.ª pessoa do singular	Verbo auxiliar = ter Usa-se em formas compostas Tem sujeito Varia consoante a pessoa gramatical (o sujeito)
“ Há trovoadas em toda a parte...” “ Havia simples marinheiros; havia interiores; havia escreventes e operários de bordo.” “Tinha adoecido, havia quinze dias.” “– Há dois dias que não vem trabalhar!” “ Há tantas folhas pelas calçadas!” Há dez anos que não te via. Há muitos livros na biblioteca. Havia muitos livros na biblioteca. Houve muitos livros na biblioteca. Haverá muitos livros na biblioteca. Haveria muitos livros na biblioteca. Havia-os na biblioteca.	“Também a mim me hãõ ferido .” “Outros haverãõ de ter .” “O que houvermos de perder .” Eu hei lido um livro. Elas hãõ lido um livro.

Diz-se “eu parece-me” ou “parece-me”?

Num noticiário da TV5, uma televisão francesa, vi, nestes dias, uma reportagem sobre os numerosos erros que os jovens universitários franceses dão e a necessidade de terem aulas de recuperação para melhorarem a escrita. Este problema também levanta a questão da tão desejada, por alguns, reforma ortográfica do francês. Estive a pensar se isso só sucederia com jovens universitários, franceses, portugueses ou de outra nacionalidade qualquer... Ouvia, dias depois, um político, na RTP-Madeira, e convenci-me que o tópico da aprendizagem da língua materna, falada e escrita, qualquer que seja a língua, é exigente porque consiste num processo dinâmico e progressivo. Vamos aprendendo e melhorando, corrigindo os erros de que tomamos consciência. Como digo, com frequência, o erro é útil na aprendizagem, apenas se se compreende o que o provocou e se se corrige a partir de então. Todos sabem que ignorar leva a errar. Este político disse, numa conferência de imprensa, o seguinte: “eu faz-me alguma confusão (...)”. Passado algum tempo, na SIC-Notícias, acerca do “caso do orçamento de estado”, um comentador empregou, enquanto o ouvia, a sequência “eu não me fazia sentido” e uma construção curiosíssima (“eu, a mim, parece-me claro”). Ouço com muita frequência esta construção: “eu parece-me” que tem semelhanças com “eu faz-me”. O que têm de particular todas estas sequências discursivas? Pensar sobre usos linguísticos como estes é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão, como a do verbo **haver** impessoal, é do domínio da Sintaxe, isto é, da construção da frase. Ter conhecimentos elementares de gramática ajuda a evitar alguns erros. Saber, por exemplo, que há uma relação de “intimidade” entre a função sintáctica de **SUJEITO** e a de **PREDICADO**, que as leva a influenciarem-se uma à outra, concordando em pessoa e número, é indispensável. Só assim se compreenderá que, por exemplo, se o predicado “**comprar**” está no singular, o sujeito estará também no singular (**Ele compra** pão.) e, se estiver no plural, o sujeito irá igualmente para o plural (**Eles compram** pão.). Contudo, e contrariamente a outras línguas, o português não exige que a função sintáctica de sujeito esteja sempre expressa. Por vezes, podemos subentendê-la (**Compra** pão./ **Compram** pão.). A terminação da forma verbal indica, na maior parte dos casos, o sujeito (**compram** corresponde a uma terceira pessoa do plural). Todavia, pode suceder que nem sempre isso seja evidente. Veja-se o caso da

frase: **Compra** pão. No presente do indicativo, haverá uma terceira pessoa do singular ([ele] **Compra** pão.), mas, se se usar no modo imperativo, a pessoa gramatical corresponderá a uma segunda do singular ([tu] **Compra** pão.) que, por princípio, não é expressa, já que vai equivaler a um vocativo, se se registar (Tu, **compra** pão.). Normalmente, nestes casos, o discurso, de onde se extrai a frase que se analisa, auxilia na compreensão. Muitas vezes, para evitar mal-entendidos, emprega-se o sujeito no início do discurso e, depois, pode subentender-se (O João está esfomeado. Pensa em tostas. Ele vai à padaria mais próxima de casa. Compra pão e **regressa**, rapidamente, a casa.).

O verbo **parecer** pode ter vários empregos porque os seus sentidos também variam: *ter semelhanças com; aparentar; ser da opinião que* (Eu **pareço-me** com a minha mãe./ Isso **parece** difícil./ **Parece-me** que ela não tem razão.). Se fizermos uma análise sintáctica básica a estas frases para identificar o que a Gramática Tradicional designa como SUJEITO (sublinho-o) e **PREDICADO** (coloco-o a negrito), teremos o seguinte: Eu **pareço-me** com a minha mãe. Isso **parece** difícil. **Parece-me** que ela não tem razão. Nesta última frase, verifica-se que o sujeito está expresso e corresponde a uma oração “(que) ela não tem razão”. Não podemos pensar que o sujeito de “parece”, nesta frase, é a primeira pessoa do singular “eu” como em “eu pareço-me”. Se se tiverem dúvidas, repare-se na diferença da terminação verbal (primeira pessoa do singular – **pareço**/ terceira pessoa do singular – **parece**). Por vezes, nestas construções, acrescenta-se um complemento, “a mim”, a reforçar, com um pleonasma, o “me” que indica um complemento de objecto indirecto (A mim, parece-me que ela não tem razão./ **Parece-me, a mim,** que ela não tem razão.). Sucede o mesmo com “Eu faz-me confusão”. O pronomes pessoal “eu” deveria desempenhar a função de sujeito, o que levaria à concordância com o predicado (Eu **faço** uma confusão.) Se se mudar de pronomes pessoal, verifica-se essa concordância (Ele **faz** uma confusão.). Se se usa a construção “Faz-me uma confusão.”, fala-se de algo que gera a confusão ([Isso] **Faz-me** uma confusão.) e não na pessoa que a provoca ([Eu] **Faço** uma confusão.). Portanto, apesar de diferentes, as construções “eu parece-me” e “eu faz-me confusão” assemelham-se e são ambas, a nível de sintaxe, problemáticas por causa do sujeito. Assim, em “eu parece-me”, o “eu” não pode ser o sujeito, que, neste caso, não está expresso e equivale a uma terceira pessoa do singular, podendo representar-se com “isso” (A mim, isso parece-me bem. / Isso parece-me bem./ Parece-me bem.). Sucede o mesmo em “eu faz-me confusão” (A mim, isso faz-me confusão./ Isso faz-me confusão./ Faz-me confusão.), porque “eu” não é o sujeito gramatical. A construção “parece-me” remete para a opinião de quem fala. Provavelmente, para insistir sobre essa opinião, o falante sente necessidade de expressar a primeira pessoa do singular, a sua subjectividade, com “eu”. É apenas uma suposição, já que, aqui, observo apenas factos,

sem procurar as suas causas. É incontestável que estas construções estão disseminadas pela comunidade linguística, que assimila estruturas que se tornam cada vez mais usadas e que, dentro de algum tempo, se aceitarão como válidas. É o que implica a variação linguística. Aliás, o próprio revisor automático do Word não assinala estas construções a vermelho como erros. Relativamente à sequência “eu, a mim, parece-me claro”, que ouvi pela primeira vez, junta as duas construções: a que recorre a um pleonasma (A mim, parece-me claro.) e a que usa o pronome pessoal sujeito (“Eu parece-me claro.”). Poderíamos simplificar e dizer apenas: “Parece-me claro.”. Pelos vistos, os falantes não gostam do que é simples. Será?

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão não é aceitável dizer “eu parece-me”? Porquê? Porque, nesta construção, o verbo **parecer** é usado na terceira pessoa do singular, “**isso parece-me**”, com o sentido de *ser da opinião (isso, na minha opinião, é* ou *penso que isso é)* e não na primeira do singular, “**eu pareço-me**” com o sentido de *ter semelhanças com* (Eu pareço-me com a minha mãe.). A colocação do pronome pessoal com a função de sujeito “eu”, naquelas construções registadas em falantes adultos, é estranha para quem conhece as regras elementares da gramática. Parece-me que os jovens universitários não serão os únicos a precisar de aulas de recuperação.

Tira-dúvidas

<u>SUJEITO EXPRESSO</u>	SUJEITO NÃO EXPRESSO (SUBENTENDIDO)
<ul style="list-style-type: none"> • nas frases, normalmente, aparece a função sintáctica de sujeito • há concordância entre sujeito e predicado • há uma relação de proximidade entre as funções de sujeito e de predicado • concordância entre sujeito e predicado: singular-singular, plural-plural, primeira pessoa-primeira pessoa, etc. • o predicado tem as marcas do sujeito gramatical 	<ul style="list-style-type: none"> • nas frases, é possível não marcar a função sintáctica de sujeito • o sujeito está subentendido (existe, mas não está presente na frase) • é possível identificá-lo, reconstruindo-o, quer através da forma verbal, quer através do discurso onde se insere a frase • mantém-se a concordância entre sujeito e predicado • o predicado conserva as marcas do sujeito gramatical
<u>Ele compra</u> pão.	<u>Compra</u> pão.

<p><u>Eles</u> compram pão. <u>O João</u> está esfomeado. <u>Ele</u> vai à padaria mais próxima de casa. <u>Ele</u> pensa em tostas. <u>Ele</u> compra pão e <u>ele</u> regressa, rapidamente, a casa. PARECER, FAZER <u>Eu</u> pareço-me com a minha mãe. <u>Isso</u> parece difícil. Parece-me <u>que ela não tem razão</u>. A mim, parece-me <u>que ela não tem razão</u>. Parece-me, a mim, <u>que ela não tem razão</u>. A mim, <u>isso</u> parece-me bem. <u>Isso</u> parece-me bem. <u>Eu</u> faço uma confusão. <u>Ele</u> faz uma confusão. <u>Isso</u> faz-me uma confusão.</p>	<p>[tu] Compra pão./ Tu, compra pão. Compram pão. Está esfomeado. Vai à padaria mais próxima de casa. Pensa em tostas. Compra pão e regressa, rapidamente, a casa. PARECER, FAZER Pareço-me com a minha mãe. Parece difícil. Parece-me. A mim, parece-me. Parece-me, a mim. A mim, parece-me bem. Parece-me bem. Faço uma confusão. Faz uma confusão. Faz-me uma confusão.</p>
---	---

Diz-se “mantém-o”, “mantém-lo” ou “mantém-no”?

Muitas vezes, o que nos parece acertado não o é de todo. Contudo, como nos habituamos a algo, e temos alguma dificuldade em mudar, damos por certo o errado e errado o certo. Aliás, as noções de “erro” variarão consoante a norma linguística que vigorar, recebendo esta, com frequência, influências dos usos que se vão fazendo. Ser professor de Português exige que se conheça a norma linguística, a variedade padrão pela qual é necessário ensinar para que a comunidade linguística se mantenha tão homogênea quanto possível. É uma obrigação ensinar porque se não se der o que se sabe, quem deveria aprender poderá nunca o chegar a saber, acabando por ter a vida quotidiana um tanto ou quanto dificultada. Isso pode requer que se vá contra hábitos instalados, procurando explicar a razão de ser de determinada opção linguística, como acontece com as construções verbais pronominais. Regularmente, ouvem-se formas distintas como: “mantém-o”, “mantém-lo” ou “mantém-no”, acabando por gerar alguma confusão. Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão é, em parte, do domínio da Fonética porque está relacionada com a pronúncia, da Morfologia, já que se liga à conjugação verbal e também do da Sintaxe, uma vez que implica o uso de pronomes que remetem para nomes que os antecedem. O futuro do indicativo e o condicional têm construções pronominais específicas que não serão explicitadas abaixo. Por questões de espaço, também não tratarei das construções com os pronomes *nos* ou *vos*. Nas gramáticas escolares, em princípio, há um ponto dedicado às construções verbais pronominais e às alterações gráficas dos pronomes que ocorrem em determinados contextos fonéticos. Pode, então, encontrar-se uma explicação como a seguinte: os pronomes *o*, *a*, *os* e *as* são grafados *lo*, *la*, *los* e *las*, após formas verbais finalizadas em *-r*, *-s* e *-z*. Esta ideia que parte do princípio que se adiciona um *l* ao pronome não é historicamente certa, induzindo, portanto, as gramáticas em erro. Pode comprova-se a etimologia do *l* na obra, publicada em 1984, pelo Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, *Dictionnaire des Verbes irréguliers et des Conjugaisons difficiles de la Langue portugaise* de Vasco Fonseca, onde se lê, na página 45: «*Lo* est l’ancien pronom portugais. *Mandar-lo* devint, par assimilation, *mandallo*, dont la forme a persisté longtemps. Ensuite, on a séparé le pronom du verbe. Aujourd’hui, on écrit: *mandá-lo*.» Para facilitar a leitura, deixo a minha tradução livre desta cita-

ção: *Lo* é o antigo pronome português. *Mandar-lo* deu, por assimilação [fenómeno fonético em que um som passa a assemelhar-se a outro], *mandallo*, cuja forma persistiu durante muito tempo. Posteriormente, separou-se o pronome do verbo. Hoje, escreve-se: *mandá-lo*. A acentuação gráfica é particular nestes casos.

Encontram-se mais informações acerca do assunto nas páginas 251-258 do *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa* de José Joaquim Nunes (1989, Clássica Editora). Estas são dedicadas aos artigos e é afirmado que “o artigo definido é um verdadeiro pronome, quer com respeito ao seu emprego, quer sobretudo relativamente à sua origem”; “No acusativo [em Latim] o pronome *ille* deu regularmente nos dois géneros *elo*, *ela* (...), e pelo seu carácter essencialmente proclítico passaram a *lo*, *la*”. É desenvolvida a explicação, da qual retenho os excertos abaixo por me parecerem elucidativos e nos quais destaco um ou outro pormenor com sublinhados.

a) “Sucedia, porém, que na fala, em que soavam como se constituíssem um vocábulo único a palavra e o *lo* ou *la* que a precedia ou seguia, frequentemente estes se achavam entre vogais e, como em tais casos o génio da língua repelia o *-l-*, daí sua transformação posterior em *o* ou *a*, (...)” (pp.251-252)

b) “locuções possuiu e possui ainda a língua actual em que elas continuam a subsistir (...) [*alpardo* – nota 7: “Ainda em uso na Madeira, cf. G. Viana, Apostilas, II 23 à”], as quais sem dúvida ascendem a tempo anterior à transformação mencionada; nelas, pela queda do *o* ou *a* do artigo *lo* ou *la* motivada pelo carácter proclítico deste e também porque tais frases soavam como se fossem uma única palavra, o *-l-* não podia desaparecer, por se não encontrar já entre vogais. Mas, afora estas locuções, que ficaram como fossilizadas, as antigas formas *lo*, *la*, quer artigos, quer pronomes, ainda são pela língua hodierna usadas, embora não com a extensão da antiga, pois, enquanto esta a elas recorria, sempre que o vocábulo que as antecedia terminava em *r* ou *s*, aquela só o faz depois de uma forma verbal, cuja última letra sejam estas consoantes e a mais *z*, ou em seguida aos pronomes *nos* e *vos* e advérbio *eis*. Nestes vocábulos os *r*, *s* ou *z* primeiro assimilaram-se ao *l* do artigo ou pronome, depois os dois *ll* reduziram-se a um único (...), caindo na fala e na escrita de hoje o *l*, que viera substituir as consoantes.” (pp.253-254)

c) “Ainda as antigas formas continuam a persistir, todavia em menor extensão que antes, quando a palavra que antecede o pronome ou artigo termina em vogal nasal, mas aqui, ao contrário do último caso, em que as consoantes *r* e *s* se assimilam ao *l* seguinte, foi este que se aproximou do som que o precedia, convertendo-se em *n*.” (p.255)

Assim, por razões históricas, compreende-se que haja diversas grafias nas construções verbais pronominais: uma sem ***l*** no pronome (***ela lava-o, eu mantenho-o, eu trago-o, ela dá-o***) por este ter caído em posição intervocálica-

ca, outra com n no pronome (**eles lavam-no**, **ele mantém-no**, **elas trazem-no**, **elas dão-no**) porque o l, influenciado pelo som nasal contíguo, passou a n e outra ainda com l no pronome (**lavá-lo** [lavar + lo], **tu lava-lo** [tu lavas + lo], **ele trá-lo** [ele traz + lo], **tu dá-lo** [tu dá + lo]), já que se conservou. Neste caso, por assimilação, s, r e z passaram a l, originando a consoante dobrada ll e integrando a forma verbal. Veio, posteriormente, a simplificar-se em l e a separar-se da forma verbal por meio de um hífen.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão não é aceitável dizer “**mantém-o**” e “**mantém-lo**”? Por uma questão de fonética histórica, visto que o l do pronome lo se transformou em som nasal, no caso n, junto de um som nasal, o da forma verbal. É na História da Língua Portuguesa que se encontra o motivo pelo qual se diz e escreve “**mantém-no**”, na norma do português contemporâneo.

Tira-dúvidas

conjugação verbal pronominal forma verbal seguida de pronome (antigos <i>lo, la, los, las</i>)		
queda de <i>l</i> entre duas vogais vogal – <i>l</i> – vogal	<i>l</i> assemelhou-se ao som nasal anterior, passando a <i>n</i> som nasal – <i>n</i>	- <i>s</i> , - <i>r</i> e - <i>z</i> passaram a <i>l</i> originando <i>ll</i> que ficou reduzido a <i>l</i> - <i>s lo</i> > - <i>llo</i> > - <i>lo</i> - <i>r lo</i> > - <i>llo</i> > - <i>lo</i> - <i>z lo</i> > - <i>llo</i> > - <i>lo</i>
ela lava-o eu mant enho -o eu trago-o ela dá-o	eles lavam-no ele mant ém -no elas trazem-no elas dão-no	lavá-lo (lavar + lo) tu lava-lo (tu lavas + lo) ele trá-lo (ele traz + lo) tu dá-lo (tu dá + lo)

Diz-se “a presidente” ou “a presidenta”?

Numa rádio, ouvi um excerto de um discurso de Lula da Silva, quando tinha deixado de ser Presidente do Brasil. Referiu-se à sua sucessora como a “Presidenta”. Fiquei a pensar neste feminino. Gramaticalmente, usa-se “o presidente” para o masculino e, como para os vocábulos terminados tanto em “-ente”, como em “-ante”, deveria ser “a presidente” para o feminino. Se ninguém diz “o presidente”, porquê “a presidenta”? Com “doente”, o artigo permite identificar o género (o doente/ a doente) e assim acontece com outros vocábulos: “cliente” (o cliente/ a cliente), “utente” (o utente/ a utente), “estudante” (o estudante/ a estudante), “principiante” (o principiante/ a principiante), entre outros substantivos semelhantes, conhecidos como tendo dois géneros. Por que razão, então, dizer a “presidenta”? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece ser do domínio da Morfologia porque está relacionada com o género dos substantivos. Quando falamos em género como noção gramatical, não a deveríamos associar à de sexo, já que são duas realidades distintas, embora se possam ligar, o que parece ser o caso em “presidenta”. O género gramatical é do domínio linguístico e o sexo, frequentemente associado a género, é extralinguístico. Correspondem a dois planos distintos, não sendo, obrigatoriamente, o reflexo um do outro, ainda que se possam relacionar. É mais fácil entender a diferença entre eles ao ensinar Português a estrangeiros. Isso obriga a abordar o problema do género gramatical e vemos que ultrapassa o do sexo dos seres. Como justificar que o substantivo “sol” seja masculino e “lua” feminino? Porquê dizer, no feminino, “mesa”, “cadeira”, “panela”, “impressora” e “porta”, mas usar, no masculino, “armário”, “laço”, “ferro”, “sapato” e “livro”? Haverá, evidentemente, fundamentos etimológicos. Por termos deixado de estudar latim e grego, recorrer aos étimos para justificar as diferenças torna-se complexo. É, pois, necessário arranjar uma explicação fácil. Estabelece-se que os substantivos terminados em “-a” são, geralmente, femininos e os que findam com “-o” são, normalmente, masculinos. No fundo, é como se estas terminações correspondessem aos artigos definidos, tendo, por um lado, “a mesa”, “a cadeira”, “a panela”, “a impressora”, “a porta” e, por outro, “o armário”, “o laço”, “o ferro”, “o sapato”, “o livro”. A observação, por ser simples, ajuda os alunos, já que, nas suas línguas, o género dos substantivos poderá não se fazer da mesma forma. Aliás, lembro-me de, em alemão, o

género gramatical dos substantivos correspondentes a “sol” e “lua” ser inverso ao do português. Terão as línguas sexo? Serão machistas ou feministas? Há quem sendo poetisa não aprecie o termo feminino e prefira o masculino para se identificar ou para referir uma mulher que se dedique à poesia. Porquê? Os casos como este, remetendo para ideias feministas ou machistas, explicam-se por diversas razões extralinguísticas.

Para complicar um pouco mais, na língua portuguesa, nem todos os substantivos terminados em “-a” são femininos. Acontece, nomeadamente, com “o problema”, “o dilema” ou “o estratagema”. O inverso também é válido. Além do mais, alguns até têm os dois géneros ou, então, usam-se num que não tinha. Deveria dizer-se “a aluvião”, mas emprega-se muito no masculino, acabando por o substantivo aceitar os dois géneros (a aluvião e o aluvião). Acontece com “a personagem”, que se vê ser usado no masculino (a personagem e o personagem). Com “o grama”, temos igualmente um caso de confusão de géneros porque se recorre, constantemente, ao feminino (o grama e a grama). Algumas profissões como “jornalista” ou “dentista” empregam-se no masculino e no feminino (o jornalista, a jornalista; o dentista, a dentista). Usa-se “o síndrome”, mas é feminino. Para evitar a confusão, talvez se tenha formado o feminino “síndroma” e o masculino “síndromo”, presente num dicionário consultado, (a síndrome, a síndroma, o síndrome e o síndromo). Distinguimos “o rádio” e “a rádio” porque o masculino corresponde ao aparelho, enquanto o feminino, com final em “-o”, indica a estação com programas. A mesma diferenciação de género gramatical possibilita distinguir “o televisor” e “a televisão”, embora se fundam em “televisão”. Ninguém confunde “o banco” com “a banca”, representando o último termo o sistema bancário. Na Madeira, há quem diga “a corredora” para “o corredor”, um espaço da casa. Aparentemente, não haverá diferenças, mas existe. O “corredor” é exterior e a “corredora” interior. Aquele é empregue neste território para designar uma sequência de videiras, no exterior, junto à casa. A diferença masculino/ feminino funciona a nível semântico com outros elementos linguísticos. No português, encontram-se substantivos terminados com consoante, como “dor” e “flor”, que são femininos. Porém, a maioria parece ser masculina, como “professor”, “doutor”, formando o feminino com a adição de “-a”. É, em parte, por isso que, linguisticamente, se considera o género masculino o não marcado e o feminino o marcado. Ainda se deveria mencionar o neutro que ocorre, por exemplo, nos pronomes (isso, isto, aquilo, ninguém, alguém, etc.). Portanto, uma questão tão básica como a do género gramatical pode tornar-se bem complexa.

Voltando a “presidenta”, para compreender o fenómeno, consultei vários dicionários. Apresento apenas os dados de alguns. No *Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora*, regista-se a entrada como neologismo: **Presidenta** s. f. [neol.] fem. de presidente; mulher que preside (De *presidente*) e

Presidente *adj. e s. 2 gén.* Que ou aquele que preside; chefe de uma assembleia, tribunal, junta, etc.; título do chefe de Estado de algumas repúblicas (Do lat. *praesidente-*, “governador de província”). O *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa considera o termo “presidenta” de nível familiar e popular da linguagem, assim como tendo um sentido depreciativo: **presidenta** (...) *s. f.* (De *presidente*). **1. Deprec.** Esposa do presidente. **2. Fam. e Pop.** Mulher que desempenha as funções de presidente. Masc. presidente e **presidente**¹ (...) *s. m. e f.* (Do lat. *praesidens entis*, part. pres. de *praesidere* ‘estar à frente de’). **1.** Pessoa que ocupa o mais alto cargo numa instituição, que dirige os trabalhos de uma assembleia, de um tribunal, de qualquer grupo organizado...; título que se dá a essa pessoa. (...). **2.** (com maiúsc.). *Polít.* Pessoa que desempenha o mais alto cargo na hierarquia do estado republicano. (...). Encontra-se, ainda, a entrada **presidente**² (...) *adj. m. e f.* (Do lat. *praesidens entis*, part. pres. de *praesidere* ‘estar à frente de’). Que dirige [sic] os trabalhos de uma assembleia, de um grupo organizado, de uma comissão especializa (...). Para tentar saber desde quando se emprega “presidenta”, recorri ao *Dicionário Electrónico Houaiss da Língua Portuguesa*, mas não vi nenhuma indicação temporal, embora haja o ano de 1664 para o adjectivo de dois géneros “presidente”.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão dizer “**a presidenta**” em vez de “**a presidente**”? Por uma questão extralinguística. Será para realçar que o cargo é desempenhado por uma mulher. Este uso é recente, já que também o é a possibilidade. Para marcar a ascensão feminina, surgiram novas formas como “a mulher polícia” (a [esquadra de] polícia/ o polícia), “a bombeira” (o bombeiro), “a militar” (o militar) ou “a presidenta” (o presidente/ a presidente). Neste último caso, linguisticamente falando, o reforço do feminino não parece ser necessário.

Tira-dúvidas

Género gramatical (alguns substantivos)		
Feminino	Masculino	Dois géneros
<u>a</u> presidenta <u>a</u> mesa <u>a</u> cadeira <u>a</u> panela <u>a</u> impressora <u>a</u> porta <u>a</u> lua <u>a</u> síndrome <u>a</u> rádio <u>a</u> televisão <u>a</u> banca <u>a</u> corredora <u>a</u> dor <u>a</u> flor <u>a</u> professora <u>a</u> doutora <u>a</u> polícia <u>a</u> mulher polícia <u>a</u> bombeira <u>a</u> militar	<u>o</u> armário <u>o</u> laço <u>o</u> ferro <u>o</u> sapato <u>o</u> livro <u>o</u> sol <u>o</u> problema <u>o</u> dilema <u>o</u> estratégia <u>o</u> síndrome <u>o</u> rádio <u>o</u> televisor <u>o</u> banco <u>o</u> corredor <u>o</u> professor <u>o</u> doutor <u>o</u> polícia <u>o</u> bombeiro <u>o</u> militar	o presidente/ a presidente o doente/ a doente o cliente/ a cliente o utente/ a utente o estudante/ a estudante o principiante/ a principiante o jornalista/ a jornalista o dentista/ a dentista o grama = a grama a aluvião = o aluvião a personagem = o personagem a síndrome = o síndrome

Escreve-se “vêm” ou “vêem”/ “veem”? Porquê?

Em cinco meses, corriji mais de duzentas e cinquenta provas escritas. Com a aproximação da época de exames, mais algumas serão. Esta é uma tarefa que vai requerendo muita energia e grande atenção. Frequentemente, encontrei, aí, e também noutros textos, incluindo em publicações, uma confusão entre as formas verbais “vêm” e “vêem”/ “veem”. Há quem não as distinga. São ambas usadas na língua portuguesa, existindo, contudo, diferenças entre elas. O que permitirá ajudar a distinguir uma da outra? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece ser do domínio da Morfologia porque está relacionada com a conjugação verbal. Sabermos conjugar verbos é elementar e fundamental para resolver muitíssimas dúvidas, tanto no registo escrito, como no oral. Paradoxalmente, é cada vez mais raro encontrar quem o consiga fazer. A problemática também estará relacionada com a Semântica, visto que “vêm” e “vêem/ veem” constituirão um par de palavras parónimas. Como “imigração” e “emigração”, estão tão próximas que a tendência é confundi-las, embora as suas significações sejam distintas. Se, quando tivermos de as escrever, pensarmos um pouco, perguntando “Porquê “vêm” e não “vêem” (ou vice-versa)?”, conseguiremos aprender a diferenciá-las. Simplificando, a forma “vêm” é do verbo “vir”. Trata-se da terceira pessoa do plural do presente do indicativo. Conjugando este verbo, neste tempo e neste modo, temos as seguintes formas: *eu venho, tu vens, ela vem, nós vimos, vós vindes e elas vêm*. Aquela que se escreve “vêem” é do verbo “ver”. Com o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990*, para quem o segue, perdeu o acento gráfico: “veem”. Neste caso, também é do presente do indicativo e, conjugando o verbo, verificamos que é, realmente, diversa daquela flexão verbal: *eu vejo, tu vês, ela vê, nós vemos, vós vedes, elas vêem/ veem*. Portanto, nada deveria levar à confusão. Todavia, ela existe e não serão poucas as pessoas que a fazem. Aliás, o problema reencontra-se, parcialmente, com o futuro do conjuntivo do verbo “ver” e o infinitivo pessoal de “vir”. Além disso, estes dois verbos, no infinitivo, têm significantes tão próximos que formam um par mínimo (*vir – ver*). Como conseguir resolver a situação embaraçosa da indecisão entre “vêm” e “vêem/ veem”? De entre várias possibilidades, julgo que três técnicas resultarão: substituir a pessoa gramatical, arranjar um sinónimo e articular lentamente, recorrendo à divisão silábica.

A primeira técnica a usar consiste em substituir a terceira pessoa do plural por uma outra pessoa gramatical que não deixe dúvidas. Teremos de saber conjugar os verbos. Por exemplo, na seguinte frase: “**Eles vêm tarde.**” (*Eu venho tarde. Tu vens tarde. Ele vem tarde. Nós vimos tarde. Vós vindes tarde.*). Só podemos usar “**vêm**” porque a conjugação é a do verbo “**vir**”. Nesta outra: “**Eles vêm mal.**”, apenas é viável o verbo “**ver**” (*Eu vejo mal. Tu vês mal. Ele vê mal. Nós vemos mal. Vós vedes mal.*). Nas frases simples, não haverá qualquer problema. O pior será quando as frases forem complexas, mas, se fazemos o que é simples, havemos de conseguir o que é mais difícil. Vejamos esta frase: “**Quando eles vêm tarde, vêm mal porque está escuro.**” Vamos substituir a terceira pessoa do plural pela primeira do singular: *Quando eu venho tarde, vejo mal porque está escuro.* Não resta qualquer margem para dúvidas. No entanto, pode haver quem tenha dificuldades com as conjugações verbais. Então, é preciso pensar noutra estratégia.

Outro método que resulta é verificar se se quer falar de “**vir**” ou de “**ver**” e procurar sinónimos: “**vêm**” (**chegam**) e “**vêm**” (**enxergam**). Retomando os exemplos anteriores, teremos as seguintes alternativas: “**Eles vêm tarde.**” (*Eles chegam tarde.*) e “**Eles vêm mal.**” (*Eles enxergam mal.*). Os sinónimos nem sempre funcionam na íntegra. Por exemplo, “olhar” e “ver” não serão sempre equivalentes. No entanto, este processo é de grande ajuda.

Uma terceira possibilidade, sendo provavelmente aquela que terá melhores resultados, é prestar atenção à pronúncia e às sílabas. O modo de articular “**vêm**” e “**vêm/ veem**” é diverso. Aparentemente, “**vêm**” parece ter uma única sílaba, mas, se dissermos lentamente este signo linguístico, verificamos que tem duas e que repetimos, nas duas, o ditongo nasal que reencontramos, por exemplo em “**mãe**”. Por dificuldades de impressão, é-me complexo apresentar a transcrição fonética, que tornaria mais evidente este pormenor. Contudo, acaba por ser perceptível ao ouvido, se o treinarmos. Na forma “**vêm/ veem**”, também há duas sílabas, mas o ditongo nasal, o mesmo que o de “**mãe**”, ocorre exclusivamente na segunda sílaba (**vê / em**). A primeira sílaba, curiosamente, corresponde à forma verbal da terceira pessoa do singular do presente do indicativo de “**ver**” (**ele vê / eles vêm/ veem**). Talvez esta dica interiorizada possa, mais do que as outras duas indicadas, auxiliar para evitar a confusão entre “**vêm**” e “**vêm/ veem**”.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão escrever “**vêm**” e “**vêm/ veem**”? Porquê? É porque as duas formas existem na língua portuguesa. São ambas da terceira pessoa do plural do presente do indicativo, mas correspondem a verbos diferentes. Para quem ainda tiver dificuldades, a consulta do *Dicionário dos Verbos Portugueses* da Porto Editora, por exemplo, é recomendada.

Tira-dúvidas

	“vêm” VIR	“vêem/ veem” VER
1 conjugar e substituir	eu venho tu vens ela vem nós vimos vós vindes elas vêm	eu vejo tu vês ela vê nós vemos vós vedes elas vêem/ veem
2 sinónimos	elas vêm = elas chegam	elas vêem/ veem = elas enxergam
3 pronúncia e divisão silábica	vêm (pronunciado duas vezes o ditongo nasal)	vêem/ veem vê – em/ ve – em (pronunciado uma vez o ditongo nasal)

Pode dizer-se “por outro lado” sem mencionar “por um lado”?

Assim como há modas para o vestuário, também as haverá para os “comportamentos linguísticos”. Em parte, será por isso que muito vocabulário cai em desuso. Quem ditará as tendências serão aqueles que exercem algum tipo de poder, como as figuras públicas idolatradas, isto é, as do cinema e da televisão, como humoristas, escritores, jornalistas, políticos, desportistas, etc. Certas tendências predominarão pela adesão das massas, enquanto outras não terão esse destino. Explicar estes mecanismos não é propriamente o que me interessa de momento. Prefiro deter-me no caso particular de uma tendência que vou observando como crescente. Em textos de autorias diversas, tenho visto escrito **por outro lado**, sem haver qualquer menção a **por um lado**. Por que razão isso sucederá? Será por economia? Terão diferentes significados? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece ser do domínio da Semântica porque relacionada com a significação e da Análise do Discurso, uma vez que **por outro lado** é uma expressão susceptível de ser analisada no seu contexto (co-texto). Normalmente, como em locuções do género de “tanto ..., como” ou “quer ..., quer”, **por outro lado** implicaria que o pensamento verbalizado se subdividissem em duas partes bem distintas, requerendo um primeiro tópico (*Por um lado, queria descansar, mas, por outro lado, desejava aproveitar o dia e trabalhar.*). Há uma repetição dos termos **por** e **lado** com a troca de **um** por **outro**, fazendo uma distinção entre os dois lados, mas supondo **um** a presença do **outro**. O que levará a omitir **por um lado** para expressar apenas **por outro lado**? Falo em omissão pela relação entre **um** e **outro**. Para não me alongar, dou apenas dois exemplos (vejam-se as referências, para a leitura integral), sublinhando as ocorrências.

a) **Revista *Sábado*, n.º 354, 10 a 16/02/2011, p.52, Nuno Rogeiro, “Relatório minoritário. A rebelião das massas”**

“Nas últimas eleições presidenciais, voltou a discussão sobre a melhor forma de expressar o descontentamento pelo estado da coisa pública. Não sendo a arte da revolta uma ciência exacta, para cada cabeça sua sentença.

De que serviria apoiar candidatos excêntricos, sabendo-se que, em eleições uninominais, só conta o vencedor? (...) Os derrotados nas presi-

denciais podem ser episódios simbólicos, mas não lideram a oposição parlamentar (como acontece com os derrotados nas legislativas).

Por outro lado, os votos nulos e brancos, que não chegaram aos 7%, são sempre ambíguos. (...)

Há depois a abstenção. (...)

Houve também quem votasse em Cavaco e Alegre, por protesto. (...)

O que não se pode é negar que há uma crise do nosso modelo político. (...)

b) *JA. A UMA é nossa, Associação Académica da Universidade da Madeira, Fevereiro de 2011, ano V, n.º 52, p.21, Cláudia Paixão, SPAD, “Piómetra”*

“A piómetra aberta caracteriza-se pela descarga vaginal de material purulento ou sanguinolento com mau odor. Por outro lado a piómetra fechada ocorre sem a evidência de qualquer corrimento o que dificulta a detecção precoce do desenvolvimento da doença e o estabelecimento do seu tratamento.”

No discurso a), são apresentados quatro modos de os eleitores “expressar[em] o [seu] descontentamento”: 1) o voto em “candidatos excêntricos”, 2) os votos nulos ou brancos, 3) a abstenção e 4) o voto de protesto. No excerto transcrito do discurso b), é feita a distinção entre “piómetra aberta” e “piómetra fechada”, com uma definição sumária das duas manifestações da piómetra. Portanto, em a), são elencados vários elementos distintos, enquanto em b) há uma oposição entre dois. Deste modo, estes empregos de por outro lado deverão diferenciar-se.

Para aflorar o assunto e o apresentar de forma acessível, destaco duas referências que o sistematizam diversamente. Nas citações, continuo a sublinhar o que pretendo realçar. No *Grande Dicionário da Língua Portuguesa de José Pedro Machado (Círculo de Leitores, 1991)*, na entrada “lado”, consta “Por um lado... por outro lado” com a seguinte indicação: “usa-se em alternativas, emprega-se para expor ao ouvinte *ou* ao leitor vários aspectos de uma questão a fim de que ele possa avaliar, formar o seu juízo a respeito de argumentos apresentados. II Por vezes, omite-se a primeira *ou* a segunda parte da alternativa, ficando a cargo do leitor *ou* do ouvinte discernir qual o outro lado que se compara, que se confronta.” Para José Pedro Machado, as duas possibilidades são equivalentes, sendo opção de cada um expressar ou não as duas partes da alternativa. Refere “vários aspectos de uma questão”, mas realça a dualidade, especificada em “a primeira ou a segunda parte da alternativa”. Quanto à ideia da possível omissão de uma das partes, estranho a ocorrência de “por um lado” isolada. Não tenho exemplos dela. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa (Verbo, 2001)*, também na entrada “lado”, aparece “por outro lado, loc. adv., em contrapartida; encarando a questão sob outro aspecto. *Por outro lado, é bom não esquecer que as eleições estão à porta. Por um*

lado... por outro, loc. conj. expressão com a qual se apresenta uma alternativa de pontos de vista. *Se, por um lado, a situação económica neste momento não é brilhante, por outro há já indícios nítidos de recuperação.*” Este dicionário distingue, assim, dois usos com classificações morfológicas próprias: **por outro lado** isolado será uma locução adverbial e acompanhado com **por um lado** uma locução conjuncional. Pode mesmo reduzir-se a **por um lado... por outro**, sem repetição de “lado”.

Confrontando estas explicações com os dois exemplos, no discurso a), na lista dos quatro tópicos, não existe a dualidade implícita no conjunto **por um lado... por outro lado** ou a significação do elemento isolado **por outro lado**. Portanto, a ocorrência não corresponderá ao estabelecido nos dicionários porque não equivale a “em contrapartida”, nem expressa uma alternativa entre duas partes. No discurso b), **por outro lado** enquadra-se no que os dicionários referidos indicam, já que há uma oposição entre “fechada” e “aberta” relativamente à piómetra. Assim, **por outro lado** equivale a “em contrapartida”, isto é, “contrariamente”. Também poderá corresponder à omissão indicada por José Pedro Machado.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão escrever **por outro lado** isolado? Porquê? A mim, parece-me ser uma forma de simplificar a locução **por um lado... por outro lado**. Creio que o uso isolado deriva da locução constituída por duas partes. Provavelmente, o facto de se omitir a primeira, por economia, trouxe consigo uma especificação semântica e morfológica da segunda. Este assunto merecerá uma observação mais minuciosa. Os usos variam e resta prestar atenção aos que se vão fazendo, como no discurso a), para compreender a evolução que seguirá.

Tira-dúvidas

Locução conjuncional Funciona como uma <u>conjunção</u>	Locução adverbial Funciona como um <u>advérbio</u>
por um lado ... por outro [lado]	por outro lado
acompanhado segunda parte de uma locução Pode omitir-se parte da locução Pode suprimir-se “lado”: <u>por outro</u>	isolado Terá origem na locução integral, mas diferencia-se dela Equivale a “em contrapartida”
<p><u>Por um lado</u>, queria descansar, mas, <u>por outro lado</u>, desejaria aproveitar o dia e trabalhar.</p> <p><u>Por um lado</u>, queria descansar, mas, <u>por outro</u>, desejaria aproveitar o dia e trabalhar.</p> <p>Queria descansar, mas, <u>por outro lado</u>, desejaria aproveitar o dia e trabalhar.</p>	<p><i>“A piómetra aberta caracteriza-se pela descarga vaginal de material purulento ou sanguinolento com mau odor. <u>Por outro lado</u>,]a piómetra fechada ocorre sem a evidência de qualquer corrimento (...).”</i></p> <p><i>“<u>Por outro lado</u>, é bom não esquecer que as eleições estão à porta.”</i></p>

Há quem diga “ouvisto” em vez de “ouvido”. Porquê?

Ter sido faroleiro marcou a vida do homem de idade com quem estive a falar mais de uma hora. Recusa permanecer o dia inteiro junto dos outros idosos, esperando, pacientemente, por aquilo que alguns consideram ser o fim. Com um andarilho, desafia as funcionárias e vai pela porta fora, não ultrapassando o recinto do lar onde reside. Faça chuva ou sol, parte à procura das suas memórias pelo jardim. Vai sentar-se debaixo de um alpendre para fumar uns cigarrinhos, aparentemente consoladores. Naquele chuvoso fim-de-semana, tinha ouvinte. Aproveitou para verbalizar as recordações em voz alta e explicou-me o que tinha feito da vida: onde nascera, onde vivera, como fora para a Marinha durante a Guerra Colonial, como passara pelo Continente para estudar, a vida ocupada dos sobrinhos, a morte da mulher, a infundável escadaria do farol que subia e descia descalço, as noites solitárias de vigia em que ficava acordado horas seguidas, os mergulhos nas profundezas do mar e a apanha das lapas. Medo, era algo que não tinha, nem tem, repetia. Conversa puxa conversa, fui ouvindo com atenção e registei, mentalmente, a propósito do tempo, umas expressões singulares, entre as quais estas: “Já vi chover neve.” e “Em Lisboa, vi neve na Serra da Estrela.”. Pensei nas possibilidades linguísticas que cada falante possui para comunicar e da sua suposta agramaticalidade. A criatividade linguística presente nas figuras de estilo é usada diariamente e não se encontra única e exclusivamente na Literatura. Compreendi perfeitamente aquelas construções. É certo que, habitualmente, não dizemos “chover neve”, já que, em português, existe um verbo para falar da “chuva” (*chover*) e outro para referir a “neve” (*nevar*). Contudo, numa terra onde não é muito habitual nevar, associar o chover à neve é assemelhar o invulgar a algo bem mais comum. Há também que considerar o granizo. Relativamente à outra frase, já não era a primeira vez que ouvia usar “Lisboa” para mencionar o “Continente”. A sinédoque (o emprego da parte pelo todo) tem bastante força representativa. Será, porventura, por isso que este é um uso relativamente difundido na Região Autónoma da Madeira. No meio do discurso, anotei também um “tinha ouvisto”, que já encontrara em muitas outras bocas, mesmo em algumas consideradas cultas. Aliás, nestes dias, num programa radiofónico nacional, aberto à intervenção dos ouvintes, uma pessoa com formação superior começou a construção “tenho ouvis-”, com o início de “ouvisto”, logo substituído por “ouvido”. É habitual marcar empregos como este com um

asterisco, mas decidi não proceder assim com “ouvisto” pelo uso recorrente que tenho notado. Todavia, coloco o termo entre aspas. Porquê expressar algo como “Ela tinha “ouvisto” dizer que ele já não estava cá.”? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão é do domínio da Morfologia. Há dois substantivos, “o ouvido” e “a vista”, que relacionamos com os verbos “ouvir” e “ver”. Os participípios passados destes verbos – “ouvido” e “visto” – são, quanto aos significantes, parecidos com os respectivos substantivos (*Tenho problemas com o ouvido esquerdo. / Tinha ouvido falar do caso. / Ouvidos os queixosos, havia que tomar uma decisão. / Lava os ouvidos com água fria. / Uma vez ouvidas as recomendações, só falta pôr todas em prática. / Fora ouvida com atenção, enquanto contava a história. / Deste miradouro, a vista é magnífica. / Naquele dia, tinha sido vista a tomar café no centro comercial. / As vistas panorâmicas dão bons postais. / As coisas, vistas de perto, não seriam assim tão fáceis. / Tinha visto o acidente de perto. / Foram vistos a fugir e foram apanhados.*). O participípio passado tende a funcionar como um adjetivo e, em diversos casos, vai variando em género e número para estabelecer as necessárias concordâncias. Comparando os dois participípios aqui em causa, acontece que o do verbo “ouvir” termina em “-do”, o que é bastante frequente em Português e é, portanto, considerado regular. O do verbo “ver” não segue esta forma, construindo o participípio passado com “-sto”. Esta diferença na terminação deveria permitir operar a distinção entre os dois participípios, “ouvido” e “visto”, que têm em comum, no entanto, um início de sílaba “vi”. Se é tão clara a diferença, o que leva muitos falantes a associarem a terminação do participípio passado de “ver” à de “ouvir”, dizendo “ouvisto”? A causa da associação que se estabelece, construindo “ouvisto” com base em “visto”, dever-se-á, provavelmente, à similitude entre “-vido” e “visto”. Há, na forma usada por muitos falantes, a recusa implícita do participípio passado em -do (ouvido), ao associar este participípio ao de “ver” (visto). Talvez isto aconteça para poder fazer, com clareza, a diferença entre o substantivo “ouvido” e o participípio passado “ouvido”, que compartilham do mesmo significante. Procedendo assim, é estabelecida uma nítida separação entre o substantivo e a forma verbal, não havendo confusões possíveis entre aquelas duas classes morfológicas: “o ouvido” / “tinha ouvido” -> “tinha ouvisto” (*Tinha ouvido segredarem-lhe ao ouvido histórias cómicas. / Tinha “ouvisto” segredarem-lhe ao ouvido histórias cómicas.*).

Esta hipótese da cópia de “ouvisto” a partir de “visto” poderá não passar de uma analogia que é reencontrada no discurso de diversos tipos de falantes, mas não é reconhecida pelas gramáticas e pelos dicionários. Surge, no entanto, no *Dicionário Houaiss* que também considera ser o “cruzamento do

part. de *ouvir* (*ouvido*) com part. de *ver* (*visto*)”. Contrariamente ao que me parece, para este dicionário, é um vocábulo, estatisticamente, “pouco usado”, sendo um “Uso: informal. m.q. **ouvido**”. Na minha opinião, não é uma construção rara, embora não o possa comprovar com estudos quantitativos. Ouço-a repetidas vezes e, em muitos casos, na fala de pessoas convencidas de seguirem a Gramática. Poderá ser considerada uma variante popular de “ouvido”, se é um “uso informal”? Não me parece que seja, uma vez que tenho observado uma tendência para a substituição de “ouvido” por “ouvisto”, em diversos níveis de língua. Esta forma é tão frequente, reproduzindo-se de tal modo, que se poderá tornar comum e regular dentro de algum tempo, sendo um caso de variação linguística. Terei particular atenção em acompanhar a sua evolução.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão dizer “ouvisto” em vez de “**ouvido**”? Porquê? Ao procurar uma hipótese explicativa para esta forma, parece-me ser um processo de assemelhar “**ouvido**” a “**visto**” (“**ouvido**” -> “ouvisto” – “**visto**”), tendo também por base a forma verbal “**ouviste**” (pretérito perfeito do indicativo). O objectivo desta analogia seria o de distinguir o substantivo “**ouvido**” do participio passado “**ouvido**”, dois homógrafos da mesma família, relacionados com o verbo “**ouvir**”. Contudo, de momento, apesar da substituição que julgo estar em curso, “ouvisto” não é uma construção considerada aceitável. O participio passado de “ouvir” continua a ser “**ouvido**”.

Tira-dúvidas

substantivo a <u>vista</u> <i>Deste miradouro, <u>a vista</u> é magnífica.</i> <i><u>As vistas</u> panorâmicas dão bons postais.</i>	substantivo o <u>ouvido</u> <i>Tenho problemas com <u>o ouvido</u> esquerdo.</i> <i>Lava <u>os ouvidos</u> com água fria.</i> <i>Tinha <u>ouvido</u> segredarem-lhe ao <u>ouvido</u> histórias cómicas.</i>
verbo <u>ver</u>	verbo <u>ouvir</u>
particípio passado do verbo “ver” <u>visto</u>	particípio passado do verbo “ouvir” <u>ouvido</u>
<i>Tinha <u>visto</u> o acidente de perto.</i> <i>Foram <u>vistos</u> a fugir e foram apanhados.</i> <i>Naquele dia, tinha sido <u>vista</u> a tomar café no centro comercial.</i> <i>As coisas, <u>vistas</u> de perto, não seriam assim tão fáceis.</i>	<i>Tinha <u>ouvido</u> segredarem-lhe ao ouvido histórias cómicas.</i> <i>Tinha <u>ouvido</u> falar do caso.</i> <i><u>Ouvidos</u> os queixosos, havia que tomar uma decisão.</i> <i>Fora <u>ouvida</u> com atenção, enquanto contava a história.</i> <i>Uma vez <u>ouvidas</u> as recomendações, só falta pôr todas em prática.</i>
<p>“ouvisto”</p> <ul style="list-style-type: none"> → ocorre, essencialmente, no registo oral → não é uma forma referida em grande parte das gramáticas e dos dicionários → o <i>Dicionário Houaiss</i> menciona esta forma como um uso pouco frequente e informal, correspondendo a “ouvido” → por analogia, resultará do particípio passado de “ouvir” (<u>ouvido</u>) construído como o de “ver” (<u>visto</u>) → possui um significante bastante idêntico à forma verbal “ouviste” (pretérito perfeito do indicativo) → é um uso que acaba por desfazer a homografia de “ouvido” (substantivo) e de “ouvido” (particípio passado), que terão origem comum 	

Porquê estudar a fala, sobretudo no dia da voz?

Para comemorar o dia da voz, que se celebrou há algum tempo, hoje, não vou pensar sobre nenhum uso linguístico específico. Este é, todavia, um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor, não significando que saiba tudo ou que os assuntos fiquem, na íntegra, resolvidos. Portanto, não terei nenhum tira-dúvidas como habitualmente, mas apenas algumas figuras ilustrativas. Vou, assim, abordar alguns pontos relacionados com a análise da fala, onde a voz tem um lugar preponderante. Porquê estudar a fala? Qual o interesse de passar, horas e horas, a analisar produções fónicas? Para mim, a Fonética é aliciante e é um desafio observar a fala, visto que permite entender como se processa parte da nossa quotidiana comunicação áudio. Todos os dias, chegam-nos (a mim e a si também, creio eu) aos ouvidos vozes portuguesas diversas. Podemos compreender as mensagens que transmitem ou não, mas somos quase sempre capazes de reconstruir o que foi dito, mesmo quando não foi devidamente articulado. Nestes dias, por exemplo, ouvia uma entrevista a um antigo Presidente da República e verifiquei que a articulação dele tinha falhas. Porém, reconstruí, sem grandes problemas, a mensagem. Como não gravei a entrevista, não poderei mencionar concretamente este caso. No entanto, este episódio vai ao encontro do que tenho andado a observar, no estudo da prosódia de frases declarativas e interrogativas com a mesma estrutura frásica, no âmbito do projecto internacional *Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico* (AMPER). Com meios tecnológicos inovadores e novas ferramentas informáticas, além de ouvir a voz individual de cada um, é possível vê-la. Procede-se, primeiro, à gravação da fala e, depois, passa-se à sua observação minuciosa por meio de programas de análise de voz, que permitem a visualização da onda sonora e do espectrograma. Este é uma espécie de radiografia do material fónico. Na observação, áudio e visual, em que a audição e a visão se complementam, descobre-se, com frequência, que os elementos ditos não correspondem integralmente aos ouvidos, registando-se um desajuste, porque muitos sons captados não foram, na realidade, produzidos. Para ilustrar esta brevíssima e simples apresentação, dou três exemplos – “fadista”, “capelas” e “popular” – produzidos por uma mulher.

No português, e decerto noutras línguas, é sabido que as vogais finais átonas tendem a cair, passando, previamente, por um processo de enfraquecimento. A queda de sons, sobretudo vocálicos, nem sempre é captada pelo ouvido do falante nativo. Aqui, não será possível, por razões óbvias, dar

lugar à audição, mas é viável apresentar algumas figuras com ondas sonoras e espectrogramas, onde se observa este fenómeno fonético. Se se compararem as figuras 1 e 2 com a palavra “fadista”, descobre-se uma clara diferença entre ambas, a este nível. Na figura 1, as três vogais de “fadista” não têm a mesma duração, nem foram produzidas com a mesma energia. A vogal tónica (“fadista”) é forte e longa. Por esta razão, não cai, tendendo a constituir-se como um “pilar basilar”. Em contrapartida, a vogal final de “fadista” é fraca e corresponde a um leve sopro. Observa-se isso na onda sonora (em cima, na figura) e no espectrograma (em baixo). Embora restem dela uns vestígios muito ténues, está numa fase de apagamento. Na figura 2, contrariamente à 1, a vogal final de “fadista” é produzida com bastante energia, sendo visível na onda sonora e no espectrograma. Existe, então, uma certa variação na articulação da vogal final átona. A figura 3 representa “capelas”. As duas primeiras vogais ocorrem, mas a terceira não é produzida. Ao ouvido, no entanto, é perceptível. A análise, através da segmentação das vogais, permite concluir que a terceira vogal não é realizada. Há, em seu lugar, o prolongamento da consoante “l” até o “s” final. Nem na onda sonora, nem no espectrograma, é visível a vogal final, já que aparece um “l” bastante longo. Opostamente, na figura 4, em “capelas”, são realizadas três vogais. A terceira está presente, reencontrando-se na onda sonora e no espectrograma. Com estes casos de “fadista” e “capelas”, podemos pensar que são sobretudo as vogais finais que tendem a enfraquecer e desaparecer, mas não é bem assim. Na figura 5, numa ocorrência de “popular”, são produzidas a primeira e a terceira vogais, enquanto a segunda, no interior, caiu. Esta vogal de “popular” não é articulada e, onde deveria aparecer, combinam-se “p” e “l”, sendo esta última consoante longa. Curiosamente, no final, depois de “r”, foi adicionada uma vogal, um “e”. Isso é observável, quer na onda sonora, quer no espectrograma.

É certo que estes são alguns exemplos produzidos por uma informante, mas correspondem em larga medida, como tenho vindo a observar, à pronúncia de vários falantes de língua portuguesa. Assim sendo, na minha opinião, o que se pensa que se diz (quem quer que seja, mesmo quem crê ter uma articulação excelente) não coincide, real e integralmente, com o que é dito, nem com o que os outros julgam ouvir. Pensar-se-á que estes fenómenos acontecem numa pronúncia rápida. No entanto, estou convicta do contrário porque se observam em produções fónicas consideradas “normais”, nem rápidas, nem pausadas. A descrição fonética, fruto de um estudo consistente, põe em causa grande parte da estrutura linguística que conhecemos, nomeadamente a nível fonológico. Para dar um exemplo, se a segunda vogal de “popular” não é articulada, o esquema silábico estabelecido (consoante + vogal/ consoante + vogal/ consoante + vogal + consoante) fica alterado. A sílaba “pu” deixa de existir e passa a formar-se uma outra (“plar”). A palavra de três sílabas (“po/pu/lar”) fica apenas com duas, uma aberta e outra

fechada (“po/plar”), se não for adicionada nenhuma vogal final. Se isto acontecer, como é o caso nesta ocorrência (“po/pla/re”), e em muitas outras, terão de se considerar três sílabas (consoante + vogal/ consoante + consoante + vogal/ consoante + vogal), deixando a palavra de ser oxítona (aguda) para ser paroxítota (grave). A diversidade articulatória manifesta-se na tendência para suprimir, adicionar ou até alterar sons. Com a constante variação linguística intra-individual e inter-individual, dever-se-á considerar que não existirá uma única pronúncia, mas que haverá uma tendência predominante e esta, pelos vistos, não coincide com a fixada. A observação leva a considerar que seria necessário rever grande parte da descrição linguística existente para a língua portuguesa, a fim de compreender e descrever a pronúncia contemporânea. São múltiplas as investigações que se vão fazendo neste sentido e ainda bem. Nestas circunstâncias, a voz é indispensável para que tal possa acontecer.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas, aqui constituído por figuras, porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão estudar a fala, por meio da análise da voz? Porquê? É para conhecermos, em profundidade, o processo comunicativo e a língua comum que possibilita a compreensão mútua.

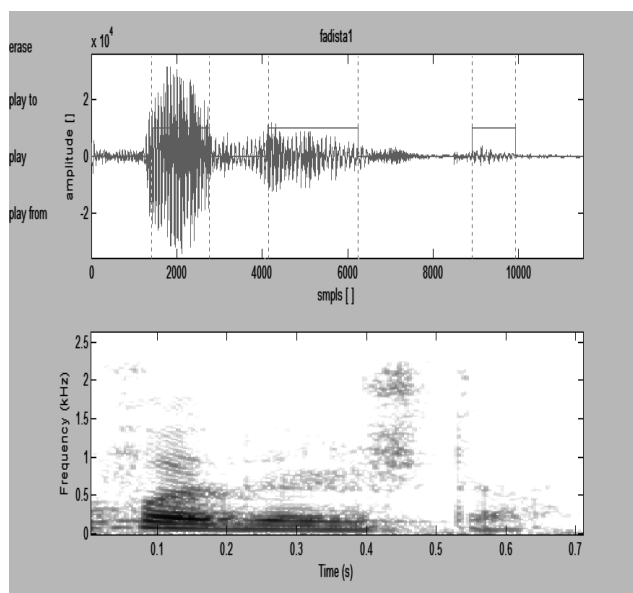


Figura 1 – FADISTA 1: As três vogais de “fadista” surgem delimitadas com barras. Comparativamente às duas primeiras, a vogal final é muito fraca, pondo-se em causa a sua real existência, e isso observa-se, tanto na onda sonora (em cima), como no espectrograma (em baixo).

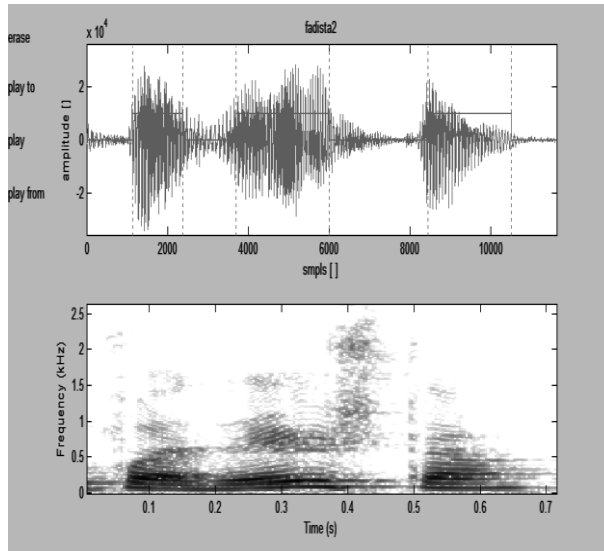


Figura 2 – FADISTA 2: Como na figura 1, as três vogais de “fadista” surgem delimitadas. Contrariamente ao que é verificado na figura 1, a vogal final de “fadista” é produzida com bastante energia, sendo bem visível na onda sonora e no espectrograma.

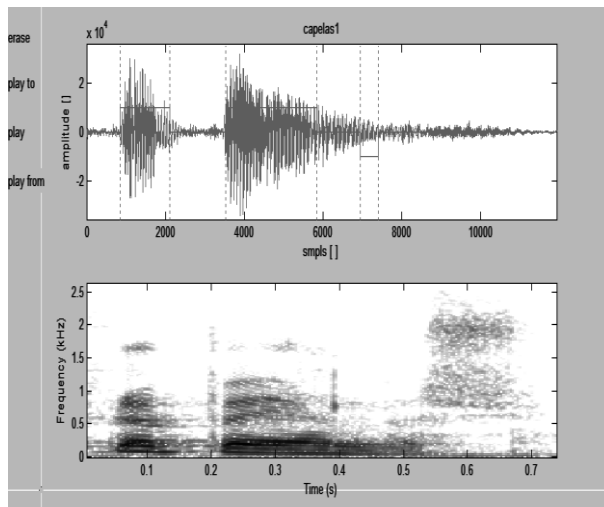


Figura 3 – CAPELAS 1: As duas primeiras vogais de “capelas” surgem delimitadas porque ocorrem, mas a terceira não é articulada (ver as duas últimas barras). Ao ouvido, contudo, é perceptível. A análise, através da segmentação, permite concluir que a terceira vogal de “capelas” não é produzida. No espaço que deveria ser o seu, há o prolongamento da consoante “l”. Comparativamente às duas primeiras, a vogal final de “capelas” não se observa, nem na onda sonora, nem no espectrograma. Em seu lugar, está um “l” bastante longo.

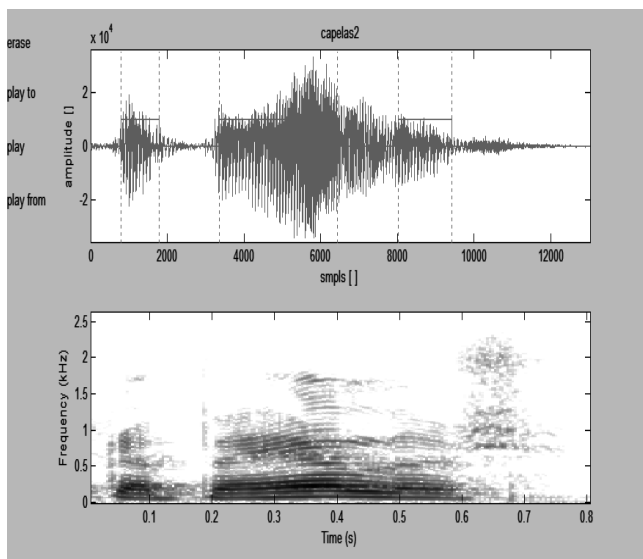


Figura 4 – CAPELAS 2: As três vogais de “capelas” estão delimitadas porque ocorrem, incluindo a terceira que é articulada e isso verifica-se na onda sonora e no espectrograma.

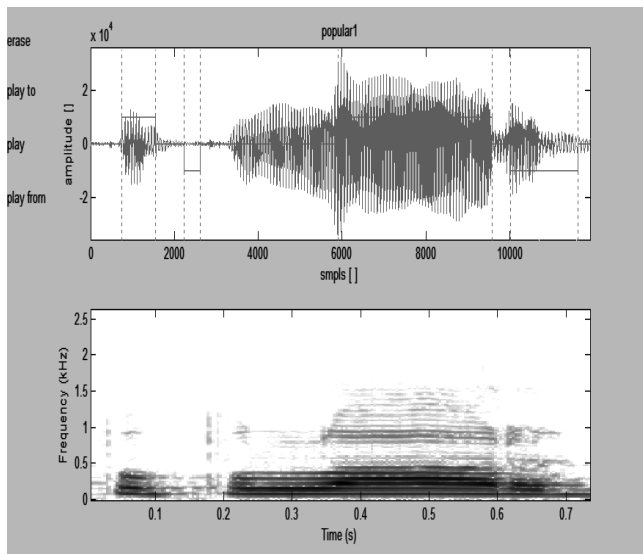


Figura 5 – POPULAR 1: Nesta ocorrência de “popular”, só são produzidas a primeira e a terceira vogais. A segunda (“popu~~lar~~”), cuja queda é assinalada, não é articulada. Onde deveria aparecer, as consoantes “p” e “l” combinam-se, sendo esta última longa. No final, depois de “r”, aparece uma vogal, um “e”. Isso é bem visível, quer na onda sonora, quer no espectrograma.

É “vinte e um ano” ou “vinte e um anos”?

De acordo com a comunicação social, o Nobel da Literatura, Mario Vargas Llosa, terá afirmado que os jovens pensam como macacos porque escrevem muito mal. Basicamente, foi este o raciocínio ouvido, já que não tive a honra de contactar, pessoalmente, com a posição do autor. Na minha modesta opinião de docente com mais de 21 anos de serviço universitário (É vinte e um ano ou vinte e um anos? Já volto a esta questão.), permito-me discordar. Será que um escritor escreve sempre bem ou sempre escreveu bem? O que significa “bem” e “mal” na escrita? Como seriam os apontamentos, os exames, os bilhetes, os postais de Vargas Llosa? Como é a sua escrita diária: mensagens, recados escritos, etc.? Nas diversas fases de crescimento, nos vários graus de ensino, terá, a sua escrita privada e pública, evoluído? Será que nunca usou abreviaturas? Nunca deu erros? Usou constantemente um vocabulário rico? Recorreu, desde tenra idade, aos processos retóricos? Não posso emitir uma opinião, quanto ao castelhano de Vargas Llosa, porque nunca tive a sorte de ler os seus originais. Porém, como o processo será o mesmo para a língua portuguesa, posso opinar relativamente à ideia geral.

Pela minha curta experiência docente, sei que a aquisição da escrita, e o seu domínio, como para o registo oral, se faz paulatinamente por meio da educação, da aprendizagem. Sei que, socialmente, um indivíduo se movimenta em diversos níveis de linguagem, não falando, nem escrevendo, de modo idêntico em situações comunicativas diferentes. É consensual e está generalizada a ideia de um indivíduo não falar do mesmo modo em privado e em público, num ambiente informal (num grupo de amigos, num café) ou formal (numa entrevista para um emprego). Assim sucede com a escrita, já que enviar uma SMS (pelo feminino “mensagem”) a um amigo ou uma carta para uma candidatura a um emprego não é o mesmo. Estará comprovado que, nas comunidades linguísticas, os indivíduos, sobretudo se formados, usam destramente os registos linguísticos, do mais cuidado ao menos. Os palavrões não têm lugar num nível de língua muito cuidado. O vocabulário rebuscado não ocorre na linguagem popular. Dito isto, parece que o problema da escrita dos jovens reside no uso e abuso das abreviaturas, mas estas são muito úteis e empregamo-las há muito. Todos escrevemos: “R/C”, “A/C”, “1.º”, “Ex.^{mo}” ou “Prof.”, entre outras. Haverá, então, abreviaturas mais aceitáveis que outras. No português, as que causam desagrado (em parte, a mim também) são as que os jovens (e menos jovens) grafam com “k” ou as que registam grande influência do Inglês. No meu entender, o problema deste empobrecimento da expressão escrita, onde ainda figuram

os “sorrisos”)), só se coloca quando os jovens não conseguem passar para outros níveis de linguagem. Há estudantes universitários, uma minoria, que usam, em exames e em respostas de desenvolvimento, abreviaturas próprias de apontamentos e isso é inaceitável porque não conseguem distinguir a situação informal do registo de apontamentos da dos exames, bastante formal. Contudo, quando são alertados, percebem a diferença e tomam consciência do problema que conseguem resolver. Aprenderam. Portanto, embora compreenda a comparação provocante de Vargas Llosa, não posso, no geral, concordar com ela. A meu ver, só os jovens que usem um baixo nível de linguagem oral ou escrito, não conseguindo passar para outros registos porque não identificam os restantes, apesar de frequentarem o ensino regular, é que são casos problemáticos. É certo que a maioria não tem um vocabulário rico e diversificado; dá vários erros; pontua indevidamente e tem de trabalhar a expressão escrita, e a oral, para ultrapassar dificuldades de aprendizagem. Porém, quem não terá de melhorar as suas competências linguísticas? As proporções irão variando, está visto, mas vivemos e aprendemos constantemente para nos tornarmos cidadãos de pleno direito. Acredito que, através do processo educativo, resolvemos grande parte destes problemas, embora a outra parte a adquiramos fora dos bancos das escolas. Assim, se não subscrevo a opinião de Vargas Llosa é também porque me dou conta que muitos adultos não dominam a própria língua, e não é por o português ser difícil (desculpa generalizada), visto que acontece com os das outras línguas, inclusive de castelhano. Talvez Vargas Llosa ficasse convencido pelo meu argumento, se lesse uma versão de bolso portuguesa (tradução cedida pelas Publicações Dom Quixote) de *A Tia Júlia e o Escrivedor*, onde, por exemplo, a colocação dos pronomes átonos choca com uma leitura mais atenta. Não são só os jovens que têm problemas com o discurso oral ou escrito. Há muitos adultos, nem sempre os menos formados, que têm dificuldades. Alguns usam, por exemplo, “vinte e um ano”. Aliás, o revisor automático do computador não identifica qualquer erro nesta sequência. Pode, então, usar-se “vinte e um ano”, “trinta e um ano”, etc.? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será das áreas da Morfologia e da Sintaxe por incidir sobre a noção gramatical de “concordância”. Envolverá também a da Semântica, por interferir com o campo das significações. Segundo a Gramática Tradicional, sabemos-lo desde o ensino elementar, implica relacionar o género (masculino / feminino) e o número (singular / plural) de elementos de diversas classes morfológicas: no singular e no masculino – “um sapato moderno” / no singular e no feminino – “uma mesa moderna” / no plural e no masculino – “dois sapatos modernos” / no plural e no feminino – “duas mesas modernas”. O assunto é de uma simplicidade evidente.

Porém, com frequência, a Gramática não é seguida, como no caso das pessoas que dizem “vinte e um ano”. O número “vinte e um” corresponde a um plural e, ao juntar-lhe um substantivo como “ano”, a concordância a fazer terá de envolver o plural, ou seja, “vinte e um anos”. Se se empregasse um substantivo feminino como “maçã”, seria “vinte e uma maçãs”. Isto faz com que, na sequência “vinte e um anos”, a concordância não seja feita com “um”, o último elemento do numeral, mas com o todo, “vinte e um”, partindo de “vinte”: “vinte anos” / “vinte e um anos”. Assim, a concordância leva a reconhecer diferenças gramaticais em “um ano” (masculino e singular) / “vinte anos” (masculino e plural) / “vinte e um anos” (masculino e plural) ou “uma maçã” (feminino e singular) / “vinte maçãs” (feminino e plural) / “vinte e uma maçãs” (feminino e plural). Neste seguimento, diz-se no singular “um milhão”, embora seja um plural semântico. Por causa de “um”, o numeral funciona como os colectivos, em que há a ideia de um conjunto. Em “um bosque”, reconhece-se um conjunto de árvores e arbustos. Contudo, “dois bosques” é plural como “dois milhões” “dois milhões e meio”, “dois mil indivíduos” / “duas mil pessoas”. Com “um milhão e meio”, como será? Deve usar-se o singular ou o plural?

O que era simples e evidente torna-se um pouco mais complexo. Para responder à questão, dou dois exemplos de concordância que envolvem números e que encontrei casualmente. O primeiro – “6% dos portugueses disse ter sido vítima de assalto no último ano (4% média da OCDE).” (*Notícias Magazine* de 19/06/2011, p. 10) – falha a concordância entre o sujeito plural da oração principal, “6% dos portugueses”, e o predicado (6% dos portugueses disseram), assim como entre o sujeito subentendido (plural) da oração subordinada e o predicado (terem 6% dos portugueses, sido vítimas). O segundo – “Cerca de 1,8 milhões de pessoas morrem anualmente por fazerem as suas necessidades em condições higiénicas intoleráveis.” (*Diário de Notícias*, 23/11/2009, p. 48) – dá que pensar. Se se diz “um milhão morre”, este singular, morfológico e sintáctico, deveria manter-se em “um milhão e meio morre” ou “um milhão e oitocentos morre”. Apenas com “dois milhões” se deveria começar a empregar o plural. Porém, o plural semântico, que reenvia para “cerca de dois milhões”, interfere com o singular morfológico e sintáctico marcado por “um” (cerca de um milhão e oitocentas). Como o número 1,8 ultrapassa o 1 (“um milhão”), não chegando bem ao 2 (“dois milhões”), deveria manter-se o singular gramatical. Todavia, por estar quase nos “dois milhões”, o plural pode ser admitido, embora seja mais semântico do que sintáctico. Aceita-se, assim, o plural em “Cerca de 1,8 milhões de pessoas morrem”.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão dizer “vinte e um anos”, mas “um milhão de pessoas

morre” ou “um milhão e oitocentas pessoas morre”? Porquê? É por causa das concordâncias gramaticais e porque um colectivo (outra noção gramatical) é um singular morfológico e sintáctico, embora corresponda a um plural semântico. Além disso, o numeral “um” em “um milhão” origina a concordância, o que não acontece em “vinte e um”. Adultos ou jovens, antes de escrevermos ou falarmos, interroguemo-nos, talvez nos tornemos menos macacos e mais humanos.

Tira-dúvidas

CONCORDÂNCIA	
NÚMERO (singular / plural)	GÉNERO (masculino / feminino)
um sapato moderno / dois sapatos modernos uma mesa moderna / duas mesas modernas um ano / vinte anos / vinte e um anos um milhão / dois milhões um bosque / dois bosques um milhão e meio / dois milhões e meio <u>um milhão</u> de pessoas <u>morre</u> <u>um milhão e meio</u> de pessoas <u>morre</u> <u>um milhão e oitocentas</u> pessoas <u>morre</u> cerca de <u>1 milhão e 800</u> pessoas <u>morre</u> <u>quase 2 milhões</u> de pessoas (cerca de 1,8) morrem 6% dos portugueses <u>disseram</u> <u>terem</u> sido <u>vítimas</u> de assalto no último ano	um sapato moderno / uma mesa moderna dois sapatos modernos / duas mesas modernas uma maçã / vinte maçãs / vinte e uma maçãs dois mil indivíduos / duas mil pessoas

Diz-se “muita grande” ou “muito grande”?

Acabei de ler *A lição* da autoria de Eugène Ionesco. Nesta peça de teatro com três personagens apenas: a aluna, o professor e a empregada doméstica, a evolução comportamental da aluna e do professor são opostas, completamente inversas. Enquanto o entusiasmo da aluna vai decaindo com o decorrer da lição, o do professor vai aumentando, ficando, literalmente, fora de si, aquando das matérias de Linguística para a explicação de determinado vocabulário, como a palavra “faca”. No conjunto, só a empregada se mantém igual a ela própria, coadjuvando o professor que a ignora, mas necessita dela. O papel imprevisto e nefasto do professor representa uma visão negra do efeito que provoca nos alunos, retirando-lhes toda a vivacidade e a vitalidade. Como alunos que fomos, todos temos histórias para contar dos “nossos” professores, embora, porventura, não tão absurdas ou terríveis quanto esta. Quem foi aluno e passou a ser professor tem ainda mais, já que conhece os dois lados do processo educativo. Pela positiva e pela negativa, há professores que nunca esqueceremos, sucedendo o mesmo com alguns alunos. É certo e sabido que é impossível agradar a todos. Assim acontece, quando somos professores. Consequentemente, é preciso aceitar esta situação e continuar a ensinar. Os professores que nos marcaram pela positiva são aqueles com quem estabelecemos alguma empatia. Serão recordados porque aprendemos, descobrimos, algo com eles. São o modelo que queremos seguir.

Aprendi com o Professor Doutor Jorge Morais Barbosa, Professor Jubilado da Universidade de Coimbra (já falecido e a quem presto homenagem), a questionar as evidências da língua portuguesa e, entre muitos outros ensinamentos, o hábito de apontar em blocos de notas tudo o que não quero esquecer. Ando, quase sempre, com um para anotar as particularidades linguísticas que vou ouvindo, lendo ou dizendo. Pode acontecer que não o tenha à mão, mas procuro, o mais rapidamente possível, uma folha de papel para evitar que a memória deturpe ou apague o que tinha interesse em reter. Ao reler, com calma, umas páginas de um destes blocos, detive-me na sequência “muita grande”, extraída de um artigo do *Jornal da Madeira* de 04-05-2010. Inexplicavelmente, não tenho mais nada – nem a indicação da página, nem a da autoria. De qualquer forma, para o que importa, a reflexão, estes elementos são suficientes, já que pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece ser, sobretudo, do domínio da Morfologia, visto haver uma confusão entre “muito” enquanto advérbio e “muito” usado como determinante ou pronome. A Gramática Tradicional organiza em classes morfológicas (paradigmas) os diversos elementos da língua portuguesa, tendo, cada uma, particularidades muito específicas. Assim, há a classe dos verbos, a dos adjectivos, a dos substantivos, a das preposições, a dos advérbios, entre outras. Por vezes, sucede que um elemento possa pertencer a mais do que uma classe, dependendo do uso que dele se fizer. Por exemplo, “comer” é um verbo (*Se comer bem ao pequeno-almoço, ficarei saciada.*), mas pode também integrar a classe dos substantivos (*O comer é essencial para a sobrevivência.*). É frequente, nomeadamente na Madeira, ouvir alguém dizer “vou fazer o comer”. Como verbo, exige a flexão verbal (*se eu comer, se tu comeres, se ele comer, se nós comermos, etc.*) e, enquanto substantivo, vai variar em número (singular ou plural), seguindo a flexão nominal (*o comer – os comeres*), podendo também ocorrer em expressões como “os comes e bebes”.

Para “muito”, o caso é basicamente idêntico ao de “comer”, já que pertence a classes morfológicas distintas. Por um lado, como advérbio, é invariável, mantendo-se, portanto, constante e comportando a ideia de “intensidade”. Por exemplo, dizemos: *Aquele prédio parece-me muito alto.* / *Aquela parede parece-me muito alta.* / *Aqueles prédios parecem-me muito altos.* / *Aquelas paredes parecem-me muito altas.* Sabemos que é um advérbio porque escrevemos sempre “muito”, mesmo quando incide sobre um termo no plural ou no feminino. Reconhecemo-lo, visto que ocorre antes de **adjectivos** (*Esta mesa é muito grande.* *Estes sacos são muito pesados.*) ou de **advérbios** (*Muito comodamente, lia na cama. Foi embora para muito longe.*), mas também depois de **verbos** (*Correu muito porque deu mais de 20 voltas à pista.* / *Enquanto estivemos a tomar café, falou muito.*). Por outro lado, se pertencer à classe dos pronomes ou à dos determinantes, é variável em género (feminino ou masculino) e número (singular ou plural), tendo as seguintes variantes contextuais: “muito”, “muitos”, “muita”, “muitas”. Se for determinante, figurará antes de um **substantivo** e funcionará, de certo modo, como um adjectivo, transmitindo a noção de “quantidade considerável”, (*Comprei muitas cerejas e muitos figos.* / *Comeram muito pão e muita carne, mas não beberam, nem muito vinho, nem muitas águas.*). Se substituir um nome, isto é, um substantivo, será considerado um pronome (*Havia várias andorinhas perto de casa. Quando nos aproximávamos, muitas voavam para longe e algumas ficavam nos telhados.* / *Filmes, vi muitos.*).

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão escrever “**muito grande**” em vez de “muita grande”? Porquê? É porque “grande” é um adjectivo e “muito” é um advérbio, sendo

este, conseqüentemente, invariável e grafando-se “muito”. Conhecer as classes morfológicas ajuda a falar e a escrever, ultrapassando modas linguísticas – por vezes baseadas em erros – que se vão difundindo. Esta construção é uma delas, já que é corrente ouvi-la, essencialmente em frases exclamativas. Regista-se, então, a substituição de “muito” por “muita”, mas continua a ser advérbio. Como acontece com “muita grande”, a construção ouve-se em frases do género destas: “São muita fortes!” ou “É muita boa!”. Porém, pelas mesmas razões indicadas para “muito grande”, deveria ser “São muito fortes!” e “É muito boa!”. Estudar Gramática Tradicional pode ser aborrecido para uns, mas muito divertido para outros. O nosso gosto educa-se e deriva, essencialmente, do gosto daqueles que nos educam. É, quanto a mim, uma questão circular. Só podemos ensinar o que aprendemos e passámos a saber. Só podemos saber o que aprendemos ou descobrimos porque nos ensinaram. Gostar (de ensinar e aprender) tem reflexos nas atitudes. Os alunos aprenderão a gostar, se os professores também tiverem esse gosto. Se estes não o tiverem, não o transmitirão. Sucederá, então, em parte, o que vai acontecendo em *A lição* de Eugène Ionesco.

Tira-dúvidas

invariável	variável (género e número)
Advérbio	Pronome ou determinante
<ul style="list-style-type: none"> • antes de adjectivos • antes de advérbios • depois de verbos 	<ul style="list-style-type: none"> • determinante: antes de substantivo (funciona como um adjectivo) • pronome: substitui um nome (substantivo)
“muito”	“muito”, “muitos”, “muita”, “muitas”
<ul style="list-style-type: none"> • antes de adjectivos <p>Esta mesa é <u>muito</u> grande. Estes sacos são <u>muito</u> pesados. Aquele prédio parece-me <u>muito</u> alto. Aquele parede parece-me <u>muito</u> alta. Aqueles prédios parecem-me <u>muito</u> altos. Aqueles paredes parecem-me <u>muito</u> altas</p> <ul style="list-style-type: none"> • antes de advérbios <p><u>Muito</u> comodamente, lia na cama. Foi embora para <u>muito</u> longe.</p> <ul style="list-style-type: none"> • depois de verbos <p>Correu <u>muito</u> porque deu mais de 20 voltas à pista. Enquanto estivemos a tomar café, falou <u>muito</u>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • determinante: antes de substantivo <p>Comprei <u>muitas</u> cerejas e <u>muitos</u> figos. Comeram <u>muito</u> pão e <u>muita</u> carne, mas não beberam, nem <u>muito</u> vinho, nem <u>muitas</u> águas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • pronome: substitui um nome (substantivo) <p>Havia várias andorinhas perto de casa. Quando nos aproximávamos, <u>muitas</u> voavam para longe e algumas ficavam nos telhados. Filmes, vi <u>muitos</u>.</p>

Diz-se “casou-se” ou “casou”? Porquê?

Apesar de as estatísticas indicarem que o número de casamentos tem diminuído, em Portugal, ainda é relativamente elevado, essencialmente na época de maior calor. O povo defende que “casamento molhado é abençoado”, mas os noivos continuam a preferir os dias de sol para celebrar a ocasião. As tradições podem ter fundamentos que perduram com o passar dos anos e parece-me ser o caso, quando se fala em “casar” na acepção de “contrair matrimónio”. Na nossa sociedade, a emancipação da mulher é recente e, com ela, houve algumas mudanças a nível de casamento. Antigamente, e ainda hoje em muitas sociedades, a mulher era “dada em casamento” e obrigada a casar, forçada a fazê-lo, mesmo contra a própria vontade, não tendo qualquer possibilidade de expressar a sua opinião livremente. Isso, por vezes, acontecia (e pode acontecer ainda) também com o homem, a quem a família escolhia a noiva. Casar não era, portanto, um acto voluntário, uma escolha livre e responsável, mas uma imposição. A questão do dote adquiria grande relevância e as jovens iam preparando o enxoval, até à data marcada, acumulando, em malas com cheiro a naftalina, todo o género de bens, sobretudo roupas para a casa. Hoje, nas sociedades “mais desenvolvidas”, casa quem quer. Não é exigido a ninguém e as mulheres já não são “dadas em casamento”. O desejo de não institucionalizar uma relação desencadeou outras formas de vida em comum, que, no fundo, irão dar ao mesmo por se oficializarem aos olhos das leis, com o tempo. Há, porém, muitos que desejam casar. Se a liberdade impera para o concretizar, por que razão haverá tantos divórcios? É um daqueles contra-sensos de difícil explicação. Seria curioso, a nível sociológico, procurar as razões para o fenómeno. Postas as questões sociais de lado, fico com uma do domínio linguístico. Tenho ouvido dizer “casou-se”, a um grande número de pessoas, das mais às menos instruídas, enquanto outras preferem apenas “casou”. Porquê esta diferença? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Morfologia, da Sintaxe, da Semântica e da Pragmática. Morfologicamente, há uma distinção entre uma construção verbal pronominal reflexa, ou reflexiva, (“casar-se”) e outra exclusivamente com um verbo, sem qualquer pronome (“casar”). Terão o mesmo significado? Serão sinónimas? Usar-se-ão em situações comunicativas idênticas? Para iniciar esta reflexão e simplificar o assunto de carácter sintáctico, semântico e pragmático, sem me poder alon-

gar muito, dou, a fim de facilitar a compreensão, o exemplo de outros dois verbos (Haverá quem conte quatro.): “**lavar**” / “**lavar-se**” e “**chamar**” / “**chamar-se**”. A escolha do uso, ou não, do pronome reflexo por parte do indivíduo não será gratuita. Deverá corresponder a uma diferença no que deseja expressar. A frase a) “**Tu lavas-te rapidamente.**” Tem o sentido de “tomar um duche” ou “fazer a sua higiene”. Na b) “**Tu lavas a louça rapidamente.**”, “lavar” significa “limpar algo, normalmente, com água”. Consequentemente, o objecto sobre o qual recai a acção de “lavar” é distinto nas duas frases. Em a), é o próprio sujeito (“**tu**” – “**te**”), daí se falar em “te” como um pronome reflexo. Em b), é “a louça” que é lavada, o que, na Gramática Tradicional, se considera um complemento de objecto directo. Portanto, a diferença reside no objecto da acção. Será o mesmo para “**chamar**” / “**chamar-se**”. Não é equivalente dizer a frase c) “**Eu chamo a Helena.**” e a d) “**Eu chamo-me Helena.**”. Na c), o sentido geral é o de “chamar por alguém” e, na d), equivale a “apresentar-se” ou a “dizer o seu próprio nome”. Assim, as formas verbais simples (“**lavar**” / “**chamar**”), com um complemento de objecto directo, ou as seguidas dos pronomes reflexos (“**lavar-se**” e “**chamar-se**”) não possuem o mesmo significado, nem ocorrem nas mesmas situações de comunicação. Se, no discurso, se encontrarem frases como “**Eles lavam.**” e “**Eles chamam.**”, isto é, sem complemento, é porque o contexto, já o identificou e não é necessário repeti-lo. Porém, habitualmente, a nível sintáctico, verifica-se a presença de um objecto sobre o qual recai a acção. Este objecto pode ser pronome (*A Margarida lava-as com cuidado. / A mãe chama-os para virem jantar.*) ou não (*A Margarida lava as taças com cuidado. / A mãe chama os filhos para virem jantar.*). Funcionará também assim para “**casar**” e “**casar-se**”? Embora ajude na sua compreensão, penso que este caso se apresenta um pouco diverso do de “lavar” / “lavar-se” ou o de “chamar” / “chamar-se”).

À partida, não haverá substancial alteração de sentido entre “**casou**” e “**casou-se**” por apontarem para “contrair matrimónio”. Então, o que diferenciaria as duas construções? Creio que está tudo num pormenor: o da intenção comunicativa. Ao dizer “**Ele casou.**”, sem pronome, sem complemento de objecto directo, construção perfeitamente aceitável, enuncia-se apenas o acto (*Ele casou. / A Ana e o João casaram, numa sexta-feira. / No dia em que casou, ela ia muito bonita.*). Com pronome reflexo (*Ele casou-se. / A Ana e o João casaram-se, numa sexta-feira. / No dia em que se casou, ela ia muito bonita.*), quanto a mim, realça-se que o acto foi uma escolha do sujeito. A acção que praticou recaiu sobre ele próprio porque a escolha foi livre. Foi o sujeito que “casou ele próprio”. O acto de “casar” é realizado pelos nubentes e o facto de expressar, deliberadamente, o objecto reflexivo vincula o sujeito, confirmando a sua opção pessoal. Assim, a construção pronominal reflexa comportará a informação de “liberdade” e de “responsabilidade” do sujeito, que é, simultaneamente, objecto da acção. A intenção é

a de salientar o compromisso do sujeito no acto de “casar”. Esta perspectiva discursiva assumirá matizes, nomeadamente consoante as diversas sequências sintácticas do discurso. Vejam-se as seguintes: 1) INTRANSITIVA (sem complemento): “**Ele casou.**” – expressão bastante neutra do acto praticado pelo sujeito, sem qualquer identificação do objecto da acção; 2) TRANSITIVA DIRECTA (com complemento de objecto directo): “**Ele casou o jovem par pelo civil.**” – acção praticada por um sujeito distinto dos que contraem matrimónio, que ficam com o papel de objecto da acção, marcando a sua desresponsabilização pelo acto; 3) TRANSITIVA INDIRECTA (com complemento indirecto ou outro complemento introduzido por preposição, que, para facilitar a compreensão, considero, aqui, equivalente ao indirecto): “**Casou com o Júlio, por dinheiro.**” – o objecto da acção praticada pelo sujeito, distintos um do outro, já que “casar” comporta a ideia de “casal”, “par”, “dois”, não tem a responsabilidade do acto, apenas assumida pelo sujeito da acção; 4) BITRANSITIVA (com mais do que um complemento): “**Ele casou o jovem com uma amiga de infância.**” – o sujeito e os dois objectos da acção, identificados separadamente, não coincidem, havendo uma desresponsabilização dos dois objectos da acção; 5) PRONOMINAL REFLEXA (com complemento reflexivo): “**O Pedro casou-se, há um mês.**” – O sujeito que pratica a acção coincide com o objecto dela, o que evidencia que o acto é da sua responsabilidade e da sua vontade, fazendo reflectir a acção sobre si.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão escolher dizer “casou” ou “casou-se”? Porquê? É porque se usam com uma intenção comunicativa diversa, manifestando-se esta através de processos sintácticos. Dizer “casou” representa enunciar apenas a acção em si, à qual se podem associar objectos da acção diversos do sujeito. Optar por “casou-se” é evidenciar que o sujeito “se casa a si próprio” (a responsabilidade é dele), visto que é, igualmente, o objecto da acção. A comunicação vive de pormenores que podem fazer toda a diferença.

Tira-dúvidas

Casar <i>(lavar, chamar)</i>	casar-se <i>(lavar-se, chamar-se)</i>
VERBO eu casei tu casaste ele casou nós casámos vós casastes eles casaram	VERBO + PRONOME REFLEXO eu casei-me tu casaste-te ele casou-se nós casámo-nos vós casastes-vos eles casaram-se
intransitivo (sem complemento) transitivo directo (com complemento de objecto directo) transitivo indirecto (com complemento de objecto indirecto ou outro complemento equivalente, introduzido com preposição) bitransitivo (com dois complementos obrigatórios)	<ul style="list-style-type: none"> • pronominal reflexo (com complemento reflexivo)
INTRANSITIVO <i>Ele <u>casou</u>.</i> <i>A Ana e o João <u>casaram</u>, numa sexta-feira.</i> <i>No dia em que <u>casou</u>, ela ia muito bonita.</i> TRANSITIVO DIRECTO <i>Ele <u>casou o jovem par</u> pelo civil.</i> TRANSITIVO INDIRECTO <i><u>Casou com o Júlio</u>, por dinheiro.</i> BITRANSITIVO <i>Ele <u>casou o jovem com uma amiga de infância</u>.</i>	PRONOMINAL REFLEXO <i>Ele <u>casou-se</u>.</i> <i>A Ana e o João <u>casaram-se</u>, numa sexta-feira.</i> <i>No dia em que <u>se casou</u>, ela ia muito bonita.</i> <i>O Pedro <u>casou-se</u>, há um mês.</i>

Diz-se e escreve-se “quaisquieres” ou “quaisquer”? Porquê?

Recordo-me de um cartaz – creio que da UNESCO – dos anos 80 do século XX que indicava ser o analfabeto do futuro quem falaria (dominaria) apenas uma língua. A afirmação era tão forte que fiquei permanentemente com ela na cabeça. Ao longo dos anos, fui aprendendo várias e, neste momento, por uma questão de necessidade profissional estou a aprender castelhano. É certo que compreendo a língua e que leio textos com alguma desenvoltura, há uns bons anos, mas esta língua possui particularidades que desconheço. Quando se trata de escrever ou de falar tudo se complica. Por coincidência, acabo de passar uma semana em Espanha, mais precisamente na cidade de Cáceres, num congresso internacional de Fonética que decorreu na *Universidad de Extremadura*. Eram várias as línguas de trabalho. Porém, a língua predominante foi a castelhana. No hotel, os funcionários não falavam inglês ou francês e os canais televisivos disponibilizados eram em castelhano. Por todos os lados por onde passei, essa era também a língua de eleição. Estranhamente, nas visitas guiadas, entre as raras propostas culturais que houve, essa língua era a empregue pelos guias. Curiosamente, num grupo plurilingue, tenderíamos a pensar que esse lugar seria preenchido pelo inglês – constituído pela forte influência anglo-saxónica mundial como língua franca – e que iria dominar, mas tal não foi o caso. De Lisboa a Cáceres, o único transporte conciliável com os horários dos voos que tinha era o comboio. Diariamente, sai de Lisboa um com destino a Madrid com uma paragem, a horário altamente indecente, em Cáceres e o regresso tem, também ele, um horário inacreditável, pela noite dentro. O TGV daria muito jeito! Na Gare do Oriente, o anúncio do comboio é feito em português, francês e inglês. Na Estação de Cáceres, é em castelhano, inglês e francês. Porquê este desprezo pelas línguas dos países de partida e destino do comboio? É realmente pertinente a questão. No meio destas reflexões, pensei nas escolhas linguísticas das instituições e nas dos falantes. Veio-me à memória, não sei porquê, a forma “quaisquieres” que se vai ouvindo. Por que razão dizer (e escrever) “quaisquieres” em vez de “quaisquer”? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece ser do domínio da Morfologia, havendo, no meu entender, uma confusão entre “quaisquer” e “quais queres”,

duas opções linguísticas diferentes. Enquanto “quaisquer” equivale apenas a uma única unidade linguística, “quais queres” representa, incluindo graficamente, duas. Explicando um pouco e simplificando: “quaisquer” é, hoje, uma única palavra (um determinante) e “quais queres” é uma sequência de duas (um pronome e um verbo). Penso que a não diferenciação entre ambas leva a empregar “quaisquer” com a terminação de plural “-es”, própria dos elementos finalizados com a consoante “-r”. Contudo, tal não é possível porque, no português, esse não é o processo para construir as formas de plural dos verbos. É-o para os substantivos ou para os adjectivos, mas não para os verbos. A fim de explicar o assunto, sucintamente, tomo cada elemento por si, ou seja, 1) o pronome “qual”, 2) o verbo “querer” e 3) o determinante “qualquer”.

1) “qual” – “quais”

O pronome é, essencialmente, usado nas frases interrogativas, isto é, como pronome interrogativo. Tem uma forma para o singular (qual) e outra para o plural (quais), podendo substituir-se consoante se pretenda uma ou a outra (singular: *Qual é o livro dele?* / *Destes quatro vestidos, qual queres?* / plural: *Quais são os livros dele?* / *Destes quatro vestidos, quais queres?*). Pode também ser um pronome relativo com singular e plural (*O último livro que compraste e vais emprestar ao Pedro, o qual é muito interessante, não é, porém, uma novidade.* / *Os últimos livros que compraste e vais emprestar ao Pedro, os quais são muito interessantes, não são, porém, uma novidade.*), mas igualmente com o feminino “a qual” e “as quais” (*A última revista que compraste e vais emprestar ao Pedro, a qual é muito interessante, não é, porém, uma novidade.* / *As últimas revistas que compraste e vais emprestar ao Pedro, as quais são muito interessantes, não são, porém, uma novidade.*). É ainda considerado uma conjunção, quando substituível por “como” (*Com os braços e as pernas peludos, andava qual um gorila.*). Figura em algumas locuções como “tal qual” (*É tal qual como dissestes.*) ou “cada qual” (*Cada qual sabe de si e ninguém tem nada a ver com isso.*). Além destes, pode ter outros empregos.

2) “querer”: “queres”, “quer”

O verbo “querer” (equivalendo a “desejar” ou “pretender”), quando conjugado no presente do indicativo (*eu quero* / *tu queres* / *ele quer* / *nós queremos* / *vós quereis* / *eles querem*), tem, na segunda pessoa do singular, a forma queres e, na terceira pessoa do singular, quer (*Ela quer que venhas cedo.* / *Tu queres que eu venha cedo.*). Fica claro que “queres” não é nenhum plural de “quer”. Há que pensar que as conjugações verbais não são o mesmo que as flexões nominais (a variação em género, feminino / masculino, e em número, singular / plural, dos nomes). Quando estas formas verbais ocorrem junto do pronome “qual” (“quais” no plural) têm de estar separadas dele (*Tu queres quais deles?* / *Quais deles queres?* / *Quais queres?* / *Tu queres qual deles?* / *Qual deles queres?* / *Qual queres?*).

3) “qualquer” – “quaisquer”

Uma língua viva é dinâmica e vai mudando com os usos que dela se fazem. É a variação linguística que a enriquece (ou empobrece, consoante os casos) e lhe dá vitalidade. Há muito, associou-se “qual” (pronome) a “quer” (terceira pessoa da forma verbal do verbo “querer”). Assim, constituiu-se o determinante indefinido, que também pode funcionar como adjetivo, “qualquer” (*Para mim, um qualquer serve. / Qualquer estudante pode vir à conferência*) e cujo plural é “quaisquer” (*Para mim, uns quaisquer servem. / Quaisquer estudantes podem vir à conferência.*). Em princípio (haverá exceções), quando entram em compostos, as formas verbais não levam as marcas nominais de plural. É o que acontece, por exemplo, em “os belos guarda-chuvas” ou “os novos e cortantes abre-latas”, em que “guarda” e “abre” são, na origem, formas verbais de “guardar” e “abrir”, não admitindo o “-s”, a marca habitual de plural dos nomes. Portanto, só é viável dizer e escrever o determinante indefinido plural “quaisquer” desta maneira.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão se diz e escreve “quaisquer”? Porquê? É porque resulta da combinação do pronome “qual”, com o plural “quais”, e o verbo “querer”, “quer” na terceira pessoa do singular. A terceira pessoa do plural (que não é um real plural da terceira pessoa do singular) é “querem”. Assim, não se pode confundir “quaisquer”, determinante indefinido de um substantivo (*quaisquer pessoas / quaisquer livros*) com “Quais quer?” ou “Quais queres?” que manifestam as formas verbais no seu uso verbal equivalente a, por exemplo, “desejar” (*Quais deseja? / Quais desejas?*). Se se traduzisse para castelhano “qualquer” / “quaisquer” daria, salvo erro de quem está a aprender, “cualquiera” / “cualesquiera” ou “cualquier” / “cualesquier” (“un libro cualquiera” e “cualquier libro”). Se compararmos o português com outras línguas, rapidamente nos damos conta que, nas línguas, as possibilidades são inúmeras e que a nossa não é nem mais fácil, nem mais difícil do que qualquer outra ou, é caso para o dizer, quaisquer outras.

Tira-dúvidas

qual – quais	querer: queres, quer	qualquer – quaisquer
<p>pronome interrogativo pronome relativo (“o qual”, “os quais”, “a qual”, “as quais”) conjunção (substituível por “como”) termo de locuções</p>	<p>verbo “querer” (“desejar”) <u>Presente do indicativo</u> eu quero tu <u>queres</u> ele <u>quer</u> nós queremos vós quereis eles querem</p>	<p>determinante indefinido constituído com “qual” / “quais” (pronome) + “quer” (forma verbal) = “qualquer” / “quaisquer” usa-se antes de substantivo</p>
<p>qual (singular) quais (plural)</p>	<p>Tu <u>queres</u>: segunda pessoa do singular do presente do indicativo Ele <u>quer</u>: terceira pessoa do singular do presente do indicativo</p>	<p>plural: <u>quaisquer</u> pessoas / <u>quaisquer</u> livros singular: <u>qualquer</u> pessoa / <u>qualquer</u> livro</p>
<p><u>Quais</u> são os livros dele? <u>Qual</u> é o livro dele? Destes quatro vestidos, <u>quais</u> queres? Destes quatro vestidos, <u>qual</u> queres? O último livro que compraste e vais emprestar ao Pedro, <u>o qual</u> é muito interessante, não é, porém, uma novidade. Os últimos livros que compraste e vais emprestar ao Pedro, <u>os quais</u> são muito interessantes, não são, porém, uma novidade. A última revista que compraste e vais emprestar ao Pedro, <u>a qual</u> é muito interessante, não é, porém, uma novidade. As últimas revistas que compraste e vais emprestar ao Pedro, <u>as quais</u> são muito interessantes, não são, porém, uma novidade. Com os braços e as pernas peludos, andava <u>qual</u> um gorila É <u>tal qual</u> como dissestes. <u>Cada qual</u> sabe de si e ninguém tem nada a ver com isso.</p>	<p>Ela <u>quer</u> que venhas cedo. Tu <u>queres</u> que eu venha cedo. Tu <u>queres quais</u> deles? <u>Quais deles queres?</u> <u>Quais queres?</u> Tu <u>queres qual</u> deles? <u>Qual deles queres?</u> <u>Qual queres?</u></p>	<p>Para mim, um <u>qualquer</u> serve. Para mim, uns <u>quaisquer</u> servem. <u>Qualquer</u> estudante pode vir à conferência. <u>Quaisquer</u> estudantes podem vir à conferência.</p>

Diz-se “perdoou-o” ou “perdoou-lhe”? Porquê?

Perguntaram-me se, na sequência “da desordem à ordem cognitivas”, o adjectivo estaria bem no plural, concordando com “desordem” e “ordem”. A minha primeira observação foi que a “desordem” não seria “cognitiva” por negar o conhecimento, o saber, a cognição. Portanto, “cognitiva” deveria concordar exclusivamente com “ordem” (da desordem à ordem cognitiva). Admitindo a possibilidade do “conhecimento desordenado”, a questão a resolver seria sintáctica. Giraria em torno do plural. A ligação do adjectivo aos dois substantivos seria válida? Tenho andado a pensar na construção “de SUBSTANTIVO a SUBSTANTIVO + ADJECTIVO PLURAL”. As opções linguísticas dos falantes de uma língua viva são inúmeras. Uns escolhem dizer de um modo e outros de outro, sendo muitos aceites pela comunidade e reconhecidos como adequados. Se se escolhesse a construção habitual “a desordem e a ordem cognitivas” não haveria tantas dúvidas. O plural do adjectivo seria necessário por qualificar “desordem” e “ordem”, embora houvesse a possibilidade de se reportar apenas a “ordem”, ficando no singular. Porém, a escolha queria realçar uma evolução, ou seja, a passagem da desordem à ordem. É um tipo de construção frequente nas referências às deslocções geográficas (“Do Funchal a Machico, a distância não é grande.”), mas que se pode aplicar a outras situações (“Daquela fase histórica a esta, passaram cem anos.” ou “De mim a ti, vai uma grande diferença.”). Se usássemos uma determinação e uma qualificação para as localidades, ocorreriam separadamente, sobretudo se tivessem valores opostos, (“Da grande cidade do Funchal à pequena cidade de Machico, a distância não é grande.”) ou, então, apareceriam num apostro com um plural, referindo-se a ambas (“Do Funchal a Machico, belíssimas cidades da Madeira, a distância não é grande.”). Procurando enunciados onde houvesse a possibilidade de qualificar, de uma só vez, os dois substantivos, ocorreu-me “Da sede à fome insaciáveis, não há grande diferença porque ambas nos perturbam.” e “Das tristezas às alegrias experimentadas, o ser humano vai aprendendo a viver.”. Verifiquei, com estas e outras frases, a validade da construção em causa.

Os problemas linguísticos que me vão colocando são diversificados e interessantes. Se, como uma advogada ou médica, cobrasse por cada um, havia de enriquecer dentro de pouco tempo. Nesta época de crise, abrir um consultório linguístico talvez não fosse má ideia. Entretanto, faço estas reflexões por gosto e para ajudar cada um a pensar na forma como usa a própria língua. A propósito, tenho ouvido a muitas pessoas uma construção do verbo “perdoar” (“Perdo-o, apesar de não esquecer o que me fez.”) que

me deixa intrigada. Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Sintaxe porque permite equacionar a questão da relação que os elementos da frase têm uns com os outros. A Gramática Gerativa (fonte de inspiração da *Nova Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário*, agora disfarçada de *Dicionário Terminológico*) tende a considerar o “predicado” como o conjunto do predicado com os seus complementos, que designa como “sintagma verbal” ou “grupo verbal”. Surge daí, com frequência, a tendência para fazer equivaler a noção de “predicado” à de “verbo”, associando Sintaxe e Morfologia. Assim, em “Os pais ofereceram um piano à Maria.”, o predicado é, segundo este ponto de vista, “ofereceram um piano à Maria”, passando, depois, a decompor este sintagma nos constituintes que o formam: “um piano” é um sintagma nominal complemento directo e “à Maria” um sintagma preposicional complemento indirecto. Porém, a mim, parece-me muito mais aceitável a proposta da Gramática Tradicional, isto é, identificar cada elemento por si e ver as relações que existem entre eles, distinguindo Sintaxe e Morfologia. Portanto, sintacticamente, o predicado é “ofereceram”; o complemento (de objecto) directo (COD ou CD) é “um piano” e o complemento (de objecto) indirecto (COI ou CI) “à Maria”. Esta frase é simples de analisar. Há, porém, muitas que colocam problemas. Não será propriamente o que sucede com “Perdo-o, apesar de não esquecer o que me fez.”, mas esta já obriga a alguma reflexão. Vou concentrar-me em “perdo-o”. A repetição da letra “o” é correcta porque corresponde à primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Se estivesse no pretérito perfeito seria “perdoei-o” e na terceira pessoa do singular “perdoou-o”.

Apoiando-me em diversos enunciados talvez seja mais fácil pensar sobre a presença de “-o” – pronome com a função de complemento directo e que chama a atenção aqui. A Gramática, sobretudo a Tradicional, ensina que há predicados de diversos tipos: nominais, verbo-nominais e verbais. Nestes últimos, há que considerar diversos tipos de verbos: intransitivos, transitivos directos, transitivos indirectos e bitransitivos (transitivos directos e indirectos). Substituindo, nos enunciados que faculto, o COD e o COI pelos respectivos pronomes, e simplificando a explicação, é possível sintetizar os dados assim:

a) intransitivos ou sem complementos (“O João **riu**, durante dez minutos.”, “Do fundo do coração, o Pedro **perdoou**.”),

b) transitivos directos ou com complemento de objecto directo (“A criança **cantou uma canção**.” / “A criança **cantou-a**.”, “Elas **perdoam o mal feito**.” / “Elas **perdoam-no**.”),

c) transitivos indirectos ou com complemento de objecto indirecto (“O Miguel **perdoou ao irmão.**” / “O Miguel **perdoou-lhe.**”, “Ela **telefonou à mãe.**” / “Ela **telefonou-lhe.**”) e

d) bitransitivos ou com complemento de objecto directo e com complemento de objecto indirecto (“A vítima **perdoa o roubo ao ladrão.**” / “A vítima **perdoa-o ao ladrão.**” / “A vítima **perdoa-lhe o roubo.**” / “A vítima **perdoa-lho.**”, “Os pais **ofereceram um piano à Maria.**” / “Os pais **ofereceram-no à Maria.**” / “Os pais **ofereceram-lhe um piano.**” / “Os pais **ofereceram-lho.**”).

Assim, consoante o que se pretende dizer, é possível escolher uma ou outra construção. Todavia, pelo exposto, parece claro que em “perdoou-o”, “perdoei-o” e “perdoou-o”, o pronome “-o” (COD) não é o esperado, visto que representa “a pessoa a quem é perdoado algo” e não “o que é perdoado”. Portanto, o pronome adequado será “lhe” (COI): “perdoou-lhe”, “perdoei-lhe”, “perdoou-lhe” e “Perdoou-lhe, apesar de não esquecer o que me fez.”. O COD tende a ocupar o espaço do COI.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão se diz “perdoou-o” em vez de “**perdoou-lhe**”? Porquê? A tendência é parar preferir construções transitivas do verbo “perdoar” como na frase “A vítima perdoou-o.”. Sem contexto, o pronome “-o” pode equivaler a “o ladrão” (a pessoa a quem se perdoa) ou a “o roubo” (o que é perdoado). A preferência pela construção transitiva directa em vez da indirecta estará na origem destes usos com COD, que se ouvem cada vez mais. Poderá dever-se a uma tendência para a supressão das preposições? É bem provável. A variação linguística é uma evidência na língua portuguesa e, evidentemente, em qualquer língua viva.

Tira-dúvidas

Verbos			
intransitivos	transitivos directos	transitivos indirectos	bitransitivos
sem complemento	com complemento directo	com complemento indirecto	com dois complementos
	Pronomes COD ou CD me me o,a nos vos os,as	Pronomes COI ou CI me te lhe nos vos lhes	
O João riu , durante dez minutos.	A criança cantou uma canção. = A criança cantou-a .	Ela telefonou à mãe. = Ela telefonou-lhe .	Os pais ofereceram um piano à Maria. = Os pais ofereceram-no à Maria. = Os pais ofereceram-lhe um piano. = Os pais ofereceram-lho .
Do fundo do coração, o Pedro perdoou .	Elas perdoam o mal feito. = Elas perdoam-no Perdoou-o . Perdoei-o . Perdoou-o .	O Miguel perdoou ao irmão. = O Miguel perdoou-lhe . Perdoou-lhe . Perdoei-lhe . Perdoou-lhe .	A vítima perdoa o roubo ao ladrão. = A vítima perdoa-o ao ladrão. = A vítima perdoa-lhe o roubo. = A vítima perdoa-lho .
	A vítima perdoou-o .		

Qual a diferença entre “portanto” e “por tanto”? Porquê?

Fevereiro (no dia 21) é o mês em que se celebra o Dia Internacional da Língua Materna, instituído, em 1999, pela UNESCO (organismo das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Esta data lembra um grupo de pessoas, sobretudo estudantes universitários, que morreu por defender o direito de ver o bengali, língua do Bangladesh (que significará, literalmente, “terra da língua bengali”), como língua oficial, quando as entidades governativas da altura (em 1952, esse território pertencia ao Paquistão) procuraram impor o urdu (língua de uma elite minoritária) como única língua oficial. É inimaginável que alguém morra só por defender o direito ao uso da própria língua materna! Ainda bem que, em Portugal, não temos esse problema. Aliás, será, porventura, por isso que os meios de comunicação social, no geral, não dão relevância à efeméride. O português, enquanto romance, isto é, língua derivada do latim, está, oficialmente, atestado em documentos escritos desde o século XIII. Com oito séculos de existência, é uma língua indo-europeia com uma história considerável. Ensiná-la, no seio familiar, como língua materna, ou na escola, é uma responsabilidade muito grande, uma vez que é isso que a perpétua e a mantém viva, preservando-a.

Uma docente de 1.º Ciclo perguntou-me, recentemente, como podia explicar aos alunos a diferença entre “portanto” e “por tanto”, já que eles não faziam a diferença. Para mim, a distinção é evidente, mas, para esta docente, não o é porque, se o fosse, não teria dificuldades em explicar este assunto. Costumamos dizer que sabemos, mas não sabemos explicar. Ora, isso, muitas vezes, é apenas uma desculpa. Esta docente não se desculpou com afirmações do género e reconheceu que precisava de, basicamente, estudar Gramática para poder ensinar a língua materna aos alunos. No pouco tempo de que dispunha, respondi-lhe que “portanto” é um conector como “então”, “assim” ou “pois” e que “tanto”, em “por tanto”, vale por si, podendo variar em género e número (“por tantos”, “por tanta”, “por tantas”). Fiquei a meditar na minha rápida resposta. Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece ser, em parte, do domínio da Análise do Discurso. As construções “portanto” e “por tanto” são homófonas e é este pormenor que complica o seu uso na escrita. As crianças que estão

numa fase inicial da aprendizagem do funcionamento da língua materna não farão a diferença gráfica entre uma palavra ou duas. Porém, não têm equivalência discursiva porque não se empregam nos mesmos contextos. Consequentemente, é bastante evidente quando se deve dizer “portanto” (um único elemento) e “por tanto” (dois elementos). Separados (“por” e “tanto”) até se utilizam menos do que “portanto”, bastante frequente, quando se quer tirar uma conclusão de algo dito previamente. Este conector (elemento de ligação) ocorre em segmentos coordenados conclusivos e aparece entre vírgulas (Nevou. Não há, portanto, aulas.) ou a iniciar uma frase com vírgula logo a seguir (Nevou. Portanto, não há aulas.). Quanto a “por tanto”, que não é discursivamente comum, deverá acompanhar um substantivo (Por tanto tempo passado a brincar, esqueci-me de fazer os trabalhos de casa.), visto que “tanto” determina esse substantivo, concordando com ele em género e número (Por tantas horas passadas a brincar, esqueci-me de fazer os trabalhos de casa.).

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Assim sendo, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão escrever “portanto”, numa única palavra, e “por tanto”, em duas? Porquê? É porque as duas possibilidades existem na língua portuguesa. Correspondem a usos diferentes. Enquanto “portanto” se emprega para tirar uma conclusão de algo dito, “tanto”, em “por tanto”, serve para expressar a indefinição/a quantidade a incidir sobre um substantivo. Para bem da nossa língua materna, nada melhor do que fazer alguns exercícios básicos e breves para verificar a compreensão da diferença entre “portanto” e “por tanto”.

Tira-dúvidas

portanto	por tanto
conector, elemento de ligação, conjunção de coordenação conclusiva	por (preposição) + tanto (determinante indefinido)
sinónimo de “assim”, “logo”, “consequentemente”, etc.	“tanto” pode ser substituído por outros indefinidos “bastante”, “muito”, “pouco”
coloca-se entre vírgulas ou ocorre em início de frase seguido de vírgula Nevou. Não há, portanto , aulas. Nevou. Portanto , não há aulas.	por tanto + <u>substantivo</u> Por tanto <u>tempo</u> passado a brincar, esqueci-me de fazer os trabalhos de casa. Por tantas <u>horas</u> passadas a brincar, esqueci-me de fazer os trabalhos de casa.
Hoje, não há aulas. Portanto , vamos passear. Está muito frio. É, portanto , necessário vestir o casaco, quando saíres. Ela estuda muito. Portanto , passará de ano. Portanto , temos ainda de esperar bastante, até podermos aproveitar os dias para não fazermos nada. Portanto , por tanto trabalho feito, temos de tirar partido do presente.	Por tanto dinheiro, podemos comprar um jogo novo. Vamos ser recompensados por tanto interesse demonstrado. Vais ser castigado por tanta preguiça. Ele está constipado por tanto calor que apanhou na varanda. Vais de férias e, por tantas oportunidades que terás, aproveita ao máximo. Queres ganhar por tanto empenho dedicado ao jogo. Terás um chocolate, por tanto legume que comeste. Por tanto tempo de espera, quase desesperamos, mas temos de aguentar. Portanto, por tanto trabalho feito, temos de tirar partido do presente.

Diz-se “muitas das vezes” ou “muitas vezes”? Porquê?

Num daqueles dias em que não apetece fazer nada e todas as televisões têm os mesmos programas desinteressantes, estava eu a passar de canal em canal, a fazer aquilo a [Usa-se ou não a preposição “a”?] que se chama “zapping”, quando parei num programa cultural da RTP-Informação. Tratavam do livro *Furacão* do escritor francês Laurent Gaudé. Pelo que compreendi, do pouco que vi, o livro retoma o cenário catastrófico do furacão Katerina que passou por Nova Orleães, no estado da Luisiana, em 2005. Ouvia o autor a falar na sua língua, num diálogo com um jornalista português da área cultural. A tradução aparecia em rodapé. A determinado momento, o autor disse sensivelmente isto: “pour savoir où elle en est”, a propósito da personagem principal, enquanto, na legenda, aparecia escrito: “para saber onde ela nasceu”. Esta tradução não tinha nada a ver porque o original significa, aproximadamente, isto: “para saber em que fase estaria”. Dominar uma língua é, de si, difícil. Agora, dominar mais do que uma pode ser complicado, mas não é impossível. Se soubermos pensar sobre a nossa língua materna, teremos as bases para compreendermos o funcionamento das restantes. Com frequência, pensamos conhecer a nossa e nem nos detemos a pensar sobre ela ou nela [As duas preposições são viáveis!]. Por exemplo, e para me manter no âmbito da comunicação social, fui anotando um uso cada vez mais frequente na boca de falantes formados, a exercer diversas funções de responsabilidade. Ouvi dizer “muitas das vezes” em sequências como “Muitas das vezes, os pais não prestam a devida atenção a situações pontuais.”, quando esperaria ouvir “muitas vezes”. Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece ser do domínio da Morfologia porque está claramente relacionada com a diferença entre determinante (que funciona como um adjetivo) e pronome (equivalente a um substantivo) indefinidos, contemplando também a classe das preposições. Nesta, figuram elementos gramaticais invariáveis, em número limitado. Aparentemente menores e insignificantes, têm a função de ligar termos maiores, conferindo, à relação entre eles, determinado sentido específico. Por exemplo, dizer “**morreu de** frio” ou “**morreu com** frio” é diverso. A preposição “de” indica, aqui, a causa da morte e a preposição “com” uma circunstância relacionada com a morte, mas que não a determinou. Apesar de as preposições terem uma importância considerável são, frequentemente, omitidas no

discurso. Contudo, há certas construções e verbos específicos que exigem o seu emprego, embora os falantes as omitam. Decerto, sucede assim porque não têm consciência do que elas são, nem se lembram do que estudaram a seu propósito, na escola, ao longo de vários anos. Para relembrar esta matéria, a do papel imprescindível das preposições, fixo-me no verbo “falar”. É possível dizer, entre outras construções: “falar de”, “falar com”, “falar a”, “falar por” e “falar para”, assumindo os contextos significados próprios, devido, sobretudo, às preposições empregues, como acontece em diversas línguas. Em inglês, é ainda mais flagrante, por estes elementos insignificantes originarem um significado verbal completamente distinto: “get” (obter) “get in” (entrar), “get out” (sair), “get up” (levantar-se), “get down” (descer). Quem disser que o inglês é uma língua fácil de aprender é porque não tem a noção da sua riqueza linguística. As preposições não são, portanto, usadas ao acaso em nenhuma das línguas em que existem. Aliás, nenhum elemento o é numa língua. É idêntico em português, como é verificável com o verbo “falar” seguido de preposição. Portanto, “falar de” corresponde à matéria tratada (“falar de futebol”); “falar com” indica o destinatário do discurso (“falar com o pai do João”) ou o modo como este é proferido (“falar com convicção”); “falar a” pode apontar igualmente para o destinatário (“falar a todos”) ou o meio usado para o discurso (“falar ao telefone”); “falar por” refere-se também ao meio usado (“falar por telefone”) ou à pessoa em nome de quem se fala (“falar pele presidente”) e “falar para” mencionará o destinatário (“falar para os alunos”) ou incidirá sobre a finalidade do discurso (“falar para todos ouvirem”). Com esta limitada demonstração, creio estar comprovada a relevância destes elementos gramaticais que são indispensáveis ao discurso.

Para ilustrar empregos sem preposições, dou alguns exemplos que fui anotando. Não identifiquei autores, embora todos se reportem a situações de comunicação de figuras mais ou menos conhecidas, em diversos acontecimentos públicos, muitos deles formais: “o perfume que gosta”, “visitar os lugares que tanto ouve falar”, “alguém que toda a gente gosta”, “podemos usufruí-lo”, “foi este o programa que aderi”, “pensar em pontos que (...) nem nos apercebemos”, “aquilo que o país precisa”, “a democracia não é uma coisa que as pessoas precisam”, “há coisas neste país que estamos todos de acordo” e “é tudo contra aquilo que acredito”. O revisor automático não assinalou nenhum lapso, erro ou falha, nos excertos citados. Porém, em todos eles, falta uma preposição, como passo a demonstrar: o perfume de que gosta (gostar de), visitar os lugares de que tanto ouve falar (ouvir falar de), alguém de que [quem?] toda a gente gosta (gostar de), podemos usufruir dele (usufruir de), foi este o programa a que aderi (aderir a), pensar em pontos de que (...) nem nos apercebemos (aperceber-se de), aquilo de que o país precisa (precisar de), a democracia não é uma coisa de que as pessoas precisam (precisar de), há coisas neste país com que estamos todos

de acordo (estar de acordo com) e é tudo contra aquilo em que acredito (acreditar em). Quase todos os excertos citados têm em comum o facto de ocorrerem com orações relativas formadas com “que”. Será que haverá uma tendência para as preposições exigidas pelas regências verbais desaparecerem neste contexto gramatical? É provável que assim seja, visto que a tendência é para, aí, omitir a preposição.

Também registo a situação contrária. Há construções em que não se deveria empregar uma preposição e ela ocorre. No conjunto dos famosos bonecos do Contra Informação, programa de humor inteligente, substituído por programas humorísticos sem grande graça, havia um boneco que repetia “penso eu de que”, sendo desnecessária a preposição “de”. Para mim, é também o que ocorre em “muitas das vezes”, quando, erradamente, se considera como locução sinónima de “frequentemente”. A expressão comum, e cristalizada, fixada na língua, para este sentido, é “**muitas vezes**”. Será, porém, acertado dizer “muitas das vezes” em português? Julgo que sim, mas não com o significado de “frequentemente”. Pode dizer-se “Muitas das vezes em que fui ao aeroporto, havia atrasos nos voos.” e, nesta frase, o elemento “muitas” não é, gramatical e morfologicamente, idêntico ao de “muitas vezes”. Na expressão fixada, a indicar frequência temporal recorrente e indefinida, “muitas” é um determinante, isto é, um adjectivo indefinido que determina o substantivo “vezes”, podendo ser substituído por outros (“**algumas vezes**”, “**poucas vezes**”, “**uma vez**”). Estes, quando usados com “vezes”, assumem um significado temporal que não se encontra se qualificarem outro substantivo, permanecendo apenas a indefinição de quantidade: “Muitas raparigas eram louras.”, “Muitos livros são interessantes.” ou “Muitas pessoas têm irmãos pequenos.”. Quanto à construção “**muitas das vezes**”, nela, “muitas” é um pronome que vale por si, indicando uma quantidade indefinida, mas maioritária, de certos acontecimentos (as vezes em que fui ao aeroporto). Emprega-se para pessoas ou coisas, com inúmeros substantivos ou outros elementos, implicando a variação em género. Diz-se: “Muitas das raparigas que vi eram louras.”, “Muitos destes livros são interessantes.” ou “Muitos deles têm irmãos pequenos.”. Também é possível substituir “muitas” por um outro pronome indefinido: “Poucas das raparigas que vi eram louras.”, “Poucos destes livros são interessantes.” ou “Alguns deles têm irmãos pequenos.”. Por ser equivalente a um substantivo, é viável inverter a construção e verificar que o pronome ocorre isolado, embora algumas destas construções não sejam propriamente habituais, como é o caso com o pronome “deles”: “Das raparigas que vi, muitas eram louras.”, “Destes livros, muitos são interessantes.” ou “Deles, muitos têm irmãos pequenos.”.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o

último. Por que razão distinguir “**muitas vezes**” e “**muitas das vezes**”?
 Porquê? É porque não são construções sinónimas e só “muitas vezes” é
 equivalente a “frequentemente”. Portanto, não podem ocorrer no contexto
 uma da outra.

Tira-dúvidas

MUITAS VEZES	MUITAS DAS VEZES
DETERMINANTE (= ADJECTIVO) +SUBSTANTIVO	PRONOME (= SUBSTANTIVO) +PREPOSIÇÃO+ SUBSTANTIVO
Locuções cristalizadas com um sentido de temporalidade recorrente muitas vezes = frequentemente algumas vezes = não tão frequentemente poucas vezes = raramente uma vez = numa única ocasião <u>Muitas vezes</u> , os pais não prestam a devida atenção a situações pontuais. Construções não cristalizadas <u>Muitas raparigas</u> eram louras. <u>Muitos livros</u> são interessantes. <u>Muitas pessoas</u> têm irmãos pequenos.	Construções não cristalizadas <u>Muitas das vezes em que fui ao</u> <u>aeroporto</u> , havia atrasos nos voos. <u>Muitas das raparigas que vi</u> eram louras. <u>Poucas das raparigas que vi</u> eram louras. Das raparigas que vi, <u>muitas</u> eram louras. <u>Muitos destes livros</u> são interessantes. <u>Poucos destes livros</u> são interessantes. Destes livros, <u>muitos</u> são interessantes. <u>Muitos deles</u> têm irmãos pequenos. <u>Alguns deles</u> têm irmãos pequenos. Deles, <u>muitos</u> têm irmãos pequenos.

Uma mulher deve dizer “Obrigado!” ou “Obrigada!”? Porquê?

Fui comprar um presente para uma criança que fazia anos e pedi para fazerem um embrulho. Os dois papéis disponíveis não eram apropriados para crianças e tive de escolher aquele que mais atrairia a atenção do menino a quem se destinava o brinquedo. Fiquei escandalizada com a forma como a funcionária da loja fazia o embrulho. A falta de atenção ao papel que dobrava e o corte grosseiro deste fizeram com que lhe dissesse que não estava a gostar do modo como operava, explicando-lhe porquê. Reagiu, justificando que o que interessava não era o pacote, mas o conteúdo. Respondi-lhe que se ela não tinha vontade de o fazer que me dissesse. Calou-se e procurou prestar atenção à tarefa, concentrando-se e abstraindo-se das pessoas que estavam atrás de mim. Perguntou-me, depois, de que cor queria o laço. Aqui, as possibilidades eram bem mais. Escolhi a cor mais adequada a um rapazito de 7 anos. Enquanto observava a feitura do embrulho, lembrava-me dos pulos de alegria e do entusiasmo desta criança, quando, alguns anos antes, lhe vi rasgar um papel para descobrir o presente que lhe dava. Para mim, dispenso embalagens, mas, para as crianças, não. Posto o laço, agradei-lhe, respondendo-me ela “Obrigado!” e fui-me embora. A situação, insólita, fez-me pensar na falta de delicadeza com que lidamos uns com os outros, por diversos motivos. Ter uma boa educação está nos gestos, e nas palavras, diários que dirigimos a conhecidos e desconhecidos. Dizermos o que sentimos é fundamental porque permite esclarecer, dando a oportunidade de aprender, de evoluir. Agradecer é importantíssimo e saber fazê-lo também. Uma mulher deve dizer “Obrigado!” ou “Obrigada!”? Porquê? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece ser do domínio da Análise do Discurso, visto que se prende com situações de comunicação quotidianas e da Morfologia porque implica a variação em género (“obrigado” / “obrigada”) e número (“obrigados” / “obrigadas”). No português, esta fórmula de agradecimento não é invariável como no francês (*Merci!*), no inglês (*Thank you!* ou *Thanks!*), no castelhano (*Gracias!*), no alemão (*Danke!*) ou no italiano (*Grazie!*). Na nossa língua, a variação depende do sexo (masculino ou feminino) de quem fala e do número de pessoas que está a falar ou em nome de quem se fala (se uma ou várias). Por que motivo é assim? A que se deve

esta variação? Será que não há uma única forma na nossa língua? Não será suficiente dizer “Obrigado!”, independentemente do sexo de quem fala (se homem ou mulher) e do número de pessoas associado a quem toma a palavra (se uma ou mais)?

Há quem considere este agradecimento uma interjeição (sendo invariável), mas tenho sérias dúvidas que o seja porque, na essência, é o particípio passado do verbo “obrigar”. Funciona como um adjetivo, o que explica a variação em género e número do particípio passado. Por exemplo, para o verbo “fazer”, dizemos: “O trabalho está feito.” / “Os trabalhos estão feitos.” / “A tarefa está feita.” / “As tarefas estão feitas.”. Numa situação de comunicação, numa rápida resposta às perguntas: “O trabalho está feito?” / “Os trabalhos estão feitos?” / “A tarefa está feita?” / “As tarefas estão feitas?”, é possível obter, respectivamente: “**Feito!**”, “**Feitos!**”, “**Feita!**”, “**Feitas!**”. Usam-se as formas do particípio passado. Com o verbo “obrigar”, no sentido de “agradecer”, isto é, “**ficar com a obrigação de retribuir o favor recebido**”, acontece o mesmo. Se me fazem um favor, a mim que sou mulher, afirmo que fico **obrigada** (a retribuí-lo). Se mo fazem a mim e a uma amiga, ficamos ambas **obrigadas** (a recompensar quem nos auxiliou). Se mo fizerem a mim e a um amigo, estamos os dois **obrigados** (a recordá-lo e devemos recompensá-lo). Se o fizerem a um amigo, ele deverá ficar **obrigado** (a compensar quem lho fez). Será, decerto, por isso que, tradicionalmente, os portugueses retribuem a generosidade que recebem. Este traço particular identifica-nos como povo. A quem nos dá uma prenda, normalmente, sentimo-nos na obrigação de dar outra de volta. A quem nos faz um favor, comprometemo-nos a não o esquecer, recompensando a amabilidade da pessoa, em tempo oportuno. Ficamos devedores. Não será por acaso que, a um agradecimento, se responde “De nada!”, desvalorizando, ou considerando como normal (Não foi nada do outro mundo!), o que se fez. Deste modo, tem outro sentido o particípio passado de “obrigar”, quando uma pessoa responde a um agradecimento: “Não tem que agradecer porque não fui **obrigada** (confundindo o sentido de “forçada” com o de “agradecida”). Fiz isso de boa vontade.”. O verbo “obrigar” tem várias acepções e pode equivaler a “forçar” ou a “agradecer”, dependendo dos contextos. Não é quem faz algo que fica “com a obrigação de retribuir”, mas quem recebe o que foi feito. Estas são questões culturais que vão interferindo, profunda ou superficialmente, nas questões linguísticas. São considerações de ordem cultural e eu quero ficar apenas pela observação linguística, mas não deixo de reparar nos pormenores culturais.

Quando as pessoas, independentemente do seu sexo ou do número de falantes, dizem apenas “Obrigado!” foi porque já perderam a noção de “obrigação em retribuir”. A forma masculina representa, então, um neutro que servirá para todas as ocasiões. É usado em situações de comunicação em que se desconhece quem vai usar o serviço que se presta. Por exemplo, é o

caso em ecrãs de máquinas automáticas como Multibancos, onde “Obrigado!” reaparece no texto escrito pré-formatado. Demasiadas possibilidades (masculino, feminino, singular e plural) causam dúvidas e insegurança. Para evitar errar, é escolhida uma única forma como nas outras línguas. Será o caso, aqui. Porém, as dúvidas e as confusões são muitas. Com frequência, há quem pense que se diz “Obrigado!” ou “Obrigada!” consoante o sexo da pessoa com quem se está a falar no processo comunicativo, o interlocutor. Assim, há homens que, individualmente, dizem “Obrigada!” a uma mulher e muitas respondem “Obrigado!” a um interlocutor masculino. Isto é já uma confusão, evidenciada na variação linguística de usos quotidianos individuais. O problema poderá derivar de um outro agradecimento existente na língua portuguesa, embora menos usado e tido, em parte, como regional. Isso explicará por que razão não aparece em vários dicionários. Trata-se do famoso “**Bem-haja!**” (também sem hífen: “Bem haja!”) que se usa igualmente no plural, para duas ou mais pessoas: “**Bem-hajam!**”. Aqui, o caso é diferente porque o agradecimento se reporta ao número de pessoas com quem se fala (uma ou mais pessoas).

Por vezes, responde-se a um agradecimento, repetindo-o, como foi o caso da funcionária da loja que referi, já que, ao meu “Obrigada!”, retorquiu “Obrigado!”, estando apenas o género da forma desadequado. Assim, o “De nada!” (tido como influência do castelhano, pelo que alguns especialistas preferem “Não tem de quê!”) vai sendo substituído por um outro agradecimento. Também há quem responda “Obrigada, eu!” / “Obrigado, eu!”, o que, no agradecimento recíproco, me parece viável, já que condensa “Obrigada, fico eu.” / “Obrigado, fico eu.”. Recentemente, ouvi uma figura pública feminina responder “Obrigada, nós!” a um entrevistado. Todavia, esta resposta não fará muito sentido porque “nós” é plural e “obrigada” não passa de um singular feminino. Portanto, deveria dizer: “Obrigados, nós!” / “Obrigadas, nós!”, se falava em nome de várias pessoas. Contudo, soa a estranho e pode explicar por que razão é raro ouvir o plural: “Obrigados!” / “Obrigadas!”. Acrescentar o pronome à forma de plural ainda torna a construção mais bizarra, embora, quanto a mim, certa, se se mantiver a concordância. Para evitar esta, aparente, complicação face ao leque de possibilidades (incluindo, entre outras, “Obrigadíssima!” e “Obrigadinho!”), é provável que o masculino venha a cristalizar o agradecimento em si. Aliás, esta tendência vai tomando proporções cada vez maiores. Dentro de algum tempo, este uso generalizado abolirá a forma feminina e os plurais (praticamente inexistentes), deixando as mulheres de dizer “Obrigada!” ou “Obrigadas!”. Vivemos numa sociedade onde as diferenças se diluem em favor de uma homogeneização, com a tendência do “unissexo” a prevalecer, embora a variação seja valorizada. Porém, não deixa de ser curioso verificar que as mulheres, que conquistaram imensos direitos que lhes eram devidos e não tinham, reivindicando-os, nomeadamente na escrita, deixem de prestar atenção a pormenores linguísticos.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão uma mulher tem de dizer “**Obrigada!**”, quando agradece? Porquê? É porque reconhece a amabilidade do gesto de que foi alvo e se sente **obrigada** a retribuí-la.

Tira-dúvidas

verbo “obrigar” usado para “agradecer”		
FALANTE(S)	FICA(M)	E DIZ(EM)
Uma mulher	“obrigada”, “agradecida”	“Obrigada!”
Duas ou mais mulheres	“obrigadas”, “agradecidas”	“Obrigadas!”
Um homem	“obrigado”, “agradecido”	“Obrigado!”
Dois ou mais homens ou mulheres e homens	“obrigados”, “agradecidos”	“Obrigados!”

Deve pedir-se “um copo de água” ou “um copo com água”? Porquê?

Ouvi dizer que, numa localidade algarvia, o dono de um café iria cobrar os copos de água (Diz-se os copos com água?) que os clientes pedissem porque, afinal, ele pagava a água da rede e nada era gratuito na vida. Tem lógica a atitude, mas não me parece muito aceitável. Na nossa civilização, religiosamente marcada pela chamada “regra de ouro”, é culturalmente recomendável oferecer um copo de água (É um copo com água?) sem cobrar nada, a quem o pede. É o mínimo que se pode fazer. Os outros consumos concretizados no bar deveriam conseguir pagar a despesa deste tipo de água. Em muitos países, além de gratuita, é apresentada numa jarra com várias ervas aromáticas ou outros ingredientes naturais, como rodela de laranja ou pedaços de morango. Para quem quiser, há água paga, a engarrafada. Desta forma, a atitude não me parece acertada. Depois da notícia, nunca mais soube o que aconteceu àquele empresário. Será que perdeu clientes? Terão, as pessoas, deixado de pedir um copo de água (Diz-se um copo com água?), ao beberem café? Quanto cobraria? Seria o mesmo que para um chá? A pena que tenho com as notícias é que, no meio de tantas, é impossível acompanhar o que vai sucedendo às “personagens” de cada uma, como é o caso aqui. Esta lembrança tem uma relação com o que me aconteceu, numa esplanada. Depois de obter e pagar o que queria, fiquei com sede e fui ao balcão pedir “água”. O empregado entregou-me uma garrafa de água. Expliquei-lhe que não pedira “uma água” (uma garrafa de água), mas simplesmente “água”, o que apontaria para a água da rede. Então, em cima do balcão, colocou, também, um copo de água (É um copo com água?). A situação ficou confusa, sem que eu, no momento, compreendesse porquê. Entretanto, noutras circunstâncias, vivi casos em que os empregados me corrigiam, quando pedia “um copo de água”, explicando-me que deveria dizer “um copo com água”. Nunca alonguei a conversa, mas procurava não perder a paciência, que, por vezes, estive por um fio. Esta temática daria pano para mangas e tem água no bico, mas fico-me pela diferença entre “um copo de água” e “um copo com água”. Também poderia tratar da diferença, ouvida nestes dias, entre “um bar com música” e “um bar de música”, retomando a diferença entre “de” e “com”. Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Morfologia e da Semântica. Estão em causa duas preposições: “de” e “com”. A questão incide nas acepções que podem ter, ou adquirir, segundo os contextos. Talvez não sejam elas que tenham determinado significado, mas adquirem-no através dos elementos que unem, já que as preposições são elementos de ligação. Assim, por exemplo, “de” pode indicar **posse** (**o casaco do João**), o **material** – a matéria – de que algo é feito (**os sapatos de pele**), o **conteúdo** de algo (**um pacote de esparguete**), a **origem**, nomeadamente num percurso (**Vens de casa?**), a **função** de algo (**uma máquina de lavar roupa**), o **assunto** do discurso (**falar de Matemática**), uma **causa** (**Está aborrecido de tanta leitura desinteressante.**), o **modo** como algo se realiza (**esgueirar-se de mansinho**), o **tempo** (**fazer isso de noite**), o **instrumento** usado (**assaltado de arma branca**), etc.. Para a preposição “com” sucederá o mesmo. Assim sendo, no contexto dos termos que liga, pode significar: uma **companhia** (**Vamos ao cinema com o João.**), uma **sensação** (**estar com fome**), o **instrumento** (**prender o pano com uma mola**), o **conteúdo** (**um armário com muita roupa**), entre outras acepções. Não esgotei, aqui, propositadamente, todos os sentidos com que aparecem, muitas vezes, no discurso, integrando, ainda, um número considerável de expressões idiomáticas. Pelos que facultei, é indispensável considerar que há pontos de contacto entre estas duas preposições, nomeadamente a noção de “instrumento” e de “conteúdo”. Nestes casos, deveria ser indiferente empregar uma ou outra preposição. Se assim é, não haverá nenhuma diferença entre “um copo de água” e “um copo com água” ou “um bar de música” e “um bar com música”. Vendo bem, não serão expressões totalmente equivalentes porque a que tem “com” indica algo que se adiciona e não constitui elemento essencial. De modo que “um bar com música” é aquele ao qual se acrescenta música, pontualmente, não sendo esta uma das suas características primordiais. Na expressão “um bar de música”, a essência do espaço é a música, não é adicionada ocasionalmente, porque caracteriza este bar, que se identifica pela música. Por que razão fazer a diferença? Para identificar as particularidades do bar, num a música aparece ocasionalmente, é um apêndice, enquanto no outro é uma marca identificadora. Será assim com “um copo de água” e “um copo com água”? Parece-me que a situação é similar.

O que diferenciará, então, “um copo de água” e “um copo com água”? Se peço um “copo de água” estou a mencionar que quero um copo cheio de água. De forma semelhante, direi “um copo de leite”, “um copo de vinho” ou “um copo de sumo”. Se disser “uma chávena de chá” ou “uma chávena de café”, estarei a referir-me apenas às chávenas em si, sem conteúdo, de modo semelhante a “uma colher de chá” e “uma colher de sopa”. É o mesmo que “o copo da água”, “o copo do vinho branco”, “o copo do vinho tinto” – são apenas os recipientes. Para pedir “uma chávena de chá cheia de chá”, devo dizer “um chá” e, para “uma chávena de café cheia de café”, terá

de ser “um café”. Poderá haver casos em que, por tradição, a chávena não vem cheia e deve reforçar-se este pormenor, como em “uma bica cheia”. Se pedir “**uma água**” querei “**uma garrafa de água**”, com ou sem gás, intacta, por abrir. Assim, “um vinho” será “uma garrafa de vinho”, “um sumo” (nomeando as marcas) “uma garrafa (lata ou pacote) de sumo”. O conteúdo de uma garrafa dá para muitos copos, havendo que fazer a diferença entre eles. Se um for servido e estiver cheio, falarei “num copo de vinho”. Quando parte do líquido for ingerida, ficará “um copo com vinho” porque tem apenas algum vinho lá dentro. O mesmo se passa com a água. Estando **cheio**, torna-se “**um copo de água**”. Havendo **um pouco de líquido dentro do copo**, será “**um copo com água**”. Por exemplo, quem precisa de tomar um medicamento, numa certa quantidade de água, pedirá “um copo com (um pouco de) água” porque não quer o copo cheio. Deste modo, quanto a mim, em “um copo de água”, o conteúdo é valorizado e torna-se especificador, como em “um bar de música”. Isso não sucede em “um copo com água” porque, como em “um bar com música”, a água não é em grande quantidade, não assumindo grande relevância.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão pedir “um copo de água” em vez de “um copo com água”? Porquê? É porque se pretende “um copo cheio de água” (da rede, da torneira). Se, para tomar um medicamento, pedir “um copo com água” é porque não pretendo que o copo venha cheio. A diferença está toda nos pormenores, mas, para falantes competentes, estes nunca são problema, já que fazem parte da solução.

Tira-dúvidas

ALGUNS SENTIDOS PARA “DE”				
posse	matéria ou material	origem	função	tempo
algo que pertence a alguém	material de que algo é feito	o local de onde se vem, a origem	actividade exercida por algo	marcar o tempo
<i>o casaco do João</i>	<i>os sapatos de pele</i>	<i>Vens de casa?</i>	<i>uma máquina de lavar roupa</i>	<i>fazer isso de noite</i>
causa	assunto	modo	instrumento	conteúdo
o que origina algo	o tema do discurso	como algo se processa	algo usado numa determinada actividade	o que está no interior de algo
<i>Está aborrecido de tanta leitura desinteressante.</i>	<i>falar de Matemática</i>	<i>esgueirar-se de mansinho</i>	<i>assaltado de arma branca</i>	<i>um pacote de esparguete</i>

ALGUNS SENTIDOS PARA “COM”			
companhia	sensação	instrumento	conteúdo
acompanhar alguém ou alguém acompanha outra(s) pessoa(s)	o que se está a sentir	algo usado numa determinada actividade	o que está no interior de algo
<i>Vamos ao cinema com o João.</i>	<i>estar com fome</i>	<i>prender o pano com uma mola</i>	<i>um armário com muita roupa</i>

Deve dizer-se “maciço” ou “massivo”? Porquê?

Há epidemias que se alastram por razões desconhecidas e outras por motivos irrisórios. Há doenças que se expandem rapidamente, quando importadas para ambientes sãos. Os vírus informáticos são um autêntico transtorno, mas não passam de insignificâncias monstruosas. O pequeno escaravelho que anda a destruir palmeiras do Arquipélago da Madeira, foi, segundo percebi, trazido do estrangeiro por descuido, numa simples planta. Porém, de fora, também vêm coisas boas. A “semilha” (a batata) veio das Américas e o chá da Ásia. Ambos são apreciados. Assim, cabe a cada comunidade compreender o que quer, para si, distinguido o bom, aquilo que lhe é favorável, do mau, o que lhe é prejudicial. Com as palavras, passa-se o mesmo. Vejamos o caso de “maciço” e “massivo”. Qual a diferença entre estes dois vocábulos? Existirá alguma? De onde provêm? Será um deles, porventura, um “escaravelho” ou “um vírus”? **Deve dizer-se “maciço” ou “massivo”? Porquê?** Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece ser do domínio da Lexicologia, da Lexicografia e, em última análise, da Semântica. Abrir dois ou três dicionários (Um é sempre insuficiente! Três pode ser o ideal, mas quem puder ver mais só fica a lucrar.) pode ajudar a circunscrever o problema. Primeiro, consulto o *Houaiss* (edição original brasileira na sua versão digital), depois, o da *Academia* (edição de 2001, coordenada por Malaca Casteleiro) e, por fim, um escolar, por exemplo, o da *Porto Editora* (8.^a edição). Pelo tira-dúvidas, onde apresento as definições, sem exemplificação, dos três dicionários, é fácil verificar que uma frase como “Havia um número massivo de pessoas na manifestação.” não se justifica. Deveria ser “Havia um número maciço de pessoas na manifestação.” Porém, aquela é ouvida a muitas pessoas, incluindo médicos, advogados, jornalistas, professores, sindicalistas, políticos, etc. e lê-se em diversos textos. O adjectivo “massivo”, com o sentido de “grande quantidade de coisas ou de pessoas”, não existe na norma da língua portuguesa. Aliás, o verbete “massivo” não é registado por dois dos três dicionários consultados. Para este e outros sentidos, o nosso idioma tem “maciço”, desde o século XIV, segundo o *Houaiss*. Portanto, o termo de origem francesa que o dicionário da *Academia* regista como um termo técnico da área da Linguística (ligado à problemática *Terminologia Linguística para o Ensino Básico e Secundário* (TLEBS), tendo sido substituída pelo *Dicionário Terminológico*) é completamente desnecessário.

Como o escaravelho destrói as palmeiras, o mesmo sucede com este vocábulo de origem francesa, que as pessoas, das mais às menos letradas, usam, associando-o a “massa” ou “massas” por razões ortográficas, penso eu. Porém, esta palavra não traz nada de novo à língua portuguesa, mas, pelo uso reiterado que dela se faz, parece-me que dificilmente desaparecerá. Julgo mesmo que irá ocupando uma parte do campo semântico de “maciço”.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão dizer “maciço” em vez de “massivo”? Porquê? É porque “**maciço**” é a única palavra dicionarizada para significar “grande número de pessoas”. Assim, relativamente a “massa” ou “massas” deve falar-se em “maciço”, mesmo se aqueles vocábulos têm “ss” e “maciço” um “c”.

Tira-dúvidas

Dicionários	“maciço”	“massivo”
<i>Houaiss</i>	<p>século XIV</p> <p><input type="checkbox"/> adjetivo</p> <p>1 feito de matéria compacta; sem partes ocas, nem agregadas (...)</p> <p>2 Derivação: por extensão de sentido. cujos componentes estão bem unidos; cerrado, denso, espesso (...)</p> <p>3 Derivação: por extensão de sentido. de aspecto massudo; encorpado (...)</p> <p>4 Derivação: por extensão de sentido. a que falta graça e finura; grosseiro, pesado (...)</p> <p>5 Derivação: sentido figurado. profundamente arraigado; empedernido, sólido, inflexível (...)</p> <p>6 Derivação: sentido figurado. dado, feito ou produzido em grande quantidade; intenso (...)</p> <p>7 Derivação: sentido figurado. que concerne a um grande número de pessoas (...)</p> <p><input type="checkbox"/> substantivo masculino</p> <p>8 massa, agrupamento ou corpo de grandes proporções</p> <p>9 arvoredo, mata ou jardim compactos, sem clareiras (...)</p>	<p>verbetes inexistentes</p>

	<p>10 (a1899) Rubrica: geologia. bloco compacto de rocha num cinturão orogênico, ger. mais rígido do que as rochas vizinhas e formado quase sempre de uma base cristalina; conjunto de montanhas que formam um bloco contínuo</p>	
<i>Academia</i>	<p>“maciço”¹ <i>adj.</i> (Do cast. <i>macizo</i>, com base no lat. <i>massa</i> ‘massa’) 1. Que não é oco; que não tem cavidades. = COMPACTO (...) Parede maciça (...). 2. Que constitui uma massa compacta, espessa e constante; que não constitui apenas o revestimento exterior. 3. Que tem um aspecto sólido, pesado ou imponente (...). 4. Que tem uma constituição robusta ou pesada. = CORPULENTO, FORTE. ≠ MAGRO (...). 5. Que tem grande quantidade de elementos num espaço pequeno; que apresenta uma alta densidade- = CERRADO, ESPESSE. ≠ DISPERSO (...). 6. Que é feito ou ocorre em grandes quantidades; que se produz em massa. = GRANDE. ≠ PEQUENO. (...). 7. Que dificilmente muda ou se altera; que tem solidez. = FIRME, INABALÁVEL, SÓLIDO. ≠ FRÁGIL, INCONSISTENTE (...). 8. Que tem muito valor. = IMPORTANTE, VALIOSO. ≠ INSIGNIFICANTE.</p> <p>“maciço”² <i>s. m.</i> (Do cast. <i>macizo</i>, com base no lat. <i>massa</i> ‘massa’) 1. Qualidade do que é compacto, denso. = MASSA. 2. Geol. Conjunto compacto e estável de relevos montanhosos em redor dum ponto culminante. (...). 4 [gralha] <i>Geol.</i> Bloco rochoso, [sic] de enormes dimensões, irregular que se estende pelas profundezas da crosta terrestre. 5. Geol. Conjunto de formações rochosas compactas, erguidas a certa altitude por processos tectónicos; formação eruptiva.</p>	<p><i>adj.</i> (Do fr. <i>massif</i>). <i>Ling.</i> Diz-se do substantivo que representa um conjunto que não é passível de ser dividido em partes singulares que se possam enumerar, contar. = NÃO-CONTÁVEL. ≠ CONTÁVEL. “nome⁺ massivo. Substantivo⁺ massivo.”</p>
<i>Porto Editora</i>	<p>A <i>adj.</i> que não é oco; compacto; sólido B s. m. conjunto de coisas ou pessoas muito juntas; agregado cristalino de forma irregular; GEOLOGIA montanhas que formam um conjunto de elevações ramificadas em diversos sentidos; -> batófilo; conjunto de coisas ou pessoas muito juntas; agregado cristalino de forma irregular (Do cast. <i>macizo</i>, «id.»)</p>	<p>verbete inexistente</p>

Deve dizer-se “refundação” ou “refundição”? Porquê?

Há alguns anos, Pedro Passos Coelho, enquanto responsável pelo Governo português, propôs uma “refundação”. A palavra andou nas “bocas do mundo”. Pediram-lhe explicações relativamente ao que queria dizer com ela. Chegou-se à conclusão que pretendia “reformatar”, isto é, “fazer reformas profundas no Estado”. Inicialmente, pensou-se que as alterações que se propunha empreender estariam relacionadas com o famigerado “Memorando”, assinado com a chamada “Troika”. Depois, compreendeu-se que queria alterar, em profundidade, a “máquina do Estado”. Há anos que os políticos prometem esta reforma, de fundo, à população, mas, como há muitos interesses instalados, incluindo de ex-políticos, e como mexe com muitas pessoas, permanece tudo na mesma. Então, as mudanças que vão fazendo apresentam-se como sendo de superfície, em vez de terem profundidade, por falta de entendimento político e diplomacia. Além disso, as alterações que operam parecem atingir, quase sempre, quem tem pouco poder reivindicativo. Não querendo entrar em questões políticas, fico-me pelas linguísticas. Por que razão a palavra “refundação” criou tantos problemas? Porquê? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Lexicologia, da Lexicografia, da Semântica, da Fonética e da Fonologia. Podendo colocar outras hipóteses, considero tratar-se de um erro articulatório, devido à paronímia com “**refundição**”. Como fiz anteriormente para outros vocábulos, proponho-me abrir três dicionários para circunscrever o problema. Primeiro, mantenho o *Houaiss* (edição original brasileira, na sua versão digital); depois, consulto o da *Academia* (edição de 2001, coordenada por Malaca Casteleiro) e, por fim, cito um escolar, o da *Porto Editora* (8.^a edição). No meu tira-dúvidas, apresento as definições das três referências. Da comparação, sobressai que a palavra “refundação” não está dicionarizada, isto é, não existe como entrada de dicionário. É quase certo que não integrava o vocabulário da língua portuguesa, antes de ter sido dita por este alto responsável da política portuguesa, e divulgada, depois, pelos meios de comunicação. Todavia, para afirmar isso categoricamente, seria necessário consultar outros dicionários e alguns bem antigos. Não o podendo fazer, interpreto os dados daquelas três referências bibliográficas. Quanto a mim, a articulação traiu a codificação da mensagem. Querendo dizer “**refundição**”, Pedro Passos Coelho (provavelmente ainda às voltas com a questão das

fundações...) disse “refundação”. Gerou, assim, um burburinho sem fim, por causa de um “par mínimo” e a comutação de fonemas, expressos nas letras “a” e “i”. No meu entender, um erro articulatório estará, portanto, na origem da confusão. O vocábulo problemático foi formado pelo prefixo “re” (a indicar repetição de algo) e por “fundação”, substantivo feminino, que está dicionarizado, mas, como se pode comprovar pelas definições do tira-dúvidas, nada tem a ver com reformas, alterações ou mudanças, embora contenha a ideia de “criar” e a de “profundidade” (que se associa às reformas). Em contrapartida, “refundição”, constituído por “re” e “fundição”, está semanticamente relacionado com o sentido de “reforma”. A *Porto Editora* apresenta a seguinte definição para o verbo da mesma família deste último substantivo: “**refundir A**) v. tr. tornar a fundir; transvasar; [fig.] transformar profundamente; mudar a forma a; refazer **B**) v. intr. Reunir-se **C**) v. refl. derreter-se; sumir-se; transformar-se (Do lat. *refundere*, «derramar de novo»)”. A proximidade entre os dois substantivos, verifica-se, nomeadamente, nos verbos “refundar” e “refundir”. Vejam-se as definições apresentadas pelo *Houaiss* para ambos: **refundar** “*verbo transitivo direto* tornar mais fundo; afundar, profundar, aprofundar” e **refundir** “*verbo transitivo direto e pronominal* 1. fundir(-se), derreter(-se) novamente / *transitivo direto* 2. (1679) passar (líquidos) e pron. [sic] de um vaso para outro / *transitivo direto* 3. fazer emendas ou correções em; reformar Ex.: r. uma redação / *intransitivo* 4. (1677) reunir-se, concentrar-se, ajuntar-se Ex.: ali refundem os jovens / *pronominal* 5. (1614) deixar de estar visível; desaparecer, sumir Ex.: refundiu-se o disco voador / *pronominal* 6. passar a ser; transformar-se, converter-se Ex.: alguns presidiários refundiram-se em bons artesãos”. Tudo me leva a crer que a montanha em vez de parir um rato deu origem a um erro. É sempre possível criar palavras novas, mas, quando já existe uma com o sentido do que se pretende, o processo criativo é desnecessário. Pode, contudo, ganhar realce. Os erros (mesmo os fonéticos e fonológicos) também têm força criativa, mas esse é um assunto que daria para longas reflexões que não são pertinentes para o caso. É provável que “refundação” (no sentido de “fazer reformas profundas”) passe a uso linguístico corrente e venha a figurar nos dicionários, se continuar a ter o destaque que já lhe dão. A dinâmica de uma língua viva é imparável e, por isso, os dicionários depressa ficam ultrapassados. Se é o caso aqui, o futuro o dirá.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão se deve dizer “refundição” em vez de “refundação”? Porquê? É porque “**refundição**” é a única palavra dicionarizada para significar “reforma” ou “dar uma nova forma a algo”, o que Pedro Passos Coelho terá pretendido dizer, mas não disse.

Tira-dúvidas

Dicionários	“fundação”	“refundação”	“refundição”
<i>Houaiss</i>	<p>Século XIV <input type="checkbox"/> substantivo feminino 1 Rubrica: construção. base firme sobre a qual se constrói um edifício, comumente implantada no interior do solo e em contato direto com este, para que as cargas finais sejam transmitidas ao mesmo; alicerce, fundamento, sustentáculo 2 Rubrica: direito civil. instituição privada ou do Estado que é fundada na constituição de um patrimônio, buscando determinado fim em benefício da coletividade 2.1 Rubrica: direito civil. a instituição assim fundada; o patrimônio legado a essa instituição 3 Derivação: sentido figurado. ponto de partida para funcionamento de qualquer instituição, organização, entidade etc. Ex.: a f. da revista, do clube, da cidade, da dinastia etc. 4 m.q. <i>fundamentação</i> Ex.: seus pensamentos são de f. clássica</p>	<p>verbeta inexistente</p>	<p>1789 substantivo feminino ato ou efeito de refundir(-se)</p>
<i>Academia</i>	<p><i>s. f.</i> (Do lat. <i>fundatio</i>, -<i>onis</i>). 1. Criação ou início de uma coisa; acto ou efeito de fundar. = ORIGEM, PRINCÍPIO. 2. <i>Constr.</i> Conjunto das obras e trabalhos necessários para assentar os alicerces de uma construção. 3.</p>	<p>verbeta inexistente</p>	<p><i>s. f.</i> (De <i>refundir</i> + suf. -<i>ção</i>). 1. Acção de tornar a derreter, de tornar a fundir metais ou objectos em metal; acto ou efeito de refundir. <i>Refundição de metais.</i> <i>Refundição de</i></p>

	<p>Criação, por meio de doação ou legado, de uma instituição de utilidade pública. 4. Instituição fundada por esse legado ou doação. <i>O congresso realiza-se na Fundação Calouste Gulbenkian.</i> 5. <i>Angol.</i> Julgamento em tribunal e assembleia deliberativa, segundo os usos e costumes cabindas.</p>		<p><i>moedas.</i> 2. Acção de modificar, de dar nova forma com o objectivo de melhorar uma obra anterior. (...) 3. Acto de reconverter ou transformar. (...).</p>
Porto Editora	<p>s. f. acto ou efeito de fundar; origem; princípio; instituição alicerce; parte de uma construção destinada essencialmente a distribuir as cargas sobre o terreno; instituição de interesse público criada por doação (Do lat. tard. <i>fundatione</i>-, «id.»)</p>	<p>verbeta inexistente</p>	<p><i>s.f.</i> acto ou efeito de refundir; [fig.] reforma (De <i>refundir</i>+ -ção)</p>

Diz-se “a dengue” ou “o dengue”? Porquê?

Um mosquito, ou melhor, um certo tipo de mosquito, o “*aedes aegypti*”, está na origem de uma doença chamada “**dengue**”. O insecto apareceu na ilha da Madeira – vindo não se sabe de onde – e terá encontrado, sobretudo no Funchal, em particular na freguesia de Santa Luzia, uma área com condições ideais para proliferar. Como se reproduz com bastante facilidade, apreciando de sobremaneira águas estagnadas, as chuvas outonais têm-lhe sido benéficas. Este ambiente, aliado às temperaturas da época, é excelente para se multiplicar, causando um surto da doença. A água de jarras de flores ou a da rega de plantas, entre outras, mesmo em pequenas quantidades, são as preferidas pelo mosquito para se propagar. Dizem que, depois de um pico de casos de dengue, haverá uma diminuição. Por enquanto, é necessário confrontar-se com o problema. Sempre que se vê um mosquito, mesmo inofensivo, pensa-se que se tratará de um “*aedes aegypti*” e receia-se a picadela, que pode mesmo acontecer. Se, eventualmente, se sente uma fadiga inusual ou uns sintomas de gripe, julga-se que será “dengue”. Pode comprovar-se com umas análises sanguíneas, feitas uns quatro a cinco dias depois da picadela. Se se deixar passar muito tempo, já não haverá grande possibilidade de comprovar que se teve. Assemelha-se a uma gripe, com dores incríveis pelo corpo. As dores de cabeça são intensas e, na zona dos olhos, há uma sensação muito estranha. Por causar febre, a doença tem uma expressão sinónima explícita: “febre-dos-três-dias”. Como é “novidade” na Região Autónoma da Madeira, passou a usar-se com frequência a palavra, sobretudo nos meios de comunicação social. Começa a ser de uso comum pela população em geral. Curiosamente, para se referir à doença, uns empregam-na no feminino (**a dengue**) e outros no masculino (**o dengue**). Também há quem tente fugir à marcação do género linguístico, ficando apenas com “dengue”, como em “**casos de dengue**”. Esta variação morfológica de género deve-se a quê? Será possível a palavra ter os dois géneros (masculino e feminino)? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece ser do domínio da Morfologia, da Etimologia, da Lexicologia e da Semântica. Na essência, prende-se com a origem da palavra (Serão duas com o mesmo significante, ortografado “d-e-n-g-u-e”?) e os sentidos que tem ou foi adquirindo. Relativamente à sua etimologia (à sua origem), não há certezas. Virá do quimbundo (“quimb.”?) ou do espanhol (“esp.” ou “cast.” – castelhana)? O dicionário *HOUAISS* explica o

seguinte a este propósito, para o elemento de composição “**deng-**”: “antepositivo, do esp. *dengue* (1732) ‘melindre, fazer trejeitos afetados com o rosto; enfermidade epidêmica, gripe’ que Corominas, referindo-se ao primeiro significado, crê ser pal. de criação expressiva; em port. data de 1844, atribuindo-a ao quimb. ‘*nene* ‘criança, *p.ext.* choradeira’, o que pode ter consistência, levando em conta a possível polarização entre a primeira significação e a outra; a cognação port. inclui *denga, dengada, dengar, dengo, dengosa, dengosidade, dengoso, dengue, dengueiro, denguice, denguim*”. Considerando os dicionários consultados (os três “do costume”: *HOUAISS, ACADEMIA* e *PORTO EDITORA*), não há consenso para a raiz linguística de “dengue”. Não há certezas, quanto à etimologia de “dengue”, sendo a sua origem, aparentemente, obscura (“obsc.”), embora existam referências ao “cast.” ou ao “Bras.” (Brasil – “português do Brasil”). Embora não haja dados concretos sobre este ponto, aqueles três dicionários são unânimes quanto às diferenças de gênero morfológico. Os dicionários, em geral, podem não ter toda a informação e podem até “copiar” dados uns dos outros, mas são materiais de consulta imprescindíveis para quem quiser compreender um pouco a riqueza e a variedade de uma língua viva como é o português.

Por uma breve consulta dos três dicionários indicados, é possível dizer que há, claramente, duas palavras (“dengue 1” e “dengue 2”) com o mesmo significante: uma é feminina (**a dengue**) e a outra é masculina (**o dengue**). Se já tiveram uma origem comum, ela está perfeitamente esquecida porque representam, hoje, duas realidades distintas e significam “coisas” completamente diferentes. Pelo tira-dúvidas, com as definições dicionarizadas, é fácil concluir que não têm a mesma significação. Enquanto “**a dengue**” é **a doença**, causada pela picadela do mosquito “*aedes aegypti*”, “**o dengue**”, como sinônimo de “denguice”, representa diversos tipos de comportamento próprios da sedução: uns são atribuídos às crianças (choradeira, birra, manha) e outros aos adultos (afecção, requebro). Assim, há mesmo dois vocábulos diferentes, com significações bem estanques, que não se podem confundir. Relativamente à forma de designar a doença, que se tem manifestado, inesperadamente, no Arquipélago da Madeira, mas que é bem conhecida noutras regiões do globo terrestre, não há dúvidas. Temos de dizer “**a dengue**” para evitar equívocos, embora os contextos possam auxiliar na diferenciação entre ambos os termos, se se confundirem os gêneros gramaticais.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão dizer, e escrever, “**a dengue**” para a doença? Porquê? É porque “o dengue” (do gênero masculino) é equivalente a “a dengue”, que remete para um determinado modo de agir, tendo como intenção agradar a alguém ou seduzir. Só “a dengue” (no feminino) é o sinônimo de “febre-dos-três-dias”. Não há confusão possível entre “o dengue” e “a dengue”.

Tira-dúvidas

Dicionários	“a dengue” (substantivo feminino)	“o dengue” (substantivo masculino)	“a denguiçe” (substantivo feminino)
Houaiss	substantivo feminino Rubrica: infectologia. 3 doença infecciosa, de origem viral, transmitida ao homem pela picada de mosquitos, esp. <i>Aedes aegypti</i> , caracterizada por febre alta, cefaléia, dor no corpo, fadiga; febre dengue	substantivo masculino Regionalismo: Brasil. 2 m.q. <i>denguiçe</i>	substantivo feminino 1 comportamento insinuante e sedutor, esp. do sexo feminino 2 ostentação da aparência física por meio de gestos, roupas etc. 3 gestualidade afetada, pretenciosa, exagerada 4 comportamento astucioso; manha, ardil, artimanha 5 lamentação infantil; choradeira, lamúria, birra 6 delicadeza no comportamento; meiguiçe, fragilidade
Academia	dengue 2 <i>s. f.</i> (Do cast. <i>dengue</i>). <i>Bras. Med.</i> Doença infecciosa, benigna, propagada por um mosquito, que se manifesta, durante alguns dias, por estados febris, dores musculares e ósseas e erupção cutânea. = FEBRE-DOS-TRÊS-DIAS	dengue 1 <i>s. m.</i> (Do cast. <i>dengue</i>). <i>Bras</i> 1. Gesto afectado, amaneirado; meneio, requebro. = DENGUIÇE 2. Modo lascivo ou sensual de movimentar o corpo. = DENGUIÇE 3. Susceptibilidade ou melindre. = DENGUIÇE, MIMO 4. Manha, astúcia ou ardil. 5. Birra ou choraminguiçe de criança mimada.	<i>s. f.</i> (De <i>dengue</i> + suf. <i>-içe</i>) 1. Qualidade de quem dengoso ou dengue. = DENGUE (<i>Bras.</i>). (...) 2. Gestos e modos afectados, amaneirados ou excessivamente carinhosos, com a intenção de agradar = ADEMANES, AFECTAÇÃO, DENGUE (<i>Bras.</i>), MIMO. 3. Modo lascivo ou sensual de movimentar o corpo; meneio, requebro lânguido. = DENGUE (<i>Bras.</i>). 4. Susceptibilidade melindre, esquitice. = DENGUE (<i>Bras.</i>). 5. Treta, manha.

Porto Editora	dengue 2 s. f. MEDICINA doença, em geral epidémica, comum nas regiões quentes, também denominada febre-dos-três-dias, que tem por agente inoculador um mosquito (De etim. obsc.)	dengue 1 (...) B s. m. => denguice (Do quimb. <i>ndengue</i> , «menino; manha de menino», pelo cast. <i>dengue</i> , «denguice; requebro»)	s. f. qualidade de quem é dengue; maneiras afectadas com o fim de agradar; requebro; melindre feminino; manha; treta; birra (De <i>dengue</i> + <i>ice</i>)
<u>SÍNTESE</u>	doença provocada por picadela do mosquito “aedes aegypti” sinónimo de “doença-dos-três dias”	- sinónimo de “denguice” - significa: gesto afectado; movimento corporal sensual; melindre; mimo; birra; manha	- sinónimo de “ <u>o</u> dengue” - significa: gesto afectado; movimento corporal sensual; melindre; mimo; birra; manha

Diz-se “parquímetro” ou “parcômetro”? Porquê?

Todos os dias, se não houver nada em contrário, desloco-me ao centro da cidade e vou a pé, não me preocupando com estacionamento. Porém, quando é necessário, pelas mais diversas razões, não tenho outra solução e levo o carro. Entre um estacionamento coberto ou um ao ar livre, prefiro este último. Entretanto, não há nada de mais irritante do que ter pressa, querer estacionar o veículo e não haver qualquer lugar vago, mesmo a uma distância considerável. À partida, os estacionamentos pagos deveriam permitir resolver estas situações, mas, com frequência, não o conseguem. Nas cidades, é cada vez mais difícil conseguir espaços gratuitos para parar os carros e pagos, vagos, também. A fim de conseguir dinheiro, os municípios vão reservando todos os espaços disponíveis, obrigando a um pagamento, quer para os moradores, quer para os cidadãos em geral. Assim, torna-se indispensável pagar para ocupar o lugar, seja qual for o tempo, incluindo alguns poucos minutos. É aqui que se compreende bem a máxima “tempo é dinheiro”. Acontece que, por vezes, como me é difícil ter uma ideia concreta do tempo de que precisarei, ou coloco dinheiro a mais ou a menos. Já me aconteceu não necessitar de usar todo o tempo que tinha previsto. Nestas circunstâncias, coloco o talão na máquina (Designa-se “parquímetro” ou “parcômetro”?) para poder servir a quem vier a seguir, se coincidir com o que a pessoa precisar. Também me sucedeu pensar num determinado tempo e vir a necessitar de mais, mas não poder ir renovar o talão na máquina. Sei que os funcionários, que controlam estes estacionamentos e se identificam com a indicação “parcômetro”, a cujo termo adicionam “fiscalização”, dão uma tolerância, mas não muita, nas suas vistorias. Para evitar problemas de contagem de tempo, há, agora, um sistema de pagamento através da Internet. Consta que estão a desenvolver uma aplicação para telemóvel com essa finalidade. Todavia, como raramente uso os estacionamentos, ainda não me interessou saber como este processo funciona. Afinal, como se chama este sistema de controlo e a maquinaria? É “parquímetro” ou “parcômetro”? Já vi usar os dois termos. Que diferença existirá entre eles? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Lexicologia e da Lexicografia porque está relacionada com o vocabulário, envolvendo também uma questão de Ortografia e de Fonética. A nível da formação, os dois termos assemelham-se porque iniciam ambos com “parqu-” e terminam com

“metro”. Varia apenas a vogal interior (“i” ou “o”) e com ela a forma de grafar o fonema /k/ (com “qu” – “quí” – ou com “c” – “có”) por razões ortográficas. Significarão o mesmo, apesar desta diferença ortográfica e fonética? No sentido de resolver esta dúvida, a consulta de dicionários é indispensável. Aliás, é impossível e impensável viver sem dicionários. Estes são materiais de consulta obrigatória. Recorro a alguns e dou as suas definições no “tira-dúvidas”. Pela falta de informação dos três que habitualmente consulto (HOUAISS na versão brasileira original, ACADEMIA e PORTO EDITORA), decidi adicionar mais dois. Um deles, que identifico sinteticamente como MACHADO, é o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, coordenado por José Pedro Machado e publicado pelo Círculo de Leitores em 1997, retomando a edição das Publicações Alfa de 1991. O outro, que identifico como VERBO devido à editora, é o *Dicionário da Língua Portuguesa*, publicado em 2006 com o apoio do Ministério da Educação. Salvo o que aparenta ser uma falha no MACHADO, com a substituição inesperada de “parcómetro” (que, como no HOUAISS, não é atestado como entrada) por “parcógrafo” (inexistente nos restantes dicionários consultados), os dados dos diferentes dicionários são idênticos. Portanto, “parcómetro” e “parquímetro” significam o mesmo, sendo um exemplo de variação linguística. Pelas informações recolhidas, os dois vocábulos são sinónimos e foi-me confirmado por um dos fiscais que controlava as máquinas no centro da cidade. Então, por que razão haverá os dois termos, se significam o mesmo? Qual deles terá surgido primeiro? Que utilidade terá o segundo? O que terá motivado o seu aparecimento. Observando a etimologia facultada pelo HOUAISS, que só reconhece “parquímetro” (por não atestar “parcómetro”, indicará que este não é usual no Português do Brasil), o termo deriva do inglês “parking-metre”. Isto explicará a vogal “i” como resultante do sufixo “-ing” na adequação do inglês para o português. Consequentemente, pela proximidade fonética, creio que “parquímetro” terá ocorrido primeiro e “parcómetro” surgiu posteriormente, diferenciando-se pela fonética da expressão inglesa original. Esta é a leitura e a interpretação que faço dos dados recolhidos. Resta saber se coincidem com a realidade. Precisaríamos, para o efeito, de averiguar desde quando existe este sistema de estacionamento nas cidades portuguesas e procurar a documentação que foi produzida a seu respeito. A falta de oportunidade invalida tal pesquisa. No entanto, uma ideia parece certa: “parquímetro” foi decalcado a partir do original inglês. Julgo, então, que o “o” interior de “parcómetro” se assume com uma sonoridade mais portuguesa do que o “i” de “parquímetro”.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão dizer “parcómetro” em vez de “parquímetro”? Porquê? Será, provavelmente, por hábito, já que nada, a não ser uma vogal

(com a adequação ortográfica de /k/ seguido da vogal “i” ou “o”) diferencia-
rá estes dois termos”. Em síntese, é possível dizer “parquímetro” e “parcô-
metro” porque as duas formas existem na língua portuguesa (no Português
Europeu) e são ambas sinónimas.

Tira-dúvidas

Dicionários	“parquímetro”	“parcómetro”
Houaiss	substantivo masculino aparelho eletrônico que regula o tempo de permanência dos carros nas vagas da cidade, e que funciona mediante a introdução de moedas etimologia parqu(ear) ‘estacionar’ + -i- + -metro; cf. ing. <i>parking-meter</i> (1935), ‘id.’; ver <i>parr-</i>	verbetes inexistente
Academia	<i>s. m.</i> (De <i>parque</i> + suf. <i>-metro</i>). Aparelho que mede automaticamente o tempo de estacionamento de um veículo, em locais de estacionamento autorizado por tempo limitado, permitindo m controlo por parte dos agentes da autoridade.	<i>s. m.</i> (De <i>parque</i> + suf. <i>-metro</i>). O m. que <i>parquímetro</i> .
Porto Editora	<i>s.m.</i> [neol.] aparelho de relojoaria que serve para medir o tempo de aparcamento de um veículo automóvel em parque público ou em certas ruas ou praças De <i>parque</i> + <i>-metro</i>)	<i>s. m.</i> -> <i>parquímetro</i>
Machado	<i>s. m.</i> O m. q. <i>parcómetro</i> .	verbetes inexistente (?) substituído por “parcógrafo” <i>s. m.</i> Contador, e fiscalizador, do tempo de estacionamento nos parques automóveis; também se diz <i>parquímetro</i> .
Verbo	<i>n. m.</i> Aparelho que permite medir e taxar o tempo de permanência das viaturas automóveis nos parques de estacionamento e que funciona mediante a introdução de moedas.	<i>n. m.</i> -> <i>parquímetro</i>
SÍNTESE: “parquímetro” e “parcómetro são termos sinónimos.		

Diz-se “história” ou “estória”? Porquê?

Têm-me perguntado se se deve dizer “história” ou “estória”. Perguntaram-me, também, se a palavra “estória” é portuguesa. Já foram várias as pessoas a exporem-me a dúvida, em contextos completamente distintos. A primeira vez que me colocaram a questão sobre a existência, em português, do termo “estória”, respondi, imediatamente, que existia e que era recorrentemente usado para “breves narrativas fictícias”, portanto, para textos literários curtos como o conto. Acrescentei que seria, sobretudo, um termo ligado às narrativas da Literatura Oral, em especial as africanas. Esta era a minha convicção. Não alarguei o assunto porque já tinha visto e lido o vocábulo em vários lados (sem me lembrar precisamente onde). Considerando, assim, a sua existência como um dado adquirido, não pensei mais no assunto. Como houvesse quem me voltasse a questionar sobre o mesmo tema, comecei a duvidar dos meus conhecimentos e decidi tratar do assunto. Na sequência destas questões, foram surgindo outras. Será “estória” um termo válido? Se o é, como se formou? Terá a mesma origem que “história”? Qual a diferença entre estes dois vocábulos, se se podem usar ambos? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Lexicografia, da Lexicologia, da Semântica e do âmbito da Literatura, que não é, propriamente, a minha área de trabalho. Para solucionar problemas relativos ao vocabulário, como este aparenta ser, o primeiro passo é sempre consultar dicionários. Mantive os cinco que apresentei anteriormente. Por curiosidade, destes, apenas o HOUAISS (versão digital brasileira) considera a entrada “estória”, dando-a como sinónima de “história” no sentido de “narrativa fictícia”. Nenhum dos outros (ver o tira-dúvidas) define a palavra “estória” porque o “verbete é, neles, inexistente”. Estranhei o facto e decidi procurar num outro dicionário, também ele de origem brasileira, a fim de atestar se a diferença seria entre o Português Europeu e o Português do Brasil. Abri, então, o dicionário AURÉLIO (*Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 2.^a edição revista e aumentada, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986) que adicionei ao tira-dúvidas. Neste dicionário brasileiro, o verbete existe. Contudo, é recomendado que não se grafê por ser preferível a forma “história”. Portanto, dos dicionários consultados, apenas o HOUAISS reconhece e credibiliza a existência de “estória”, aceitando o termo. Considera que significa o mesmo que “história” e que se trata de um diacronismo.

Uma observação evidente é que o termo “história” tem muitas acepções dicionarizadas (Mais de 11!), enquanto o de “estória” se limita a uma, o que pode explicar o emprego dos dois termos.

Ao comparar a etimologia das duas palavras no HOUAISS, verifica-se que têm a mesma raiz, mas o significante original foi assumindo várias formas consoante as línguas por onde “passou”. Assim, o vocábulo “história” vem do grego “historia,as” (com o sentido de “pesquisa, informação, relato, história”) e chegou ao português através do latim “historia,ae” (significando “a história, história universal, narração, conto, aventura”). Quanto à etimologia de “estória”, fica-se a saber que está no significante inglês “story” (dos séculos XIII-XV), cuja significação é “narrativa em prosa ou verso, fictícia ou não, com o objetivo de divertir e/ou instruir o ouvinte ou o leitor”. A palavra inglesa deriva de “estorie” que se formou a partir do francês antigo “estoire”, estando a sua origem no latim “historia,ae”, ou seja, a do termo português “história”. As palavras são como as vidas: “dão muitas voltas”, transformando-se (ou não) ao longo do tempo. Para o HOUAISS, o termo “estória” foi adoptado pelo Conde de Sabugosa com o sentido de “narrativa de ficção” e, esta informação, tê-la-á colhido em J. A. Carvalho, mais precisamente no livro *Discurso & Narração* (Vitória, 1995, p. 9-11). Segundo este dicionário, no século XIV, já aparece atestada a forma “estorya”.

Toda esta informação pode confundir. Então, como é? O termo “estória” é válido em português, mesmo se os dicionários do Português Europeu (pelo menos os que consultei) não o registam? Será aceitável escrever “estória”, quando o AURÉLIO recomenda “história”? Parece-me, agora, que o termo deveria ser evitado, já que, no fundo, corresponde a uma das diversas acepções de “história” com que tem a mesma raiz etimológica. Porém, julgo que, nos Estudos Literários, terá assumido maior relevância para precisar o sentido específico em que é usado o termo. Na área da Literatura, “estória” distinguir-se-á do vocábulo geral “história”, assumindo alguma precisão terminológica. Andei à procura de algo que pudesse confirmar esta minha ideia e encontrei, por exemplo, os contos de Mia Couto. O livro *Cada Homem É uma Raça* inclui “estórias”. É essa a indicação da Editora Caminho (cf. capa da editora portuguesa Caminho) para os contos deste escritor.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão escrever “história” e “estória”? Porquê? É porque as duas formas existem na língua portuguesa e têm ambas a mesma origem greco-latina. Os dicionários portugueses (a maioria) não reconhecem “estória” como sendo um vocábulo de uso comum, registando apenas “história”. Porém, como o termo “história” tem vários sentidos, num leque bastante alargado, no âmbito da Literatura, há quem prefira empregar “estória” com

um sentido técnico restrito de “narrativa em prosa ou verso, fictícia ou não, com o objetivo de divertir e/ou instruir o ouvinte ou o leitor” ou “breve texto literário”. A generalização do uso de “estória” virá daqui.

Tira-dúvidas

Dicionários	“história”	“estória”
<i>Houaiss</i>	substantivo feminino 1 conjunto de conhecimentos relativos ao passado da humanidade, segundo o lugar, a época, o ponto de vista escolhido Obs.: inicial freq. maiúsc. Ex.: <h. universal> <a h. da Revolução Industrial> Ex.: a h. de uma família (...) 11 narração de eventos fictícios ou não; narrativa, estória Ex.: adora contar histórias para os filhos 11.1 narrativa de cunho popular e tradicional; estória (...).	substantivo feminino 1. Diacronismo: antigo. m.q. <i>história</i> 2. (1912) Regionalismo: Brasil. narrativa de cunho popular e tradicional; história
<i>Academia</i>	(...) <i>s. f.</i> (Do lat. <i>historia</i> < gr. (...)). 1. Conjunto de factos ou acontecimentos sociais, políticos, institucionais, culturais, económicos..., do passado, considerados relevantes à evolução de um povo, de um Estado ou da Humanidade. + <i>de uma época</i> ; + <i>pré-clássica, clássica, medieval, moderna, contemporânea</i> . (...). 7. Narração, em geral por ordem sucessiva ou cronológica, de factos, reais ou imaginários, relacionados com determinado tema, assunto ou personagem. = EPISÓDIO, NARRATIVA, RELATO. História Sacra , (com maiúsc.), <i>Rel.</i> Narração do Antigo e do Novo Testamento. 8. Trama de acções ou acontecimentos numa narrativa. = ENREDO. Era uma pequena novela, quase sem	verbetes inexistente

	<p>história, mas muito bem escrita. (...) 9.Pequena narrativa de ficção, oral ou escrita. = CONTO. <i>Contou-lhe a história da Branca de Neve e os Sete Anões. História aos quadrinhos</i>, banda desenhada. (...).</p>	
Porto Editora	<p><i>s.f.</i> evolução da humanidade; (...); narrativa; conto; (...); LINGUÍSTICA conjunto das acções e das situações representadas num texto narrativo (...).</p>	verbete inexistente
Machado	<p><i>s.f.</i> (do lat. <i>historia</i>). A exposição com bases científicas de coisas memoráveis, de acções, de factos passados relativos aos homens em geral. (...) // Narração de coisas fictícias, amenas, sérias, trágicas, etc., como aventuras, fadarias, mágicas, etc. (...).</p>	verbete inexistente
Verbo	<p><i>n.f.</i> 1. Conjunto de acontecimentos, de factos relativos ao passado de um povo, de um país ou da humanidade, considerados relevantes no contexto da respectiva evolução. <i>História Universal. História de Portugal.</i> (...) 8. Pequena narrativa de ficção, conto. <i>Um livro de ~s para crianças. A moral da ~. Ler uma ~. Contar uma ~. ~ aos quadrinhos</i> Banda desenhada. (...).</p>	verbete inexistente
Aurélio	<p>(...) S. f. 1. Narração metódica dos fatos notáveis ocorridos na vida dos povos, em particular, e na vida da humanidade, em geral (...) 11. Conto, narração, narrativa (...) 12. Enredo, trama, fábula (...).</p>	S. f. V. <i>história</i> . [Recomenda-se apenas a grafia <i>história</i> , tanto no sentido de ciência histórica, quanto no de narrativa de ficção, conto popular, e demais acepções.]

Diz-se “destrocar” ou “trocar”, quando precisamos de trocos? Porquê?

Embora os hábitos possam estar a mudar por causa da crise, recorreremos, cada vez menos, aos pagamentos em “dinheiro vivo”, já que se impuseram os cartões de débito ou de crédito, os cheques e as transferências bancárias. Todavia, ainda vamos usando um porta-moedas com alguns trocos. Mesmo se é cada vez mais raro, visto que tudo custa mais do que um euro, continuamos a precisar de cêntimos. Recentemente, uma pessoa desconhecida perguntou-me se lhe podia “destrocar” uma moeda de um euro em duas de cinquenta cêntimos. Alguém que estava ao meu lado comentou, depois, que não se dizia “**destrocar**”, mas “**trocar**”. Fiquei a pensar, respondendo que seria necessário verificar, porque o uso de “destrocar” é frequente em situações similares àquela. Então, diz-se “destrocar” ou “trocar”, quando se querem muitas moedas (ou notas) em vez de uma única, isto é, “permutar uma moeda, ou nota, por várias, com, no total, o mesmo valor daquela”. Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece ser do domínio da Lexicologia e da Semântica. Está relacionada com as palavras e o que elas significam. Também se pode interligar com os níveis de língua (a variação linguística determinada por elementos sociais e situacionais em geral). Estará, por isso, igualmente relacionada com o âmbito da Pragmática. A nossa maneira de falar muda consoante os nossos interlocutores e as circunstâncias em que nos encontramos. Não falamos do mesmo modo com os nossos pais e com o nosso empregador. A nossa linguagem muda se estivermos com um amigo ou uma pessoa estranha. No fundo, quanto maior for a familiaridade que tivermos com alguém, menor será o nosso cuidado com o discurso. Pelo contrário, com um desconhecido, numa situação de comunicação formal, prestaremos grande atenção às palavras porque elas nos comprometem. O caso mais paradigmático será numa sala de audiências, num tribunal, onde cada palavra assume um peso particular, podendo vir a condicionar o testemunho prestado e o processo no seu todo. Portanto, com os verbos “trocar” e “destrocar”, poderá suceder isso mesmo. Tendo em conta os níveis de língua, os sentidos que têm variarão consoante os contextos e as situações. São casos de variação linguística.

Consultados os dicionários habituais do tira-dúvidas (aos quais adicionei os anos das edições que tenho à mão), verifico que “trocar” ocorre, em todos, com o sentido geral de “permutar” e “substituir”, além de muitos outros. Não transcrevi toda a definição de “trocar” porque é consideravelmente longa nessas obras. Limitei-me a referir exclusivamente os excertos que interessam para a distinção entre “trocar” e “destrocar”. Curiosamente, no HOUAISS, que cito na versão brasileira original, na definição de “trocar”, com 10 acepções totais, não há nenhuma relacionada com a expressão “trocar dinheiro” que ocorre, no entanto, em “destrocar”. Porém, aqui, surge como “regionalismo da Bahia”, o que não dá conta da realidade portuguesa. Estranhamente, neste dicionário, a terceira acepção de “destrocar” é vista como um regionalismo em Portugal (É pena não vir identificada a região!), com o sentido de “efetuar troca de; trocar”, o que não compreendo bem. Pela consulta dos restantes dicionários, é fácil concluir que o sentido original de “**destrocar**” é o de “**desfazer uma troca**”. O verbo – construído com o prefixo “des-” e o verbo “trocar” – remete para essa noção, ou seja, “anular uma troca”. Não me parece que “des-” seja um prefixo de intensidade, como defende MACHADO, mas de “negação”, que se vê, por exemplo, em “descontente” – “não contente”. Se “destrocar” significa “anular uma troca”, por que razão as pessoas dirão “destrocar dinheiro”? O dicionário da ACADEMIA e o da PORTO EDITORA identificam “destrocar” no sentido de “trocar dinheiro” como um uso de nível popular (pop.) da linguagem. Este sentido é dado pelo “povo”: as pessoas em geral, por um lado, e, por outro, sobretudo, as menos letradas. Serão, portanto, as pessoas com menos formação que dirão “destrocar dinheiro”, em vez de “trocar dinheiro”. Ora, isso não é bem assim, visto que, também, se ouve às que têm mais escolaridade. Provavelmente, o uso está generalizado, ganhando maior amplitude por todas as camadas sociais empregarem a expressão, em qualquer situação. Este fenómeno legitima o uso linguístico? Podemos dizer “destrocar dinheiro”, em vez de “trocar dinheiro”? Podemos, mas apenas em situações de comunicação informais. Como, normalmente, quando precisamos de “trocar dinheiro”, interpelamos desconhecidos, as situações de comunicação serão, em princípio, formais. Sendo assim, o que devemos dizer é “trocar dinheiro”.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão devemos dizer “trocar um euro” e não “destrocar um euro”? Porque? É porque “**trocar**” está dicionarizado na expressão “**trocar dinheiro**”, que é do nível comum da linguagem. Neste nível de língua, “**destrocar**” significa “**desfazer uma troca**”. Portanto, “destrocar dinheiro” não se deveria dizer numa situação formal de comunicação. Os dois verbos (“trocar” e “destrocar”) existem em português e o prefixo em “destrocar” corresponde à negação de “trocar”. Peçamos, então, para “trocar dinheiro”, quando precisarmos de trocos.

Tira-dúvidas

Dicionários	“trocar”	“destrocar”
Houaiss (2001)	verbo transitivo direto e bitransitivo 1 efetuar troca; permutar, substituir Ex.: <trocou a camisa duas vezes> <por que não troca o carro por um novo?> (...)	verbo transitivo direto 1 anular, desmanchar a troca de transitivo direto 2 Regionalismo: Bahia. trocar (dinheiro) transitivo direto 3 Regionalismo: Portugal. efetuar troca de; trocar
Academia (2001)	v. (De origem obscura). 1. Dar uma coisa em troca de outra. = PERMUTAR (...). trocar dinheiro. 1. Cambiá-lo. 2. Fazer conversão de uma nota de valor elevada [sic] por uma nota ou moeda de menor valor.	v. (De <i>des-</i> + <i>trocar</i>). 1. Anular uma troca. 2. Pop. Trocar dinheiro por notas ou moedas de montantes menos elevados que perfazem a mesma quantia = TROCAR.
Porto Editora (1998)	v. tr. fazer a troca de; converter em dinheiro miúdo uma moeda ou nota de maior valor; cambiar; permutar; inverter; substituir; (...).	v. tr. desfazer a troca de; [pop.] (dinheiro) => trocar (De <i>des-</i> + <i>trocar</i>).
Machado (1991)	v. tr. Permutar; dar uma coisa por outra; dar em troca; substituir. (...) <i>Trocar dinheiro</i> , dar o equivalente de uma moeda, ou nota, por moedas, ou notas, de outra espécie.	v. tr. Desmanchar ou desfazer a troca de. O m. q. <i>trocar</i> , com o <i>des</i> como prefixo de intensidade.
Verbo (2006)	v. 1 t. d. e ind. Ceder uma coisa em troca de outra (...). (...) 4 t. d. e ind. Fazer câmbio de dinheiro ou valores. ~ euros por dólares. Trocas cinco euros (por miúdos)?	verbetes inexistente

Diz-se “quadrienal” ou “quadrianual”? Porquê?

Ao telefone, colocaram-me uma dúvida que, de início, não entendi. Cheguei mesmo a perguntar se não tinham consultado dicionários. Responderam-me afirmativamente, mas a dúvida subsistia e precisavam de ajuda. Pedi que me enviassem por escrito, já que havia muito ruído onde estava. Um organismo necessitava de apresentar um relatório de quatro anos de trabalho e, pesquisando modelos na Net, surgiu, com muita frequência, em textos de instituições universitárias, oficiais e governativas, o intitulado “RELATÓRIO QUADRIANUAL”. Porém, também havia exemplares com “RELATÓRIO QUADRIENAL”. A confusão instalou-se e a dúvida manifestou-se. Como se diz? É “quadrienal” ou “quadrianal”? Será que as duas formas são possíveis na língua portuguesa? Serão os dois adjectivos viáveis? Parece fazer mais sentido o que termina em “anual” porque se percebe, imediatamente, significar “quatro anos”. As diferenças entre eles são mínimas e, aparentemente, insignificantes: uma pequeníssima distinção vocálica – <e> ou <a> – e a supressão/ adição da vogal <u>. Pode ser indiferente usar uma ou outra? Não, não é! São os pormenores que costumam fazer a diferença na vida quotidiana e, aqui, sucede o mesmo. Os pormenores revestem-se de capital importância. Temos, por isso, de nos habituar a olhar para eles com muita atenção em tudo e, de modo particular, numa língua viva como é o português. Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece ser do domínio exclusivo da Ortografia. A permanente criatividade linguística, a nossa ignorância em várias matérias de língua materna e a manifesta preguiça em consultar dicionários contribuem, quase sempre, para os erros que vamos dando, sobretudo os ortográficos. Se nos dessemos ao trabalho de procurar, quando temos dúvidas, resolveríamos metade dos nossos problemas. É certo também que temos de saber interpretar o que lemos nos dicionários, que, em muitos casos, são “cópias adaptadas” uns dos outros. Não há ninguém que conceba um dicionário e não vá aos anteriores verificar o que está feito. Portanto, consultar materiais metalinguísticos e interpretar adequadamente o resultado da pesquisa são dois passos seguros para resolver dúvidas linguísticas. Porém, muitas pessoas, convencidas da sua douta sabedoria, nem dúvidas têm e esse é o problema principal. Se não fosse assim, não estaria aqui com esta reflexão. Duvidar é meio caminho andado para acertar e não errar.

Além disso, como afirmei, é também necessário saber pesquisar e interpretar os materiais recolhidos, quando, depois da dúvida, a procuramos resolver, isto é, aniquilar, acabando radicalmente com ela (Será que uma dúvida se resolve?). Entre as informações pesquisadas em dicionários e as que a Internet oferece, confiamos mais em quais? Incontestavelmente, eu oriento-me mais pelos dicionários (No plural, claro! Um único não é suficiente.). Acredito pouco nos dados da Internet, embora seja uma ferramenta extremamente útil pelos tempos que correm. Não o contesto e, inclusive para consultar dicionários, a ela recorro inúmeras vezes. Portanto, face à questão colocada, só há um passo a dar: abrir vários dicionários.

Pela ordem aleatória estabelecida nos textos anteriores, transcrevo, no meu esquemático tira-dúvidas, as definições das referências do costume, algumas das que tenho em casa, incluindo o *Aurélio*, dicionário publicado no Brasil (assim como o *Houaiss*), para compensar a edição escolar da *Verbo*, que não regista a entrada “quadrienal”, por compilar um vocabulário elementar, considerado suficiente para quem andar­á no 1.º e no 2.º Ciclos. O quadro do tira-dúvidas resolve integralmente o problema colocado. Nenhum dicionário regista como entrada “quadriannual”. Este é um “verbete inexistente” em todos eles. Logo, a palavra terá sido inventada por quem, decerto, pensou que este adjectivo se formou a partir de “quatro” (com a variante “quadro” – O dicionário da *Academia* é o único a considerar como duas possibilidades “quadrienal” e “quatrienal”, não remetendo nenhum dos outros para esta última variante.) + “anual”. Ora, isso não é assim. A hipótese é inválida à partida. O adjectivo “quadrienal” já vem do latim, como o demonstram o *Aurélio*, o *dicionário da Porto Editora* e o da *Academia*. Formou-se com a adição do sufixo “-al”. Portanto, o seu significante está, há muito, fixado na língua, tendo sido “herdado” como tal e não podendo ser alterado ao sabor da nossa “sábida ignorância”. Contudo, se o uso de “quadriannual” se impõe (porque o ser humano é um preguiçoso copiad­or), é bem provável que, dentro de alguns anos, já figure nas próximas edições de dicionários. Este fenómeno é típico da variação linguística. É assim que, em parte, a língua evolui. A descarada ignorância em assuntos de língua materna vai proliferando em relatórios muito especializados a que falta, frequentemente, a simples consulta de alguns dicionários. Se cada um (re)inventar a língua que fala e escreve, a comunidade de falantes fica a perder e ninguém se entenderá em tão incompreensíveis e infundáveis criações linguísticas. Todavia, o que é um defeito também pode ser visto como uma qualidade. Isso evidencia que a língua portuguesa está viva e é remodelada ao sabor das necessidades imediatas dos falantes.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Diz-se “quadrienal” ou “quadriannual”? Porquê? Só se diz (e escreve)

“quadrienal” porque é o único termo que está dicionarizado e, apenas ele, é uma palavra da língua portuguesa. A outra forma foi inventada por pessoas que ignoram a existência de “quadrienal”, o termo certo, embora, possam ser especializadas em muitas matérias e escrever relatórios infundáveis que colocam na Internet. Expõem-nos para todos verem os seus impressionantes trabalhos e para servirem de modelo ou por obrigação legal de divulgação. Pensar pela própria cabeça dá trabalho, mas é outro passo bastante seguro para evitar errar, já que os modelos existentes nem sempre são os melhores e os mais fiáveis, incluindo os dos meios digitais.

Tira-dúvidas

Dicionários	“quadrienal”	“quadrianual”
Houaiss (2001)	adjetivo de dois géneros relativo a quadriênio Ex.: mandato q. 1 que se dá de quatro em quatro anos Ex.: a Copa do Mundo é um evento q. 2 que se realiza ao longo de quatro anos	verbetes inexistentes
Academia (2001)	quadrienal, quatrienal (...) <i>adj. m. e f.</i> (De <i>quadriênio</i> + suf. <i>-al</i>). Que surge, acontece ou se efectua de quatro em quatro anos. Os jogos olímpicos são quadrienais. Adv. quadrienalmente, quatrienalmente.	verbetes inexistentes
Porto Editora (1998)	<i>adj. 2 gén.</i> que sucede ou se realiza de quatro em quatro anos; referente a quadriênio (Do lat. <i>quadrienniu-</i> , «quadriênio» + <i>-al</i>)	verbetes inexistentes
Machado (1991)	<i>adj. 2 gén.</i> Que sucede de quatro em quatro anos.	verbetes inexistentes
Verbo (2006)	verbetes inexistentes	verbetes inexistentes
Aurélio (1986)	[Do lat. <i>quadriennale</i> .] <i>Adj, 2 g. 1.</i> Que aparece, acontece ou se efectua de quatro em quatro anos. 2. Realizável ou executável num quadriênio: <i>plano quadrienal</i> .	verbetes inexistentes

Diz-se “síndrome”, “síndroma” ou “síndromo”? Porquê?

Uma amiga formada em Educação Especial perguntava-me, há algum tempo, se se dizia “a síndrome”. Como não é um termo que use no meu dia-a-dia (Não percebo nada de doenças e de medicamentos!), expliquei-lhe que iria procurar e que, depois, lhe dava uma resposta. Assim fiz. Como tudo o que cheira a remédios ou enfermidades me assusta, nunca mais pensei no assunto, mas a minha memória reteve, tenuemente, que havia diversas variantes para esse termo e que o género também mudava. Acabei por me esquecer completamente deste vocábulo porque nunca mais o disse, ouvi, li ou escrevi. Contudo, há uns meses, estava com dois colegas e um deles revelou que tinha corrigido, num texto de um outro, uma ocorrência de “síndrome” no masculino (“o síndrome”) porque, etimologicamente, era feminino. Naquele instante, veio-me à memória, mas com pouca clareza, a possibilidade do masculino, o que acabei por dizer, mesmo sem dar garantias. Necessitava de rever o que os dicionários propunham para responder à minha amiga. Então, como se diz? É “síndrome”, “síndroma” ou “síndromo”? Será “síndrome” do género masculino ou feminino? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece ser do domínio da Etimologia, da Ortografia, da Morfologia e do uso linguístico. Quem lida com patologias empregará regularmente o termo “síndrome” e estará a par das variações gráficas e morfológicas que tem. Também pode suceder que, utilizando-o sempre com a mesma forma, não se tenha dado conta da variação existente no significante. Então, termina em <-e>, <-a> ou <-o>? Ao percorrer os dicionários do costume (incluindo dois brasileiros: o HOUAISS e o AURÉLIO), cujas definições reproduzo na íntegra ou parcialmente no tira-dúvidas, torna-se evidente a dificuldade ortográfica. Sintetizando, a origem do termo está no grego e é um vocábulo feminino (*a síndrome* – proveniente de “syndromé”), mas também pode ser masculino com alteração obrigatória da vogal final (*o síndrome* – com origem em “syndromos”). O significado de ambos é coincidente, mas terá mais ocorrências “a síndrome”. No Português do Brasil, segundo os dicionários consultados, a forma masculina (*o síndrome*) não é considerada. Assim, poderá ser apenas frequente no Português Europeu, já que as minhas referências dicionarísticas apresentam a entrada (salvo o dicionário da VERBO por ser uma edição escolar).

Com tantas possibilidades morfológicas e ortográficas, qual empregar? Seguindo o observado, podemos recorrer a qualquer uma das três possibilidades dicionarizadas: “**a síndrome**”, “**a síndrome**” e “**o síndrome**”. Porém, num determinado texto, devemos manter alguma coerência e escrever a mesma do princípio ao fim. Ao dizermos “a síndrome”, estamos a seguir de mais perto a origem etimológica. Esta variante (terminada em <-e>) só se usa no feminino, sendo no masculino inaceitável. No entanto, tem este género a que finda em <-o>. A que acaba em <-a> será a variante aportuguesada, que, no dicionário da ACADEMIA e no de MACHADO, tem maior destaque, contrariamente ao da PORTO EDITORA, porque é a forma onde o termo surge definido (embora no tira-dúvidas tenha colocado a definição na coluna de “síndrome” para gerir o espaço de que dispunha). Portanto, as três formas são adequadas e cada um empregará a que quiser. Eu – porque não a uso com regularidade – vou, provavelmente esquecer-me, de novo, deste termo, mas, se tiver de o empregar, é provável que opte por “a síndrome” (ou “o síndrome”) por razões etimológicas. Não esquecer a origem das palavras é, quanto a mim, fundamental para as compreender. Será aqui o caso, embora a variação linguística permita outras possibilidades.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão se diz “**a síndrome**”, “**o síndrome**” e “**a síndrome**”? Porquê? É por razões etimológicas e de uso linguístico. As três formas existem na língua portuguesa. Estando dicionarizadas em mais do que uma obra de referência, podemos considerá-las como legítimas. Cada um poderá, das três, empregar a que mais lhe convier. No entanto, fica esclarecido que “síndrome” não é uma forma de masculino, na língua portuguesa. Com três possibilidades, qual a necessidade de haver mais uma? Nenhuma!

Tira-dúvidas

Dicionários	“a síndrome”	“a síndrome”	“o síndrome”
<i>Houaiss</i> (2001)	substantivo feminino 1 Rubrica: medicina. conjunto de sinais e sintomas observáveis em vários processos patológicos diferentes e sem causa específica 2 Derivação: sentido figurado. conjunto de sinais ou de características que, em	substantivo feminino m.q. <i>síndrome</i>	verbetes inexistentes

	associação com uma condição crítica, são passíveis de despertar insegurança e medo Ex.: a s. da Terceira Guerra Mundial		
<i>Academia</i> (2001)	síndrome, síndrome (...) <i>n. f.</i> (Do gr. (...) 'reunião', 'afluência'). 1. Med. Conjunto de sinais e sintomas, que não têm obrigatoriamente a mesma causa em todos os casos e que indiciam um determinado estado patológico. Síndrome da imunodeficiência adquirida, doença provocada pela infecção do vírus que destrói as defesas do organismo, transmitida por via sexual ou sanguínea, mortal, mais conhecida por SIDA. 2. Conjunto de sinais indicadores de determinado estado, situação.	síndrome, síndrome [cf. DEFINIÇÃO DA COLUNA ANTERIOR]	(...) <i>n. m.</i> (Do gr. (...) 'que acompanha'). O m. que <i>síndrome</i> .
<i>Porto Editora</i> (1998)	<i>s. f.</i> MEDICINA conjunto bem determinado de sintomas que não caracterizam necessariamente uma só afecção patológica, uma só doença, mas podem traduzir certa modalidade patogénica (Do gr. syndromé, «reunião, conjunto»)	<i>s. f.</i> => síndrome	<i>s. m.</i> MEDICINA => síndrome (Do gr. syndromos, «que correm juntos»)
<i>Machado</i> (1991)	<i>s. f.</i> O m. q. <i>síndrome</i> .	<i>s. f.</i> 1. Conjunto de sintomas <i>ou</i> sinais que ocorrem em determinado estado mórbido. // <i>Síndrome</i>	<i>s. m.</i> O m. q. <i>síndrome</i> .

		<i>do veru montanum</i> (...).	
Verbo (2006)	síndrome ou síndroma <i>n. f.</i> 1. Conjunto de sinais e sintomas que se podem observar num processo patológico e que contribuem para a sua caracterização. ~ <i>da menopausa.</i> ~ <i>de Down ou trissomia 21.</i> 2. Conjunto de sinais reveladores de determinado estado ou situação. <i>A ~dos atentados terroristas.</i> Obs. A acentuação grave (síndrome) é inexacta.	síndrome ou síndroma [cf. DEFINIÇÃO DA COLUNA ANTERIOR]	verbetes inexistente
Aurélio (1986)	[Do <i>gr.</i> <i>syndromé</i> , ‘concurso’] <i>S. f.</i> 1. Med. Estado mórbido caracterizado por um conjunto de sinais e sintomas, e que pode ser produzido por mais de uma causa. Ex.: <i>síndrome de obstrução intestinal</i> (...). 2. Fig. Conjunto de características ou de sinais associados a uma condição crítica, suscetíveis de despertar reações de temor e insegurança: <i>a síndrome da guerra nuclear</i> (...).	<i>S. f.</i> Var. de síndrome .	verbetes inexistente

Significam o mesmo “racionalizar” e “racionar”? Porquê?

Provavelmente por estar na fronteira entre a vida e a morte, além de requerer vasta investigação e tecnologia, a saúde – entendida como “cuidados médicos” – é cara. Por o Serviço Nacional de Saúde ser extremamente dispendioso, tem, segundo os diversos meios de comunicação, uma dívida exorbitante (ou “colossal”, como se repete agora). Têm vindo a público diversas notícias relacionadas com a necessidade de reduzir os custos desta área do serviço público. Julga-se que as taxas moderadoras afastaram os utentes, em especial os mais idosos, dos serviços de medicina, sobretudo nas urgências. Alguns hospitais deixaram de acompanhar, como até aqui, alguns doentes crónicos, havendo atitudes díspares, consoante os recursos de que dispõem os organismos hospitalares. Deste modo, o acesso à saúde não será igual para todos os cidadãos, o que é injusto. As políticas do medicamento, com a maior divulgação dos genéricos e das chamadas “unidoses”, têm-lhe dado novos contornos, fazendo com que as farmácias estejam a passar por dificuldades devido à diminuição das margens de lucro. Dizem que, em vez de vender alguns medicamentos no mercado interno, têm optado por os exportar para rentabilizar o negócio. Parece que o Ministério da Saúde desenvolveu uma parceria com um organismo militar para o fabrico de medicamentos que estavam a deixar de ser produzidos por não serem rentáveis. Portanto, a ideia que tenho é que o estado de saúde da Saúde, em Portugal, não é muito bom, mas também não será muito mau. “Vai andando”, como a maior parte dos portugueses costuma referir a título individual. Há algum tempo, houve quem defendesse que, para equilibrar as contas do Serviço Nacional de Saúde, esta importante parte do Sector Público deveria “racionar” os meios, como sucede, por exemplo, em países ditos civilizados, que preferiram privatizar o sector. Será possível haver quem defenda que se devam “racionar” os medicamentos? Moral e eticamente, é aceitável “racionar” remédios destinados a um doente crónico? É aceitável ouvir um político ou um médico defender este ponto de vista? Uma vez colocada a questão, houve quem dissesse que não se podia falar em “racionar”, mas em “**racionalizar**”. Enquanto esta discussão se manteve vivamente acesa, ouvi uns preferirem o verbo “racionar” e outros “racionalizar”. Qual é a diferença entre ambos? Será apenas uma questão de sufixo (“-ar” / “-izar”). Terão (“racion-” e “racional-”) a mesma origem? Poderão significar o mesmo? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastan-

te porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece ser do domínio da Etimologia, da Semântica, da Lexicologia e da Lexicografia, além das opções linguísticas dos falantes e, neste caso em particular, de agentes políticos. É preciso ir aos sentidos, incluindo o primeiro, para compreender se há alguma diferença entre “racionar” e “racionalizar”, já que por começarem os dois termos por “racion-” parecem ser da mesma família. Porém, enquanto “racionar” aponta para “ração”, o verbo “racionalizar” remete para “racional”, havendo diferenças evidentes entre ambos. Assim, para mim, numa primeira impressão, “racionar” transmite uma ideia negativa (obrigatoriedade, imposta por terceiros, de limitar, drasticamente, o acesso a recursos existentes) e “racionalizar” positiva (recorrer à razão para agir de maneira equilibrada e sustentada, gerindo os meios o melhor possível e em função das necessidades). Vou confirmar esta minha visão em dicionários que dão conta da Semântica e da Etimologia dos dois termos que interessa considerar. A partir desta consulta, decidi substituir o dicionário da VERBO, por, frequentemente, não trazer os verbetes que procuro, já que é uma edição com um léxico elementar, essencialmente dedicado ao Ensino Básico (embora fosse interessante verificar que léxico é considerado elementar). Escolhi, para a troca, o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* da autoria de Cândido de Figueiredo e publicado pela Bertrand. A minha edição é de 1986 e passo a identificar esta referência apenas como CÂNDIDO DE FIGUEIREDO. De resto, mantenho os dicionários que tenho citado até aqui, incluindo o AURÉLIO. Assim, dos seis, dois são brasileiros e quatro são portugueses, o que permite um confronto entre a realidade do Português do Brasil e a do Português Europeu, que, neste ponto, não são díspares.

Partindo da informação relativamente à origem lexical destes dois verbos facultada pelos dicionários, os dados são inequívocos. Não se formaram a partir dos mesmos elementos, mas têm em comum “rat-”, que, segundo o HOUAISS, equivale ao seguinte: «antepositivo, do v.lat. *reor, reris, ratus sum, reri* ‘contar, calcular; pensar, estimar, julgar’». É como se “racionar” estivesse ligado a “contar e calcular”, enquanto “racionalizar” se interligasse com “pensar, estimar e julgar”. Observando, minuciosamente, as definições que apresento (e excluindo uma parte considerável por não ser pertinente), confirmo uma ideia que me tem deixado a pensar. O verbo “racionar” transmite, realmente, uma carga negativa considerável, reportando-se a situações de dificuldade, como é notório nos exemplos dicionarizados (“devido à seca”, “durante a crise do Golfo”, “Durante o cerco da cidade”, “Durante a guerra”), e a intervenções governativas radicais. Os termos usados também transmitem esta negatividade, como, por exemplo, através da sequência “impor oficialmente”, que reaparece em algumas definições (Sabemos que os dicionários se vão fazendo a partir dos mais antigos e, por

isso, embora haja adaptações, a “cópia” perpassa pelas entrelinhas de muitos.). Em contrapartida, “racionalizar” é encarado de modo positivo, nomeadamente com a parte referente a “Tornar mais eficiente(s)”. Assim sendo, relativamente às políticas do medicamento e aos meios de saúde públicos, poderão usar-se os dois verbos, mas não há qualquer dúvida que um e outro representam visões (políticas) distintas. Se se falar em “racionar”, interessarão mais os recursos do que os seus destinatários, transmitindo-se a filosofia de dar um pouco – o mínimo – a cada um, mesmo se nem todos têm necessidade. Todavia, se se “racionalizar”, importará a eficiência, veiculando-se a ideia de as pessoas serem mais importantes que os recursos que se gerem adequadamente. A nossa escolha quotidiana das palavras que devemos (ou não) dizer é fundamental. Se o é para o cidadão comum, sê-lo-á ainda mais para o político. Admira-me, pois, como é que um agente político opta por “racionar” em vez de “racionalizar”, se tem alguma sensibilidade linguística e humana.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão se pode dizer “racionalizar” e “racionar”, relativamente, por exemplo, à “distribuição gratuita” de medicamentos a doentes crónicos, nos hospitais públicos? Porquê? É porque os dois verbos existem na língua portuguesa e se podem aplicar à situação, embora seja, humanamente, preferível “racionalizar”. Remetem ambos para a gestão de recursos, mas em sentidos distintos. O verbo “racionar” (contar e calcular) equivale a uma “gestão matemática”, em quantidade de “rações”, imposta pelas entidades governativas. O verbo “racionalizar” (pensar, estimar e julgar) aplica-se a uma gestão eficiente e produtiva dos recursos, procurando rentabilizá-los. Portanto, usar-se-ão em contextos distintos. Dos dois, mantenho a minha ideia inicial, “racionar” é o mais negativo e “racionalizar” o mais positivo. Numa gestão pública dos recursos de saúde, mais vale “racionalizar” do que “racionar”.

Tira-dúvidas

Dicionários	“racionalizar”	“racionar”
Houaiss (2001)	verbo (...) transitivo direto 4 organizar (algo) de maneira lógica, tornando-o mais funcional, prático, eficaz; simplificar Ex.: <r. a ortografia> <r. o trânsito> / transitivo direto 5 organizar (atividade econômica) de forma racional a fim de obter o	verbo transitivo direto 1 distribuir em quantidades medidas, em rações Ex.: racionaram a água na cidade, devido à seca transitivo direto 2 restringir a porções controladas a venda de Ex.: o governo racionou a carne /

	máximo de rendimento com um mínimo de custo Ex.: r. a produção (...) Etimologia racional + <i>-izar</i> ; ver <i>rat-</i> ; f.hist. 1877 <i>racionalizar</i> , 1877 <i>racionalisar</i>	transitivo direto 3 usar ou consumir com moderação; poupar Ex.: a família passou a r. o uso da luz elétrica porque a conta foi alta (...) Etimologia ração sob a f.rad. <i>racion-</i> + <i>-ar</i> ; ver <i>rat-</i>
Academia (2001)	(...) v. (De <i>racional</i> + suf. <i>-izar</i>). (...) 2. Tornar mais eficiente e produtivo determinado sistema. <i>Racionalizaram os recursos hídricos do país.</i> (...).	v. (Do lat. <i>ratio</i> , <i>-onis</i> ‘cálculo’ + suf. <i>-ar</i>) 1. Impor oficialmente restrições à compra de um bem essencial, determinando a quantidade a consumir; fazer o racionamento. <i>O governo racionou o consumo de gasolina durante a crise do Golfo. Durante o cerco da cidade os alimentos eram racionados.</i> (...).
Porto Editora (1998)	v. <i>tr.</i> Tornar racional; (...)	v. <i>tr.</i> impor oficialmente ração a; distribuir (géneros, víveres, etc.) por meio de ração; limitar a quantidade de (...)
Machado (1991)	v. <i>tr.</i> (...) Tornar racional. // (...) Tornar mais eficientes, por métodos científicos (os processos de trabalho industrial e da organização económica).	v. <i>tr.</i> Impor oficialmente a porção de géneros que cada pessoa <i>ou</i> cada família deve consumir: o governo <i>racionou</i> o azeite, o arroz e o açúcar. // Distribuir a quantidade de: <i>racionar</i> o pão. // (...).
Cândido de Figueiredo (1986)	v. <i>t.</i> (...) Tornar racional; (...).	v. <i>t.</i> Neol. Dividir em rações; distribuir rações de: <i>a junta de freguesia começou já a racionar açúcar na sua área.</i>
Aurélio (1986)	<i>V. t. d.</i> 1. Tornar racional (...) 3. Tornar mais eficientes os processos de (o trabalho industrial, agrícola, etc., ou a organização de empreendimentos, planos, etc.), pelo emprego de métodos científicos: <i>Pretende o governo racionalizar a produção de açúcar.</i> (...).	[De <i>ração</i> (do lat. <i>ratione</i> ‘cômputo’, ‘medida’) + <i>-ar</i> (...)] <i>V. t. d.</i> 1. Distribuir em rações; distribuir ou repartir regadamente; arrazoar: <i>Os encarregados da cozinha racionam os alimentos da tropa; Racionaram a Luz e a força elétricas.</i> 2. Limitar a rações (...) a venda de: <i>Durante a guerra as autoridades racionaram a gasolina.</i> (...).

Pode dizer-se “gostar-se” em vez de “gostar”? Porquê?

Quanto mais atenção presto ao que ouço, mais dúvidas tenho, uma vez que aquilo que, pontualmente, se diz não corresponde ao que eu diria. Após o meu próprio discurso, também fico, muitas vezes, a pensar se deveria ter dito daquela forma ou ter expressado a minha ideia de outra maneira, para ser mais clara. Assim, vão surgindo estas minhas reflexões sobre, inclusive, a variação linguística. Espero que sejam úteis, mesmo a quem não concordar comigo. Não é necessário que as pessoas concordem sempre em tudo. Aliás, julgo que o diálogo e a conversação em geral se alimentam, beneficamente, da divergência. É da discordância que nascem os argumentos a favor ou contra algo e é com este procedimento interrogativo que o ser humano vai aprendendo. Uma das inúmeras realizações verbais que tenho ouvido em abundância, ultimamente, a falantes portugueses, na região arquipelágica madeirense e no continente português, surge em frases como “*Eles gostam-se muito.*” e “*A Filipa e o António gostam-se tanto que decidiram casar.*”, ocorrendo, aí, o verbo “gostar” numa construção pronominal. Parece-me ser um evidente decalque do verbo “amar”, que também pode ser pronominal: “*Eles amam-se muito.*” e “*A Filipa e o António amam-se tanto que decidiram casar.*”. O verbo “gostar” pode ser conjugado como o verbo “amar”, isto é, através de uma construção pronominal? Por que motivo dirão, as pessoas, “gostam-se”, quando têm “amam-se”? Significarão algo diverso? É aceitável dizer “gostar-se” em vez de “gostar”? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Semântica, pela significação de “gostar”, quando comparada com a de “amar”, da Morfologia, já que está relacionada com a conjugação verbal, e da Sintaxe, visto que envolve a sequência de elementos: “predicado” + “complemento”. A classificação gramatical de “gostar”, segundo os dicionários, não é unânime. Varia entre verbo transitivo indirecto (v. i.), verbo transitivo directo (t. d.), verbo transitivo (tr.), verbo pronominal (p.) ou verbo reflexivo (r.). Para ultrapassar esta questão o dicionário da ACADEMIA decidiu optar apenas por “v” (verbo), juntando-lhe “+se” (num uso brasileiro). Provavelmente, será por isso que este, entre outros verbos, ocorre no DICIONÁRIO TERMINOLÓGICO (cf. <http://dt.dgidec.min-edu.pt/>) como exigindo um “comple-

mento oblíquo”. Porém, isso não resolve a questão da tipologia gramatical de “gostar”. Pode ter a mesma classificação que o verbo “amar”?

Na frase “*Ela ama o marido.*”, a sequência “o marido” é o complemento (de objecto) directo, correspondendo ao alvo (objecto) do amor dela. Na seguinte frase “*Ela e o marido amam-se.*”, “o marido” é um dos dois elementos do sujeito composto e pode ser substituído por “ele” (“Ela e ele” ou “Eles”). Este plural no sujeito explica a forma verbal “amam” (3.^a pessoa do plural). O pronome “se”, na segunda frase, corresponde também a um objecto, ou melhor, a dois (o alvo do amor dela e o dele). Em “*Ela e o marido amam-se.*”, é costume classificar “se” como um pronome recíproco, uma vez que “*Ela ama o marido.*” e “*O marido ama-a, a ela.*”. Há, portanto, reciprocidade no amor. O verbo “amar” pode conjugar-se pronominalmente porque “amar” requer sempre um sujeito (quem ama) e um objecto directo (uma pessoa – o alvo do amor do sujeito gramatical). O sujeito e o objecto são, à partida, sempre pessoas diferentes, mas podem coincidir numa. É aceitável dizer “*Eu amo-me mais a mim do que amo os outros.*”. Embora não seja comum, é possível. Todavia, numa sociedade em que o egocentrismo, manifestação evidente de puro egoísmo, é frequente, nem é de estranhar. Contudo, “amar-se” – entendendo “se” como pronome recíproco a indicar complemento – é mais frequente (e aceitável) nas pessoas do plural (“*nós amamo-nos*”, “*vós amais-vos*”, “*eles amam-se*”) do que nas de singular (“*eu amo-me*”, “*tu amas-te*”, “*ele ama-se*”), em que a reciprocidade é impossível. Portanto, “amar” não é um verbo pronominal reflexivo e, em termos lógicos, implica sempre um complemento com referente diverso do do sujeito. Logo, “amar-se” é apenas pronominal (“*eu amo-te*”, “*tu ama-lo*”, “*ele ama-te*”, “*nós amamo-los*”, “*vós amais-me*”, “*eles amam-na*”) ou pronominal recíproco (“*Nós amamo-nos, um ao outro.*”).

Será que tudo o que foi dito a propósito de “amar” se aplica, *ipsis verbis*, a “gostar”? A mim, não me parece. Quem discordar experiente substituir “amar” por “gostar” nas frases anteriores para verificar se a permuta funciona e é, linguisticamente, aceitável: “*Ela gosta o marido.*” (inaceitável no Português Europeu normativo). Conjuguemos algumas formas para verificarmos se funcionam: “*eu gosto-me*”, “*tu gostas-te*”, “*ele gosta-se*”, “*nós gostamo-nos*”, “*vós gostais-vos*”, “*eles gostam-se*” (Todos concordaremos que “soam” a estranho, sendo inadequadas.). Qual a diferença, então, entre “amar” e “gostar”? A distinção ocorre a nível semântico. Se observarmos o grau de intensidade, “amar” revela um sentimento mais forte e intenso que “gostar”. Além disso, como já referi, o verbo “amar” reporta-se a pessoas (no sujeito e no complemento), enquanto “gostar” se aplica a pessoas (no sujeito) e a pessoas, animais, coisas, etc. no complemento. No meu entender, todavia, a grande diferença reside na regência verbal e no uso da preposição “de” para “gostar” (“*Ela gosta do marido.*” / “*Ela e o marido gostam um do outro.*” / “*Eu gosto de mim mais do que dos outros.*”). Este pormenor

faz toda a diferença e explica por que motivo a construção “gostam-se” não é aceitável na norma do Português Europeu. Falta-lhe a preposição “de” (“*Eles gostam deles próprios, reciprocamente.*” / “*A Filipa e o António gostam tanto um do outro que decidiram casar.*”). Como é notório no tira-dúvidas, os dicionários portugueses, contrariamente aos brasileiros, não concebem o verbo “gostar” como pronominal. Será, porventura, devido a esta regência preposicional. Quando o referem, indicam tratar-se de um uso brasileiro. Portanto, aquelas frases que ouço são usos correntes do Português do Brasil que estarão a ser retomadas por falantes de Português Europeu. Será curioso seguir esta opção nos próximos tempos: apresenta-se como um caso de variação linguística.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão as pessoas dizem “gostar-se”? Porquê? É porque são influenciadas por um uso do Português do Brasil. No Português Europeu, é indispensável escolher entre “**amar-se**” ou “**gostar de**”. Na nossa sociedade contemporânea, onde o egoísmo tende a reinar, estará a intensidade do amor a diminuir, por as pessoas preferirem dizer “gostar-se” a “amar-se”? Esta já é uma reflexão que sai do âmbito da língua portuguesa, mas ela dá que pensar.

Tira-dúvidas

Dicionários	“gostar”	“gostar-se”
<i>Houaiss</i> (2001)	verbo transitivo indireto 1 achar saboroso; apreciar Ex.: g. de ostras transitivo indireto 2 achar agradável, sentir prazer em; amar, apreciar Ex.: <g. de música> <g. de uma cidade> transitivo indireto e pronominal 3 dedicar amor, amizade ou simpatia a (alguém); amar, querer, estimar Ex.: <g. dos parentes> <eles se gostam muito> transitivo indireto 4 dar-se bem com, acomodar-se com, ser compatível com Ex.: as avencas não gostam de vento	(GOSTAR) verbo transitivo indireto e pronominal 3 dedicar amor, amizade ou simpatia a (alguém); amar, querer, estimar Ex.: <g. dos parentes> <eles se gostam muito>

	transitivo indireto 5 julgar bom, aprovar Ex.: o editor gostou da diagramação do livro	
Academia (2001)	(...) v. (Do lat. <i>gustare</i> ‘provar’). 1. Ter prazer, satisfação ou sentir agrado em alguma coisa; achar agradável, atractivo. (...). 2. Sentir simpatia, ternura ou amor; ter afeição a alguém ou alguma coisa. (...). 3. Apreciar especialmente um sabor, um alimento. (...). 4. Dar aprovação ou apoio; julgar ou considerar bom. (...). 5. Ter determinado desejo, gosto, ambição (...). 6. Ter determinada experiência (...).	(GOSTAR) 9. +-se. Bras. Terem, duas ou mais pessoas, mútua afeição; amarem-se reciprocamente.
Porto Editora (1998)	A v. <i>intr.</i> achar bom gosto ou sabor a alguma coisa; achar uma coisa agradável; sentir prazer; dar-se bem; agradar-se B v. <i>tr.</i> provar (Do lat. <i>gustare</i> , «tomar o gosto a»)	Não ocorre.
Machado (1991)	v. <i>intr.</i> (do lat. <i>gustare</i>). Achar bom gosto <i>ou</i> sabor, paladar agradável. // Sentir prazer. // Experimentar um sentimento maior <i>ou</i> menor de amizade, afeição, apego, simpatia, atracção para com alguém <i>ou</i> algum ser. // Ter inclinação, propensão especial para certas coisas. // Sentir prazer, ter agrado físico, moral, intelectual; dar-se bem com. // Achar, ajuizar bem; aprovar. // Desejar (...). // <i>V. tr.</i> Provar, tomar o sabor a. // Experimentar; sentir. //	(GOSTAR) V. r. Bras. Gostar um do outro, querer-se, amar-se.
Cândido de Figueiredo (1986)	v. <i>i.</i> Achar sabor agradável: gostar de frutas. Sentir prazer; gosto de passear. Ter amizade: gosto da minha Antónia. Ter inclinação. Usar. Dar-se bem: gostar da convivência. <i>V. t.</i> Provar; experimentar. Ter satisfação com. (Do lat. <i>gustare</i>).	Não ocorre.

<p>Aurélio (1986)</p>	<p>[Do lat. <i>gustare</i>] <i>V. t. i.</i> 1. Achar bom gosto ou sabor: O brasileiro gosta de feijoada. 2. Sentir prazer (...). 3. Ter afeição, amizade, a; sentir simpatia por (...). 4. Julgar bom; aprovar (...). 5. Dar-se bem (...). 6. Dar gosto; causar prazer; agradar: Aquilo não lhe gostava. 7. Ter o hábito de; costumar (...). 8. Tomar o gosto; saborear. <i>T. d.</i> 9. Experimentar, gozar, fruir (...). 10. Tomar o gosto a; provar (...). 11. Ter gosto ou prazer em: “Eu gosto morrer por ti (...)” (...).</p>	<p>(GOSTAR) <i>P.</i> 12. Estimar-se ou amar-se reciprocamente: <i>Depois de se gostarem quase cinco anos, casaram-se ontem, afinal.</i> (...).</p>
----------------------------------	--	--

Pode dizer-se “Prontos!” em vez de “Pronto!”? Porquê?

Recentemente, decidi tirar um fim-de-semana de folga e “fiz”, num dia, três levadas na zona do Rabaçal, integrada num grupo de pessoas – simpáticas e acolhedoras – chamado Amigos da Levada. Precisava de descansar e a opção foi excelente! Pensei que nada me faria melhor do que um contacto com a natureza. Acertei! Da Lagoa do Vento, do Risco e das Vinte e Cinco Fontes, apenas conhecia esta última, que percorri há mais de 13 anos. Como tenho passado semanas inteiras e horas a fio à secretária, ou melhor, ao computador, rodeada de livros e papéis, necessitava mesmo de uma pausa. Estou a preparar um trabalho sobre as representações literárias das vogais acentuadas em textos de cinco autores madeirenses. Pretendo compreender as diferenças entre o registo escrito e o oral nos textos literários onde há representações do falar regional. Representarão os escritores regionais adequada e coerentemente a “pronúncia madeirense”? Que estratégias utilizam? Há divergências ou similitudes entre as diversas propostas de representação? Depois de muitas horas de um labor minucioso, e provavelmente insignificante para muitas pessoas, mas não para mim, precisava de passar de um uso da cabeça e das mãos (Utilizar um computador é um trabalho manual fatigante!) para o das pernas e dos pés. A transição causou-me feridas físicas, mas não me queixo. Respirar ar puro fez-me muito bem.

Houve quem levasse um bordão para se apoiar durante a caminhada: um pau com uma ponta em ferro ou, simplesmente, uma modernice metálica que encurta e aumenta conforme se deseja. Fez-me pensar que também há bordões linguísticos. Aquilo que o objecto “bordão” e o termo empregue como “bordão” têm em comum é o facto de servirem de apoio: o objecto para caminhar e o signo linguístico para falar. Os bordões linguísticos constituem bases de segurança extremamente úteis porque ajudam quem fala a progredir no discurso. Repetem-se, enquanto se pensa, rapidamente, no que se vai dizer, logo de seguida, como se “suportassem todo o peso” do discurso. Todavia, podem desgastar e irritar quem está a ouvir porque são recorrentes, parecendo que o falante não conhece mais nenhuma palavra. Quando os elementos do grupo Gato Fedorento se dedicavam ao humor, em vez da publicidade, para ganhar a vida, faziam umas piadas contando quantas vezes algumas figuras públicas repetiam “portanto” ou outros termos do género, isto é, bordões linguísticos. Um deles, bem frequente em determinado tipo de frases interrogativas, é “não é”, que fica, muitas vezes, reduzido a “n’ é” no registo coloquial. Um outro, tão famoso quanto os outros dois, é “pois”, mas “pronto” não lhe fica atrás. Frequentemente, ouve-se este no

plural. É aceitável dizer “Prontos!” em vez de “Pronto!”? Pode esta interjeição, que funciona como bordão linguístico, empregar-se no plural? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Análise do Discurso e da Morfologia. Se consultarmos dicionários, eu vou recorrer aos habituais brasileiros e portugueses desta crónica, verificaremos que o plural “prontos”, como interjeição, não é registado em nenhum, salvo pelo HOUAISS. Todavia, o AURÉLIO, o segundo dicionário brasileiro que apresento, não tem esta informação. Deduzo que a forma de plural é inaceitável como bordão linguístico no Português Europeu e no do Brasil. Logo, deve usar-se o singular: “**Pronto!**”. Então, por que razão aquele “Prontos!” anda na boca de quase todos os falantes e repetido um número infundável de vezes? Provavelmente, será por influência de “pronto” como adjectivo (ou do substantivo no uso militar). Pertencendo a esta classe morfológica, “pronto” pode levar plural. Por exemplo, posso dizer: “*Estamos prontos para sair.*”, isto é, “*Já estamos despachados do que estávamos a fazer e podemos sair.*”. A uma pergunta como “*Estão prontos para sair?*”, podemos responder: “*Prontos!*”. Nesta resposta, não está a interjeição, mas o adjectivo, que funciona, sintacticamente, como predicativo do sujeito, numa frase elíptica (encurtada). A frase integral da resposta seria “*Estamos prontos!*”. Contrariamente aos adjectivos, as interjeições, que eu saiba, formam uma classe de termos invariáveis. Portanto, não admitem variação em género (masculino ou feminino) ou número (singular ou plural), o que invalida o uso daquele bordão no plural. Assim, não há uma forma para o singular e outra para o plural, nem o plural figura nas interjeições. Todavia, isso não quer dizer que esta situação não venha a mudar, nas próximas décadas, pelo emprego sistemático e frequente da forma de plural, sendo, segundo me parece, preferido no registo popular, a nível coloquial: o que é revelador da variação linguística na comunidade. Este estudo sobre a preferência merecia ser feito, já que eu tenho apenas uma impressão sobre o assunto. O que poderá vir a acontecer, por, creio eu, influência do adjectivo, é a forma de plural substituir a de singular para a interjeição. Se isso suceder, continuará a haver apenas uma única como interjeição, mas impor-se-á aquela que, no meu entender, os falantes preferem, ou seja, aquela que tem um <-s>, caindo em desuso a outra, que, aliás, nem é registada como interjeição por todos os dicionários consultados. Todavia, até isso suceder, como se costuma dizer, “muita água passará na ribeira” ou na levada, posso eu acrescentar.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão se diz apenas “**Pronto!**” como interjeição e bordão

linguístico? Porquê? É porque a forma de plural não está atestada na maioria dos dicionários e, sendo, neste caso, uma interjeição, “pronto” é invariável, não se confundido com o adjetivo. **Pronto!** Com ou sem bordões, já estamos todos prontos para outra levada!

Tira-dúvidas

Dicionários	“pronto”	“prontos”
<i>Houaiss</i> (2001)	adjetivo 1 inteiramente feito ou construído, em condições de ser utilizado; concluído, terminado (...) 2 com energia e vontade para (algo); disposto, animado (...) 3 que não tarda; imediato, instantâneo (...) 4 que sabe tudo, aprendeu tudo; preparado (...) 5 em condições mentais e psicológicas adequadas para (algo) (...). 6 vestido e arrumado para sair (...) 7 que percebe com facilidade e rapidez; atilado (...) advérbio 10 logo, em breve (...) interjeição 11 não há mais a acrescentar; é isso, isso é tudo, acabou-se, prontos Ex.: p., vamos embora (...)	(cf. PRONTO) interjeição 11 não há mais a acrescentar; é isso, isso é tudo, acabou-se, prontos Ex.: p., vamos embora
<i>Academia</i> (2001)	pronto ¹ , a (...) <i>adj.</i> (Do lat. <i>promptus</i>). (...) 1 . Diz-se da pessoa que está preparada material ou moralmente para fazer alguma coisa (...). pronto ² (...) <i>s. m. e f.</i> (Do lat. <i>promptus</i>). <i>Mil.</i> Pessoa que concluiu a sua formação militar. pronto ³ (...) <i>adv.</i> (Do lat. <i>promptus</i>). <i>P. Us.</i> O m. que <i>prontamente</i> . pronto ⁴ (...) <i>interj.</i> (Do lat. <i>promptus</i>). (...) 1 . Exclamação que exprime emoção, alívio, satisfação, consolo... <i>Pronto, não</i>	Não ocorre.

	<i>se exaltem. Pronto, já passou. 2.</i> Exclamação que exprime desagrado, enfado, irritação... <i>Pronto, já chega de discussões!</i>	
Porto Editora (1998)	A <i>adj.</i> que não se demora; rápido; instantâneo; imediato; acabado; livre; preparado; disposto; apto; presente B s. m. soldado que acabou com aproveitamento o período de instrução C <i>adv.</i> com prontidão (...) (Do lat. <i>promptu-</i> , «id.»)	Não ocorre.
Machado (1991)	<i>adj.</i> (do lat. <i>promptu-</i>) 1. Que se produz em pouco tempo; repentino; que não tarda; breve; rápido; ligeiro; ágil (...).	Não ocorre.
Cândido de Figueiredo (1986)	<i>adj.</i> Que se não demora; rápido; ligeiro; ágil. Activo. Imediato (...). Que percebe facilmente. Concluído (...) Disposto. Desimpedido. Habilitado (...). Adv. Prontamente (...). (Lat. <i>promptus</i>).	Não ocorre.
Aurélio (1986)	[Do lat. <i>promptu</i> , 'disponível'.] <i>Adj.</i> 1. Que não tarda; ligeiro, breve, rápido. 2. Eficaz (...). 3. Ativo, diligente, ágil. 4. Imediato, instantâneo (...). 5. Que age ou espera com rapidez; vivo, ágil (...) 6. Concluído, terminado, acabado (...). 7. Disposto, apto, preparado (...). 8. Desimpedido, livre. (...) S. m. (...). <i>Adv.</i> 13. Com prontidão; prontamente (...).	Não ocorre.

Faz sentido dizer “Olá! Bom dia!”, para saudar alguém? Porquê?

Estive no estrangeiro em trabalho e aproveitei para tirar alguns dias de férias porque tenho direito a elas, oficialmente. Nos órgãos de comunicação social franceses, não ouvi falar de Portugal. De regresso, voltei ao contacto com a informação regional e nacional de que senti falta. Recentemente, disseram-me que os incêndios do Funchal e os do Continente passaram, em França, nos diversos noticiários. Não dei por eles. Quando nos ligamos aos meios de comunicação como a rádio e a televisão, somos (todos os que recebem a mensagem), frequentemente, acolhidos com uma saudação expressiva, a que nunca prestei a devida atenção e que, agora, me causa estranheza. Se for pela manhã, ouvimos algo como “Olá! Bom dia!” e, se for pela tarde, a fórmula passa a ser “Olá! Boa tarde!”, mantendo-se a primeira parte (“Olá!”) e variando a segunda, consoante o momento do dia. Reencontro estas sequências discursivas em usos correntes dos cidadãos comuns. A minha questão é fácil de entender. É aceitável, em português padrão, utilizar fórmulas como estas? Não serão redundantes? Não terão um pendor pleonástico, como quando dizemos “subir para cima” (“subir” é sempre “ir para cima”) ou “na minha opinião, eu acho que...” (“achar”, neste contexto, é expressar a sua opinião)? Não seria suficiente apenas uma parte da fórmula de saudação (ou “olá” ou “bom dia”)? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Análise do Discurso e da Pragmática porque está relacionada com os intercâmbios sociais e os usos da linguagem. Normalmente, no nosso discurso quotidiano, numa situação de diálogo pontual com outra pessoa, quando nos expressamos espontaneamente, pensamos e falamos quase em simultâneo. Não temos muito tempo para prepararmos o que dizemos. No entanto, mesmo assim, fazemos uma escolha dos termos que queremos empregar e do modo como queremos expressar a nossa mensagem. Como é evidente, se não conhecermos o nosso interlocutor, os cuidados com o discurso serão maiores. Porém, se tivermos algum tipo de familiaridade com ele, prestaremos menos atenção às nossas palavras. Numa situação de comunicação áudio e visual, com uma vasta assistência para a mensagem, o jornalista (ou o animador) televisivo ou radiofónico que falar, dependendo do tipo de programa, terá de

manter algum formalismo discursivo e de ter um registo cuidado, já que, por norma, não conhece as pessoas a quem se dirige e a quem se destina o programa. Além disso, quando não intervém em directo, o discurso é preparado e previamente escrito para ser lido, no sentido de evitar gralhas, falhas, lapsos, erros, etc. Todavia, nessas circunstâncias, o locutor procura dar um cunho de naturalidade ao discurso que, na essência, não a tem. Assim, podemos classificar este tipo de registo como “falso oral”, visto que se baseia na produção escrita. Nestes casos de formalismo discursivo, quem comunica não tem grande liberdade linguística. Não deveria, por exemplo, expressar o que lhe “passa pela cabeça”, sem medir o alcance que as suas palavras terão nos ouvintes da mensagem que transmite. Portanto, nessas ocasiões, todas as palavras têm a sua importância e são escolhidas atentamente. Em princípio, isso acontecerá com a fórmula de saudação com que é iniciado o programa.

Saudar e despedir-se são duas atitudes verbais muito curiosas. A primeira destas introduz o discurso e marca o que se deve dizer antes de qualquer outra coisa, quando encontramos alguém com quem vamos falar. Aliás, há pessoas a quem só dizemos “bom dia” e “boa tarde”, o que faz parte das regras da boa educação e da sã convivência social. A segunda (a despedida) serve para encerrar o diálogo que se iniciou com a saudação. Estas duas correspondem ao alfa e ao ómega do intercâmbio linguístico entre indivíduos de uma determinada sociedade. Por serem termos que uso diariamente, até este momento, nunca me lembrei de procurar, nos dicionários, vocábulos e expressões como “olá”, “dia” ou “bom dia”. Sempre me pareceram demasiado banais e evidentes. Ao fazê-lo para esta reflexão linguística em dicionários disponibilizados na Internet (porque de regresso de férias no estrangeiro e sem, de momento, qualquer outra possibilidade bibliográfica), fiquei surpreendida com a consulta. Já sabia que os dados disponibilizados “on line” não são muito satisfatórios e a minha ideia veio a confirmar-se. Obtive respostas extremamente reduzidas e com poucos dados informativos. Por exemplo, nenhum dos três dicionários consultados (PORTO EDITORA, PRIBERAM e AURÉLIO, cf. o tira-dúvidas) refere, na etimologia de “olá”, que este termo virá do árabe, tendo um cunho religioso (segundo um colega significará “Alá” – “Deus”). Aliás, esse pendor religioso reencontra-se na fórmula de despedida “adeus” do português (coloquialmente substituída pelo “Ciao!” italiano, por vezes escrito “tchau”, embora não se use para saudar como acontece em Itália, mas para a despedida), “adieu” francês e “adios” castelhano. Os três dicionários consultados classificam as fórmulas como substantivos, empregando o hífen, “bom-dia” / “boa-tarde” / “boa-noite”. Dos três, apenas o PRIBERAM regista o uso do plural que se ouve regularmente, sobretudo em atendimentos públicos. Todos eles apresentam definições muito equivalentes e, no meu entender, não ajudam a resolver a questão que coloquei: É aceitável dizer “Olá! Bom dia!”?

Resta-me pensar sobre o tema, sem me alongar. Eu penso que não é aceitável combinar duas fórmulas de saudação porque são pleonásticas, do mesmo modo que “descer para baixo” ou “ter dois gêmeos de uma só vez”. Além disso, “olá” é um termo usado num nível de língua familiar, com um interlocutor que se conhece, e as expressões “bom dia / boa tarde / boa noite” pertencem a fórmulas de um nível de língua comum (e cuidado). Portanto, associar os dois registos confundirá o interlocutor. Porém, este uso pode ser propositado. Terá, provavelmente, a finalidade de estabelecer alguma proximidade entre os interlocutores. É como se o locutor, essencialmente o jornalista, se quisesse aproximar do público que desconhece, não deixando de manter o distanciamento requerido pela situação de comunicação formal. Por apresentar com regularidade um programa, quem assiste acaba por o reconhecer, criando alguma familiaridade com essa pessoa. Assim sendo, a primeira parte (“Olá!”) da fórmula binária dessa saudação (“Olá! Bom dia!”) deixará de funcionar como tal, remetendo apenas para um contacto de proximidade. A função de saudar manter-se-á com a segunda parte (“Bom dia!” / “Boa tarde!” / “Boa noite!”). Será, porventura, por essa razão que os dicionários consultados classificam “olá” como “interjeição”. Estas referências bibliográficas consideram as sequências do adjectivo (bom / boa) com o substantivo (dia / tarde / noite) apenas como uma unidade linguística, ou seja, um substantivo (daí o emprego do hífen). Eu tenho alguma dificuldade em encará-las como tal. Após alguns dias, uma brevíssima consulta a dois dicionários em papel confirmou-me a inexistência dessas entradas. Para mim, são dois elementos separados, uma vez que é possível desejar “Um excelente dia!” ou “Um dia muito bom!”, em vez de simplesmente “Bom dia!” (mesmo se nem sempre são equivalentes). Estas sequências não são mais do que a parte final (reduzida) de frases como “Desejo-lhe um bom dia.” / “Espero que tenha um excelente dia.” / “Auguro-lhe um dia muito bom.”

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão não é, quanto a mim, aceitável dizer “Olá! Bom dia!”? Porquê? É porque estão associadas duas saudações de níveis de língua diferentes. A primeira (olá) é informal, enquanto a segunda (bom dia) é formal. Combinar as duas pode, todavia, ser uma estratégia para criar alguma familiaridade entre o locutor e o receptor (normalmente desconhecido), servindo, nesse caso, “olá” para esse efeito, como forma de estabelecer o contacto de proximidade, e “bom dia” para a saudação. Este uso linguístico binário poderá impor-se, se uma grande maioria de falantes lhe der legitimidade. Eu continuarei a preferir separar “Olá!” e “Bom dia!”, empregando as duas saudações em momentos de comunicação distintos: o informal para o primeiro e o formal para o segundo.

Tira-dúvidas

Dicionários	Olá	bom dia / boa tarde / boa noite
<p>Porto Editora (http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa-aa0/ol%C3%A1)</p>	<p>Interjeição 1.usada como saudação ou chamamento 2.exprime espanto (Do castelhano <i>hola!</i>, «idem»)</p>	<p>bom-dia nome masculino cumprimento usado durante a manhã <<i>desejei-lhe um bom-dia</i>></p> <p>boa-tarde nome feminino cumprimento usado durante a tarde <<i>desejei-lhe uma boa-tarde</i>></p> <p>boa-noite nome feminino 1.cumprimento usado à noite <<i>desejei-lhe uma boa-noite</i>> 2.ORNITOLOGIA nome vulgar de uma ave (...).</p>
<p>Priberam (http://www.priberam.pt/dlpo/)</p>	<p>(origem expressiva) <i>interj.</i> 1. Fórmula de saudação (ex.: <i>Olá, tudo bem?</i>). = OI 2. Exprime um chamamento (ex.: <i>Olá, o senhor de boné, importa-se de avançar, por favor?</i>). 3. Exprime admiração ou espanto (ex.: <i>Olá, a isso é que eu chamo uma promoção!</i>). 4. Exprime resposta afirmativa (ex.: <i>Olá, comi o bolo todo e que bem que me soube!</i>). = OLARILA, OLARÉ, OLÉ <i>s. m.</i> 5. Saudação ou cumprimento (ex.: <i>fui lá dar-lhe um olá</i>).</p>	<p>bom-dia <i>s. m.</i> 1. Cumprimento de chegada ou despedida que se faz a alguém de manhã. bons-dias <i>s. m. pl.</i> 2. [Botânica] Planta ornamental (<i>Mirabilis jalapa</i>) da família das nictagináceas, nativa das regiões subtropicais americanas, que produz flores de variadas cores. Plural: bons-dias.</p> <p>boa-tarde <i>s. m.</i> 1. Cumprimento de chegada ou despedida que se faz a alguém durante a tarde. boas-tardes <i>s. m. pl.</i> 2. O mesmo que <i>boa-tarde</i>. Plural: boas-tardes.</p> <p>boa-noite <i>s. m.</i> 1. Cumprimento de chegada ou despedida que se faz a alguém à noite. <i>s. f.</i> 2. [Botânica] Planta convolvulácea. Plural: boas-noites.</p>

<p>Aurélio (http://www.dicionariodoaurelio.com/)</p>	<p>interj. Exclamação que exprime admiração, espanto, e que se emprega também para chamamento e saudação.</p>	<p>bom-dia [Não obtive qualquer resultado.] boa-tarde s.m. [?] Saudação usada desde as doze até o escurecer. (Usa-se também no plural.) / &151; S.f. Nome comum a várias espécies das onagráceas. boa-noite s.f. Bras. Trepadeira convolvulácea de grandes flores brancas e perfumadas.</p>
--	---	--

Deve dizer-se “empenho” ou “empenhamento”? Porquê?

Em Paris, visitei a casa-museu de Honoré de Balzac. Numa das salas abertas ao público, estavam expostas algumas páginas com as emendas que este famoso escritor francês ia fazendo, quando imaginava e produzia novos textos literários. Fiquei impressionada com o trabalho de revisão, reformulação, alteração, em páginas riscadas e cheias de sublinhados com várias setas. Afixada na exposição, estava uma citação deste escritor da Literatura Universal que me tocou mais do que as outras. Nela, o autor dizia que trabalhava inúmeras horas por dia (por vezes, mais de 20!) e, mesmo enquanto dormia, prosseguia com este labor de criação. O trabalho intelectual é completamente distinto do trabalho manual, não haja qualquer dúvida. Se pretendesse saber qual dos dois é mais exigente, não saberia responder porque cada um tem as suas especificidades, agruras e benesses. Sei, porém, que o trabalho da mente é, frequentemente, menos produtivo do que o manual porque, para obter um resultado satisfatório, em princípio, precisamos de menos horas no que é feito com a força dos braços e das mãos. Sei, contudo, que ambos exigem empenho. Diz-se “**empenho**” ou “**empenhamento**”? Desde que regressei de férias, sobretudo por causa dos incêndios, tenho, nas notícias, ouvido falar no “empenhamento dos bombeiros”. Será recomendável usar os dois termos? Serão sinónimos? Haverá alguma distinção entre eles? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Etimologia, da Semântica, da Axiologia, da Lexicologia e da Lexicografia, estando dependente dos “sentidos”, das “significações” e dos “valores” dos lexemas, que, basicamente, identificamos como sendo as “palavras”. O que significam os termos “empenho” e “empenhamento”? Figurarão nos dicionários de língua portuguesa? De onde provêm? Como se formaram? A partir de quando se começaram a empregar? Impõe-se uma consulta aos dicionários do costume (cf. tira-dúvidas). No meu entender, as definições que são facultadas não são muito esclarecedoras. As duas referências brasileiras (HOUAISS e AURÉLIO) são-no, todavia, muito mais do que as congêneres portuguesas, sendo a menos produtiva a da ACADEMIA (cujas definições, como reescritas, são equivalentes). Os dois dicionários brasileiros simplificaram a questão, considerando “empenhamento” pouco usado (p. us.) e como sinónimo de

“empenho”, explicado, por sua vez, através da derivação regressiva (der. regr.) ou deverbal (dev.), isto é, o substantivo formou-se a partir do verbo “empenhar”. As acepções 2 e 3 do HOUAISS de “empenho” vão no sentido do esforço dos bombeiros no combate aos incêndios. No AURÉLIO, para compreender o significado de “empenho”, o sentido de “empenhar” que interessa aqui considerar (devido ao trabalho dos bombeiros e ao do escritor) é “9. Pôr todo o empenho (4); fazer toda a diligência.” e também é fundamental ter em conta o primeiro sentido, o de “Dar em penhor; hipotecar, empenhorar”. Nos dicionários portugueses consultados, salvo o da ACADEMIA, quer parecer-me que “empenhamento”, além de ter um sentido preciso num contexto militar, remeterá apenas para “empenhar” como sinónimo de “empenhorar” ou “hipotecar”, mas esta suposição não é clara porque as definições também não o são. Para ter a certeza desta restrição de significado de “empenhamento” relativamente a “empenho” teria de alargar a minha pesquisa, o que, claramente, não é viável por agora. Fica, no entanto, a ideia de que “empenho” poderá ter uma significação mais vasta do que a de “empenhamento”, embora, nos usos hodiernos, por aquilo que tenho ouvido nos meios de comunicação social e às pessoas, diariamente, “empenhamento” possa estar a ser mais usado do que “empenho” (contrariamente à afirmação dos dicionários brasileiros consultados), tornando-se, como defendem estas duas referências bibliográficas, sinónimos. A variação linguística leva a comunidade de falantes por novos caminhos.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão é aceitável dizer “empenhamento” como sinónimo de “empenho”? Porquê? É porque ambos os substantivos se formaram a partir do verbo “empenhar” e acabaram por “herdar” os vários sentidos deste verbo, incluindo “dedicar-se com tenacidade a algo”, além de “hipotecar bens”. Assim, com base nas definições dos dicionários consultados, podemos falar no “empenho do escritor e do bombeiro” ou no seu “empenhamento” porque os dois termos serão equivalentes. Quantas horas de trabalho têm feito os bombeiros empenhados na luta contra uns incêndios devastadores? É provável que sejam bem mais do que as 40 horas semanais da recente medida governativa e menos do que as 20 horas diárias balzaquianas. Durante um certo tempo, claro! Ninguém aguentaria este ritmo laboral uma vida inteira. O escritor estará a exagerar. Todavia, como muitos bombeiros deixam lá a vida, pela sua dedicação, pelo seu empenho (Acabo sempre por preferível este termo a “empenhamento”. Por que motivo será?), honra lhes seja feita. Empenhar-se no trabalho não dependerá do horário, mas, não tenho dúvidas, este condiciona o trabalhador.

Tira-dúvidas

Dicionários	“empenho”	“empenhamento”
<p>Houaiss (2001)</p>	<p>substantivo masculino 1 ato ou efeito de empenhar ('conceder algo material'); empenhamento Ex.: e. de uma jóia 2 grande disposição; interesse, afínco Ex.: demonstrou muito e. em ver o crime solucionado 3 insistência obstinada; pertinácia, tenacidade 4 poder de alguém; influência, prestígio Ex.: valeu-se do e. da família para conseguir o emprego 5 Derivação: por metonímia. pessoa influente, poderosa; pistolão Ex.: foi aprovado porque pôde dispor de um bom e. 6 Rubrica: administração. Regionalismo: Brasil. verba reservada à execução de uma despesa fixada previamente no orçamento de uma repartição pública (datação 1690)</p>	<p>substantivo masculino Estatística: pouco usado. m.q. empenho ('ato ou efeito') (datação 1562)</p>
<p>Academia (2001)</p>	<p>(...) s. m. (Deriv. regres. de <i>empenhar</i>). 1. Acção de dar bens em penhor ou de dar alguma coisa em garantia e receber em troca um empréstimo; acto ou efeito de empenhar ou de se empenhar. = EMPENHAMENTO, HIPOTECA. (...) 2. Acção ou resultado de contrair dívidas, de se endividar. = DÍVIDA, EMPENHAMENTO, ENDIVIDAMENTO. (...) 5. Acto de se envolver, de se dedicar com entusiasmo e sem reservas, de se aplicar com diligência. = ARDOR, DEDICAÇÃO, ENVOLVIMENTO. (...).</p>	<p>(...) s. m. (De <i>empenhar</i> + suf. – <i>mento</i>). 1. Acção de penhorar alguma coisa ou de a dar como garantia, em troca de um empréstimo; acto ou efeito de empenhar ou de se empenhar. = EMPENHO, HIPOTECA. (...) 2. Acção de ficar em dívida ou de se endividar. = DÍVIDA, EMPENHO, ENDIVIDAMENTO. (...) 5. Acto de se dedicar inteiramente, de se esforçar no máximo. = DEDICAÇÃO, EMPENHO, ENVOLVIMENTO. (...).</p>
<p>Porto Editora (1998)</p>	<p>A s. m. acto de dar ou de receber em penhor; promessa; compromisso; obrigação;</p>	<p>s. m. acto de empenhar; penhora, hipoteca, MILITAR fase do combate ofensivo ulterior à</p>

	interesse; mediação; protecção; recomendação; ardor; pessoa que se empenha ou interessa por outra B pl. influências que se movem a favor de alguém; protecções ou protectores (Deriv. regr. de <i>empenhar</i>)	tomada de contacto que tem por fim reconhecer a resistência inimiga e ocupar posições donde possa ser lançado o ataque (De <i>empenhar</i> + <i>-mento</i>)
Machado (1991)	<i>s. m.</i> (de <i>empenhar</i>). Acto de dar ou receber em penhor. // Promessa; compromisso. // Obrigação; interesse; mediação; protecção; recomendação; ardor. // <i>No pl.</i> Influências que se movem a favor de alguém; protecções ou protectores.	<i>s. m.</i> Acto de empenhar; penhora; hipoteca.
Cândido de Figueiredo (1986)	<i>m.</i> Acto ou efeito de empenhar. A pessoa que se empenha ou se interessa por outra; <i>o seu melhor empenho era o deputado Vaz.</i> Taur. <i>Empenho a pé</i> , forma antiga de lidar toiros a pé. (Do lat. <i>pignus</i>).	<i>m.</i> Acto de empenhar.
Aurélio (1986)	[Dev. de <i>empenhar</i>]. <i>S. m. 1.</i> Ato de empenhar (1): <i>empenho de um objeto</i> [Sin., p. us.: <i>empenhamento</i> .] 2. Ato de dar a palavra em penhor; compromisso, obrigação. 3. Grande interesse: <i>Tenho muito empenho em que o Neves seja eleito.</i> 4. Porfia, diligência, insistência (...).	<i>S. m. P. us.</i> Empenho (1).

Diz-se “mal-estar” ou “mau-estar”? Porquê?

Tenho ouvido dizer “mau-estar” a muitas pessoas, quando sentem incómodo com algo e não estão bem, como acontece com a situação de crise que continuamos a viver, embora haja quem nos queira fazer crer que estamos em fase de recuperação, devido às próximas eleições. A mim, já me aconteceu de o escrever. Apenas me dei conta do sucedido, quando reli, recentemente, o texto onde figura. A forma adequada é “mal-estar”, que se contrapõe ao substantivo “bem-estar”. Além da minha produção textual, reencontro esta falha em diversos textos de pessoas com formação académica. Para tentar procurar uma justificação, pus-me a pensar de onde viria esta confusão. A variação linguística aceita diversos usos, mas sabe-se que uns são mais adequados do que outros. Estará somente na substituição de “mal” por “mau”? A que se deverá realmente? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Ortografia, da Morfologia e da Fonética. Aliás, creio que o principal problema residirá na pronúncia, ou seja, na articulação rápida, que provoca a permuta de um fonema por outro. Assim, porque pronunciamos rapidamente, enganamo-nos na grafia. Entre a lateral – em final de sílaba e de palavra – de “mal” e a semivogal velar de “mau”, na mesma posição, há diferenças. O facto de os dois termos – “mal” e “mau” – constituírem um par mínimo comprova a existência, em português, dos fonemas /L/ e /w/. Ambos se opõem como os finais de “mal” ou “mar”. Se assim é, por que razão a confusão é, exclusivamente, entre “l” e “u” (a nível fonológico, não é um fonema vocálico, mas consonântico)? Além de “mal” e “mau” estarem muitos próximos em termos de significação (remetendo para “algo negativo”), é, essencialmente, porque tendemos a realizar a lateral como a semivogal. Acontece, por exemplo, em algumas áreas do Brasil, em que o próprio nome do país é articulado como [bra'ziw]. Esta particularidade fonética não me parece ser exclusivamente brasileira. Reencontrei-a, aquando de uma minha investigação, no Porto Santo, e ouço-a em vários portugueses, sejam eles madeirenses, açorianos ou continentais. Aliás, é este fenómeno fonético de semivocalização (“l” passa a “u”) que acontece quando se diz ou escreve, por influência da pronúncia, o substantivo masculino “mal-estar” com “mau” em vez de “mal”.

Será apenas este o problema? A Fonética tem reflexos na Ortografia. É do conhecimento geral que assim sucede. Creio, contudo, que se deve

colocar, aqui, uma questão do âmbito da Morfologia, isto é, da constituição dos vocábulos. Normalmente, em português, usa-se um adjectivo ou um advérbio para incidir sobre um verbo? Essa é, por regra, a função do advérbio. Então, será mais adequado empregar “mal” (um advérbio) do que “mau” (um adjectivo) junto de “estar” (um verbo). Foi o que aconteceu com o substantivo masculino singular “mal-estar” que se formou por justaposição de um advérbio e de um verbo. Será possível substituir o advérbio pelo adjectivo? Se se usarem os antónimos de “mal” (“bem”) e de “mau” (“bom”), verificamos que exclusivamente o advérbio pode ser combinado com o verbo. Todos falamos em “bem-estar” e (Não há dúvidas!) ninguém diz o “bom-estar”. Portanto, a comutação pelos antónimos ajuda a resolver o problema da confusão fonética entre “mal” e “mau”. A consulta de vários dicionários (cf. tira-dúvidas) é inequívoca e esclarecedora. Em português, apenas existe “mal-estar”, sendo a outra forma um erro que me parece frequente, cujo uso é próprio da vitalidade do idioma em que se regista variação linguística.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Diz-se o “mal-estar” ou o “mau-estar”? Porquê? Apenas se deveria dizer (e escrever) o **“mal-estar”** porque é o único termo que está dicionarizado e, apenas ele, é uma palavra da língua portuguesa. A outra forma resulta de uma confusão entre “mal” e “mau”, essencialmente por motivos articulatórios. Os mal-estares (plural dicionarizado) provocados pela crise económica são maus porque fazem muito mal a inúmeras pessoas, mas também proporcionam ocasiões para demonstrar que o bem-estar se deve almejar e conquistar, antes, durante ou após eleições, em tempos tão críticos.

Tira-dúvidas

Dicionários	mal-estar	*mau-estar
Houaiss (2001)	substantivo masculino 1 sensação desagradável de perturbação do organismo; indisposição que não chega a configurar doença; incômodo, indisposição 2 estado de inquietação, de aflição mal definida; ansiedade, insatisfação Ex.: m. social 3 situação embaraçosa; constrangimento Ex.: a veemência do orador era descabida e gerou m. na assistência pl.: <i>mal-estares</i>	verbetes inexistentes
Academia (2001)	(...) s. m. 1. Indisposição ou perturbação física. = INCÓMODO ≠ BEM-ESTAR. <i>Sentiu um mal-estar no estômago.</i> 2. Sentimento indefinido de desconforto. = ANSIEDADE, INQUIETUDE. ≠ BEM-ESTAR. <i>A notícia causou um mal-estar geral.</i> Pl. mal-estares.	verbetes inexistentes
Porto Editora (1998)	s. m. incômodo físico ou moral; indisposição; desassossego	verbetes inexistentes
Machado (1991)	s. m. Indisposição física ou moral. // Perturbação do corpo em que as acções orgânicas não se executam com plena liberdade, mas que ao mesmo tempo não estão bastante constrangidas, para que se possa considerar doença. // Desassossego, doença. // Fig. Sentimento, de inquietação, de desassossego mal definido. // Confusão, constrangimento, embaraço. // Obs. Pl. <i>mal-estares</i> .	verbetes inexistentes
Cândido de Figueiredo (1986)	m. Indisposição física ou moral. Desassossego. Doença. Situação incômoda ou molesta. Organização defeituosa. Perturbação no espírito público.	verbetes inexistentes
Aurélio (1986)	[De <i>mal</i> ² + <i>estar</i> .] S. m. 1. Indisposição ou perturbação orgânica; doença de pouca gravidade; incômodo: <i>um mal-estar no estômago.</i> 2. Ansiedade mal definida; inquietação. 3. situação incômoda; constrangimento, embaraço: <i>Sua grosseria provocou um grande mal-estar;</i> (...). [Pl.: <i>mal-estares</i> . Antôn.: <i>bem-estar</i> .]	verbetes inexistentes

Serão “adesão” e “aderência” sinónimos? Porquê?

Uma das questões que os linguistas colocam é a de saber se, nas línguas em geral, especialmente nas línguas vivas, existem sinónimos. Até que ponto dois vocábulos (ou mais) serão totalmente equivalentes? Por que razão uma determinada língua possui vários vocábulos, se significam o mesmo? Qual a utilidade de haver termos com a mesma significação, se isso contradiz o princípio da economia linguística? Podem empregar-se todos, sempre, nos mesmos contextos? Luís Filipe Lindley Cintra (cf. *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, Sá da Costa) ao estudar a variação linguística por terras portuguesas (menos nas ilhas, que eu saiba) deu-se conta, por exemplo, que havia dois termos para designar “o líquido que resulta do fabrico do queijo”. Numa parte do país, diziam “soro” e, na outra, “almece” (com algumas variantes, incluindo “almice”). Baseando-se nesta diferença lexical, foi traçando uma linha de fronteira, conhecida como “isoglossa”, estabelecendo áreas lexicais distintas. Portanto, “soro” e “almece” são sinónimos, mas, à partida, os falantes que empregam um termo, não usam o outro. Vários motivos históricos explicam a dupla existência, na língua portuguesa. Enquanto “soro” é mais das gentes do Norte; “almece”, de origem árabe, encontra-se, sobretudo, no Sul do território. É claro que há zonas de coexistência dos dois termos. Por este exemplo, poderíamos concluir que, na língua portuguesa, os sinónimos existem. Porém, têm origens históricas diferentes e as comunidades de falantes, por múltiplos motivos, vão escolhendo um em detrimento do outro (ou dos outros). Os regionalismos jogarão, neste ponto, uma cartada importante. Por exemplo, pedir uma “chinesa” ou uma “meia-de-leite” é solicitar a mesma coisa (uma chávena grande de leite com café). Todavia, se, em princípio, no arquipélago madeirense, os falantes conhecem os dois vocábulos para “a mistura de leite com café servida numa chávena grande”, isso, à partida, não sucederá no restante território nacional. Portanto, não podemos depreender que sejam realmente sinónimos, já que não pertencem à mesma variedade linguística. Será esse o caso de “aderência” e “adesão”? Terão, estes dois vocábulos, uma única significação? Serão sinónimos? É possível empregá-los em contextos idênticos? Ouvei alguém corrigir o uso de “aderência” por “adesão” a uma pessoa, numa frase semelhante a esta: “A aderência àquelas ideias não lhe seria benéfica.”, considerando que se deveria dizer “A adesão àquelas ideias não lhe seria benéfica.”. Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece ser do domínio da Semântica, da Lexicografia, da Etimologia, da História das línguas latina e portuguesa, mas também do âmbito dos usos linguísticos. Os dicionários deveriam ser suficientes para tirar a dúvida. Todavia, a consulta de alguns, quer do Português Europeu, quer do Português do Brasil, não é nada esclarecedora, como se comprova pelo tira-dúvidas, do qual excluí o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa, por falta de espaço e por, claramente, não acrescentar nada de novo, visto ser uma compilação dos conteúdos dos restantes dicionários, mesmo se dá mais exemplos e abonações (citações). Lendo os excertos que transcrevi dos cinco dicionários do tira-dúvidas (que, neste caso pontual, quanto a mim, não consegue tirar qualquer dúvida), uma das conclusões a tirar é que “adesão” e “aderência” podem ser equivalentes, sendo, portanto, vocábulos sinónimos. Aliás, as citações das definições evidenciam isso, na medida em que “adesão” ocorre na definição de “aderência” e *vice-versa*. Definir um termo por outro(s) da mesma família não é dos melhores processos explicativos para tirar dúvidas. Os dicionaristas, embora o saibam, persistem nesta estratégia improdutiva. Complica ainda mais o assunto o facto de “adesão” e “aderência” estarem relacionados com o verbo “aderir”. Há, contudo, um pormenor que poderá ajudar a fazer alguma diferença entre aqueles dois vocábulos com origem no latim. A nível histórico, “aderência” será mais recente (do latim tardio) do que “adesão”. Por que razão terá surgido o termo “aderência”, se já existia “adesão” e, pelos vistos, com significação basicamente idêntica? As razões, segundo creio, teríamos de as procurar na História da Língua Latina e na da Língua portuguesa. Como não me é viável fazê-lo aqui, fico apenas com uma reflexão, fundamentada na minha própria observação dos usos linguísticos que vou anotando. Se muitos falantes empregam “adesão” e “aderência” nos mesmos contextos (normalmente preferindo um dos termos e praticamente não usando o outro), há alguns que fazem uma diferença substancial entre eles. Enquanto “adesão” é um vocábulo utilizado para o sentido de “aderir a uma ideia, a um partido, a uma filosofia de vida, etc.” como em “A adesão deles ao partido foi para benefício próprio.”; “aderência” é usado apenas no contexto preciso de “duas coisas que se colam uma à outra” como em “A aderência deste papel de parede deixa muito a desejar.”. Assim, apesar de os dicionários não fazerem a diferença entre “adesão” e “aderência”, o que acontecerá com muitos falantes, ela poderá existir porque ocorre no discurso de outros. A variação linguística tem de ser encarada como uma mais-valia para a comunidade de falantes.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Serão “adesão” e “aderência” sinónimos? Porquê? Podem sê-lo,

segundo os dicionários citados. Contudo, vários usos linguísticos revelam que, em determinados sentidos, não o são. Quando se pensa em junção material de duas coisas, através de uma matéria como a cola ou a fita-cola, falaremos em “aderência”. Se a união não for material, nem envolver nenhuma substância de ligação, usaremos “adesão”. Portanto, para o seu emprego, as situações comunicativas e os contextos serão diversos, mesmo se há quem não faça a diferença. Por este pormenor relativo aos usos linguísticos, para mim, “adesão” (união imaterial) e “aderência” (união material) são dois substantivos femininos relacionados com diferentes sentidos de “aderir”. Não são sinónimos porque nem sempre um substituirá o outro e não serão motivos regionais a ditar a diferença no uso, como em “chinesa” ou “meia-de-leite”, mas razões históricas, como em “soro” ou “almece”. Esta é a minha hipótese de trabalho. Restar-me-ia testá-la através de uma investigação. Como não a posso concretizar, de momento, fica o repto lançado a quem tiver tempo e discordar do meu ponto de vista, pela sua não adesão à minha hipótese. O conhecimento pula e avança com a discordância.

Tira-dúvidas

Dicionários	“adesão”	“aderência”
<p><i>Houaiss</i> (2001)</p>	<p>substantivo feminino ato, processo ou efeito de aderir 1 ação de ligar-se fisicamente, e de modo estreito, a alguma coisa <i>Ex.: a perfeita a. da roupa ao corpo da modelo</i> 2 aceitação dos princípios de (uma idéia, uma doutrina, um modo de vida etc.); apoio, aprovação, reconhecimento <i>Ex.: <não houve a. à política do governo> <a. à nova filosofia cultural></i> 2.1 inscrição em partido político, associação, etc. 3 Derivação: por extensão de sentido. manifestação de aprovação, aceitação ou admiração por (alguma coisa) <i>Ex.: sua a. ao futebol ocorreu em plena maturidade (...).</i> 5 Etimologia lat. <i>adhaesio,ónis</i> ‘aderência, justaposição’, do v. <i>adhaeere</i> ‘estar preso, ligado, atado,</p>	<p>substantivo feminino 1 qualidade ou atributo do que é aderente 2 união de uma coisa com outra(s); junção 3 Derivação: sentido figurado. apego ou <u>adesão</u> a uma idéia, uma filosofia, uma ideologia, um modismo etc. <i>Ex.: a a. dos rebeldes ao socialismo</i> 4 (1562) Derivação: sentido figurado. proteção dedicada a, favor, valia (...). Etimologia lat.tar. <i>adhaerentia,ae</i> ‘ligação, aderência’; ver <i>hes-</i></p>

	unido'; ver <i>hes-</i> ; f.hist. 1690 <i>adesão</i>	
Porto Editora (1998)	<i>s. f.</i> <u>acto</u> ou efeito de aderir; união; aferro; (...)	<i>s. f.</i> <u>acto</u> ou efeito de aderir; ligação de superfícies; [fig.] assentimento; <u>adesão</u> ; (...)
Machado (1991)	<i>s. f.</i> (...). <u>Acção ou efeito de aderir</u> . // Ligação, acordo. // Consentimento, anuência. // Aquiescência a contrato ou acordo feito por outrem. // Declaração formal em virtude da qual uma potência aceita para si as obrigações resultantes dum tratado celebrado por outros estados (...) // Apoio. // Amizade. // Adequação. // Acto de apreender.	<i>s. f.</i> (de <i>aderir</i>). <u>Acto de aderir, a qualidade do que é aderente</u> . // Junção de uma coisa a outra. // União accidental de superfícies contíguas. // <u>O m. q. adesão</u> . // (...).
Cândido de Figueiredo (1986)	<i>f.</i> <u>Acto de aderir</u> . Ligação. Acordo (...).	<i>f.</i> Qualidade do que é aderente. <u>Acto</u> ou efeito de <u>aderir</u> .
Aurélio (1986)	[Do lat. <i>adhaesione</i>] <i>S. f.</i> 1. <u>Ato de aderir; aderência</u> . 2. Assentimento. 3. Aprovação, concordância, <u>aderência</u> . 4. Manifestação de solidariedade a uma idéia, a uma causa; apoio (...). 5. <u>aderência (3)</u> (...).	[Do lat. <i>tardio adhaerentia</i> .] <i>S. f.</i> 1. Qualidade de aderente: <i>aderência da cola</i> . 2. <u>Adesão (1 e 2)</u> . 3. Fixação, ligação, união, <u>adesão</u> : <i>aderência das gavinhas às estacas</i> (...).

É “verde-rubros” ou “verdes-rubros”? Porquê? (Primeira Parte)

O futebol move multidões. Por que motivo será assim? A paixão por uma equipa transforma-se em ódio pelas restantes. Por que terá de ser assim? Nunca entendi como vestir uma determinada camisola, nos sentidos literal e não literal, pode causar tantas desavenças, tantas tricas, tantos conflitos e tantos imbróglis. Por que razão obrigará a hostilizar quem veste as outras? Sinceramente, não compreendo por que motivo tem de haver polícias num recinto desportivo como um campo de futebol. Para mim, os episódios lamentáveis a que vamos assistindo, desde o início dos campeonatos, fora e dentro de campo, só revelam o quanto padecemos de falta de educação e de civismo. A democracia implica que saibamos conviver com quem faz opções diferentes das nossas e, se formos educados, o são convívio é um enriquecimento. Aliás, o desporto deveria ensinar estas regras fundamentais da convivência social, mas, em certas ocasiões, é claramente o contrário. Este desabafo prende-se com um pormenor que tenho observado nos jornais, em particular nas páginas do desporto. O mundo desportivo é bastante complexo. Há diversas equipas e, em torno delas, formam-se clãs de apaixonados fãs. Identificam-se, diferenciando-se, pelas cores dos clubes. O colorido pode parecer um pormenor, mas é substancial, linguisticamente falando. Com frequência, combinam-se duas cores para que a distinção sobressaia ainda mais, evitando possíveis confusões. Assim, para designar o Marítimo, equipa madeirense de futebol (para quem não saiba), surge a junção de duas: o verde e o vermelho (ou rubro). A união é feita por justaposição e vem enunciada, muitas vezes, como “os verde-rubros”. Será aceitável, em português, formar o plural desta maneira? Não haverá nada de problemático nesta construção que requer o hífen (Isso é com ou sem *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990*. Aliás, este AO não resolveu as dificuldades do uso do hífen, apesar de algumas entidades, essencialmente editoras, nos quererem convencer do contrário). Será “**verdes-rubros**” ou “**verde-rubros**”? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece ser do domínio da Gramática, mais precisamente da área da Morfologia, porque está relacionada com a formação do plural de elementos combinados. Quando estudamos as cores, apren-

demos as fundamentais e ficamos a saber que podem ser adjetivos (a camisola preta) ou substantivos masculinos (o preto da camisola). Aprendemos também que todas elas (preto, branco, etc.), enquanto adjetivos, variam em género (feminino ou masculino) e em número (singular ou plural). Todavia, há algumas excepções. Assim, “verde” e “azul” têm apenas variação em número, enquanto “cor-de-rosa” e “cor-de-laranja” são invariáveis. Ensinam-nos o elementar e, depois, temos de nos desvincular com essas poucas ferramentas linguísticas para outras cores pouco usadas e as suas combinações. Como ninguém nos explica os procedimentos, vamos dizendo (e escrevendo) uns de uma maneira e outros de outra, segundo o modo como nos soa melhor. São manifestações da variação linguística. É o caso de “lilás” no plural? Será “as camisolas lilás” ou “as camisolas lilases”? A forma atestada é “lilases”, mas muitos falantes ficam-se por “lilás” porque, provavelmente, já tem um “-s”, que identificam como a marca de plural. Para resolver estes problemas linguísticos, é difícil encontrar referências que nos auxiliem nas dúvidas que vamos tendo. Nem os dicionários, nem as gramáticas ou os prontuários abordam o assunto de modo inequívoco. Enquanto uma língua não tiver materiais de suporte que lhe garantam a coesão, todas as possibilidades serão válidas na comunicação formal porque, na informal, isso é corrente. É onde se encontra mais viva a variação linguística. Sucede assim no caso das designações das cores e, sobretudo, das combinações de duas ou mais. Como o problema não se resolve com os dicionários (cf. tira-dúvidas), vou dividi-lo em duas partes. Esta primeira é para as referências dicionarísticas habituais. A segunda parte terá em conta gramáticas e prontuários.

Portanto, nesta primeira parte (Quase parece um jogo de futebol!), fui consultar os dicionários que refiro habitualmente. Descobri uma autêntica confusão para a formação do plural de exemplos como o de “verde-rubro”, termo que nem todas as obras citadas têm como entrada. Por este motivo, dou exemplos de outras combinações de cores, a fim de termos pontos de comparação. É evidente a falta de orientações precisas quanto à formação deste tipo de plural, nestes materiais que deveriam auxiliar a tirar dúvidas a um jornalista, a um dirigente desportivo, a um professor, a um estudante, a todos os falantes. Dos diversos casos observados, como o de “amarelo escuro” (que o HOUAISS concebe grafar das mais variadas maneiras na entrada de “apositivo”), concluí ser indispensável distinguir dois grupos de combinações. Em “verde-rubro”, temos ou adjetivos ou substantivos independentes que se associam (o boné verde e rubro). Em “amarelo escuro”, o segundo elemento (escuro) incide sobre o primeiro (amarelo), não sendo independente dele (o boné amarelo / Escuro é o amarelo e não o boné). Portanto, são situações diferentes a não confundir, embora tenham em comum o uso do hífen e o facto de serem dois adjetivos, suscitando a questão da concordância no plural. Então, qual é a conclusão? Os dicioná-

rios brasileiros parecem fazer a distinção da formação do plural quando as duas cores são adjectivos (apenas o segundo elemento leva a marca do plural: “os cachecóis verde-rubros”) ou substantivos (os dois elementos ficam com “-s”: “os verdes-rubros”). No entanto, nem sempre isso se mantém porque, no AURÉLIO, a referência ao Flamengo (clube de futebol brasileiro) é concebida apenas como “rubro-negros” para o adjectivo e o substantivo. Porém, numa menção ao Sporting (clube de futebol português), o dicionário da ACADEMIA forma o plural em “verdes-e-brancos”. Portanto, a problemática mantém-se. Como construir o plural para a combinação de duas cores associadas por justaposição, com recurso ao hífen, quer sejam adjectivos, quer substantivos?

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Como os dicionários não nos ajudam, talvez tenhamos mais sorte com as gramáticas e os prontuários. Eu tenho um palpite, mas não vou fazer prognósticos, antes do fim da segunda parte. O pior será se for necessário um prolongamento...

Tira-dúvidas

Dicionários	“verde-rubro”	“verde-rubros”	“verdes-rubros”
Houaiss (2001)	verbeta inexistente cf. rubro-negro cf. verde-azul “b” a respeito do hífen desta palavra, ver o que se diz em gram (b) no verbete <i>apositivo</i> ”	cf. rubro-negro: pl. do adj.: <i>rubro-negros</i> cf. verde-azul: a) pl. do adj.: <i>verde-azuis</i>	cf. rubro-negro: pl. do subst.: <i>rubros-negros</i> cf. verde-azul: a) pl. do subst.: <i>verdes-azuis</i>
Academia (2001)	(...) <i>adj.</i> Diz-se da cor dos metais quando incandescentes. Pl. verde-rubros, as. cf. verde-e-branco (...) <i>adj. Gir. Fut.</i> O m. q. <i>sportinguista</i> . Pl. verdes-e-brancos.	adj. Pl. verde-rubros, as.	cf. verde-e-branco Pl. verdes-e-brancos.
Porto Editora (1998)	<i>adj.</i> designativo da coloração que os metais tomam quando incandescentes	sem informação	sem informação
Machado (1991)	<i>adj.</i> Que tem as cores verde e vermelha, especialmente falando da bandeira portuguesa. cf. rubro-negro <i>Obs.</i> flexão: <i>rubro-negra, rubro-negros, rubro-negras</i>	sem informação cf. rubro-negro <i>Obs.</i> flexão: <i>rubro-negros</i>	sem informação
Cândido de Figueiredo (1986)	verbeta inexistente	sem informação	sem informação
Aurélio (1986)	verbeta inexistente cf. verde-e-amarelo <i>Adj. e s. m.</i> Verde-amarelo. [Pl.: verde-e-amarelos] cf. verde-negro <i>Adj. e s. m. V.</i> verde-escuro. [Pl. do adj.: verde-negros; do s. m.: verdes-negros.] cf. rubro-negro <i>Adj. e s. m. Bras. V. flamenguista.</i> [Pl.: rubro-negros.]	cf. verde-negro Pl. do adj.: verde-negros cf. rubro-negro <i>Adj. e s. m. Bras. V. flamenguista.</i> [Pl.: rubro-negros.]	cf. verde-negro Pl. do s. m.: verdes-negros.

Diz-se “verde-rubros” ou “verdes-rubros”? Porquê? (Segunda Parte)

Retomando o tema, para designar o Marítimo, surgem duas cores: o verde e o rubro. O vocábulo “rubro” é menos corrente que “verde”, já que, normalmente, se emprega “vermelho” ou “encarnado” para designar a cor que, por exemplo, o sangue tem, mas não deixa de ser um termo português, variando em género (*rubro, rubra*) e número (*rubros, rubras*). A união daquelas duas cores é feita por justaposição. No plural, vem enunciada, por vezes, como “verde-rubros”. Será aceitável, em português, formar o plural desta maneira? Não haverá nada de linguisticamente problemático nesta construção com hífen? Serão ambas as possibilidades – “**verdes-rubros**” ou “**verde-rubros**” – viáveis? Após a primeira parte desta crónica, dedicada à consulta de dicionários, temos uma única certeza: os elementos que compõem “**verde-rubro**” são dois adjectivos (*a camisola verde e rubra*) ou dois substantivos (*o verde e o rubro da camisola*), independentes um do outro porque indicam duas cores distintas (*a cor verde e a rubra*). Portanto, a partir deste prisma, temos de compreender como este composto forma o plural. Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece ser do domínio da Morfologia porque está relacionada com a formação do plural de elementos combinados. Nos prontuários e nas gramáticas (os alvos da segunda parte desta reflexão dedicada a “verde-rubro”), a consulta tem de enveredar pela formação do plural de nomes compostos por justaposição. Para o efeito, consultei dois prontuários: 1) ALVES, Manuel dos Santos (1993) *Prontuário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Universitária Editora, 2.^a ed, “Género e Número”, p. 107 (**PLP**) e 2) BERGSTRÖM, Magnus e Neves REIS (1990) *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Notícias, “Plural dos Nomes”, p. 110 (**POGLP**). Abri também quatro gramáticas: 1) MATEUS, Maria Helena Mira *et Alii* (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, “22.4. Flexão. 22.4.1. Flexão nominal”, pp. 926-931, e “24. Formação de palavras: composição”, pp. 969-986 (**GLP-Caminho**), 2) MOURA, José de Almeida (2003) *Gramática do Português Actual*, Lisboa, Lisboa Editora, “Morfossintaxe I. O substantivo. O adjectivo”, pp. 9-36 (**GPA**), 3) CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley (1995) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa, “Deri-

vação e Composição. Formação de palavras por composição”, pp. 106-108 e “Substantivos. Formação do plural”, pp. 181-188 (*NGPC*) e 4) CUESTA, Pilar Vázquez e LUZ, Maria Albertina Mendes da (1971) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Edições 70. “Morfologia. Substantivo. Formação do plural das palavras compostas”, pp. 376-377 (*GLP-Ed70*). Por diversas razões, não pude ter acesso, de momento, a nenhuma gramática concebida no Brasil e o mesmo aconteceu com os prontuários. Porém, a de CUNHA e CINTRA pode fazer esse efeito, já que Celso Cunha era brasileiro e foi ele quem redigiu esse capítulo da *NGPC*. Além disso, o tira-dúvidas (que dividi em dois: prontuários e gramáticas) já não comportava mais referências bibliográficas. Em contrapartida, incluí uma gramática escolar, a *GPA*, além de três de referência geral. Entre estas, encontra-se a que orienta o *Dicionário Terminológico* que alterou alguma nomenclatura gramatical portuguesa (e sobretudo a análise da língua portuguesa) devido a uma reforma ministerial que atinge os programas de Português em vigor. Trata-se da *GLP-Caminho*.

Da consulta, fica claro que as gramáticas são mais explícitas do que os prontuários, embora nenhuma obra mencione explicitamente o plural de “verde-rubro”. Aliás, os exemplos são quase sempre os mesmos em todas as obras. O prontuário de ALVES (*PLP*) faz referências a cores, mas é problemático e confuso, não respondendo à questão colocada. A gramática escolar, *GPA*, também dá exemplos com cores. Porém, parece-me pouco fiável, não justificando por que razão os termos que indicam cor não levam marca de plural. Fui colocando alguns comentários a negrito entre parênteses nos tira-dúvidas. Na *NGPC*, CUNHA e CINTRA, mesmo não se reportando aos compostos que designam cores, explicam que:

“Quanto ao sentido, distingue-se numa palavra composta, o elemento DETERMINADO, que contém a ideia-geral, do DETERMINANTE, que encerra a noção particular. Assim, em *escola-modelo*, o termo *escola* é o DETERMINADO, e *modelo* o DETERMINANTE. Em *mãe-pátria*, ao inverso, *mãe* é o determinante, e *pátria* o DETERMINADO.

Nos compostos tipicamente portugueses, o DETERMINADO em regra precede o DETERMINANTE, mas naqueles que entraram por via erudita, ou se formaram pelo modelo da composição latina, observa-se precisamente o contrário – o primeiro elemento é o que exprime a noção específica, e o segundo a geral.” (p. 107)

Porém, há compostos em que isso não sucede porque os dois elementos são independentes um do outro, estando apenas combinados. É o que acontece com “verde-rubro” (*verde e rubro* – sem DETERMINADO E DETERMINANTE). Assim, pelas informações recolhidas (cf. tira-dúvidas), e considerando que, em “verde-rubro”, há dois adjectivos (ou dois substantivos) associados, ambos têm de vir no plural. É o que se lê nas restantes referências e essa é também a minha convicção. No entanto, o assunto não fica

completamente encerrado porque a designação das cores é um assunto que levanta muitas dúvidas gramaticais.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão se deve dizer e escrever “**verdes-rubros**”, colocando os dois elementos do composto no plural? Porquê? É porque, salvo prova em contrário, “verde” e “rubro” são duas cores distintas. São dois adjectivos (*as riscas verdes e rubras* ou *as riscas verdes-rubras*) ou dois substantivos (*os verdes e rubros* ou *os verdes-rubros*), variando em género (*rubro/ rubra*, mas *verde*) e número (*verde/ verdes, rubro/ rubros, rubra/ rubras*).

Tira-dúvidas Prontuários

Prontuários	“verde-rubro” – “verdes-rubros”
PLP (1993 – 2. ^a ed.)	<p>Substantivos: “Quanto aos compostos por justaposição, o plural depende, sobretudo, das categorias dos componentes: e, portanto, de estes serem variáveis ou invariáveis.”</p> <p>Adjectivos: “Nos adjectivos compostos, só o segundo elemento vai no plural – <i>luso-brasileiro</i> – <i>luso-brasileiros</i>...”</p> <p>Excepto: <i>surdo-mudo</i> – <i>surdos-mudos</i> e quando se trata de cores em que o segundo elemento é substantivo: vestidos <i>amarelo-ouro</i>; fatos <i>vermelho-sangue</i>.” (pp. 107) [Esta opção não é explicada e deixa dúvidas.]</p>
POGLP (1990 – 21. ^a ed.)	<p>“<i>Plural dos substantivos compostos</i></p> <p>10. Nos compostos de dois substantivos, ambos os elementos se usam no plural: <i>couve-flor, couves-flores, mestre-escola, mestres-escolas</i>.</p> <p>- Nos compostos de dois substantivos ligados por hífen, denotando o segundo elemento uma noção complementar de fim, semelhança, etc., só o primeiro elemento vai para o plural: <i>escola-modelo, escolas-modelo, pombo-leque, pombos-leque</i>.</p> <p>11. Nos compostos de substantivo e adjectivo, ambos os elementos se usam no plural (...).</p> <p>12. Nos compostos de adjectivo e substantivo, ambos os elementos se usam no plural (...).</p> <p>(...)</p> <p>Dos adjectivos</p> <p>Os adjectivos, quando passam para o plural, obedecem às regras que se aplicam aos substantivos.” (pp. 111-112)</p>

Tira-dúvidas
Gramáticas

Gramáticas	“verde-rubro” – “verdes-rubros”
<p>GLP-Caminho (2003)</p>	<p>“Nos compostos, a flexão em número é sensível à sua estrutura. Os compostos morfológicos têm um comportamento idêntico ao das restantes palavras (...). Nos morfo-sintáticos, a flexão opera sobre o constituinte que é o núcleo do composto: nos compostos com núcleo à esquerda, a flexão é marcada apenas nesse constituinte (...); nos compostos coordenados, a flexão é marcada em todos os constituintes e com idêntico valor (...); nos compostos formados por reanálise, a flexão não reconhece a estrutura interna, operando como se se tratasse de uma palavra simples (...).” (pp. 928-929)</p> <p>“24.2.4. Estruturas de conjunção</p> <p>Os compostos morfo-sintáticos que têm uma estrutura de conjunção podem ser nomes ou adjectivos:</p> <p><i>autor-compositor</i> <i>surdo-mudo</i> (...)</p> <p>O comportamento morfológico destas formas não permite identificar nenhum dos constituintes como núcleo de toda a estrutura. No que diz respeito à flexão em número, verifica-se que todos os constituintes devem exibir idêntico valor:</p> <p><i>autor-compositor autores-compositores</i> <i>autor-compositor-intérprete autores-compositores-intérpretes</i> <i>surdo-mudo surdos-mudos</i>” (p. 981)</p>
<p>GPA (2003)</p>	<p>“Os substantivos compostos por justaposição formam o plural de maneiras diferentes, consoante são constituídos por</p> <ul style="list-style-type: none"> • substantivo mais substantivo <p>(...) [Alguns exemplos deixam dúvidas.]</p> <p>Dada a diversidade de critérios e a variedade de formas de plural destes substantivos, convém prestar atenção aos usos e consultar os dicionários. [Já foi feito e as dúvidas não desapareceram.] (...) <i>amarelo-claro / amarelo-escuro -> amarelos-claros / amarelos-escuros</i> Mas <i>papéis amarelo-claros / amarelo-escuros</i> (adj.)” [Porquê?] (pp. 17-18)</p> <p>“Os adjectivos hifenizados apresentam a marca de plural</p> <ul style="list-style-type: none"> • apenas no último elemento: (...) <i>os vestidos azul-claros; as calças amarelo-claras</i> (...) [Porquê?] • em nenhum dos elementos, no caso de ser um substantivo o segundo elemento de algum adjectivo que refira a cor: <i>as malhas verde-garrafa; as pedras amarelo-ouro; as camisas vermelho-sangue</i> [Porquê?] • nos dois elementos, no caso de serem formas plenas e autónomas, se não se referirem a cores [sem exemplo para as cores] (...).

	<p>O substantivo caracterizado por uma locução adjectiva ou por uma expressão substantiva recebe, apenas ele, a marca de plural: <i>olhos cor de safira / cor de mar, paredes creme / salmão.</i>” (p. 29)</p>
<p>NGPC (1984 – 11.^a ed.995)</p>	<p>“Substantivos compostos” “Não é fácil a formação do plural dos substantivos compostos. Observem-se, porém, as seguintes normas, como fundamento na grafia: (...) 2.^a) Quando os termos componentes se ligam por hífen, podem variar todos ou apenas um deles: (...) c) também só o primeiro toma a forma de plural quando o segundo termo da composição é um substantivo que funciona como determinante específico: (...) <i>banana-prata bananas-prata</i> (...) d) geralmente ambos os elementos tomam a forma de plural quando o composto é constituído de dois substantivos, ou de um substantivo e um adjectivo: (...) <i>água-marinha águas-marinhas</i> (...).” (p.187)</p>
<p>GLP-Ed70 (1971)</p>	<p>“Unicamente consideramos palavras compostas aquelas cujos elementos distintos estão separados por um hífen. Quando a palavra tem hoje ortograficamente o aspecto simples, a formação do plural não apresenta qualquer particularidade. Vejamos, conseqüentemente, as principais regras para a formação do plural das palavras compostas: 1. Se a palavra é composta por dois substantivos unidos por um hífen, ambos tomam a marca de plural: (...) 3. Se a palavra é composta por substantivo e adjectivo, ambos tomam a marca de plural (...) 4. Se a palavra é composta por adjectivo e substantivo, só este último toma a marca de plural: (...) Exceptuam-se, todavia, entre outros, os nomes dos dias da semana e a palavra <i>gentil-homem</i>: (...).” (pp. 376-377)</p>

É “connosco” ou “conosco”? Porquê?

Têm sido milhares os estrangeiros africanos que tentam, ilegalmente, entrar na Europa, arriscando a própria vida. Recentemente, no Mediterrâneo, milhares (incluindo crianças) morreram devido a naufrágios. Houve tripulações de barcos que viram a ocorrência, mas não intervieram por ser ilegal auxiliar emigrantes clandestinos. Poderiam ter evitado aquelas mortes? Por que motivo não agiram? Para não contrariar as leis? Por que razão os “passadores” aceitam fortunas para transportar, em condições inumanas, essas pessoas, que dão tudo para fugir à miséria? Não terão consciência? Necessitarão do dinheiro? Por que razão as autoridades dos países africanos, com riquezas naturais impressionantes, não apoiam o próprio povo, dando-lhe condições de vida digna? Há um tráfico de seres humanos que rende milhões. São homens, mulheres e crianças vendidos e comprados para serem explorados. Neste nosso “maravilhoso mundo”, há dias, uma notícia evidenciava que existe um elevado número de “escravos”. Como é possível? Que posso fazer para evitar tudo isso? O que podemos fazer? Isso é comigo e consigo, não é? Eu penso que sim porque acredito que tudo depende de cada indivíduo, já que, juntos, formamos a comunidade. A minha vida marca a de outras pessoas, do mesmo modo que a sua. Estamos todos interligados. Portanto, tudo tem a ver connosco. Terá? Escreve-se “connosco” – com “nn” – ou “conosco” – com “n”? Algumas pessoas escrevem com um “n”. Pode ser assim? Existirão as duas grafias? Pensar sobre tudo, em particular acerca de usos linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão linguística parece-me ser do domínio da Ortografia, da Fonética, da Morfologia e da variação linguística. A nível gráfico, a diferença entre “connosco” e “conosco” é mínima, já que tem a ver com uma consoante, aparentemente, repetida (“nn”) ou não (“n”). Como se deve escrever? Deve ser com a consoante repetida (“nn”). Este vocábulo resulta da aglutinação dos termos “com” e “nosco”, como em “convosco” (“com”+“vosco”). Na origem, juntou três elementos (“com”+“nos”+“com”), em que havia o redobro da preposição “com”, no início e no fim. A última ocorrência da preposição perdeu a consoante nasal, dando “nosco”. Observando com atenção a inicial e aqueles dois “nn”, compreendemos que têm funções diferentes e não são, contrariamente às aparências, uma consoante geminada. O primeiro “n” assinala a vogal nasal “on” ou “om”, presente em “ponte” ou “compras”, por exemplo. O segundo “n” faz parte de “nosco”.

Se articularmos devagar o vocábulo, dar-nos-emos conta de que pronunciamos ambas (a vogal nasal e a consoante nasal em início de sílaba). Assim, o primeiro correspondia ao “m” de “com”, que, por exigências ortográficas, se passou a escrever “n”. Então, se há esta certeza relativamente à grafia de “connosco”, como justificar a existência de “conosco”? É mais uma distinção entre o Português dito Europeu (PE) e o do Brasil (PB), como indicam os dicionários do tira-dúvidas (cf. a diferença entre os dicionários portugueses e os brasileiros). Os brasileiros optaram por reduzir os dois “n-n” (pertencentes a duas sílabas distintas) a um único. São duas opções ortográficas e fonéticas divergentes. A do PE segue a etimologia do termo, enquanto a do PB se distancia do termo original, indiciando a queda da nasalidade vocálica (“on” passou a “o”), como em “comigo”.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão escrever “**connosco**”? Porquê? É porque, na norma do Português Europeu, está assim definido (cf. tira-dúvidas) e o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990* não alterou, nem no PE, nem no PB, a grafia deste termo que é um pronome pessoal. Assim, apenas na norma do Português do Brasil se escreve com um único “n”. Será, portanto, inaceitável em textos do PE não respeitar a ortografia “connosco”. Todavia, tudo depende de nós. É comigo (“com”+”migo”). É contigo (“com”+”tigo”). É consigo (“com”+”sigo”). Ninguém vive completamente isolado. Numa sociedade, dependemos todos uns dos outros, seja para o que for. É tudo **connosco**!

Tira-dúvidas

Dicionários	“connosco”	“conosco”
<i>Houaiss</i> (2001)	verbetes inexistente (cf, conosco)	pronome pessoal Rubrica: gramática. 1 da primeira pessoa do plural, com as segg. acp.: 1.1 com a primeira pessoa do discurso (eu) mais outra(s) pessoa(s), excluindo-se o(s) interlocutor(es) Ex.: se quiser ir ao cinema, pode deixar seu filho c. 1.2 com a primeira pessoa do discurso (eu) mais o(s) interlocutor(es) [tu, vós, ou você, vocês] Ex.: dizem que nosso filho se parece muito c. 1.3 com a primeira pessoa do discurso (eu), mais o(s) interlocutor(es) e mais outra(s) pessoa(s) Obs.: ver gram

		a seguir; cf. <i>com</i> e <i>comigo</i> Ex.: não vá embora e chame seus colegas, porque o diretor vem conversar c.
Academia (2001)	(...) <i>contr.</i> (Do lat. <i>cum</i> + <i>noscum</i>). Refere-se à primeira pessoa gramatical do plural representando a forma correspondente à função de complemento regido pela prep. <i>com</i> . (...).	verbete inexistente
Porto Editora (1998)	<i>pron. pess.</i> em nossa companhia; Bras] conosco (Do lat. <i>cum</i> + <i>noscum</i> , por <i>nobiscum</i> , «connosco»)	<i>pron. pess.</i> [Bras] => conosco
Machado (1991)	flexão do pronome pessoal da 1. ^a pessoa do pl. <i>nós</i> com a prep. <i>com</i> (no sing. <i>comigo</i>). // Em companhia de nós; nós, juntamente com outro ou outro mais. // Entre nós, junto de nós, em nossa posse. // A nosso respeito. // De nós, para nós. // Obs. No Brasil, <i>conosco</i> .	verbete inexistente (cf. <i>connosco</i>)
Cândido de Figueiredo (1986)	(<i>con-nós</i>) <i>pron.</i> Em companhia de nós. A nosso respeito. – No Brasil, usa-se <i>conosco</i> . (Flexão do pronome <i>nós</i> precedida da prep. <i>com</i>).	<i>pron. Bras.</i> (V. <i>connosco</i>)
Aurélio (1986)	verbete inexistente	<i>Pron. 1. Com a(s) pessoa(s), ou à(s) pessoa(s), que falam; com as nossas pessoas (...).</i>

Serão sinónimos “inclusive” e “inclusivo”? Porquê?

Uma única pessoa pode fazer a diferença, tanto para o bem, como para o mal, na nossa vida. Há pessoas que ficam na História (ou, simplesmente, na nossa história) associadas a certos episódios negativos e outras que permanecerão lembradas por feitos positivos. Todos os dias, nas notícias, ganham fama indivíduos com um desses perfis. Todos os dias, na nossa vida, encontramos uns e outros, além dos indiferentes (os que não nos marcam). Pergunto-me por que razão é assim. O que levará alguns a matar, a roubar, a enganar e outros a auxiliar, a socorrer, a salvar? Costumo dizer que todo o ser humano é bom e mau, tendo tendência para cultivar uma ou outra faceta, consoante a sua própria vida, as necessidades por que passa e os traços da sua personalidade. A educação – a familiar e a escolar – é também um parâmetro muito forte a considerar. Cada um pode, então, escolher fazer a diferença na história mundial ou na história quotidiana, ajudando ou prejudicando quem conhece ou desconhece. Porém, nem sempre é evidente compreender se se está a ajudar ou a prejudicar.

Praticamente todos os dias, na rua, cruzo-me com um jovem que pede esmola. Da primeira vez que o vi, queria dinheiro porque precisava de ir ao médico. Parei e quis saber qual era o problema de saúde e de que ajuda concreta precisava. Afinal, não era nada disso. Desejava apenas dinheiro. Um euro bastaria! Tinha fome e era para comer um bolo. Expliquei-lhe que não lhe daria dinheiro porque um bolo não mata a fome. A partir daí, ele continua a pedir dinheiro e muitas pessoas vão dando. Eu digo-lhe que não. Saúdo-o, mas não lhe dou dinheiro. Prefiro contribuir para instituições credenciadas que auxiliem as pessoas a mudar de vida. Ele encontrou pontos estratégicos da cidade, variando de localização consoante os ritmos citadinos. No outro dia, cruzámo-nos num local onde havia muitos turistas. Reconhecendo-me, sorriu-me. Sorri-lhe também. Pensei na inteligência deste rapaz. Os turistas dar-lhe-iam dinheiro, sem questionar. Estarei eu a excluir aquele jovem que já vive à margem da sociedade? Eu parei para falar com ele e, inclusive, sempre que o vejo não lhe viro a cara. Quem tem para com ele um comportamento inclusivo? É indiferente dizer “inclusive” e “inclusivo”? Pensar sobre tudo e usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, a questão linguística parece ser do domínio do Léxico e da Morfologia. Os dois termos (“inclusive” e “inclusivo”) existem na nossa língua. Qual a diferença entre ambos? Há muitas pessoas, incluindo com

formação superior, que optam por “inclusivo”, em vez de “inclusive”, quando, em determinado contexto, apenas este último elemento seria possível. Isso é linguisticamente aceitável? Podem ser sinónimos? Estão os dois relacionados com o verbo “incluir”. O que os distinguirá? Pertencem a diferentes classes morfológicas, visto que “inclusive” é um advérbio e “inclusivo” um adjectivo (cf. o tira-dúvidas). Ora, afirmar isto a quem não sabe nada ou quase nada de gramática não adianta, pois não? Talvez explicando que “inclusive” pode ser substituído por “**inclusivamente**” (“*O bebé foi observado pelo médico generalista e, **inclusivamente**, medicado por ele.*” / “*O bebé foi observado pelo médico generalista e, **inclusive**, medicado por ele.*”), enquanto “inclusivo” não aceita essa substituição, ajude um pouco mais. Mesmo assim, se não chegar para entender o quanto são distintos, posso acrescentar que “inclusivo” varia em género e número” (“*Ele teve um comportamento inclusivo, ao integrar o elemento isolado no grupo.*” / “*Ele teve uma atitude inclusiva, ao integrar o elemento isolado no grupo.*” / “*Ele teve comportamentos inclusivos, ao integrar os elementos isolados no grupo.*” / “*Ele teve atitudes inclusivas, ao integrar os elementos isolados no grupo.*”) e adiantar que isso não acontece com “inclusive” porque é invariável. Tem apenas uma única forma e esta termina com “-e”. Por vezes, há quem escreva “inclusive” com um acento agudo no “-e”, mas não se deve grafar, embora essa vogal se pronuncie com alguma abertura. Normalmente, os acentos gráficos surgem nas vogais tónicas e, em “inclusive”, essa vogal é a da penúltima sílaba (“in-clu-si-ve”).

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão “inclusive” e “inclusivo” não são sinónimos? Porquê? É porque um termo não pode substituir o outro. Assim, quando se disser “inclusivamente”, em seu lugar poderá ocorrer “inclusive”, mas não “inclusivo”. Este vocábulo terá de vir junto de um substantivo, qualificando-o, como em “programa inclusivo” ou “estratégia inclusiva”. Portanto, a língua diferencia “inclusivo” e “inclusive”. Apenas um falante desatento confundirá os dois termos. Cada um tem de prestar atenção ao que diz e escreve, inclusive ao que faz. As nossas atitudes, mesmo as mais insignificantes, marcam a vida de outras pessoas. Cada um tem de escolher como quer ser lembrado e agir em consequência. Os obstáculos e as falhas aparecerão, mas, julgo eu, somos o que escolhemos ser. Dar dinheiro a um jovem pedinte saudável e bem cuidado será um comportamento inclusivo? Estarei a ajudá-lo ou a prejudicá-lo? Indiferente, não serei.

Tira-dúvidas

Dicionários	“inclusive”	“inclusivo”
Houaiss (2001)	advérbio 1 de modo inclusivo; sem exclusão Ex.: estudaremos até o capítulo X, i. 2 até, até mesmo Ex.: é uma situação delicada, i. perigosa	adjetivo 1 que inclui ou pode incluir 2 que encerra, abrange, compreende 3 Rubrica: lingüística. que inclui o falante e o ouvinte (diz-se de 1.ª p.pl.) Obs.: cf. <i>exclusivo</i> Ex.: o pronome nós i.
Academia (2001)	<i>adv.</i> (Do lat. medieval <i>inclusive</i> .) 1. De modo inclusivo. (usa-se para incluir uma ou mais coisas ou pessoas num grupo ou conjunto que está a ser referido). (...).	inluivo, a <i>adj.</i> (Do lat. medieval <i>inclusivus</i> .) Que encerra, contém em si; que abrange, inclui (...).
Porto Editora (1998)	<i>adv.</i> => inclusivamente (Do lat. med. <i>inclusive</i> , «id.»)	<i>adj.</i> que inclui ou pode incluir ou abranger (Do lat. med. <i>inclusivu</i> , «id.»)
Machado (1991)	<i>adv.</i> De modo inclusivo; inclusivamente.	<i>adj.</i> Que inclui; que envolve, que abrange, que compreende.
Cândido de Figueiredo (1986)	<i>adv.</i> Inclusivamente.	<i>adj.</i> Que inclui; que abrange. (De <i>incluso</i>).
Aurélio (1986)	[Lat..] <i>Adv.</i> 1. De modo inclusivo; com inclusão. 2. Até; até mesmo. [Antôn.: <i>exclusive</i> .].	[Do lat. <i>inclusivu</i> .] <i>Adj.</i> Que inclui, encerra, abrange.

Serão sinónimos “ementa” e “menu”? Porquê?

A ACIF-CCIM (Associação Comercial e Industrial do Funchal – Câmara do Comércio e Indústria da Madeira) está a promover uma dinâmica comercial em algumas ruas do centro do Funchal porque há cada vez menos pessoas (clientes) nessas artérias, ao fim do dia. Alguns restaurantes propõem iguarias a três euros para tentar atrair clientela e, simultaneamente, incrementar o negócio. A ideia é boa. Provavelmente para promover a iniciativa, na imprensa, vi uma fotografia da Presidente da referida associação, naquela altura, com um avental vestido, onde se lia algo do género: “sabores”. Fiquei a pensar... Se, na presidência, estivesse um homem, seria ele capaz de envergar um avental por cima do fato? Não creio, embora haja homens capazes de muito. As mulheres são assim mesmo e vestem a camisola (no caso, o avental). Multifuncionais, num cargo de chefia, mesmo que nada tenha a ver com assuntos caseiros, não se esquecem que é necessário fazer compras, pensar em refeições, cuidar da roupa ou da casa e de todas as tarefas que estão subjacentes a estas funções que herdaram não se sabe bem de quem, como e porquê. Ter de pensar no que vão ser as refeições do dia ou da semana (Sim! Fazer compras semanais exige que, até mentalmente, se pense nisso.) é uma tarefa hercúlea, mesmo quando se vive só. Então, ir ao restaurante pode ser um alívio e permite que se faça uma pausa. Cada um come o que quer e, em casa, a cozinha fica limpíssima. Há quem goste de estar constantemente a comer fora. Eu aprecio fazê-lo de vez em quando. Se sair para comer fora é mais para descontraír um pouco do que para evitar cozinhar. Nos restaurantes (termo de origem francesa, como quase todos os que com ele se relacionem), gosto de consultar a carta (“la carte”) para saber qual é a ementa (“le menu”). Diz-se “ementa” ou “menu”? Pensar sobre tudo e usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, a questão linguística parece ser do domínio do Léxico e da Semântica. Pela minha observação quotidiana, empregamos tanto “ementa”, como “menu”, já que os ouvimos nas mesmas circunstâncias. Usam-se os dois para “o conjunto de comidas proposto para ser preparado e consumido num restaurante, indo das entradas às sobremesas; passando, evidentemente, pelos pratos de carne e de peixe”. Olhando para o tira-dúvidas, observa-se que “ementa” é proveniente dos elementos latinos “e” e “mens, mentis”. Na origem, este vocábulo não tinha nada a ver com a culinária, estando ligado à necessidade de “ter em mente”, isto é, “lembrar, fazendo

um apontamento para não esquecer”. É estranho o HOUAISS considerar que, em Portugal, se trata de um “regionalismo”, quando tido como sinónimo de “menu”. Provavelmente, dever-se-á ao facto de um filólogo brasileiro ter criado, para o mesmo sentido, o termo “cardápio”, no Brasil, como o próprio dicionário evidencia nesta entrada. Quanto a “menu”, que nem todos os dicionários do tira-dúvidas registam, é uma palavra francesa. Aliás, se fosse portuguesa, não finalizaria com “-u”. É também muito interessante verificar que o significado original deste termo equivale a “pequeno”, “breve”. No fundo, apesar das diferenças, “ementa” e “menu” remetem para o sentido de “abreviar”. São, portanto, sinónimos de “apontamento”, “elenco”, “listagem”, isto é, “lista de comidas propostas por um restaurante”.

Apesar da semelhança, tenho notado que se estará a fazer uma diferença semântica entre estes dois vocábulos. Numa sociedade em que o ritmo é acelerado, tudo é feito a correr. Por norma, se se vai a um restaurante almoçar, por exemplo, a refeição terá de ser rápida. Não há tempo para esperar uma hora ou mais até que o prato desejado esteja pronto. A ideia de ficar à mesa numa amena conversa com familiares e/ou amigos é exclusivamente para ocasiões festivas. Principalmente por esta razão, creio que haverá pratos das ementas que nunca serão cozinhados durante a semana. Portanto, com frequência, os restaurantes definem os “pratos do dia” e, muitas vezes, estabelecem “menus”, ou seja, fixam um preço para uma entrada, um prato principal e uma sobremesa. Nesta última acepção, por aquilo que tenho observado, usa-se apenas “menu”, não se dizendo “ementa”. Aliás, o dicionário da ACADEMIA atesta este sentido. Portanto, é como se ela equivalesse ao todo da carta (o conjunto integral das comidas disponíveis) e ele fosse apenas uma pequeníssima parte do conjunto, escolhida pelo restaurante, simplificando a tarefa de quem cozinha e possibilitando, assim, uma economia de esforços e meios. Para o cliente, é rápido e relativamente barato, enquanto se torna prático, económico e rentável para o restaurante.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão “ementa” e “menu” são sinónimos? Porquê? É porque ambos os termos significam “lista”, isto é, “enumeração de um vasto conjunto de pratos a preparar e, em princípio, a consumir num restaurante”. Porém, “menu” está a ganhar o sentido de “lista precisa e pré-determinada de um ou dois pratos específicos para uma refeição com preço definido”. É quase uma produção em série, tornando-se mais rápido e prático o processo. Com a pressa, para satisfazer uma necessidade, comer deixa de ser um prazer. Como serão as iguarias dos restaurantes do centro do Funchal? Quis experimentar no domingo, mas, por aquilo que percebi, a iniciativa é apenas para a sexta-feira à noite. Pouca sorte! Nesse dia, saio do trabalho depois das 22:00 e a essa hora já não me apetece petiscar. Aproveite quem puder!

Tira-dúvidas

Dicionários	“ementa”	“menu”
<p>Houaiss (2001)</p>	<p>substantivo feminino 1 registro escrito; apontamento, lista, rol 2 texto reduzido aos pontos essenciais; resumo, síntese, sinopse 2.1 Rubrica: termo jurídico. sumário ou resumo do que a lei contém, posto em sua parte inicial; rubrica 3 Regionalismo: Portugal. m.q. cardápio Etimologia lat. pl. de <i>ementum</i>, <i>i</i> ‘idéia, pensamento’, de <i>e-</i> ‘para fora, de fora, exterior’ + <i>mens, tis</i> ‘mente’; ver <i>men(t)</i>; f.hist. sXV <i>ementa</i>, sXV <i>emmenta</i></p>	<p>substantivo masculino 1 ver cardápio 2 Derivação: por extensão de sentido. conjunto de elementos que compõem um todo; rol, lista Ex.: sugestões para o m. de opções da negociação da dívida externa 3 Derivação: por metáfora. repertório, coleção, conjunto Ex.: o m. das asnicas proferidas foi colossal 4 (d1979) Rubrica: informática. lista de opções ou entradas postas à disposição do usuário, que aparece no vídeo de um terminal de computador com as funções que este poderá, a seguir, realizar por meio de um programa ou de um <i>software</i> etimologia fr. <i>menu</i> (1718) ‘lista detalhada das carnes de que se compõe uma refeição, (1851) lista sobre a qual o cardápio está escrito, (1868) refeição’, substv. do adj. <i>menu</i> ‘pequeno, delgado, que tem pouco volume’ < lat. <i>minútus, a, um</i> ‘pequeno’, part.pas. de <i>minuère</i> ‘quebrar, reduzir a menos, diminuir’, der. <i>minus</i> ‘menos’; ver <i>men-</i></p>
<p>Academia (2001)</p>	<p>s. f. (Com base no lat. <i>mens, mentis</i>. ‘mente’) 1. Acção ou resultado de apontar, anotar para lembrança, de ementar. = APONTAMENTO, ROL. 2. Lista de pratos confeccionados num restaurante. = CARDÁPIO, LISTA. (...).</p>	<p>s. m. (Do fr. <i>menu</i>). 1. <i>Cul.</i> Conjunto dos diferentes pratos que constituem uma refeição. = CARDÁPIO, EMENTA (...). 2. <i>Cul.</i> Seleção fixa de pratos, de uma refeição constituída normalmente por sopa, prato de peixe ou carne e sobremesa. (...). 3. Lista em que se encontram discriminadas as refeições completas ou os pratos à escolha serviços num restaurante. =</p>

		CARDÁPIO, CARTA, EMENTA, LISTA. (...).
Porto Editora (1998)	<i>s. f.</i> acto ou efeito de ementar; apontamento para lembrança; resumo; sumário; rol; lista das iguarias de uma refeição. (Deriv. regr. de <i>ementar</i>).	<i>s.m.</i> pal. fr. que significa lista de pratos; ementa
Machado (1991)	<i>s. f.</i> (do lat. <i>ementu</i>). Apontamento para lembrança. // Resumo; sumário. // Rol. // Lista das iguarias de uma refeição.	verbete inexistente
Cândido de Figueiredo (1986)	<i>f.</i> Apontamento para lembrança; relação. Sumário. Rol dos pratos que pode servir um restaurante; lista das iguarias que compõem uma refeição. (Do lat. <i>ementum</i>).	verbete inexistente
Aurélio (1986)	[Do lat. <i>ementa</i> , pl. <i>ementum</i> , 'idéia, pensamento'] <i>S. f.</i> 1. Apontamento, rol, lembrança. 2. Sumário, resumo. 3. <i>Lus.</i> V. Cardápio.	[Fr.] <i>S. m.</i> <i>V.</i> cardápio.

É “omeleta” ou “omelete”? Porquê?

Pelos resultados de um inquérito levado a cabo em centros de saúde, ficou-se a saber que muitos portugueses já não consomem, com regularidade, alimentos considerados essenciais, como carne ou peixe. Tem-se explicado este facto devido à crise económica e financeira. Uma vez que há menos dinheiro para gastar, torna-se necessário gerir muito bem o orçamento familiar e fazer opções. Como o dinheiro não é elástico, não dá para tudo. Sendo necessário escolher, a alimentação equilibrada parece ficar para segundo plano. Ouve-se, porém, dizer, a vários nutricionistas, que fazer uma alimentação saudável nem é muito caro. Então, como explicar o que está a acontecer?

Antes do almoço, costumo fazer uma pausa, durante a qual aproveito para folhear os jornais locais e tomar um café. Numa dessas ocasiões, levantando os olhos de um jornal, o meu olhar deteve-se numa jovem que pedira para almoçar uma gasosa e uma dose de batatas fritas servida numa travessa. Pintalgou o amontoado com todos os molhos coloridos disponíveis. Para finalizar, tirou um cigarro, fumando-o relaxadamente. Saciada, foi-se embora rapidamente. Fiquei a pensar nesse almoço. Uma vez que o café-restaurante tinha, na montra, imagens de diversos pratos rápidos com preços entre 1 e 5 euros, incluindo sandes com folha de alface e rodela de tomate, além de carne, o que terá levado aquela jovem a pedir apenas uma dose de batatas e um sumo? Não teria dinheiro para mais? Porém, o que pagou seria equivalente ao da sandes com alguns legumes, entre outras alternativas. Seria mais caro do que uma sopa? Diariamente, são apresentados pratos fáceis de preparar, a preços razoáveis, com um nível nutritivo bastante bom. Por que motivo escolher uma dose de batatas fritas e um sumo? As possibilidades variam muito, incluindo, a nível linguístico, nas próprias opções gráficas. A variação linguística tem múltiplas facetas. Dependendo de quem escreve, em certos dias, sai, por exemplo, uma “omeleta” e, noutros, uma “omelete”. Qual das duas formas estará certa? Sê-lo-ão ambas? Pensar sobre tudo e usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, a questão linguística parece ser do domínio da Lexicografia, da Etimologia, da Ortografia e da Fonética. Se se consultar o tira-dúvidas, observa-se, pelas definições dos dicionários de língua portuguesa indicados, que as duas opções são válidas porque remetem para o mesmo preparado de ovos. Porém, a acreditar nos dicionários, os brasileiros preferi-

rão “omelete” e os portugueses (salvo o da ACADEMIA) “omeleta”. A ideia expressa no HOUAISS de aquele ser “regionalismo” brasileiro e este português não me faz muito sentido. Além disso, é o único a classificar “omelete” com dois gêneros: como masculino (um omelete) e feminino (uma omelete). Porventura, o uso no masculino será recente no Brasil, já que o AURÉLIO citado não dá conta dele. Dos restantes dicionários do tira-dúvidas, o MACHADO reconhece a divergência entre a opção lusa e a brasileira. No conjunto, segundo estas referências, salvo a de FIGUEIREDO que não atesta “omelete”, será indiferente usar uma ou outra, embora os portugueses e os brasileiros façam escolhas distintas.

Como se terá chegado a esta situação? A explicação estará no facto de, na origem, estar o termo francês “omelette”. A primeira adaptação portuguesa terá sido o decalque quase perfeito, tendo ficado “omelete”, com um único “t”, visto que, em português, esta consoante não ocorre dobrada (“tt”). O “-e” final, embora não seja predominante nos substantivos em Português, é uma possibilidade. No decorrer da história lexicográfica e ortográfica, alguém se terá lembrado de aportuguesar ainda mais o termo, começando a legitimar o “-a” final frequente no feminino. Poderíamos fazer a história deste fenómeno, consultando, por exemplo, dicionários da primeira metade do século XX, mas não é viável o procedimento, aqui. Contudo, é inequívoco que esta variação gráfica é frequente e sucede noutros termos de origem francesa. No processo de aportuguesamento, a variante com “-e” não desapareceu. Subsistindo, faz mesmo uma forte concorrência à que tem “-a”. Era dispensável esta confusão, não era? Pois era! Porém, como esta, há muitas nas línguas vivas, incluindo na língua portuguesa. O que fazer nestas situações? As posições variam. Por um lado, haverá quem deseje usar o termo próximo do original (“omelete”) e, por outro, os que querem afastar-se dele (“omeleta”). Conserva-se o feminino em ambos. Analisando-me, verifiquei que optava por “omelete”. Provavelmente, isso sucede porque articulo a vogal final “-e” de modo muito fraco. Realizações duplas como a de “-e” e “-a” mereceriam um estudo linguístico, incluindo fonético, para sabermos a que predomina, na comunidade.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão “omelete” e “omeleta” são aceitáveis em português? Porquê? É porque estão, ambas as formas, atestadas nos dicionários de língua portuguesa e em uso na comunidade que aceita a variação linguística. São, em suma, o mesmo termo com, porém, uma ligeira diferença ortográfica e fonética presente na vogal final. Como o vocábulo vem do termo francês “omelette”, com o mesmo significado, a primeira adaptação portuguesa terá sido “omelete”, que terá evoluído para “omeleta”, embora a primeira se mantenha bem viva, nomeadamente em território português. A maioria dos

falantes, não se dando conta das duas possibilidades, escolherá a que estiver mais habituada a ver, ler e ouvir. Falar é, como comer, uma questão de hábitos. Entre, por um lado, batatas fritas, com molhos multicolores, acompanhadas de um sumo e, por outro, uma sopa com uma sandes de omelete, pelo mesmo preço, eu prefiro o tradicional. Cada um escolherá consoante os seus hábitos. É possível mudar comportamentos alimentares e linguísticos? É! Leva é tempo.

Tira-dúvidas

Dicionários	“omeleta”	“omelete”
<i>Houaiss</i> (2001)	substantivo feminino Rubrica: culinária. Regionalismo: Portugal. m.q. <i>omelete</i>	substantivo de dois gêneros Rubrica: culinária. Regionalismo: Brasil. fritada de ovos bem batidos, a que se podem agregar temperos (salsa, cebola etc.) e outros ingredientes (p.ex., presunto, queijo), ger. dobrada ao meio ou em forma de envelope
<i>Academia</i> (2001)	Cf. <i>omelete, omeleta</i>	omelete, omeleta <i>s. f.</i> (Do fr. <i>omelette</i>). <i>Cul.</i> Prato que consiste numa fritada de ovos batidos, aos quais se podem juntar outros ingredientes. (...).
<i>Porto Editora</i> (1998)	<i>s. f.</i> ovos batidos que se fritam em qualquer gordura e se enrolam em forma de travesseiro (...) (Do fr. <i>omelette</i> , « <i>id.</i> »)	<i>s. f.</i> => omeleta .
<i>José Pedro Machado</i> (1991)	<i>s. f.</i> Porção de ovos que se batem conjuntamente e que se fritam enrolando-os em forma de travesseiro.	<i>s. f.</i> O m. q. <i>omeleta</i> e forma mais usual no Brasil.
<i>Cândido de Figueiredo</i> (1986)	<i>f.</i> ovos batidos conjuntamente e fritos em forma de trouxa ou posta. (...) (Fr. <i>omelette</i>).	verbete inexistente
<i>Aurélio</i> (1986)	<i>S. f.</i> <i>Desus.</i> no Brasil. Omelete.	[Do fr. <i>omelette</i>] <i>S. f.</i> Bras. fritada de ovos batidos. [Em Portugal, omeleta (ê).]

É “bastante” ou “bastanta”? Porquê?

Os mais pequenos pormenores linguísticos despertam-me uma curiosidade infundável. Fico, múltiplas vezes, a pensar no que vou ouvindo e no que vou dizendo. Nestes últimos dias, dei comigo a meditar numa minudência. Por que razão algumas pessoas dizem “bastanta”, em sequências como “bastantas coisas” ou “bastanta água”? Fui anotando várias ocorrências de diversos falantes – dos mais aos menos letrados – e verifico que os exemplos ocorrem tanto no singular, como no plural, mas apenas antes de substantivos femininos (como “coisas”, “água”). Acabei por, delicadamente, adiantar a alguém conhecido que devia dizer “bastantes” e “bastante”, sem “-a” no final. Num primeiro momento, não consegui convencer o meu interlocutor. O hábito estava tão enraizado que, por mais argumentos que avançasse, não era possível arrancá-lo pela raiz, de uma vez apenas. Obtive uma resposta deveras singela: o importante era comunicar e que a mensagem passasse. Será isso suficiente? Interessará apenas o conteúdo, não tendo a forma nenhuma relevância? Não me parece. Na comunicação, o que dizemos pode estar condicionado pelo modo como o fazemos. É um pouco como transportar algo num saco roto. O conteúdo arrisca-se a não chegar ao destino. Decidi, num segundo momento, especificar as razões pelas quais me parecia que devíamos empregar “bastante” e não “bastanta”. Por este caso, e todos os outros em que não me manifestei, devido a várias circunstâncias, decidi abordar o assunto. Talvez possa auxiliar mais alguém. Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Fonética e da Ortografia. Por acréscimo, tem implicações morfológicas. Esta minudência é uma questão de pronúncia que se repercute na grafia. Julgo que é motivada pela analogia, isto é, pela semelhança, com outros elementos linguísticos. Explicou-me o meu interlocutor que dizia “bastanta água” porque fazia o mesmo com “muita água” ou “pouca água”. A vogal final “-a”, que assinala o feminino de “muita” e de “pouca”, é evidente. Então, por analogia, se era “muita” e “pouca”, tinha de ser “bastanta”. Todavia, não é assim, visto que o vocábulo está cristalizado na Gramática e nos dicionários (cf. tiradúvidas). Etimologicamente, “bastante” formou-se a partir do verbo “bastar” e do sufixo “-(a)nte”, vindo daqui a vogal final “-e”. Não a deveríamos estranhar. Em português, temos bastantes termos com esta vogal em posição final, como, por exemplo, em “estudante”, “inteligente” ou “variante”. Para

tentar simplificar, um dos meus argumentos ia no sentido de não dizermos “bastanto vinho” ou “bastantos livros”, embora usemos “muito vinho” e “poucos livros”. No entanto, não deixa de ser curioso que “bastante”, enquanto substantivo, é masculino. O meu argumento de não dizermos “bastanto” foi aceite porque a confusão ocorre apenas com o feminino. Portanto, este pronome ou determinante indefinido (que pode ter outras classificações morfológicas: advérbio, adjectivo ou substantivo) não varia em género, tendo uma única forma para o masculino (“bastante vinho”, “bastantes livros”) e o feminino (“bastante água”, “bastantes coisas”).

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Diz-se e escreve-se “bastante” apenas com “-e” final. Porquê? Acontece assim por razões etimológicas e porque o termo, seja qual for a classe morfológica a que pertencer, não varia em género (“Bebi bastante água!” / “Bebi bastante vinho!”), aceitando unicamente a variação em número (“Comi bastantes castanhas.” / “Comi bastante pão.”). Acabei por convencer o meu interlocutor, que aceitou a minha explicação, mas não sei se lhe terei alterado o hábito de dizer (e de escrever). Terei de continuar a prestar atenção ao que vai expressando e como o vai fazendo. Porém, é inegável que ele despertou para a reflexão linguística e a necessidade de cuidar da comunicação no seu todo. As minhas palavras não caíram em saco roto. É um primeiro passo. Terei conseguido arrancar toda a raiz do hábito linguístico?

Tira-dúvidas

Dicionários	“bastante”	“bastanta”
<i>Houaiss</i> (2001)	adjectivo de dois géneros 1 que basta, que é suficiente, que satisfaz Ex.: <há b. arroz> <a carne não é b.> 2 numeroso, abundante Ex.: <há b. exemplos de sua sabedoria> <o novo equipamento tem b. recursos> advérbio (sXV) 3 em quantidade suficiente; satisfatoriamente, muito Ex.: não estou com fome, almocei b. 4 de maneira acima da média Ex.: <ela pinta b. bem> <não é milionário, mas é b. rico> substantivo masculino 5 aquilo que é necessário; suficiente Ex.: <não se falou ainda o b. sobre a crise>	verbete inexistente

	<isto é o b., obrigado> Etimologia “bastar” + “-nte”	
Academia (2001)	Bastante ¹ (...) <i>adj. m. e f.</i> (De <i>bastar</i> + suf. <i>-ante</i>). 1. Que é suficiente, que basta = SUFICIENTE (...). 2. Que satisfaz os requisitos pretendidos. bastante procurador, Jur. (...) Bastante ² (...) <i>indef.</i> (De <i>bastar</i> + suf. <i>-ante</i>). 1. Em posição adnominal, com função de determinante, indica um número ou quantidade indeterminada mas elevada de pessoas ou coisas. (...). 2. Em posição nominal, com função de pronome, indica, de modo vago, um número elevado ou uma grande quantidade de pessoas ou coisas (...). Bastante ³ (...) <i>adv.</i> (De <i>bastar</i> + suf. <i>-ante</i>). 1. Em grau, quantidade ou intensidade elevada. = MUITO ≠ POUCO. (...).	verbete inexistente
Porto Editora (1998)	A <i>pron. indef.</i> algum; muito; que basta; que satisfaz; suficiente B <i>adv.</i> quanto basta; em quantidade suficiente, assaz; muito, assaz (De <i>bastar</i> + <i>-ante</i>)	verbete inexistente
Machado (1991)	<i>adj.</i> Em qualidade, muito. Suficientemente.	verbete inexistente
Cândido de Figueiredo (1986)	<i>adj.</i> Que basta, que é suficiente: <i>recursos bastantes. Ant.</i> Possante, robusto. <i>Adv.</i> Suficientemente. Muito: <i>sofreu bastante.</i> (De <i>bastar</i>).	verbete inexistente
Aurélio (1986)	<i>Adj</i> 2 g. 1. Que basta; que satisfaz; suficiente: (...) * <i>Pron. Indef.</i> 2. Muito, numeroso, copioso; basto: (...) * <i>Adv.</i> 3. Em quantidade suficiente: (...).	verbete inexistente

É “cargar” ou “carregar”? Porquê?

Vejo o vento a baloiçar nos ramos das árvores, mas não o sinto, nem o ouço, porque estou dentro de casa, bem abrigada. Não sei que nome terá esta árvore de grande porte cuja folhagem se mantém durante as estações mais frias... Quantos anos terá? Os movimentos permanentes dos ramos indicam que estará frio, lá fora. A ventania não será suficiente para derrubar a árvore. Os tons claros e escuros do cinzento do céu brilham no mar, também ele acinzentado. Com alertas amarelos, a meteorologia aconselha a ficar por casa. O mau tempo chegou e já fez estragos em algumas localidades. É sempre impressionante ver pessoas perderem, em segundos, os bens adquiridos, a custo, durante décadas. Será necessário recomeçar do zero. Talvez passemos a valorizar mais a vida a partir deste instante e comecemos a compreender o quando tudo é efêmero... As enxurradas arrastaram automóveis; destruíram casas, terrenos agrícolas e estradas, mas, felizmente, ninguém morreu. As estradas ficaram intransitáveis com quedas de árvores e muitas vias ruíram parcialmente. Deslocar-se naqueles sítios será mais complexo nos próximos tempos. Sem caminhos e vias transitáveis, toda a vida diária fica condicionada. A dificuldade em transportar cargas obrigará a rever o meio de carregar mercadorias e pessoas. Diz-se “a carga” e o “carregamento”, mas qual é o verbo da mesma família? Haverá dois? Existirão “carregar” e “cargar” como sinónimos? Diariamente, no registo oral, este último é usado com alguma frequência. Pensar sobre tudo, incluindo usos linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Etimologia, da Lexicologia, da Lexicografia e dos usos linguísticos, considerando a variação linguística. Correntemente, ouve-se falar em “carregamento” devido aos telemóveis cada vez mais frequentes e o verbo que lhe associamos é “carregar”. A expressão “carregar o telemóvel” parece-me que tem, neste caso, dois sentidos: um prende-se com a bateria (“O telemóvel está a carregar.”) e o outro (um novo sentido) com a parte financeira que permite manter a rede (“Tens de carregar o teu telemóvel até amanhã.”). Frequentemente, ouço dizer “cargar” nas duas situações, mesmo se, na escrita, predomina “carregar”. Fui procurar uma explicação, abrindo algumas obras de referência. Aos habituais dicionários do tira-dúvidas, decidi acrescentar o da PRIBERAM, disponibilizado “on line” (*Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013), para podermos verificar se traz alguma novidade

relativamente aos restantes, embora esteja convencida que isso raramente sucederá. Consultando o tira-dúvidas, é possível concluir que apenas dois (MACHADO e FIGUEIREDO), registam o verbo “cargar” como sinónimo de “carregar”. Todos os outros ignoram “cargar” e recomendam apenas “carregar”. Por que razão será assim? Será que aqueles dois podem legitimar os usos de “cargar”? No meu entender, a resposta a esta última pergunta é afirmativa. Assim sendo, serão aceitáveis: “A bateria está a cargar.” e “Tens de cargar o teu telemóvel até amanhã.”. Porém, etimologicamente, a forma “carregar” está mais próxima do étimo latino “carricare”. A vibrante dupla (“rr”) também figura em “carro”, ou melhor, no termo latino que dá origem a este vocábulo. Uma vez que se pensa que o substantivo “carga” se formou a partir do verbo “carregar”, o mesmo terá acontecido com “cargar”. Então, por que motivo ocorre apenas em dois dicionários, sendo ambos portugueses e já com alguns anos? Provavelmente, os restantes dicionaristas, incluindo os brasileiros, conhecendo as duas possibilidades, privilegiaram a etimológica (“carregar”). No entanto, no registo oral, porventura por ser mais fácil de pronunciar, ouve-se bastante a que está mais próxima de “carga”. O facto de os usos linguísticos não coincidirem com os registos de dicionários é frequente e mesmo normal numa língua viva, em que a variação linguística é uma evidência.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão será tão aceitável “cargar” quanto “carregar”? Porquê? É porque ambos os verbos estão dicionarizados, sendo sinónimos. Todavia, apenas “carregar” está presente em todos os dicionários consultados e será, por razões etimológicas, mais reconhecido do que “cargar”, embora este circule oralmente e ocorra apenas em alguns dicionários. Não sei se “cargar” desaparecerá, mas sei que as populações, em especial as pessoas atingidas pelo mau tempo, estão a passar um momento difícil. A água da rede ficará, brevemente, reestabelecida, mas algum tempo terá de passar até voltar, por completo, a normalidade. As estradas danificadas terão de ser reconstruídas. O fardo é pesado e nada fácil de cargar. Espero que as previsões meteorológicas melhorem para aqueles lados e que as cargas de água não se repitam tão cedo. O vento amainou e as folhagens da grande árvore que observo pararam com as danças vertiginosas. O céu e o mar mantêm-se acinzentados. Já tenho saudades do brilho do sol.

Tira-dúvidas

Dicionários	“carregar”	“cargar”
Priberam “em linha” (2013)	<p><i>verbo transitivo</i></p> <p>1. Pôr ou dispor carga em ou sobre. 2. Meter carga em (arma). 3. Dar carga sobre, atacar. 4. Colher (velas de navio). 5. Acumular electricidade em.</p> <p>6. Tornar mais grosso (o traço). 7. Ser molesto. 8. Imputar. 9. Exagerar. 10. Lançar em (a conta). 11. Oprimir, vexar. 12. Sobrecarregar. 13. Aumentar a parada. 14. [Figurado] Apertar. 15. Calcar, pisar.</p> <p><i>verbo intransitivo</i></p> <p>16. Estar tomando carga. 17. Pesar, firmar-se, fazer peso. 18. Cair, vir, recair. 19. Tomar a direcção de. 20. Tornar-se forte, violento. 21. Atacar impetuosamente.</p>	verbetes inexistentes
Houaiss (2001)	<p>verbo transitivo direto</p> <p>1 pôr (qualquer coisa ou alguém) sobre ou no interior de, para que seja transportado ou apenas sustentado Ex.: <c. a mala até o carro> <c. o filho no colo> <carregaram o navio no porto de Santos> (...)</p> <p>etimologia</p> <p>b.-lat. <i>carricâre</i> ‘carregar’, de <i>carrus</i>, <i>i</i> e <i>carrum</i>, <i>i</i> ‘galera, carroça, carro’; ver <i>carr-</i>; f.hist. 1390 <i>caregar</i>, sXV <i>carregar</i></p>	verbetes inexistentes
Academia (2001)	<p>(Do lat. vulgar <i>carricare</i>, de <i>carrus</i> ‘carro’)</p> <p>1. Colocar carga a transportar sobre um animal ou um veículo (...).</p>	verbetes inexistentes
Porto Editora (1998)	<p>A v. <i>tr.</i> meter carga em; pôr carga sobre; encher; atacar; imputar; exagerar; (...); acumular electricidade em; municiar (uma arma) B v. <i>intr.</i> pesar sobre; insistir; basear-se; tornar-se mais forte; acumular-se (...).</p> <p>(Do lat. *<i>carricare</i>, «carregar» de <i>carru-</i>, «carroça»)</p>	verbetes inexistentes
Machado (1991)	<p>carregar¹, v. <i>tr.</i> (do lat. <i>carricare</i>). Meter carga em. (...).</p> <p>carregar², v. <i>intr.</i> (do b. lat. <i>carricare</i>). Pesar, assentar, basear-se, firmar-se (...).</p>	v. <i>tr.</i> O m. q. <i>carregar</i>
Cândido de Figueiredo (1986)	<p>v. <i>t.</i> Pôr carga sobre (...). Pesar sobre. Encher. Vexar. (...). <i>V. i.</i> Basear-se, firmar-se. Tomar carga; sentir peso. (...). (Do b. lat. <i>carricare</i>).</p>	v. <i>t.</i> O mesmo que <i>carregar</i> (...).
Aurélio (1986)	<p>[Do lat. vulg. <i>carricare</i>.] <i>V. t. d.</i> 1. Pôr carga em (...).</p>	verbetes inexistentes

É “para além de” ou, simplesmente, “além de”? Porquê?

Quando partiu Nelson Mandela foi um momento de tristeza! Os verbos “morrer” e “falecer” seriam mais apropriados, mas a primeira notícia que recebi vinha com o verbo “partir”. É um bom eufemismo porque suaviza, nestas circunstâncias, a dor que causa. Morrer assemelha-se, então, a uma partida para uma viagem, embora não se façam malas, nem se tenha de pagar bilhete, pelo menos na civilização ocidental contemporânea. Não é por acaso que esta associação é velha como o tempo, sendo comum a diversas culturas. O além é um lugar desconhecido que suscita, nos vivos, muitas divagações. Torna-se poético pensar que os mortos empreendem uma longa viagem, como, por exemplo, a que Dante imaginou. Quando dizemos “descer ao inferno” e “subir ao céu”, os movimentos de descida e subida são, no fundo, os do percurso da viagem para a eternidade, o além, um espaço desconhecido, mas em sentidos contrários. Nestes dias, por coincidência, fui a um funeral sem qualquer manifestação religiosa. O defunto foi sepultado debaixo de uma árvore de largos ramos. Era uma magnólia magnífica! Fez-me lembrar a simplicidade e a beleza, se é que há alguma (embora haja cemitérios transformados em jardins, como acontece em Paris com o Père Lachaise), do túmulo de Van Gogh recoberto de hera. Nos discursos fúnebres, houve quem referisse a crença na vida além da morte, embora não partilhada por todos. Debaixo da magnólia, para uns, estará o final de tudo, mas, para outros, será um continuar, mesmo se noutra dimensão. Enquanto uns consideram a morte o fim da viagem; outros concebem-na como o princípio de uma singular aventura. A diferença estará no acreditar ou não porque tudo depende das convicções de cada um. Na onda dos infundáveis comentários sobre o ex-presidente da África do Sul, perguntava-me uma jovem estudante universitária quem era Nelson Mandela. É lembrado, sobretudo, para ser elogiado. No que fui ouvindo e lendo, recorrentemente, reapareceu a sequência “para além de” e, mais raramente, “além de”. Fiquei a pensar na relação entre o substantivo (o além) e o advérbio “além”, assim como na relação das construções “além de” e “para além de”. Pensar sobre tudo, incluindo usos linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio dos usos linguísticos, próprios da variação dos falantes, e da Lexicografia. O advérbio “além” – do

mesmo modo que “ali” (como “aquém” e “aqui”) – indica um espaço. Isso explica o substantivo “o além”, que é um lugar afastado de quem fala e de quem está a ouvir, originando a noção de espaço longínquo e desconhecido, situado num plano sobrenatural, cuja existência é defendida pelos crentes. A partir do advérbio, formou-se “além de” com vários sentidos, dos quais faz parte a adição (“Além de beber água, vou provar o vinho.”). Em substituição desta construção, inúmeras vezes, ouço dizer e vejo escrever “para além de”, com a preposição “para”. Porquê? Significará esta algo de novo? Por que razão terá surgido? Decidi procurar uma explicação em alguns dicionários (cf. o tira-dúvidas). Consultei as entradas de “além” e de “para”. Verifiquei que a locução “para além de” não aparece na maior parte deles, surgindo, todavia, mencionada em três. No HOUAISS, remete para um uso “regional” português. Ora, não será “regional” no sentido de pertencer a uma determinada região portuguesa, mas significará que é comum unicamente em Portugal. Concordo com a sua frequência e a sua cobertura no plano nacional. É proferida por muitos falantes que a escolhem em detrimento de “além de”. O dicionário da ACADEMIA é o único a legitimar a locução com “para”. No entanto, coloca esta preposição entre parênteses, indiciando o critério do uso facultativo. É o que a variação linguística permite. A locução recomendada será “além de”, mas aceita “para além de”, parecendo não haver diferenças de sentido entre elas. No AURÉLIO, há uma menção muito fugaz a “para além de”, na definição de “além”. Em suma, olhando para as definições dos dicionários, nenhum deles explica a razão de ser da locução “para além de”. Mereceria uma investigação. O emprego de “para além de” é, segundo o que tenho vindo a observar, tão recorrente que se poderá, com o tempo, impor e sobrepor a “além de”, mas, por enquanto, a maioria dos dicionários não lhe dá relevância. Será, contudo, aceitável? Como surge numa das várias referências citadas (a da ACADEMIA), é viável, nos dias que correm. Tendo de optar entre as duas, estarei, no entanto, mais inclinada para a visão do HOUAISS. Trata-se de um uso popular frequente no Português Europeu e talvez também ocorra, pontualmente, no Brasil, se se considerar a menção presente no AURÉLIO.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão se deve usar “além de”, em vez de “para além de”? Porquê? É porque a preposição “para” não acrescenta nada à locução prepositiva “além de”, sendo, por isso, dispensável. Nelson Mandela, pelas circunstâncias da vida, aprendeu, sabiamente, a distinguir o que era importante do que era facultativo. Pelo que ouvi e li sobre ele, deve ter compreendido que a vida é uma viagem, em que cada um é responsável pelas suas atitudes. Escolheu ficar sepultado na localidade da sua infância, num regresso às origens. Vai obrigar as pessoas que o quiserem visitar a empreenderem uma

viagem a um lugar afastado dos grandes centros. Claro, a vida é, além do mais, uma viagem! Que, nesse lugar, além, descanse em paz quem lutou pela paz!

Tira-dúvidas

Dicionários	“além de”	“para além de”
<p>Priberam “em linha” (2013)</p>	<p>a·lém à (talvez do latim <i>ad illinc</i>, dali ou <i>ecce hinc</i>, eis ali) <i>advérbio</i> 1. Mais longe que, mais para lá de. 2. Acolá. 3. Da parte de lá de. 4. Longe. 5. Para mais. 6. Afora. <i>substantivo masculino</i> 7. A outra vida. além disso • Expressão usada para acrescentar algo ao que já foi dito. = ALIÁS além do mais • O mesmo que <i>além disso</i>.</p>	<p>verbete inexistente</p>
<p>Houaiss (2001)</p>	<p><i>advérbio</i> 1 da parte de lá, para o lado de lá, acolá Ex.: da varanda, olhava a boiada que a. ia passando 2 mais à frente, mais adiante Ex.: este é o consultório do dentista, o do médico fica a. 3 em lugar longe ou bem longe Ex.: na cidadezinha, sonhava com o que o havia a. 4 para fora; afora Ex.: viajou a. das fronteiras do império <i>substantivo masculino</i> 5 lugar distante, remoto; confins 6 lugar fronteiro a outro, mediando entre ambos algum rio, lago etc. 7 o outro mundo, o mundo dos espíritos; além-mundo <i>Locuções</i> a. de 1 mais à frente de, mais adiante de Ex.: não foi a. de cem passos 2 para mais de Ex.: já ia a. de 40 quando casou 3 do outro lado de Ex.: a casa ficava a. do vale 4 acima de, mais do que Ex.: consome a. do que precisa 5 ademais de Ex.: é grosseiro, a. de teimoso a. disso ou do mais 1 ademais, de mais a mais, outrossim Ex.: a. disso, ele ficará muito feliz de ser dispensado do trabalho 2 também, ademais, outrossim Ex.: entende de</p>	<p><i>Locuções</i> para a. de Regionalismo: Portugal. m.q. <i>além de</i></p>

	música e, a. disso, canta muito bem	
Academia (2001)	(...) (Do lat. <i>illinc</i> de ‘aí’). 1. Naquele lugar ou naquele ponto longe de quem fala (...). (para) além de. <i>loc. prep.</i> 1. Para lá ou mais adiante do que um determinado ponto no espaço (...). estar para além , estar acima das possibilidades de (...).	ver “além” (para) além de
Porto Editora (1998)	além A <i>adv.</i> mais adiante, naquele lugar, acolá, para lá de, longe. B <i>s. m.</i> a outra vida C <i>s. m. pl.</i> lugares distantes (...).	verbetes inexistentes
Machado (1991)	além ¹ <i>adv.</i> (do port. ant. <i>alende</i> , de alá, do lat. <i>illac</i> + <i>ende</i> , do lat. <i>inde</i>). Em lugar bastante afastado (de quem fala e da pessoa com quem se fala). // Acolá. // Mais adiante. além ² <i>s. m.</i> Lugar distante, horizonte, confins. // Outras terras. // Lugar fronteiro a outro, medeando algum rio, lago, etc. // O outro mundo. // Antigas possessões portuguesas ultramarinas, especialmente em África.	verbetes inexistentes
Cândido de Figueiredo (1986)	além <i>adv.</i> Mais adiante. Acolá. Da parte de lá (...). Longe; mais longe. Para mais (...). Ainda em cima. Afora. M. O outro mundo, a outra vida (...).	verbetes inexistentes
Aurélio (1986)	além (...) <i>Adv.</i> 1. Lá, acolá, lá ao longe (...) 2. Longe, bem longe (...). 3. Mais adiante; mais à frente (...). 4. Afora (...) S. m. 5. O que vem depois da morte; o outro mundo; a eternidade, o desconhecido, o além-mundo, o além-túmulo; a ultravida (...).	verbetes inexistentes Há uma referência na entrada “além” El. comp = ‘além de’, ‘ <u>para além de</u> ’: além-mar, além-túmulo

Terá “Pai Natal” plural? Porquê?

É Natal outra vez! O calendário não perdoa e, em Dezembro, antes do fim do ano, vem a celebração do nascimento de Jesus. O termo que corresponde a esta época festiva significa apenas isso e tem um valor cristão que se vai perdendo. O frio, incluindo (por vezes) a neve, as iluminações das ruas amplamente enfeitadas, a compra de prendas para os familiares, o pinheiro decorado com bolas, grinaldas e gambiarras, a doçaria cheirosa e saborosa, entre outros sinais, vão dar ao presépio que acolhe o Menino Jesus. Escreve-se com maiúscula por remeter para a divindade e porque o primeiro elemento é uma forma de tratamento, como “D. Ana”, “Senhor João”, etc. O *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990* aboliu o uso da maiúscula nestes casos, mas os seus defensores (nomeadamente os políticos que o subscreveram) não abdicam dela e várias obras apontam, então, a dupla grafia como possível (o que não vem no texto publicado em *Diário da República*). *Acordo Ortográfico de 1990* à parte, perguntava-me uma pessoa amiga como se forma o plural de **Pai Natal** (ambos os elementos com maiúscula). Fiquei de aprofundar o assunto e de lhe oferecer o fruto da minha reflexão como presente de Natal, que também dou a todos os leitores. Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Morfologia e da Ortografia, além de implicar o uso linguístico, e a consequente variação. Talvez tivesse de empregar o plural: “os usos linguísticos”... Em português, em princípio, os nomes próprios não aceitam plural porque individualizam uma pessoa (*Ana Maria Pereira*), uma instituição (*Santa Casa da Misericórdia*), um organismo (*AIL – Associação Internacional de Lusitanistas*), um local (*Funchal*). Porém, sucede que alguns nomes próprios correspondem a nomes comuns, tendo estes, normalmente, plural (*o Funchal – o funchal – os funchais/ a Santa Casa da Misericórdia – a Misericórdia – a misericórdia – as Misericórdias*). Por vezes, acontece que os nomes próprios também tenham plural, como sucede com os nomes de pessoas homónimas (*António – os Antónios/ Helena – as Helenas*) e as instituições que têm sede num ponto, mas se desdobram em várias localidades (*a Misericórdia de Lisboa – as Misericórdias*), mantendo, no entanto, a maiúscula específica dos nomes próprios. Nesta sequência, surgirão as várias imagens do Menino Jesus (*os Meninos Jesus/ as Marias/ os Josés*), mas parece-me que se deverá usar no singular – haverá que confirmar – *a Nossa Senhora* e *o*

São José). Qualquer pessoa que faça um presépio tem as suas imagens, podendo, mesmo, ter mais do que uma a representar cada figura, assim sucede com o **Pai Natal**. Para este, estou a lembrar-me, por exemplo, dos de chocolate que servem para enfeitar o pinheiro. Resta saber, agora, como formar o plural. Para “Pai”, não há problema porque dá “Pais”. A questão coloca-se para “Natal”. Fica tal e qual ou pode pluralizar-se (Natais)?

Os dicionários do tira-dúvidas (e estou convencida que muitos outros) não resolvem a questão. Aliás, os dicionários brasileiros e os portugueses não a esclarecem, nem a colocam. Além do mais, é evidente a divergência de terminologia entre as duas tradições. O HOUAISS e o AURÉLIO registam, com maiúscula, o termo brasileiro – decalcado do Francês – “Papai Noel” (nome próprio da figura lendária) e, com minúscula, o mesmo significante com o sentido de “presente” (cf. *o papai-noel*). As referências portuguesas mais recentes (cf. ACADEMIA e PORTO EDITORA) assinalam a designação na entrada de “pai” ou/ e na de “natal”, apenas no singular. As referências mais antigas (FIGUEIREDO e MACHADO), tanto em “pai” (s. m.), como em “natal” (adj. 2 gén. e s. m.), não o têm, nem no singular, nem no plural, o que acontece também com a da PRIBERAM, na Internet. A nível cultural, isto poderá significar que a figura do Pai Natal não é assim tão antiga quanto se poderia pensar. Na tradição cristã portuguesa, quem dá os presentes é o Menino Jesus. Só recentemente, com a perda significativa dos valores cristãos, o Pai Natal (descristianizado) tem aparecido, ocupando maior protagonismo.

Então, fazendo um balanço, que dizer? Haverá plural para o Pai Natal? Segundo os dados presentes no tira-dúvidas, não haverá. Porém, sobretudo nesta época festiva, usamos esse plural (esses plurais) quotidianamente, uns de uma maneira e outros de outra, para nomear as representações da característica figura vestida de vermelho e com barbas brancas. De entre as possibilidades existentes (“pais natal”/ “pais-natal” ou “pais natais”/ “pais-natais”, sem considerar o problema das maiúsculas), qual delas estará certa? Considerando o exemplo francês (*le père Noël – les pères Noël*) que deu origem ao Papai Noel brasileiro e, certamente, ao Pai Natal português, apenas “pai” deveria ter plural porque “Natal” remete para a época festiva que, anualmente, é única (*o pai do Natal – o Pai Natal/ os pais do Natal – os pais natal*). Todavia, ouvimos, constantemente, “os pais natais”. Pode ser? Em português, há a possibilidade de usar o plural nos nomes próprios (*os Antónios, as Misericórdias, os Natais da minha infância*). Portanto, parece-me plausível aplicá-lo neste caso (*as Marias, os Pais Natais, os Meninos Jesus*). Eu, contrariamente ao dicionário da ACADEMIA, não empregaria as minúsculas porque acabamos por não as usar nas formas de tratamento. Quanto ao uso do hífen (cf. “papai-noel”) ainda continua a ser muito aleatório (mesmo com o *Acordo Ortográfico de 1990*) e não me parece necessário aqui.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão Pai Natal não deveria ter plural, mas é empregue permanentemente? Porquê? É porque, num mundo de cópias e reproduções, onde o consumo impera, tudo o que é singular se torna plural, incluindo o Menino Jesus e o Pai Natal. A minha sugestão, embora houvesse que aplicar uns testes linguísticos para analisar a existência e a frequência de “Pais Natais”, é que esta forma deve prevalecer. Talvez compre Pais Natais de chocolate para enfeitar o meu pinheiro... Com ou sem Pai Natal, UM FELIZ NATAL! QUE SEJA SINGULAR, ÚNICO E INESQUECÍVEL!

Tira-dúvidas

Dicionários	Singular “Pai Natal”	Plural É “Pais Natal”/ “pais natal”/ “pais-natal”/ “Pais Natais”/ “pais natais”/ “pais-natais”?
<i>Priberam “em linha”</i> (2013)	verbeta inexistente	verbetes in-existent-s
<i>Houaiss</i> (2001)	papai Locuções P. Noel 1 personagem lendária, com longas barbas brancas, vestes e capuz vermelhos, que distribui presentes às crianças na noite de Natal 2 pessoa vestida de Papai Noel Obs.: cf. <i>papai-noel</i> papai-noel substantivo masculino presente natalino Obs.: cf. <i>Papai Noel</i> Ex.: não sei o que vou escolher de p. pl.: <i>papais-noéis</i>	verbetes in-existent-s
<i>Academia</i> (2001)	pai (...) 9. Pai Natal. 1. (com maiúsc.). Figura representada por um velho de barbas brancas, vestido de vermelho, com origem na lenda de	verbetes in-existent-s

	São Nicolau. 2. (com minúsc.). Pessoa vestida de Pai Natal. (...).	
Porto Editora (1998)	pai (...) ~ Natal figura natalícia representada por um velho de barbas que distribui presentes na noite de Natal (...). natal (...) Pai Natal personagem imaginária que, na noite de Natal, supostamente distribui presentes pelas crianças (...).	verbetes inexistentes
Machado (1991)	verbeta inexistente	verbetes inexistentes
Cândido de Figueiredo (1986)	verbeta inexistente	verbetes inexistentes
Aurélio (1986)	verbeta inexistente, mas há uma referência em Papai Papai Noel. [Do fr. <i>Père Noël</i> ; literalmente, 'Pai Natal'.] 1. Personagem lendária representada por um velho de barbas brancas e roupas vermelhas que, na noite de Natal, distribui brinquedos e presentes. 2. Indivíduo fantasiado de Papai Noel. [Cf., nesta acepç., <i>papai-noel.</i>] (...). papai-noel. [De <i>Papai Noel.</i>] S. m. Presente de Natal. [Cf. <i>Papai Noel.</i> Pl.: <i>papais-noéis.</i>]	verbetes inexistentes

É “enquanto” ou “enquanto que”? Porquê?

Nas pausas escolares, normalmente, aproveito o tempo para trabalhar. Estive a corrigir (e ainda não acabei) mais de uma centena de elementos de avaliação conhecidos como “frequências”, no Ensino Superior. O primeiro semestre universitário está a terminar e terei o segundo elemento de avaliação brevemente, antes dos exames. Avaliar através de provas escritas é uma tarefa lenta e bastante deprimente, que requer intervalos constantes. É indispensável manter a serenidade e a equidade. Fui, assim, lendo pausadamente as provas. Entre diversos pormenores, foi-se impondo uma observação no meu espírito. Uma grande maioria escreve com frases muito longas, colocando vírgulas onde deveria haver pontos e repetindo frequentemente “que”. Este termo pertence a várias categorias gramaticais. Entre outras possibilidades, pode ser pronome ou conjunção. Neste último caso, costuma combinar-se com certos vocábulos (“para que”, “logo que”, “visto que”, etc.). Há combinações que não se usam. Porém, existem umas quantas frequentemente empregues, não tendo, no meu entender, uma justificação plausível. É o que sucederá com “enquanto que”, embora a tenha lido múltiplas vezes nas provas que avaliei. Aliás, ouço-a e leio-a um pouco por todo o lado. Por que razão alguns falantes de língua portuguesa dizem e escrevem “enquanto que”, em vez de, simplesmente, “enquanto”? Será uma questão de variação linguística? Apresentarão, ambas, diferenças de sentido? Qual será a utilidade de “que” nesta associação? Haverá alguma? Por que motivo repetimos tantas vezes “que” no registo oral e na escrita? Dar-nos-á segurança? Será um bordão linguístico? É viável suprimir ocorrências de “que” quando escrevemos, evitando um uso excessivo? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Morfologia e dos usos linguísticos. Como disse, “que” pode ser pronome. Neste caso, será pronome interrogativo, se ocorrer em perguntas, normalmente, directas (*Que desejas?*). Muitas vezes, usamo-lo como pronome relativo para evitar a repetição de um nome (*A camisola que comprei é muito grande. = Comprei uma camisola. / A camisola é muito grande.*). Porém, do meu ponto de vista, o maior número de ocorrências de “que” será como conjunção (*Ligai o aquecedor que não tereis frio.*). Por exemplo, reencontramo-lo nas orações subordinadas integrantes, ou completivas, (*Afirmo que isso é a verdade.*). Como conjunção, aparece, quase sempre, em associação com outros

elementos, adquirindo o conjunto diversos valores (*Digo-te isso para que não venhas em vão. / Logo que saibas a hora da reunião, avisa-nos.*). Não pode ser suprimido sem modificar a estrutura frásica. Então, quando o será? Sê-lo-á quando for facilmente substituível (É o exemplo do advérbio: *Que belo! = Quão belo! = Muito belo!*) e sempre que for desnecessário, por não afectar o sentido do que se expressa, como julgo ser o caso em “enquanto que” (cf. exemplo do dicionário da ACADEMIA: “*Alguns esforçam-se bastante, enquanto que outros nem por isso.*” / *Alguns esforçam-se bastante, enquanto outros nem por isso.*).

Os dicionários do tira-dúvidas divergem um pouco, quanto ao uso de “enquanto que”. O HOUAISS e o AURÉLIO ignoram completamente a possibilidade, considerando apenas “enquanto”, o que sucede igualmente no FIGUEIREDO e no dicionário da PRIBERAM. O da ACADEMIA e o da PORTO EDITORA contemplam a existência de “enquanto que”, chegando o primeiro a avançar valores específicos e distintos para a locução conjuncional. Todavia, como é fácil comprovar, subtraindo “que”, o sentido do exemplo facultado não se altera. O MACHADO é o único a referir, explicitamente, que não se deve empregar “enquanto que” porque virá do francês “tandis que”. Para mim, como já o mencionei, o motivo é outro: “que” não é necessário e a sua supressão não altera em nada a mensagem comunicada.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão deveríamos empregar “**enquanto**” sem “que”? É porque este último elemento não tem, a nível linguístico, qualquer relevância na combinação. É provável que o seu emprego resulte da analogia com “para que”, “logo que” e “visto que”. Por se usar muito, vai entrando progressivamente na norma linguística, levando alguns dicionários a incorporar aquela locução na entrada de “enquanto”. Eu continuarei a empregar apenas este elemento porque, se for contabilizar as minhas ocorrências diárias de “que” ficarei horrorizada. Assim, sempre tenho menos. Devo voltar à leitura das provas, que (Mais um!) parecem não ter fim.

Tira-dúvidas

Dicionários	enquanto	enquanto que
<p><i>Priberam “em linha”</i> (2008-2013)</p>	<p>en·quan·to em <i>conjunção</i> 1. Durante o tempo em que; entretanto que; em relação a; no relativo a; ao passo que. (...).</p>	<p>referência inexistente</p>
<p><i>Houaiss</i> (2001)</p>	<p>Conjunção 1 introduz oração subord. adv., dando idéia de: 1.1 conjunção temporal tempo: durante o tempo em que, no tempo em que, sempre que, quando Ex.: <pensa nas horas de lazer, e. trabalha> <e. era estudante, nunca dormia tarde> <e. dorme bêbedo, ronca alto> 1.2 conjunção proporcional proporção: ao passo que, à medida que Ex.: cansava-se, e. subia 1.3 conjunção conformativa conformidade: na qualidade de; como Ex.: e. animal racional, não devia agir daquela maneira</p>	<p>referência inexistente</p>
<p><i>Academia</i> (2001)</p>	<p><i>conj.</i> I. Introduce uma frase circunstancial e indica: 1. Duração e simultaneidade, seguido de verbo no modo indicativo, sendo parafraseável por «no tempo em que» (...). 2. Duração até um limite não ultrapassável, seguido do verbo no modo conjuntivo (...). 3. Prioridade no tempo até que se atinja uma finalidade, seguido de verbo no modo conjuntivo e em contexto negativo (...). 4. Contraposição, seguido de verbo no modo indicativo (...). II. Antes de substantivo, indica: 1. Perspectiva limitadora sob a qual se encara alguém ou alguma coisa. = COMO, NA QUALIDADE DE (...). 2. Causa. = COMO (...).</p>	<p>cf. enquanto enquanto que, <i>loc. conj.</i>, ao passo que, mas. <i>Alguns esforçam-se bastante, enquanto que outros nem por isso.</i></p>

Porto Editora (1998)	<i>conj.</i> ao mesmo tempo que, durante o tempo em que; no tempo em que; à medida que, ao passo que (...) (De <i>en- + quanto</i>)	cf. enquanto ~ que ao passo que, à medida que (...)
Machado (1991)	<i>conj.</i> (de em quanto). Durante o tempo que, no tempo em que, todo o tempo que; sempre que. (...).	cf. enquanto Obs. Não se deve usar a loc. <i>enquanto que</i> (sinónima de <i>ao passo que</i>), devida ao francês <i>tandis que</i> .
Cândido de Figueiredo (1986)	<i>conj.</i> No tempo em que. Ao passo que. Na qualidade de, como (...) (De <i>em + quanto</i>).	referência inexistente
Aurélio (1986)	[De <i>em + quanto</i> .] <i>Conj.</i> 1. No tempo em que (...).	referência inexistente

É “ao nível de” ou “a nível de”? Porquê?

Na vida, tudo se resume aos pormenores. Estou cada vez mais convencida disso. Quanto mais atenção prestarmos aos pormenores, menos dissabores teremos. Não será por acaso que se ouve dizer: “O Diabo está nos pormenores!” e que é indispensável prestar atenção às coisas mais insignificantes. Por exemplo, alguns documentos, como contratos, contêm cláusulas em letras minúsculas que nunca lemos na íntegra e, aí, figuram os elementos determinantes que decidirão a nossa vida. Além de terem uma linguagem praticamente hermética, entendida apenas pelos especialistas e técnicos, não motivam à leitura, devido ao reduzido tamanho da letra. Isso também sucede com os dicionários. A nível bancário ou de seguros, é, frequentemente, o caso. A propósito, diz-se “a nível de” ou “ao nível de”? Em muita documentação, reencontram-se estas duas locuções escritas assim, destas duas maneiras. Aliás, um pouco por todo o lado, sejam os textos de que tipo forem, esta dualidade é recorrente, havendo quem escreva “a nível de” e quem opte por “ao nível de”. Serão válidas ambas as formulações? Qual a diferença entre elas? Haverá alguma ou significarão o mesmo? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Morfologia, da Sintaxe, da Semântica e dos usos linguísticos, envolvendo variação. A diferença entre as duas locuções é mínima. Regista-se no emprego (ao nível de) ou não (a nível de) do determinante, artigo definido masculino singular: “o”. Pode, então, pensar-se que a questão é morfológica, mas também estará relacionada com a Sintaxe, por causa da combinação entre os elementos da locução: preposição (+ artigo) + substantivo + preposição. Observando o problema de mais perto, estas duas maneiras de combinar os elementos fazem com que o sentido geral mude. O emprego do artigo confere à locução um sentido que não possui a que não o tem. Portanto, o assunto é do domínio da Semântica. Como os falantes, em geral, não estão habituados a prestar atenção aos pormenores, acabam por empregar uma, quando deveriam recorrer à outra, confundindo as duas, como se fossem sinónimas. Todavia, não o são e, nas seguintes frases, observa-se a diferença: “*O João e o Pedro são bons alunos e estão ambos ao nível dos 16 valores.*” (**ao nível de = à altura de**) e “*A nível de classificações, o João e o Pedro, que são bons alunos, têm 16 valores.*” (**a nível de = acerca de, relativamente a**). Estranhei não encontrar esta distinção nos dicionários do tira-dúvidas, na entrada “nível”, onde deveria ser tratada.

O FIGUEIREDO não refere nenhuma das duas locuções. O AURÉLIO, o dicionário da PRIBERAM e o da PORTO EDITORA mencionam apenas “ao nível”, sem a preposição “de”, com o sentido de “à mesma altura”. O HOUAISS e o MACHADO ignoram “a nível de”, mas assinalam a expressão “ao nível de”. O primeiro indica que equivale a “à altura de, no mesmo plano que”, enquanto o segundo acrescenta o pormenor “horizontal” (“no mesmo plano horizontal”). Este adjectivo pode ajudar a compreender o sentido da locução. Além disso, José Pedro Machado adicionou ainda um sentido figurativo idêntico: “*A par*, na mesma altura, no mesmo plano de igualdade”. O dicionário da ACADEMIA explica detalhadamente a significação de “ao nível de” e tem referências aproximadas para “a nível de”, usando “a nível” (+ adjectivo = “a nível económico”) sem a preposição “de” (+ substantivo = “a nível de economia”). Estas ocorrências dicionarizadas não passam, para mim, de exemplos circunstanciais, havendo muitos mais a dar: “a nível cultural”/ “a nível de cultura”, “a nível desportivo”/ “a nível de desporto”, etc. No entanto, permitem compreender a importância de não empregar o artigo nestes casos. Todavia, este dicionário opera uma diferença gramatical entre elas (a nível = locução adverbial/ ao nível de = locução preposicional) que mereceria alguma reflexão.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão podemos empregar “a nível de” e “ao nível de”? Porquê? É porque estas duas locuções têm significados distintos na língua portuguesa. Logo, não se podem confundir, usando uma pela outra. Quando se quiser dizer algo que implique a noção de “à mesma altura, no mesmo plano «horizontal»” deve empregar-se “ao nível de” (dois elementos estão ao mesmo nível, isto é, um está ao nível do outro). Se se quiser falar sobre determinada matéria (política, por exemplo), então, deve dizer-se “a nível de” ou “a nível” porque a locução (a nível político / a nível de política) equivale a “acerca de, a propósito de”, ou seja, “no âmbito, no plano”. Para mim, a diferença entre as duas locuções é esta, embora os dicionários, a maioria, não dê conta dela. Se começarmos a prestar atenção ao que dizemos e ao modo como o fazemos, verificaremos que as mínimas diferenças de sentido se encontram nos ínfimos elementos. Eu já comprei uma lupa (Bem grande!) para poder ver e ler as definições dos dicionários do tira-dúvidas. Usá-la-ei para a leitura de contratos, a nível bancário ou de seguros. Aumentando o tamanho da letra, talvez perceba aquela linguagem hermética, cheia de ratoeiras, e fique ao nível dos advogados que as redigiram.

Tira-dúvidas

Dicionários	a nível de	ao nível de
<i>Priberam “em linha”</i> (2008-2013)	cf. nível referência inexistente	cf. nível ao nível • À mesma altura.
<i>Houaiss</i> (2001)	cf. nível referência inexistente	cf. nível (locuções) ao n. de à altura de, no mesmo plano que
<i>Academia</i> (2001)	cf. nível referência inexistente referências próximas a alto nível, loc. adv. a nível internacional, loc. adv. a nível interno, loc. adv. a nível local, loc. adv. a nível nacional, loc. adv. a nível oficial, loc. adv. a todos os níveis, loc. adv. 1. Em todos os escalões. 2. Em qualquer plano.	cf. nível <i>loc. prep.</i> 1. À mesma altura; à altura de. A janela aberta ao nível do patamar está provida de uma sacada. 2. No mesmo plano de igualdade, de valor. Eles estão ao mesmo nível. 3. No âmbito de; no domínio de. (...) manter-se ao nível de. 1. Manter-se à altura de, a par de; acompanhar. 2. Corresponder às expectativas.
<i>Porto Editora</i> (1998)	cf. nível referência inexistente	cf. nível ao nível , à mesma altura
<i>Machado</i> (1991)	cf. nível referência inexistente	cf. nível no mesmo plano horizontal. // <i>Fig. A par</i> , na mesma altura, no mesmo plano de igualdade.
<i>Cândido de Figueiredo</i> (1986)	cf. nível referência inexistente	cf. nível referência inexistente
<i>Aurélio</i> (1986)	cf. nível referência inexistente	cf. nível Ao nível. À mesma altura.

Qual é o feminino de “o capitão”? Porquê?

Os acidentes rodoviários têm-se multiplicado. É triste ver morrer, sobretudo em momentos festivos como o Natal ou o Ano Novo, tantas pessoas, incluindo famílias inteiras com várias crianças. As altas velocidades e o consumo de álcool, entre outras razões, estarão na origem destas vidas perdidas. Na minha primeira lição de condução, há mais de vinte anos, a minha instrutora (uma mulher!) explicou-me que um carro é uma arma e pode matar. Nunca mais me esqueci disso. Recentemente, ouvindo as notícias, reforcei esta ideia. Os patrulhamentos estão nas estradas e tentam controlar, disciplinando, com coimas, os automobilistas, mas não conseguem acabar com o problema. Num serviço noticioso de um canal televisivo, uma jornalista entrevistava um elemento de uma patrulha que explicava o funcionamento de uma operação com um radar, medindo a velocidade dos veículos e fotografando as matrículas, para intervir imediatamente. Era uma jovem operacional que a jornalista não se cansava de interpelar como “a capitão”. Fiquei a pensar naquele feminino. Como se constrói o feminino de “o capitão”? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Morfologia, da Lexicografia e dos usos linguísticos. Há vários substantivos terminados em “-ão” que são femininos: “a mão”, “a compreensão”, “a condução”, “a lição”, “a armação”, etc. Porém, segundo uma impressão geral, a maioria dos termos com este final será masculina: “o colchão”, “o limão”, “o pão”, “o leão”, etc. Também encontramos um conjunto de substantivos que formam o masculino em “-ão” e o feminino correspondente em “-ã”, como, por exemplo: “o irmão” – “a irmã”, “o alemão” – “a alemã”, “o aldeão” – “a aldeã”. Como será com “o capitão”? Este masculino tem feminino associado? Que se deve dizer, quando uma mulher comanda subalternos? Julgo que deverá ter feminino e que se empregará cada vez mais porque as mulheres vão ocupando lugares de destaque na sociedade, nomeadamente em serviços e funções que eram, até há poucos anos, mantidos apenas por homens. Acontece assim nas Forças Armadas, nas corporações dos Bombeiros e nas diversas polícias, entre outros organismos. Estas mudanças sociais têm consequências a nível linguístico, com a formação de “novas” designações ou, pelo menos, dos seus femininos.

Os dicionários, obras conservadoras por natureza, já que requerem muito tempo para serem concebidas, levarão, como é óbvio, algum tempo a regis-

tar as mudanças linguísticas derivadas das alterações na orgânica social. Poderão não acompanhar os usos que se vão fazendo e terão alguma dificuldade, creio eu, em ajudar a resolver questões como esta que coloco. Todavia, nas referências do tira-dúvidas, para o feminino de “o capitão”, encontra-se uma resposta, sendo o AURÉLIO o único a não assinalar qualquer forma. O FIGUEIREDO indica “a capitoa” para “a mulher do capitão” e, simultaneamente, a “mulher que comanda outras”. Querirá isso dizer que se pode aplicar “capitoa” à “mulher que assume funções de chefia e comanda homens”? Este dicionário parece não prever esta situação. O MACHADO, contudo, aceita esta possibilidade, mesmo não indicando se a “capitoa” chefia homens ou mulheres. O dicionário da PORTO EDITORA retoma, quase integralmente, a definição do FIGUEIREDO. O HOUAISS, o dicionário da ACADEMIA e o da PRIBERAM propõem “a capitã”, além de “a capitoa”, para indicar o feminino de “o capitão”. Todavia, não registam “capitã” como entrada. O dicionário PRIBERAM indica apenas tratar-se do feminino de “capitão” e, para “capitoa”, segue a definição proposta por FIGUEIREDO. A referência da ACADEMIA apresenta os femininos de “capitão” no plural, sem qualquer explicação para isso, e refere “capitoa” como “a mulher do capitão”, excluindo a ideia de uma mulher comandar subalternos.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão o feminino de “o capitão” é “a capitoa”? Porquê? É porque está assim dicionarizado, há muito. O termo “capitoa” começou por indicar “a mulher do capitão” e, depois, evoluiu para “a mulher que chefia outras mulheres”. A partir daqui, no meu entender, pode aceitar-se a definição de “mulher que comanda subalternos, sejam homens ou mulheres”, embora a maioria dos dicionários não contemple a ideia de uma “mulher poder chefiar homens”. O fenómeno é revelador das mudanças culturais em curso. O termo também se aplicará ao desporto. Contudo, creio ser pouco usado, já que ouço mais vezes “a capitã”. Esta última possibilidade para o feminino de “o capitão” é apenas reconhecida pelos dicionários mais recentes e julgo-a válida. Venham as mulheres comandar operações de trânsito ou não, espero que se morra menos nas estradas. Educar condutores é muito exigente, sejam homens ou mulheres. Talvez as alterações ao Código da Estrada, que, entretanto, entraram em vigor, ajudem a disciplinar comportamentos... Porém, se quase ninguém consulta um dicionário, quem irá abrir esse novo código? Provavelmente, só os aprendizes e os especialistas o farão. Os meios de comunicação, ou melhor, os jornalistas, terão um papel determinante na formação cívica. Acontece assim para modificar as mentalidades, os comportamentos, as culturas, a condução de automóveis e, também, os usos linguísticos.

Tira-dúvidas

Dicionários	a capitão	a capitoa / a capitã
<i>Priberam “em linha”</i> (2013)	sem referência	cf. ca·pi·tão <i>substantivo masculino</i> 1. Oficial cuja graduação se situa entre a de tenente e a de major. (...) Feminino: capitã ou capitoa. Plural: capitães. capitã – fem. sing. de capitão ca·pi·to·a ô <i>substantivo feminino</i> 1. Mulher de capitão. 2. Mulher que comanda outras. <i>adjectivo feminino</i> 3. [Antigo] [Marinha] Diz-se da nau onde viaja o capitão da esquadra. = CAPITÂNIA
<i>Houaiss</i> (2001)	sem referência	cf. capitão substantivo masculino 1 Rubrica: termo militar. comandante de número expressivo de combatentes (...) fem.: <i>capitã</i> e <i>capitoa</i> ; pl.: <i>capitães</i> capitã – verbeta inexistente capitoa – verbeta inexistente
<i>Academia</i> (2001)	sem referência	cf. capitão (...) s. m. 1. Chefe militar, que comanda um certo número de combatentes (...). Fem.: <i>capitoas</i> e <i>capitãs</i> . Pl.: <i>capitães</i> (...). capitã – verbeta inexistente capitoa (...) s. f. 1. Mulher de capitão. 2. Navio principal de uma esquadra, em que seguia o comandante ou capitão; nau capitoa. = CAPITÂNIA.
<i>Porto Editora</i> (1998)	sem referência	capitoa s. f. esposa de capitão; mulher que comanda outras (De <i>capitão</i>)
<i>Machado</i> (1991)	sem referência	Capitoa ¹ s. f. Mulher de capitão. // Autora de alguma acção, guia, cabeça. // Capitânia
<i>Cândido de Figueiredo</i> (1986)	sem referência	capitoa f. Mulher de capitão. Mulher que comanda outras. <i>Adj. f.</i> o mesmo que <i>capitânia</i> . (Fem. de <i>capitão</i>).
<i>Aurélio</i> (1986)	sem referência	verbetes inexistentes

É “sociais-democratas” ou “social-democratas”? Porquê?

Numa pausa académica, além de preparar diversos trabalhos, tenho por hábito, sobretudo ao fim-de-semana, ficar um pouco mais na cama e ler por puro prazer. Estou quase a terminar *As Intermitências da Morte* de José Saramago. Pela estranheza da história, é um livro curioso e original. A determinado momento, escreve o autor “Com as palavras todo o cuidado é pouco, mudam de opinião como as pessoas.” Fez esta afirmação a propósito do sentido do termo “nojo” empregue pelo Adamastor, em *Os Lusíadas*, e o que utilizamos hoje. Será que as palavras mudam assim tanto de sentido? A mim, também me parece que sim. Todavia, creio que as pessoas (pelo menos algumas) mudam mais depressa de opinião do que as palavras alteram o seu sentido. Acontece que os vocábulos se alteram segundo as vontades dos falantes e os seres humanos mudam consoante os interesses que têm. Na política, isso é evidente. Os interesses visíveis e invisíveis serão tantos que se tornou quase normal ver alguém num partido e, de repente, essa pessoa ser associada a outro (ou outros), com o passar do tempo. As razões serão pessoais, mas não deixa de ser bizarra a atitude, para quem está a olhar do lado de fora. As convicções não se deveriam alterar assim tão facilmente... A propósito de política, nos mais diversos meios de comunicação, tenho visto escrito “social-democratas” e “sociais-democratas”. Ando há muito a pensar neste plural e, porque me voltaram a colocar o problema, nestes últimos dias, decidi procurar o motivo para esta diversidade. Como se forma, então, o plural de “social-democrata”? Estarão as duas construções – “sociais-democratas” e “social-democratas” – certas, normativamente falando? Pensar sobre usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Morfologia, da Ortografia, da Etimologia e do(s) uso(s) linguístico(s). O termo “social-democrata” é um substantivo e, ainda, um adjectivo porque também é usado como tal, em vez de “social-democrático”. Formou-se a partir de “social” (adjectivo) e de “democrata” (substantivo e adjectivo). Estes dois termos, isolados, não alteram a sua forma segundo o género (*um problema social, uma questão social / um democrata, uma democrata*). No entanto, variam em número (*um problema social – uns problemas sociais, uma questão social – umas questões sociais / um democrata – uns democratas*,

uma democrata – umas democratas). Logo, seguindo a regra da combinação de elementos por justaposição, ambos deveriam levar a marca de plural. Deveria escrever-se “os sociais-democratas” e “as questões sociais-democratas”/ “as questões sociais-democráticas”. Por que razão surge a hesitação, aparecendo, inúmeras vezes, “os social-democratas” e “as questões social-democratas”, a par da outra construção? De onde virá este problema linguístico que circula nos meios de comunicação social e que, a nível gramatical, pelos princípios estabelecidos, não se deveria colocar?

Julgo que o modo de construir o plural com o adjectivo no singular virá da possibilidade de haver quem aglutine os dois elementos. Neste caso, no composto, apenas o último deles tem a marca do número (*os socialdemocratas*). Portanto, creio que a raiz do problema estará na opção ou pela justaposição ou pela aglutinação. A tradição portuguesa não tende para a aglutinação de termos, evitando formar vocábulos excessivamente longos, como sucede, por exemplo, no alemão. Contudo, com o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990*, esta tradição poderá estar a mudar. Tenho visto aplicar a aglutinação a combinações de elementos que nem o próprio texto legal do dito Acordo Ortográfico recomenda. Quanto à confusão que me interessa observar, poderá dever-se, também, à existência do elemento reduzido “sócio” (formado a partir do adjectivo “social”). Quando “sócio” entra em combinações de elementos, não leva a marca de plural, por ser uma forma reduzida, o que não acontece com “social”. Além desta, as hipóteses explicativas poderão ser outras.

No entanto, neste caso, sei que os dicionários (pelo menos alguns) ajudam a resolver a questão. O problema estará no facto de não serem consultados. Nos dicionários do tira-dúvidas, o AURÉLIO e o FIGUEIREDO não registam o termo sob nenhum significante. O HOUAISS é o único a propor a aglutinação (*socialdemocrata*) como no alemão, língua da origem do termo político. O MACHADO (com indicação do plural), o da PORTO EDITORA (sem mencionar a formação do plural) e o da ACADEMIA (com referência ao plural) dão conta da existência de “social-democrata” e de “social-democrático”. O MACHADO estabelece a diferença entre o substantivo (*social-democrata*) e o adjectivo (*social-democrático*), enquanto os dois outros já reconhecem “social-democrata” como adjectivo e substantivo. O dicionário da PRIBERAM, contrariamente a todos os outros, é o único a aceitar o plural “social-democratas”. Quando se lê a explicação facultada, o argumento é tão frágil, que nem se sustenta sozinho. Por incrível que pareça, o fundamento virá numa explicação de José Pedro Machado (o mesmo autor do dicionário que cito) que associou “social” a “sócio” (socio-). Haveria que compreender esta alteração na posição deste linguista. Porém, é assim que as mudanças (incluindo as linguísticas) vão acontecendo. Uma pessoa muda de ideia, sem causa aparente, e com ela é capaz de arrastar meio mundo, mesmo não tendo razão.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão o plural de “social-democrata” é “**sociais-democratas**”? Porquê? É porque está, gramaticalmente, assim definido. Não há outra forma possível, segundo os princípios gramaticais estabelecidos, embora haja um uso linguístico que altera o estabelecido, permitindo a variação linguística. As mudanças, incluindo as linguísticas, fazem parte da vida. Vendo bem, as pessoas mudam mais depressa de opinião e de aparência do que as palavras de sentido ou de forma.

Tira-dúvidas

Dicionários	social-democrata (sociais-democratas)	socialdemocrata (socialdemocratas, social- -democratas)
<i>Priberam “em linha”</i> (2013)	so·ci·al·de·mo·cra·ta <i>adjetivo de dois géneros</i> 1. Relativo à social-democracia. <i>substantivo de dois géneros</i> 2. Pessoa partidária da social-democracia. Plural: sociais-democratas ou social-democratas.	socialdemocrata: verbete inexistente social-democratas (cf. social-democrata)
<i>Houaiss</i> (2001)	verbo inexistente	socialdemocrata adjetivo de dois géneros 1 relativo ou pertencente à socialdemocracia adjetivo e substantivo de dois géneros 2 Rubrica: história da política. que ou aquele que era membro de uma das organizações que lutavam pela socialdemocracia na segunda metade do sXIX e início do sXX 3 adepto ou ativista de algum dos partidos ou das organizações que se definem como socialdemocratas etimologia social + <i>democrata</i> , voc. divulgado a partir do al. <i>Sozialdemokrat</i> ‘membro do partido socialdemocrata’; cp. fr. <i>social-démocrate</i> (1910, mas doc. em 1893 sob a f. <i>sozialdemokrate</i> , na tradução do discurso do socialista alemão Landauer, dia 7 de agosto,

		no Congresso Internacional Operário Socialista de Zurique) 'quem compartilha das idéias da socialdemocracia (e as divulga) ou quem pertence à sua organização política'; ver <i>soci-</i> , <i>dem(o)-</i> e <i>-crata</i>
<i>Academia</i> (2001)	social-democrata ¹ (...) <i>adj. m. e f. Polít.</i> 1. Que é relativo à social-democracia (...) 2. Que é partidário da social-democracia (...). Pl. sociais-democratas. social-democrata ² (...) <i>s. m. e f. Polít.</i> Pessoa que perfilha da ideologia ou corrente política que tem como objectivo a realização da democracia económica, social e cultural. <i>Os sociais-democratas votaram contra as propostas comunistas.</i> Pl. sociais-democratas. social-democrático, a (...) <i>adj.</i> O m. que <i>social-democrata</i> ¹ . Pl. sociais-democráticos, as.	verbeta inexistente
<i>Porto Editora</i> (1998)	social-democrata <i>adj. e s 2 gén.</i> relativo à social-democracia, que ou pessoa que perfilha a doutrina da social-democracia social-democrático <i>adj.</i> relativo à social-democracia (sem qualquer referência ao plural, nem na versão disponibilizada na Internet)	verbeta inexistente
<i>Machado</i> (1991)	Social-democrata , <i>s 2 gén.</i> Pessoa partidária da social-democracia. // <i>Obs.</i> Pl.: <i>sociais-democratas.</i> Social-democrático , <i>adj.</i> Relativo à social-democracia. // <i>Obs.</i> Flexão: <i>social-democrática, sociais-democráticos, sociais-democráticas.</i>	verbeta inexistente
<i>Cândido de Figueiredo</i> (1986)	verbeta inexistente	verbeta inexistente
<i>Aurélio</i> (1986)	verbeta inexistente	verbeta inexistente

É “abissal” ou “abismal”? Porquê?

Nestes últimos dias, ao auxiliar familiares idosos, descobri que envelhecer pode ser uma experiência dolorosa porque as faculdades intelectuais e físicas vão, progressivamente, falhando. É uma dor lancinante para quem vai avançando na idade e para quem assiste à longevidade de quem ama. Durante grande parte da vida, os pais cuidam dos filhos e, num momento preciso, estes têm de começar a devolver os cuidados recebidos com delicadeza e respeito. É como se os papéis se invertessem. Uma amiga dizia-me que sentia ser a mãe dos próprios pais. Acompanhar o envelhecimento de quem nos criou não custa, se houver saúde, mas, quando as capacidades ficam reduzidas, a experiência torna-se difícil de gerir. Se compararmos as imagens dos pais que guardamos da infância e as da velhice a diferença é abissal. A propósito, diz-se “abissal” ou “abismal”? Pensar sobre tudo, incluindo usos linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Etimologia, da Fonética e da Lexicografia. Usam-se, frequentemente, estes adjectivos que, por terem dois géneros, se empregam tanto no masculino (*um esforço abissal/ um esforço abismal*), como no feminino (*uma diferença abissal/ uma diferença abismal*). É possível empregar “abissal” e “abismal” em substituição um do outro? Terão, ambos, o mesmo significado? Serão sinónimos? Por que razão existem os dois? A que se deve esta dualidade? Procurando a origem do problema linguístico, verifica-se que “abissal” (com “ss”) é a forma original. Etimologicamente, comprova-se que já se escrevia com “ss” no grego e, ainda, no latim. Porém, numa fase de evolução desta última língua, ocorreu um fenómeno fonético que levou à passagem de “ss” para “sm”, não deixando, contudo, de se empregar a primeira. Tornaram-se, então, equivalentes, podendo usar-se uma (a forma culta com “ss”) ou a outra (a forma popular com “sm”). Aconteceu o mesmo com os substantivos de onde derivam os adjectivos (“abisso” > “abissal” e “abismo” > “abismal”). Com frequência, por conveniências articulatórias, quando falamos, alteramos determinados fonemas e, se essa mudança se generaliza, torna-se comum a muitos falantes. Parece ter sucedido assim com “abissal” e “abismo”. Por serem as formas cultas, tornaram-se menos usadas que as populares “abismal” e “abismo”. Todavia, aquelas conservam-se em designações técnicas de várias disciplinas científicas como, por exemplo, a Geologia ou a Psicologia.

Os dicionários do tira-dúvidas (o AURÉLIO, o FIGUEIREDO, o MACHADO, o da PORTO EDITORA, o da ACADEMIA, o HOUAISS e o da PRIBERAM) concordam quanto à sinonímia de “abissal” e “abismal”. Avançando uns com mais pormenores do que outros, varia apenas, pontualmente, a informação que dão. É interessante observar a dinâmica da variação linguística. No entanto, no geral, o conteúdo até parece ser idêntico, tendo passado quase “ipsis verbis” dos mais antigos para os mais recentes. Se se comparar a quantidade de dados facultados, de modo impressionista, é possível verificar que, em praticamente todos, é maior do lado de “abissal” do que de “abismal”. Por certo, isto dever-se-á ao facto de o primeiro corresponder ao significante etimológico, que não foi adulterado foneticamente e é, então, a forma original.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão são sinónimos “abissal” e “abismal”, sendo indiferente usar um ou outro? Porquê? É porque “abissal” corresponde à forma culta e “abismal” à popular, significando o mesmo. No fundo, esta última é uma adulteração de pronúncia da primeira e isso passou para a grafia. Portanto, hoje, podemos escolher entre os dois vocábulos. Entre ambos, vou preferir “abissal” por ser mais antigo e para o preservar. É um bem linguístico herdado e, se não se usar, perder-se-á. Faz parte de um Património Linguístico de que quero cuidar. Nos próximos tempos, poderei perder os meus pais porque a idade já começa a ser muita e a saúde tende a diminuir, mas guardarei, ao longo da minha vida, a sua herança, assim como as imagens de cada um deles e as diferenças abissais do seu percurso.

Tira-dúvidas

Dicionários	abissal	abismal
<p>Priberam “em linha” (2013)</p>	<p>a·bis·sal (<i>abisso</i> + <i>-al</i>) <i>adjetivo de dois géneros</i> 1. Relativo ao abismo. = ABISMAL 2. Relativo às grandes profundidades submarinas. 3. Que se encontra apenas nas grandes profundidades do mar (ex.: <i>peixe abissal</i>). 4. [Geologia] Que é de origem ígnea e se formou a grande profundidade no interior da terra. = INTRUSIVO, PLUTÓNICO 5. Que é muito grande ou profundo. = ABISMAL, ENORME, IMENSO ≠ DIMINUTO, MÍNIMO 6. Que está envolto em mistério. = MISTERIOSO, OBSCURO 7. Que aterroriza ou assombra. = ATERRORIZADOR, TERRIFICANTE</p>	<p>a·bis·mal (<i>abismo</i> + <i>-al</i>) <i>adjetivo de dois géneros</i> 1. Relativo a abismo. 2. Que tem características que fazem lembrar as de um abismo. 3. Que é muito grande. = ENORME, IMENSO ≠ DIMINUTO Sinónimo Geral: ABISSAL</p>
<p>Houaiss (2001)</p>	<p>adjetivo de dois géneros 1 referente ou pertencente ao abismo; abismal (...) 3 Derivação: sentido figurado. Uso: hiperbólico. enorme, imenso (diz-se de profundidades e distâncias) Ex.: esse livro está a uma distância a. da boa literatura 4 Derivação: sentido figurado. que assombra ou aterroriza Ex.: o fragor a. de uma tromba-d’água 5 Derivação: sentido figurado. que está cercado de mistério; obscuro, indecifrável Ex.: a escuridão a. de um terrível enigma etimologia <i>abisso</i> + <i>-al</i>; ver <i>abism-</i> abisso substantivo masculino 1 Estatística: pouco usado. m.q. <i>abismo</i> etimologia lat. <i>abyssus, i</i> ‘abismo; sorvedouro, voragem’ < gr. <i>ábussos, on, on</i> ‘sem</p>	<p>adjetivo de dois géneros 1 que se refere ou pertence a abismo 2 Derivação: sentido figurado. que é muito profundo e insondável 3 Derivação: sentido figurado. que causa pavor; aterrorizante etimologia <i>abismo</i> + <i>-al</i>; ver <i>abism-</i> abismo lat. <i>*abysmus</i>, alt. do lat. <i>abyssus, i</i> ‘abismo’ (talvez através do lat. <i>*abyssimus</i>), por sua vez, der. do gr. <i>ábussos, on, on</i> ‘sem fundo, abismo’ (...)</p>

	fundo'; substv. 'precipício, abismo'; ver <i>abism-</i>	
Academia (2001)	(...) <i>adj. m. e.f.</i> (Do lat. <i>abyssus</i> 'abismo' + suf. <i>-al</i>) 1. Que é relativo ao abismo. = ABISMAL. 2. Que se refere às grandes profundidades marítimas. (...). 4. Que é muito grande, enorme. = ABISMAL, PROFUNDO (...). 5. Que não é muito claro, que está envolvido em mistério. = ENIGMÁTICO, MISTERIOSO (...).	(...) <i>adj. m. e.f.</i> (De <i>abismo</i> + suf. <i>-al</i>) 1. Que está relacionado com as grandes profundidades; que se refere a abismo. = ABISSAL. (...). 2. Que apresenta características semelhantes ao abismo; que é incomensurável. (...). 3. Que apresenta um grande afastamento, uma separação considerável ou um grau extremo de divergência. = ENORME. PROFUNDO. (...).
Porto Editora (1998)	<i>adj. 2 gén.</i> enormíssimo; referente às grandes profundidades oceânicas e, bem assim, aos fenómenos, à fauna, à flora e aos depósitos sedimentares com elas relacionados; => abismal (...)	<i>adj. 2 gén.</i> referente a abismo (De <i>abismo</i> + <i>-al</i>)
Machado (1991)	<i>adj. 2 gén.</i> (do lat. <i>abyssus</i>). Relativo ao <i>abisso</i> . // O que se refere aos abismos oceânicos. // Relativamente à fauna, convém mencionar que, mercê das explorações marítimas, se encontram a 8000 metros de profundidade, e ainda mais, espécies surpreendentes pela sua novidade e pelas formas estranhas. // Grande, profundo. // (...).	<i>adj. 2 gén.</i> (de <i>abismo</i>). Que tem a qualidade do abismo. // Que pertence ou que é relativo ao abismo. // Muito profundo. // Insondável, aterrador, tétrico.
Cândido de Figueiredo (1986)	<i>adj.</i> Relativo ao abisso. Relativo às profundidades marítimas. Que vive na profundidade do mar. (De <i>abisso</i>).	<i>adj.</i> Relativo ao abismo.
Aurélio (1986)	[De <i>abisso</i> + <i>-al</i> .] <i>Adj. 2 g.</i> 1. V. <i>abismal</i> . 2. Relativo ou pertencente ao abisso (2). 3. Espantoso, assombroso, enorme. 4. <i>Fig.</i> Misterioso, enigmático (...). <i>S. m.</i> 5. V. abismo (1). 6. A parte profunda dos oceanos abaixo de 1 000 metros. 7. <i>Geol.</i> Sedimento marinho depositado nessa região.	<i>Adj. 2 g.</i> 1. Relativo ou pertencente a abismo. 2. Da natureza do abismo: profundezas <i>abismais</i> . [F. paral.: <i>abissal</i> .]

Serão sinónimos “constrangedor” e “confrangedor”? Porquê?

Amar é... Lembro-me de uns bonecos (provavelmente dos anos oitenta do século XX) que apareciam desenhados e impressos um pouco por todo o lado e que procuravam definir o amor. Nunca mais vi tiras daquelas. Um menino e uma menina, gordinhos e quase nus (uma nudez praticamente assexuada), representavam um amor magnânimo, ultrapassando as imperfeições do sentimento humano. O amor surgia como sublime e magnífico, partindo da amizade. Se não houver uma tendência para uma certa nobreza (querer o bem do outro sem qualquer egoísmo), as relações amorosas acabam, causando a infelicidade de todos. Isso vê-se pelo número crescente de casos de violência física e verbal no namoro entre jovens. A falta de confiança no outro e a insegurança própria, além de outros elementos, podem condicionar um relacionamento. Recentemente, fiquei triste por saber que um jovem conhecido se tinha suicidado. Em princípio, foi porque a companheira tinha decidido acabar com o relacionamento deles. Não sei o que se passou, nem o que motivou a separação, mas será o fim de uma relação motivo suficiente para pôr fim à vida? Eu, por falar de fora, creio que não o será. No entanto, casos semelhantes a este vão-se multiplicando. No meu entender, saber viver sem companhia é importante. Há pessoas que procuram outras porque não são capazes de, sozinhas, irem ao cinema ou tomarem café. Começam, assim, relacionamentos que não darão certo porque se orientam por motivos errados e, muitas vezes, escondidos. Estas situações podem tornar-se constrangedoras, confrangedoras. A propósito, serão sinónimos “constrangedor” e “confrangedor”? Pensar sobre tudo, incluindo usos linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Fonética, da Semântica, da Lexicografia e dos usos linguísticos. A proximidade fonética entre “constrangedor” e “confrangedor” é evidente. Os únicos elementos distintos são “st” e “f”. A similitude dos significantes destes adjectivos (podendo ser considerados substantivos) reencontra-se na dos verbos. De onde derivam “constranger” e “confranger”? Terão alguma origem comum? Corresponderá um deles a uma adulteração? Inúmeras vezes, ocorrem em contextos semelhantes, havendo quem diga, por exemplo, “A situação pode ser constrangedora.” e quem prefira “A situação pode ser confrangedora.”

para a ideia de “situação embaraçosa”. Serão válidas estas duas possibilidades para este sentido? Serão sinónimos “constrangedor” e “confrangedor”? Se assim for, existirá algo que distinga estes dois vocábulos? Não há nada como recorrer a alguns dicionários para tentar resolver esta questão. Em dicionários do tira-dúvidas (cf. o AURÉLIO, o FIGUEIREDO, o MACHADO, o da PORTO EDITORA e o da PRIBERAM) as definições de “constrangedor” e de “confrangedor” (ou uma delas) são reduzidas a “que constrange” e “que confrange”. Quando assim é, por este género de definição não ser esclarecedor, convém procurar a do verbo. Observando as definições destes, no tira-dúvidas, apenas na do HOUAISS há uma relação de sinonímia. Aí, num dos sentidos de “confranger”, surge “constranger”, equivalendo ambos a “embaraçar”. Os sentidos dos dois remetem para ideias muito próximas e, claramente, negativas. Contudo, também são diferentes. É no dicionário da PORTO EDITORA que se regista uma pista para resolver esta questão. Ao mencionar a etimologia de “constranger” e “confranger”, revela os primeiros sentidos e as diferenças entre eles. Assim, enquanto, em latim, “constranger” significava «ligar; apertar», “confranger” equivalia a «quebrar; despedaçar». Portanto, no que se prende com esses sentidos, não existe sinonímia, mas, ao adquirirem sentidos figurados, foram, semanticamente, alargando as suas significações, chegando a um ponto de contacto, nomeadamente para “embaraçar”.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão podem, “constrangedor” e “confrangedor”, ser sinónimos de “embaraçoso”? Porquê? É porque foram ganhando sentidos figurados, com usos linguísticos, ao longo dos séculos, desde o latim ao Português Moderno. Logo, a evolução dos sentidos dos vocábulos é inevitável. Acontece o mesmo com as relações amorosas. Com o tempo, e a convivência, estas vão evoluindo. Esperemos que acabem com um final feliz, sem agressividade ou mortes, porque amar é querer bem.

Tira-dúvidas

Dicionários	Constrangedor	confrangedor
Priberam “em linha” (2013)	cons·tran·ge·dor ô <i>adjectivo</i> Que constrange. Parecidas constrangedora, confrangedor, (...) cons·tran·ger ê <i>verbo transitivo</i> 1. Apertar, impedir os movimentos de. 2. [Figurado] Tolher o meio de acção; coagir; forçar; obrigar pela força, violar.	con·fran·ge·dor ô (<i>confranger</i> + -dor) <i>adjectivo</i> Que confrange. con·fran·ger ê (<i>con-</i> + <i>franger</i>) <i>verbo transitivo</i> 1. Moer; apertar. 2. [Figurado] Atormentar; angustiar. <i>verbo pronominal</i> 3. Angustiar-se.
Houaiss (2001)	adjetivo e substantivo masculino 1 que ou o que constrange 2 que ou o que é incômodo, embaraçoso, inconveniente	adjetivo e substantivo masculino 1 que ou o que esmaga, esmigalha, aperta 2 Derivação: sentido figurado. que ou o que atormenta, angustia, aflige Ex.: o sofrimento dele era c. para todos Confranger verbo (...) <u>transitivo direto e pronominal</u> 6 Derivação: <u>sentido figurado. constranger, tolher, embaraçar</u> Ex.: c.(-se) <u>um jovem por revelar os seus amores</u>
Academia (2001)	(...) <i>adj.</i> (De <i>constranger</i> + suf. -dor) 1. Que constrange. 2. Que aperta, impede os movimentos. 3. Que tolhe a liberdade. (...). 4. Que força, que obriga a alguma coisa. (...). 5. Que causa embaraço, pouco à-vontade, constrangimento. (...).	(...) <i>adj.</i> (De <i>confranger</i> + suf. -dor) 1. Que causa dor, aflição, angústia, tormento; que oprime; que confrange. = AFLITIVO, ANGUSTIANTE, DEPLORÁVEL. (...). Adv. confrangedoramente.
Porto Editora (1998)	<i>adj.</i> que constrange (De <i>constranger</i> + -dor) constranger A <i>v. tr.</i> obrigar à força; impedir os movimentos de; apertar; coagir; compelir; violentar B <i>v. refl.</i> apertar-se; obrigar-se; sujeitar-se (Do lat. vulg. * <i>constrangere</i> , por <i>constringere</i> , «ligar; apertar»)	<i>adj.</i> que confrange; angustioso; aflitivo (De <i>confranger</i> + -dor) confranger A <i>v. tr.</i> apertar; obrigar a contracção; oprimir; afligir; atormentar; angustiar; vexar B <i>v. refl.</i> apertar-se; contrair-e; contorcer-se; angustiar-se; atormentar-se (Do lat. vulg. * <i>confrangere</i> , do lat. cl. <i>confringere</i> , «quebrar; despedaçar»)
Machado (1991)	<i>adj. e s. m.</i> Que ou o que constrange.	confrangedor (ô), frangente , <i>adj.</i> (de <i>confranger</i>). Que confrange,

	Constranger <i>v. tr.</i> (do lat. <i>constringere</i>). Compelir, obrigar à força. // Apertar; impedir, dificultar os movimentos. Obrigar, tolher, violentar, coagir.	que aperta, // Esmagador; atormentador; aflitivo, angustioso.
Cândido de Figueiredo (1986)	<i>adj.</i> Que constrange. constrangedor <i>v. t.</i> Apertar. Compelir. Obrigar à força. Impedir os movimentos de (...).	<i>adj.</i> Que confrange (...). confranger <i>v. t.</i> Partir. Moer. Apertar. Atormentar; angustiar (...).
Aurélio (1986)	<i>Adj.</i> Que constrange. Constranger (Do lat. <i>constringere</i> ; cf. <i>constringir.</i>) <i>v. t. d.</i> 1. Impedir os movimentos de; apertar (...). 2. Tolher a liberdade de; incomodar (...). 4. Forçar, coagir; violentar (...). <i>T. d. e i.</i> 5. Obrigar pela força; compelir, coagir (...). <i>P.</i> 6. Experimentar constrangimento; acanhar-se (...).	<i>Adj.</i> Que confrange. Confranger (Do lat. <i>*confrangere</i>) <i>V. t. d.</i> 1. Oprimir, afligir, angustiar (...). 2. Moer, esmigalhar (...). <i>P.</i> 3. Contorcer-se, contrair-se. 4. Sentir-se muito mal; afligir-se, angustiar-se (...).

Fará sentido a sequência “tal como”? Porquê?

Finalizei o primeiro semestre com os exames de recurso dos estudantes que reprovaram na avaliação normal (duas frequências) e fui invadida por um profundo sentimento de tristeza. Aliás, esta sensação é recorrente em situações semelhantes. Não há nada de mais desanimador do que esta tarefa, que cumpro por puro dever profissional. Corrigir o trabalho de outros é um serviço ingrato, quando o resultado é negativo. Animo-me sempre, vencendo este sentimento, ao pensar que a avaliação é útil a quem a souber aproveitar. Faço-a para isso mesmo. Na leitura de todos os elementos de avaliação (mais de duzentos no total), para sublinhar e apontar observações, gastei três esferográficas vermelhas. Contrariamente a várias colegas, que detestam esta cor, escolho o vermelho porque se vê melhor. O tempo que passo a ler estas provas daria para muitas outros trabalhos, mas fazê-lo é um serviço público e é indispensável para os estudantes, embora a maioria nem queira consultar as provas. Aos que vêm vê-las, costumo dizer-lhes que as suas classificações não são para eles enquanto pessoas, mas para as suas respostas. Às pessoas, como não tenho nada contra ninguém, se pudesse fazer isso assim, daria 20. Por pouca sorte, nas provas, quando somados os pontos das diversas respostas, essa classificação máxima nunca aparece. Apesar de prejudicar a minha própria avaliação (O número de reprovações tem reflexos na minha avaliação de desempenho como docente...), não têm positiva vários estudantes. Alguns até são perspicazes e muito capazes, mas, por razões que desconheço, revelam não ter estudado. Se o fizeram, pensam que decorar determinados conteúdos seria suficiente para passar, embora eu avisasse que as perguntas seriam para aplicar as matérias estudadas e para raciocinar, revelando reflexão pessoal. O aviso não teve grande efeito. Parecem preferir aprender de cor para esquecer de seguida. Nas provas, apareceu inúmeras vezes a sequência “tal como” e fiquei a pensar se faria sentido. Até que ponto é necessário “tal” em “como”? Pensar sobre tudo, incluindo usos linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Morfologia, da Semântica, da Sintaxe e dos usos linguísticos. Os elementos “tal” e “como” têm diversas classificações morfológicas. Enquanto “**como**” (e, é evidente, não considero aqui a forma verbal de “comer”) pode ser advérbio ou conjunção, “**tal**” é adjectivo, advérbio, pronome ou substantivo. Combinando os dois vocábulos, formaram-se locuções. Acontece em “**como tal**”,

significando “nessa qualidade, “nesse sentido”. Quanto à locução “**tal como**”, mesmo empregando-se muito, não me parece que traga, semanticamente, algo de novo, se se comparar com “**como**”, que parece substituir. Aliás, se se excluir “tal” em “como”, verifica-se que “como” funciona perfeitamente. Portanto, aí, “tal” não terá qualquer relevância, sendo completamente desnecessário. Esta locução, bastante corrente, ocorre, sobretudo, em comparações entre elementos (*Ele é tal como o outro: teimoso e orgulhoso. / Ele é como o outro: teimoso e orgulhoso.*). Por aquilo que tenho observado, poderá estar a ultrapassar esse âmbito, atingindo outros acepções de “como” (*Tal como te disse, ela não veio. / Como te disse, ela não veio.*). Seria interessante fazer um levantamento das ocorrências para compreender em que fase estará o uso de “como” e que acepções de “como” vai substituindo. Na impossibilidade de avançar com essa investigação, fico-me pela cobertura da locução em alguns dicionários. Que relevo terá esta locução nos dicionários do tira-dúvidas?

No AURÉLIO, no FIGUEIREDO e no dicionário da PORTO EDITORA, não surge nem na entrada de “como”, nem na de “tal”. No HOUAISS, no MACHADO, no da ACADEMIA e no da PRIBERAM, aparece como locução na entrada de “tal”. Nestes quatro, vem definido como sinónimo de “assim como, da mesma maneira, igualmente”. Portanto, o seu uso está legitimado. Mesmo assim, para mim, não tem muita relevância. Apenas no HOUAISS, reencontro dados que confirmam o meu ponto de vista. Este dicionário dá uma informação importante. Surge no campo da Gramática, onde é indicado que a sequência “tal como” é considerada um galicismo pelos puristas, correspondendo, em português, a “como”. Portanto, esta sequência virá do francês, mas tomou tal proporção e entrou de tal modo nos usos dos falantes portugueses que todos a empregamos, sem pensarmos nela e na inutilidade de “tal” nessa sequência. Os usos linguísticos são assim, proliferam sem dar espaço à reflexão.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão não se deveria empregar a locução “tal como”? Porquê? É porque, nela, “tal” não tem qualquer valor, sendo este elemento perfeitamente desnecessário. Assim, em vez dessa locução, deveríamos usar apenas “como”. É evidente que isso seria num plano linguístico ideal porque, no da fala, essa locução continuará a ganhar terreno. Vou, decerto, vê-la inúmeras vezes, em vários tipos de texto e reencontrá-la-ei enquanto corrigir provas de avaliação, um dos trabalhos mais cansativos e desgastantes que se podem executar. Era bom, se não tivesse de ler provas e pudesse dar 20 a todos os estudantes! Infelizmente, esse é um ideal inatingível, mesmo se a corrente pedagógica de não haver reprovações parece ter chegado ao Ensino Superior.

Tira-dúvidas

Dicionários	como (como)	tal (como)
<i>Priberam “em linha”</i> (2013)	sem referência a “tal como”	tal como • Da mesma forma que ou à semelhança de
<i>Houaiss</i> (2001)	sem referência a “tal como”	Locuções t. como 1 us. para apresentar um exemplo ou uma enumeração Ex.: as reivindicações eram impalpáveis, tais como armas, dinheiro e carro blindado 2 introduz uma comparação Ex.: imaginas que o mundo seja t. como há 20 anos? 3 do mesmo modo Ex.: falava t. como o pai (...) Gramática a loc. <i>como</i> foi consid. gal. pelos puristas, que sugeriram em seu lugar: <i>como</i>
<i>Academia</i> (2001)	sem referência a “tal como”	tal como <i>loc. conj.</i> o m. que <i>assim como</i> . <i>Era trabalhador como o pai.</i>
<i>Porto Editora</i> (1998)	sem referência a “tal como”	sem referência a “tal como”
<i>Machado</i> (1991)	sem referência a “tal como”	tal como do mesmo modo, da mesma maneira, igualmente
<i>Cândido de Figueiredo</i> (1986)	sem referência a “tal como”	sem referência a “tal como”
<i>Aurélio</i> (1986)	sem referência a “tal como”	sem referência a “tal como”

É “reestruturação” ou “restruturação”? Porquê?

Procurar a perfeição é um desafio constante. Fazer bem as tarefas a realizar requer esforço e tempo, além de uma aplicação permanente para prestar atenção aos pormenores. Isso implica reconhecer, com humildade, o que ficou mal feito. A plena consciência de que é possível fazer melhor leva a desfazer e a refazer. Para mim, esta é uma filosofia de vida exigente, mas que permite um aperfeiçoamento contínuo e sistemático. Assim, faça eu o que fizer, mesmo se as circunstâncias são desfavoráveis, procuro que seja o melhor possível. Se não ficar minimamente satisfeita, desfaço e volto a fazer. Organizo e reorganizo. Estruturo e reestuturo. Se a nível pessoal é assim, no plano comunitário, sucederá o mesmo? É comparável? Quem não ouviu falar das indispensáveis reformas estruturais do Estado? Será que já ficou esquecida a “refundação” (refundição, reestruturação)? Os políticos, os economistas e, sobretudo, os comentadores vão dizendo que devem ser feitas para melhorar o sistema orgânico do país. Não o são, havendo interesses instalados, contra os quais é complicado lutar. Este assunto é recorrente em áreas como a saúde, a educação ou a justiça. O “mapa judiciário”, de que tanto se tem falado, será um exemplo de reestruturação? A propósito, por que razão se dirá e escreverá “reestruturação”, havendo, no entanto, quem opte por “restruturação”? Serão as duas possibilidades válidas? Pode falar-se de variação linguística? Estarão atestadas nos dicionários? Significarão o mesmo? Pensar sobre tudo, incluindo usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Morfologia, da Lexicografia, da Fonética e dos usos linguísticos. Colocando “reestruturação” e “restruturação” lado a lado, para uma breve comparação, é fácil concluir que se formaram a partir de “estruturação”, um termo iniciado por “e”. Outra conclusão bastante evidente revela que resultam da combinação deste elemento com o prefixo “re”, cujo significado é o de “repetição”, como em “refazer” (fazer de novo), “reiniciar” (iniciar outra vez) ou “reorganizar” (organizar outra vez ou de outra forma). No caso que interessa considerar, a dificuldade surge na contiguidade das vogais “ee”. A primeiro é de “re-” e a segunda de “estruturação. Esta sequência vocálica encontra-se, por exemplo, no interior do verbo “compreender” e em “apreender” (distinto de “aprender”), embora haja uma diferença fonética, com a nasalidade do segundo elemento, nestes verbos. Contudo, creio que ninguém colocará em

causa a existência destes elementos de sílabas diferentes (re-es-tru-tu-ra-ção, com-pre-en-der, a-pre-en-der). Então, por que motivo se reduzem as duas vogais de “rerestruturação” a uma? Provavelmente, haverá razões articulatórias e, portanto, fonéticas a explicar esta redução. Pergunto-me se será mais fácil dizer “restruturação” do que “reestruturação”? A mim, não me parece que a vogal única facilite, mas, como a tendência geral é fazer tudo mais rápido, isso manifestar-se-á na língua. Falar depressa e não articular devidamente é frequente no dia-a-dia. Na escrita, a rapidez também tende a predominar. Que adiantarão os dicionários acerca de “reestruturação” e “restruturação”? Admitirão os dois vocábulos? Dos sete dicionários do tira-dúvidas, apenas o FIGUEIREDO não lista estes dois termos. No AURÉLIO, no MACHADO e no HOUAISS, ocorre exclusivamente “reestruturação”. Logo, as duas referências brasileiras apresentam “reestruturação” e ignoram a outra possibilidade. O dicionário da PORTO EDITORA, o da ACADEMIA e o da PRIBERAM facultam ambos os vocábulos. Parecem dar mais realce a “reestruturação” porque é nesta entrada que surge a definição mais desenvolvida. Este pormenor não se aplica ao da PORTO EDITORA porque define as duas entradas, distinguindo-as. No entanto, confluem na origem comum dos verbos “reestruturar” e “restruturar” (De *re-* + *estruturar*). Não restam dúvidas que “reestruturar” e “reestruturação” são as construções genuínas. Aquelas que reduziram “ee” a “e” surgiram de uma simplificação fonética e gráfica, resultante de um uso linguístico. Não sei se este uso tende a predominar, mas será, decerto, significativo. Quando os dicionários começam a dar conta dos usos linguísticos, há já uma reforma linguística em curso, sendo motivada pela vontade dos falantes. Porém, esta atitude vem complicar a orgânica da própria língua porque são admitidas como válidas diversas formas, sendo reveladora da variação linguística. Será o caso com “reestruturação” e “restruturação”. No fundo, não são dois signos linguísticos diferentes (duas palavras), mas é o mesmo (uma palavra) com uma variante a nível do significante.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão “reestruturação” e “restruturação” são duas possibilidades válidas? Porquê? É porque estão dicionarizadas e em uso na comunidade. Todavia, não há qualquer dúvida que “reestruturação” é o significante original. Estarei eu a opor-me a uma mudança linguística em curso, ao optar por “reestruturação”? Serei eu contra as reformas? Não, não é nada disso; só não gosto de mudanças superficiais. Se se altera para que tudo fique melhor e perfeito, então, avancemos. Se for, como se costuma dizer, para “Inglês ver”, prefiro deixar tudo como está. Mudar para fazer de conta não compensa. É trabalhar em vão. Trará o “mapa judiciário” uma reestruturação de fundo? Será para melhor? Contribuirá para uma reforma fundamental do

Estado, em favor dos cidadãos? Se, nas questões linguísticas, tenho algumas certezas, nas judiciais, tenho mais incertezas porque, muitas vezes, a Justiça é injusta, embora legal.

Tira-dúvidas

Dicionários	reestruturação	restruturação
<p><i>Priberam “em linha”</i> (2013)</p>	<p>re·es·tru·tu·ra·ção (<i>reestruturar</i> + <i>-ção</i>) <i>substantivo feminino</i> Acto ou efeito de reestruturar. re·es·tru·tu·rar – (<i>re-</i> + <i>estruturar</i>) <i>verbo transitivo e pronominal</i> 1. Estruturar ou estruturar-se novamente. 2. Organizar ou organizar-se de outra forma. = REFORMAR, REORGANIZAR Sinónimo Geral: RESTRUTURAR</p>	<p>res·tru·tu·ra·ção <i>(reestruturar</i> + <i>-ção</i>) <i>substantivo feminino</i> O mesmo que reestruturação.</p>
<p><i>Houaiss</i> (2001)</p>	<p>substantivo feminino 1 ato ou efeito de reestruturar; nova estruturação 2 Rubrica: arquitetura. reforço em estrutura de construção reestruturar transitivo direto reformular em novas bases estruturais; reorganizar Ex.: r. a agricultura</p>	<p>verbeta inexistente</p>
<p><i>Academia</i> (2001)</p>	<p>reestruturação, reestruturação (...) <i>s. f.</i> <i>(De reestruturar, reestruturar + suf. -ção)</i> 1. Acção de dar uma nova organização, uma nova estrutura a alguma coisa; acto ou efeito de reestruturar. 2. Reorganização de uma empresa, de um sector de actividade, de um serviço... (...). 3. Reorganização do programa de um curso, de um plano de estudos... (...). 4. Modificação dos elementos que constituem um grupo de trabalho, uma equipa, uma organização, uma instituição... (...).</p>	<p><i>s. f.</i> V. reestruturação.</p>
<p><i>Porto Editora</i> (1998)</p>	<p><i>s. f.</i> acto ou efeito de reestruturar (De <i>reestruturar</i>+<i>-ção</i>) reestruturar <i>v. tr.</i> dar nova estrutura a; reformular em bases estruturais; reorganizar (De <i>re-</i>+<i>estruturar</i>)</p>	<p><i>s. f.</i> acto ou efeito de reestruturar; reforma; remodelação; transformação (De <i>reestruturar</i>+<i>-ção</i>) reestruturar <i>v. tr.</i> dar nova estrutura a; estruturar de novo; reformar (De <i>re-</i>+<i>estruturar</i>)</p>

<i>Machado</i> (1991)	s. f. Acto ou efeito de reestruturar. Reestruturar v. tr. Dar nova estrutura a.	verbetes inexistente
<i>Cândido de Figueiredo</i> (1986)	verbetes inexistente	verbetes inexistente
<i>Aurélio</i> (1986)	s. f. 1. Ação ou efeito de reestruturar. (...). reestruturar (De <i>re-</i> + <i>estruturar</i>) V. t. d. Dar nova estrutura a (...).	verbetes inexistente

É “o/ a hambúrguer” ou “hamburger”? Porquê?

Recentemente, descobri que tenho uma anemia porque me falta ferro. Os valores das minhas análises sanguíneas indicam, para a ferritina (se não me engano no nome), algo como 2, quando deveria andar entre cerca de 11 e mais de 300. De repente, dei-me conta que estava doente, sem ter dado por isso, embora experimentasse um cansaço permanente, que ia atribuindo ao trabalho. Falta-me ferro no organismo e pensava eu ter uma alimentação equilibrada... Os primeiros conselhos amigáveis que fui recebendo (Todos temos receitas milagrosas!) foram sensatos. Indicam que devo comer mais beterraba, agrião e abacate, além de beber um copito de vinho tinto à refeição. A prescrição médica, mais pragmática, recomendou comprimidos, exames médicos e um consumo moderado de carnes vermelhas. A minha alimentação vai ser alterada. Terei de comer mais bifes, por exemplo. Em conversas banais, fui descobrindo que várias pessoas amigas já passaram pelo mesmo, tornando-se a anemia mais frequente do que imaginaria. Na abordagem de temas de saúde, surgem umas quantas questões linguísticas. De todas elas, fiquei a pensar na das carnes vermelhas. Será que comer hambúrguer pode ajudar a combater a anemia? O substantivo “hambúrguer” leva ou não acento gráfico? Pode escrever-se “hamburger”? Além disso, é masculino ou feminino? Tenho ouvido algumas pessoas usar o termo no feminino, quando eu o emprego no masculino. Por que razão será assim? Haverá alguma justificação plausível para este feminino? Pensar sobre tudo, incluindo usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Morfologia, da Ortografia, da Lexicografia e dos usos linguísticos, que remetem para a culinária. Quando penso em “comida de plástico”, represento-a, no meu imaginário, por hambúrguer com batatas fritas e molhos coloridos. Aquela expressão define a comida feita com rapidez e ingredientes pré-definidos, adicionando muito sal ou açúcar e seguindo procedimentos pouco recomendados. Estes implicam a fritura a altas temperaturas e em óleos repetidamente reutilizados. Também associo à expressão uma sandes com carne de bovino desfeita em pedacinhos, à qual se deu um formato arredondado e que se fritou. Será assim no imaginário comunitário, quando se fala em “hambúrguer”? A tendência é associar o termo à sandes, mas o vocábulo remete, antes de mais, para aquela carne desfeita em pedacinhos triturados, que, à partida, com a ajuda de um ovo, se juntaram num pedaço maior. Por-

tanto, a nível semântico, tem estas duas acepções: aquela carne e a sandes. De onde virá o termo? Sabe-se que a designação é inglesa (“hamburger steak”), significando, em português, “bife preparado à moda de Hamburgo”. Logo, o nome remete para um topónimo alemão, o da cidade de Hamburgo (*Hamburg*). Assim sendo, como explicar o género gramatical do substantivo comum? Em princípio, ao dizer-se “bife de Hamburgo”, o masculino aplicado a “bife” impôs-se, mesmo se esta palavra desapareceu com a redução da sequência. Então, por que razão não dizemos “o hamburgo”? Acontece que conservámos a pronúncia inglesa e ficou “o hambúrguer”. A questão do acento agudo é algo enigmática. Por um lado, não ocorre no original alemão ou inglês e, por outro, marca um vocábulo que articulamos como grave (cuja sílaba tónica é a penúltima) e que, em português, normalmente, não exigiria acentuação gráfica. Por isso, a mim, parece-me possível não colocar aquele acento agudo que, habitualmente, se regista. Que opção gráfica seguirão os dicionários?

Das sete obras do tira-dúvidas, apenas o FIGUEIREDO e o MACHADO não listam o termo. Datam de épocas em que a “comida de plástico” (ou “fast food”) era desconhecida em Portugal. As mudanças culturais manifestam-se na língua viva. No AURÉLIO e no HOUAISS, a par do masculino “o hambúrguer”, encontra-se o feminino “a hamburguesa”, equivalendo ao mesmo. Será um uso comum no Brasil. O feminino “a hambúrguer”, que não se regista em nenhuma das referências do tira-dúvidas, terá alguma ligação com esta possibilidade linguística brasileira? Seria necessário fazer uma pesquisa para estabelecer essa relação. O dicionário da ACADEMIA considera tão viável o termo sem acento gráfico (“o hamburger”), como o que o tem (“o hambúrguer”). O dicionário da PORTO EDITORA e o da PRIBERAM validam apenas “o hambúrguer”, com acento gráfico. Relendo a definição proposta pelo AURÉLIO, fica a ideia que também se pode dizer “o hamburgo”, para aquele preparado de carne. Além disso, este dicionário é o único que ultrapassa a questão de saber se a carne é “moída” ou “picada”.

No arquipélago madeirense, “carne moída” e “carne picada” não correspondem ao mesmo, já que só a primeira (“moída”) passou pela trituradora. A “picada” é cortada com a faca, aos pedaços, para preparar “um picado”, um prato com uma incontestável marca regional. Curiosamente, o HOUAISS é o único a referir que se trata de carne “moída”, já que os restantes dicionários (portugueses) referem que a carne é “picada”. A norma do Português Europeu (PE) usa apenas “carne picada” porque, a nível continental, não haverá as duas possibilidades de corte da carne. No referido arquipélago, faz-se a distinção, visto que se conhecem as duas modalidades. É uma riqueza linguística (e culinária) que pode causar equívocos na comunicação entre madeirenses e alguns continentais. No território continental português, também há quem faça a distinção registada no arquipélago e que, pelos vistos, se reencontra no Brasil. Então, para o hambúrguer, na norma do PE,

falar-se-á em “carne picada” e, na variedade madeirense, em “carne moída”. Todavia, nos dois casos, indica-se aquela que passou pela máquina trituradora, o que acontece com o bife preparado à moda de Hamburgo.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão é apenas aceitável o masculino: “o hambúrguer”? Porquê? É porque se trata do género registado nos dicionários. O feminino brasileiro “a hamburguesa” não é comum em Portugal. A variante sem acento gráfico também é possível (“hamburger”). Quanto à anemia, vou tratá-la com os medicamentos. No entanto, a partir de agora, comerei mais vezes espetada (outro prato madeirense típico, se for em pau de louro) e bifes (especialmente o da pedra). Quanto aos hambúrgueres (no plural o acento agudo é indispensável), que, na essência, também são bifes cuja carne foi triturada (moída/ picada), serão uma possibilidade, mas, mesmo assim, mais remota. Não sou grande apreciadora.

Tira-dúvidas

Dicionários	o hambúrguer	a hambúrguer
<i>Priberam “em linha”</i> (2008-2013)	ham·búr·guer (inglês <i>hamburger</i>) <i>substantivo masculino</i> 1. Bife, geralmente arredondado, de carne picada. 2. Sanduíche com esse bife. Plural: hambúrgueres.	verbeta inexistente
<i>Houaiss</i> (2001)	substantivo masculino Rubrica: alimentação. 1 bife ger. de forma redonda, aglomerado com carne moída e outros elementos, que costuma ser servido dentro de um pão também redondo; bife à alemã, bife de carne moída ou picada, hamburguesa 2 o sanduíche deste bife Etimologia ing. <i>hamburger</i> (1884) ‘id.’ <al. <i>Hamburger</i> , do top. al. <i>Hamburg</i> ; adp. ao port. tb. como <i>hamburgo</i>	verbeta inexistente cf. hamburguesa substantivo feminino Rubrica: alimentação. Regionalismo: Brasil. m.q. <i>hambúrguer</i> (‘bife’)

Academia (2001)	(...) <i>s. m.</i> (Do ingl. <i>hamburger</i>). Bife de carne picada, de forma arredondada, servido num pão redondo, ou no prato (...) Pl. hambúrgueres. cf. hamburger (...) <i>s. m.</i> (Ingl.). V. <i>hambúrguer</i> .	verbeta inexistente
Porto Editora (1998)	<i>s. m.</i> bife de carne picada de forma arredondada, geralmente servido no pão, ou, como na França, servido no prato e acompanhado de um ovo estrelado. (Do ingl. <i>hamburger</i> , «id.», abrev. da expressão <i>hamburger steak</i> , «bife à moda de Hamburgo»)	verbeta inexistente
Machado (1991)	verbeta inexistente	verbeta inexistente
Cândido de Figueiredo (1986)	verbeta inexistente	verbeta inexistente
Aurélio (1986)	[Do ingl. <i>hamburger</i>] <i>S. m.</i> Carne passada na máquina, temperada com cebola, salsa, mostarda, etc. e ligada com ovo, formando massa a que se dá forma arredondada e que se leva a fritar como bife (1); hamburgo, hamburguesa. [Pl.: <i>hambúrgueres</i> .] cf. hamburgo [Do ingl. <i>hamburger</i>] <i>S. m.</i> V. <i>hambúrguer</i> .	cf. hamburguesa [Fem. substantivado do adj. <i>hamburguês</i>] <i>S. m. Bras.</i> V. <i>hambúrguer</i> .

É “quotidiano” ou “cotidiano”? Porquê?

Há quem não goste de rotinas, enquanto outras pessoas as apreciam. Eu sou uma destas últimas porque prefiro o equilíbrio, motivado pela planificação, aos imprevistos desestabilizadores do acaso. Embora goste de saber com o que contar, isso não significa que queira ter tudo, constantemente, pré-definido. Fugir ao estabelecido ajuda-me, pontualmente, a manter a vivacidade diária. Por norma, com organização, fixo um dia destinado ao cinema, outro aos passeios, outro, ainda, às compras, etc. Sei, de antemão, o que fazer em cada dia da semana. Mesmo assim, se tudo fosse tão previsível, não haveria necessidade de agenda e, feliz ou infelizmente, este auxiliar de memória é-me imprescindível. Para este ano, decidi usar uma agenda digital, a fim de evitar os rascunhos no papel, com as alterações que vão surgindo. Estando a experiência a decorrer naturalmente, é bem provável que a repita no próximo ano. Com regularidade, preciso de ver o que fui marcando, além daquilo que está definido. Por vezes, são mais os afazeres ocasionais do que os programados. De vez em quando, e por mais que organize, todo o meu dia é alterado ou, então, algo que tinha pensado é, inesperadamente, substituído ou cancelado.

Foi assim na semana passada com o cinema, não relativamente ao dia, mas ao filme em si. Tinha bilhete comprado para *POMPEIA*, quando surgiu, na altura de entrar na sala, a possibilidade de trocar de filme. Acabei por ver *THE MONUMENTS MEN – CAÇADORES DE TESOUROS*. A hesitação não foi longa e aderi à sugestão. Este filme tem um tema geral bastante interessante: a importância cultural. Até que ponto vale a pena dar a vida para preservar obras de arte? Uma escultura da autoria de Miguel Ângelo é mais valiosa do que a vida de um soldado? Durante a II Guerra Mundial, Hitler quis construir um museu, reagrupando obras-primas que os seus soldados iam, literalmente, roubando pelos países que invadiam. Um ambiente de conflito altera por completo o quotidiano das pessoas e as rotinas em tempos de guerra são praticamente impossíveis. A propósito, escreve-se “quotidiano”, com “qu”, ou “cotidiano”, com “c”? Pensar sobre tudo, incluindo usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Ortografia e da Lexicografia, além de radicar numa diferença substancial entre o Português Europeu e o Português do Brasil. Todos sabemos que as escritas das línguas com séculos de história vão perdendo, com o tempo, o cariz fonético

que, porventura, tiveram na origem. Em muitas, vai prevalecendo a vertente etimológica. Para o português, isso é flagrante, embora, com frequência, haja quem tenda para o lado fonético, que comporta inúmeras “armadilhas”. Aponto, apenas, três, embora pudesse destacar mais: 1) a pronúncia muda praticamente de falante para falante, assim como geograficamente; 2) não é nada fácil determinar qual é a pronúncia padrão para uma língua nacional e 3) se o sistema ortográfico seguisse uma escrita fonética, deveria haver apenas um grafema para um fonema, o que não acontece em praticamente nenhuma língua. Se alguém quiser simplificar a ortografia portuguesa, adequando-a à fonia, terá um trabalho incomensurável e infundável porque a pronúncia vai variando ao longo dos tempos, sendo extremamente instável. Portanto, quando me dizem que o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990* (AO de 1990) veio simplificar a escrita, sei bem que as pessoas estão completamente enganadas. Não faz nada disso, o que é notório com vocábulos como “sector”/ “setor” e “caracterização”/ “caraterização”, entre inúmeros outros. A ideia da “dupla grafia” para acompanhar as diversas pronúncias complicou a escrita, em vez de a simplificar. Apenas não vê quem não quer ver. A dimensão deste problema é incalculável e vai trazer complicações que serão difíceis de resolver. Estes últimos exemplos e o caso de “quotidiano”/ “cotidiano” centram-se na representação do fonema /k/ e nas opções distintas que se vão fazendo. No Brasil, parecem preferir “c” (“cotidiano”) e, em Portugal, a opção vai para “qu” (“quotidiano”). Contudo, a confusão instalou-se. Tanto num lado, como no outro, haverá falantes que escreverão de uma forma e de outra. Não refiro, explicitamente, os restantes países de língua oficial portuguesa, mas creio que o cenário será idêntico. A Ortografia não fica a ganhar com a multiplicidade de casos semelhantes e o AO de 1990 não os resolveu. Pelo contrário, piorou o problema. Que opção gráfica seguirão os dicionários?

Das sete obras do tira-dúvidas, apenas o MACHADO e o dicionário da PORTO EDITORA não têm verbete para “cotidiano”. De entre os restantes, a diferença entre as obras concebidas no Brasil e em Portugal é evidente. Enquanto no AURÉLIO e no HOUAISS a definição é maior em “cotidiano”, nos outros (FIGUEIREDO, ACADEMIA e PRIBERAM), é em “quotidiano” que isso acontece. A mim, não me parece possível que se diga, como no dicionário da PRIBERAM, que “quotidiano” e “cotidiano” são sinónimos, já que, aparentemente, são apenas dois significantes, duas variantes ortográficas, para o mesmo significado, como acontece com os casos de dupla grafia nascidos com o AO de 1990. Porém, há aqui um pormenor histórico, ou melhor, etimológico, que seria importante verificar. O HOUAISS indica os dois significantes como possuindo etimologias latinas diferentes e esta ideia é seguida pelo dicionário da PRIBERAM. Até que ponto, o significante com “c” é anterior ou posterior ao que tem “qu”? Teriam, na origem, significados distintos? Seria interessante verificar estes pormenores, a fim de saber,

nomeadamente, qual é o mais antigo. A pesquisa fica em aberto para quem a desejar empreender.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão é preferível escrever “**quotidiano**” com “qu”? Porquê? É porque, em Portugal, é essa a tradição e a primeira opção dos dicionários portugueses. Nada impede que, no Brasil, a escolha seja com “c”. Contudo, o ideal é não alternarmos as duas grafias, num mesmo texto. Isso só vem complicar o que, já de si, não é fácil. Como “quotidiano” e “cotidiano” significam o mesmo, não faz qualquer sentido que existam ambas as grafias. Quem quiser verdadeiramente simplificar a escrita ortográfica da língua portuguesa (e eu não tenho nada contra uma revisão ortográfica de fundo) deverá começar por unificar as opções luso-brasileiras (e as de outras proveniências, claro). Desta maneira, haveria apenas uma (única) grafia para um vocábulo. Até que ponto isso é possível? Creio que será tão difícil como eu conseguir ter um quotidiano completamente pré-definido. Os imprevistos multiplicam-se.

Tira-dúvidas

Dicionários	quotidiano	cotidiano
<i>Priberam “em linha”</i> (2008-2013), última consulta feita dia 10-03- -2014	quo·ti·di·a·no (latim <i>quotidianus, -a, -um</i>) <i>adjetivo</i> 1. De todos os dias; que acontece diariamente. = DIÁRIO 2. Que é muito comum ou banal. <i>substantivo masculino</i> 3. Conjunto das ações praticadas todos os dias e que constituem uma rotina. = DIA-A-DIA 4. O que acontece todos os dias. Sinónimo Geral: COTIDIANO	co·ti·di·a·no (latim <i>cottidianus, -a, -um</i>) <i>adjetivo e substantivo masculino</i> O mesmo que quotidiano .
<i>Houaiss</i> (2001)	adjetivo e substantivo masculino m.q. cotidiano	adjetivo 1 que acontece diariamente; que é comum a todos os dias; diário 2 Derivação: por extensão de sentido. que é comum; banal 3 que aparece ou se publica diariamente (diz-se de publicação) Ex.: jornal

		c. substantivo masculino 4 o que se passa todos os dias; o que é comum 5 conjunto de ações, ger. pequenas, realizadas por alguém todos os dias de modo sucessivo e contínuo; dia-a-dia Ex.: seu c. era agitado em função dos filhos
Academia (2001)	quotidiano ¹ , a , cotidiano , a (Bras.) (...). <i>adj.</i> (Do lat. <i>quotidianus</i>). 1. Que é próprio de cada dia; de todos os dias. = DIÁRIO (...). quotidiano ² , cotidiano (Bras.) (...). <i>s. m.</i> (Do lat. <i>quotidianus</i>). 1. O que se faz ou acontece todos os dias; rotina diária. = DIA-A-DIA. (...). 2. Jornal que se publica todos os dias. (...).	cotidiano ¹ , a <i>adj.</i> V. <i>quotidiano</i> ¹ . cotidiano ² <i>s. m.</i> V. <i>quotidiano</i> ² .
Porto Editora (1998)	<i>adj.</i> de todos os dias; diário; que sucede habitualmente. (Do lat. <i>quotidianu-</i> , «id.»)	verbeta inexistente
Machado (1991)	<i>adj.</i> Que se faz todos os dias, diário. // Que aparece todos os dias. // <i>S. m.</i> O que é de todos os dias, o que sucede todos os dias. // Jornal que se publica todos os dias, diário.	verbeta inexistente
Cândido de Figueiredo (1986)	<i>adj.</i> Que sucede diariamente [sic] ou que se faz todos os dias; que sucede ou se pratica habitualmente. V <i>cotidiano</i> . (Do lat. <i>quotidie</i>).	<i>adj.</i> O mesmo que <i>quotidiano</i> .
Aurélio (1986)	[Do lat. <i>quotidianu</i> .] <i>Adj.</i> Cotidiano. (...).	[Do lat. <i>quotidianu</i> , var. de <i>quotidiano</i> .] <i>Adj.</i> 1. De todos os dias; diário (...). <i>S. m.</i> 5. Aquilo que se faz ou ocorre todos os dias. 6. O que sucede ou se pratica habitualmente.

É “catorze” ou “quatorze”? Porquê?

Ultimamente, os números têm reinado nas notícias e no nosso quotidiano. Andamos a fazer contas para viver com dignidade, enquanto ouvimos falar de milhões como se fossem tostões. Tudo é reduzido a percentagens, sendo quantificado. Podem, os números, dar conta da complexidade de uma determinada realidade? Quanto a mim, podem, mas, servindo-se unicamente deles, não a descrevem na perfeição. Ensinar Português a estrangeiros passa, também, por familiarizar os estudantes com o nome dos números. Sabem manejá-los em diversas operações, mas, se não forem capazes de os dizer, numa situação concreta, complicar-se-á a comunicação. Aprender a contar do zero ao milhão requer uma destreza articulatória muito grande. As aulas tornam-se hilariantes com as sucessivas tentativas para pronunciarem, devidamente, os números. Se ser capaz de contar em voz alta é uma façanha, escrever por extenso os algarismos é outra bem distinta. Numa das contagens realizadas, lembrei-me de uma colega portuguesa que optava por escrever “quatorze” para o algarismo 14. Volta, aqui, a questão de representar, a nível gráfico, o fonema /k/. Na língua portuguesa, este número cardinal começa com “qu-” ou com “c-”? Escreve-se “quatorze” ou “catorze”? Serão aceitáveis as duas grafias? Pensar sobre tudo, incluindo usos linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Ortografia, da Fonética, da Lexicografia e das escolhas divergentes de Portugal e do Brasil. É mais um exemplo que revela as diferenças ortográficas causadas pelas opções linguísticas destes dois países. Haverá alguma razão para que esta tendência se acentue? Não, no meu entender, não há. O português, como língua transnacional que é, deveria ter uma, e apenas uma, norma ortográfica, mesmo tendo várias pronúncias. Para chegar à uniformização ortográfica, seria indispensável resolver todos estes casos divergentes, que, por insignificâncias (muitas vezes, extralinguísticas) se vão acentuando. Em vez de criarem laços e consensos, aumentam o fosso e o afastamento. As diferenças gráficas (evitáveis porque escritas e convencionais) motivam a confusão ortográfica, tanto no Brasil, como em Portugal ou em qualquer outro país de língua portuguesa. Cada parte procura as suas razões e não converge para o entendimento. Relativamente à grafia de 14, olhando com distanciamento para a questão, seria indiferente empregar “qu-” (a opção etimológica) ou “c-” (uma simplificação gráfica adequada à pronúncia)? Por

que motivo não há consenso entre a grafia brasileira (quatorze) e a portuguesa (catorze)? É devido à pronúncia. Acontece assim porque “ca-”, em início de vocábulo, não corresponde a “qua-”. É fácil verificar que, em “qua-”, o “u” é articulado, como em “quatro”, “quarenta”, “quatrocentos”, “quarto”, “quadro”, “quase”, “qual”, “qualquer”, “qualificar” ou “qualidade”. Portanto, terá sido a dicção da minha colega a motivar a escrita de 14 como “quatorze”. Não me recordo de nenhum exemplo com “qua-” em que o “u” não seja articulado. Assim sendo, e por coerência, qual é a necessidade de escrever “quatorze”, mesmo se corresponde à grafia etimológica, se “ca-” e “qua-” não são equivalentes, neste contexto? Como será que os dicionários do tira-dúvidas resolvem este assunto? Registrarão “catorze” e “quatorze” como variantes equivalentes? Haverá alguma divergência entre os dicionários portugueses e os brasileiros?

As sete obras do tira-dúvidas têm as duas entradas. O MACHADO é o único a acentuar a divergência entre Portugal e o Brasil, aparecendo referida, pontualmente, no dicionário da PORTO EDITORA e no da ACADEMIA. Curiosamente, o AURÉLIO e o HOUAISS, as duas referências brasileiras, não dão a mesma visão do assunto. O primeiro prefere “quatorze”, enquanto o segundo opta por “catorze”. Verifica-se isso nas entradas onde ocorrem as definições mais longas. Assim, embora não o expresse de modo explícito, o HOUAISS sabe que há uma razão para escrever “catorze”, em vez de “quatorze”, o “u” deixou de ser articulado. No entanto, a solução encontrada pelos dicionaristas é dar conta da dupla grafia (portuguesa/ brasileira), escolhendo ou uma ou outra para dar a definição. É a solução mais fácil e a que parece não ferir ninguém, mas ajudará a uniformizar a ortografia? É evidente que não. Além disso, confunde os falantes de língua portuguesa, sejam eles de onde forem, porque, em princípio, também escrevem.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão, estando as duas grafias registadas nos dicionários, devemos escrever “**catorze**”, embora a grafia etimológica seja a iniciada por “qua-”? Porquê? É porque, em início de palavra (e de sílaba: “enquadrar”, “inqualificável”, etc.), se convencionou grafar “ca-”, quando o “u” deixou de ser articulado. Posso dizer aos alunos estrangeiros que há as duas possibilidades para dizer e escrever 14. Contudo, quando estiverem a contar, não vão empregar ambas e eu dou-lhes a minha maneira de dizer. Posso fazer de outro modo? Terei necessidade de o fazer? Não, não tenho. Saber contar é fundamental e conseguir manejar os números é imprescindível. Temos mesmo de deitar contas à vida, enquanto ex-banqueiros contornam as regras para não pagarem milhões por ilegalidades cometidas. Os números não são tudo, mas representam muito.

Tira-dúvidas

Dicionários	catorze	quatorze
<p>Priberam “em linha” (2008-2013)</p>	<p>ca·tor·ze [ô] (latim <i>quattuordecim</i>) <i>adjectivo de dois géneros plural e numeral cardinal</i> 1. Dez mais quatro. <i>substantivo masculino</i> 2. O número 14. <i>adjectivo de dois géneros e substantivo de dois géneros</i> 3. Que ou o que ocupa o décimo quarto lugar numa série.</p> <p>Sinónimo Geral: QUATORZE</p>	<p>qua·tor·ze (latim <i>quattuordecim</i>) <i>adjectivo de dois géneros plural, numeral cardinal, adjectivo de dois géneros e substantivo de dois géneros</i> O mesmo que <i>catorze</i>.</p>
<p>Houaiss (2001)</p>	<p>numeral 1 cardinal (substantivo masculino) treze mais um; o número cardinal logo acima de 13 2 cardinal (apositivo) diz-se desse número Ex.: ofício número c. 3 cardinal (apositivo) diz-se do décimo quarto elemento de uma série Ex.: <capítulo c.> <dia c.> 4 cardinal (adjetivo de dois gêneros) que equivale a essa quantidade (diz-se de medida ou do que é contável) Ex.: <c. litros de refrigerante foi pouco para a criança> <terá um prazo de c. dias para se defender> substantivo masculino 5 representação gráfica desse número [Em algarismos arábicos, 14; em algarismos romanos, XIV.] etimologia lat. <i>quattuordecim</i> 'quatorze/catorze'; ver <i>quatr-</i></p>	<p>numeral e substantivo masculino m.q. <i>catorze</i></p>
<p>Academia (2001)</p>	<p>catorze¹ (...) <i>num. card.</i> (Do lat. <i>quattuordecim</i>). 1. Dez mais quatro (...). catorze² (...) <i>s. m.</i> (Do lat.</p>	<p>quatorze¹ (...) <i>num. card.</i> (Do lat. <i>quattuordecim</i>). <i>Bras.</i> O m. que <i>catorze</i>¹. quatorze² (...) <i>s. m.</i> (Do lat.</p>

	<i>quattuordecim</i>). 1. O número catorze (14, XIV). (...).	<i>quattuordecim</i>). <i>Bras.</i> O m. que catorze ² .
Porto Editora (1998)	<i>num. card.</i> dez mais quatro; duas vezes sete (Do lat. <i>quattuordecim</i> , «id.»)	<i>num. card.</i> [Bras.] catorze
Machado (1991)	catorze ¹ , <i>adj. num.</i> (do lat. <i>quattuordecim</i>). Diz-se do número cardinal igual a treze mais um ou duas vezes sete. // Décimo quarto. // <i>Obs.</i> No Brasil, geralmente <i>quatorze</i> . catorze ² , <i>s. m.</i> Algarismos representativos do número igual a duas vezes sete. // Aquele ou aquilo que numa série ocupa o décimo quarto lugar.	<i>nome numeral.</i> (do lat. <i>quattuordecim</i>). Grafia antiga de <i>catorze</i> , dez mais quatro ou treze mais um. // <i>Obs.</i> Quatorze é a grafia oficial no Brasil, segundo a Convenção Ortográfica Luso-Brasileira. Em Portugal é <i>catorze</i> .
Cândido de Figueiredo (1986)	<i>adj.</i> Diz-se do número cardinal formado de doze e mais dois ou de duas vezes sete. (Lat. <i>quatordecim</i>)	<i>adj.</i> O mesmo que catorze. (Lat. <i>quatordecim</i>)
Aurélio (1986)	<i>Num.</i> V. quatorze (...).	[Do lat. <i>quattuordecim</i> .] <i>Num.</i> 1. Cardinal dos conjuntos equivalentes a um conjunto de uma dezena de membros mais quatro membros (em algarismos arábicos, 14; em algarismos romanos, XIV). 2. Décimo quarto. <i>S. m.</i> 3. Algarismo representativo do número quatorze. 4. Aquele ou aquilo que ocupa o último lugar numa série de quatorze. [Var.: <i>catorze</i> .]

É “tinha pagado” ou “tinha pago”? Porquê?

Fui convidada para falar da língua portuguesa na Jornada das Línguas de uma Escola Básica e Secundária. O convite alegrou-me muito, já que, ao valorizarem as línguas estrangeiras, não se esqueciam da língua materna. Abordei três pontos de vista, relativamente ao assunto. Por um lado, enquanto docente, procuro o que está certo para o ensinar aos estudantes, levando-os à reflexão sobre a língua que falam desde a infância. Por outro, como linguista, quero compreender o funcionamento da nossa língua e interesse-me pelos usos dos falantes. Não me preocupo muito em ter em conta o certo e o errado porque pretendo descrever as possibilidades existentes, no sentido de entender as diferenças. Finalmente, porque me tornei cronista na imprensa, relato o que vou pensando sobre acontecimentos do quotidiano, desenvolvendo raciocínios acerca de fenómenos linguísticos. Procuro destrinçar os usos que herdámos das gerações anteriores dos que vamos criando ou alterando porque desconhecemos o que está estabelecido na Gramática. Como ia falar com adolescentes, alunos do 7.º ano e do 8.º, quis dar exemplos simples. Muitos dos casos exemplificativos já os tinha tratado nestas minhas reflexões. Para criar alguma dinâmica, pedi-lhes para responderem a um questionário, tendo que escolher entre duas frases em que apenas um elemento mudava. Desejo, enquanto linguista, aplicar o mesmo instrumento de medição a estudantes universitários, a fim de verificar se a variação é grande, entre os alunos dos dois níveis. Depois de responderem ao inquérito e de os recolher, fui dando as respostas para cada uma das possibilidades facultadas. Então, uma colega perguntou-me se se dizia “tinha pagado” ou “tinha pago”. Respondi-lhe que deveríamos dizer “tinha pagado”, se o verbo “pagar” tem dois participios passados. Pensar sobre tudo, incluindo usos linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Morfologia e dos usos linguísticos. Certos verbos têm um participio passado, seja ele regular (amar – amado, comer – comido, etc.) ou irregular (dizer – dito, fazer – feito, etc.). Outros possuem ambos (matar [morrer] – matado/ morto, imprimir – imprimido/ impresso, entregar – entregado/ entregue, etc.). Estes verbos podem ser classificados como “abundantes” (cf. a gramática de Celso Cunha e Lindley Cintra). O participio regular é o terminado em “-ado” (1.ª conjugação) ou “-ido” (2.ª e 3.ª conjugações). Por regra, sempre que haja dois participios passados, o regular é usado nos tempos compostos.

Quer isso dizer que vai antecedido do auxiliar “ter” (mais usado) ou de “haver” (menos usado). Se o verbo “pagar” tem dois participios passados, deve seguir-se o estabelecido. Emprega-se a forma regular com o auxiliar “ter”, enquanto “pago” ocorre com os restantes auxiliares: “ser”, “ficar”, “estar”, etc. Portanto, a construção esperada é “ter pagado”/“haver pagado” (*Tinha pagado o preço certo pelo produto.*), visto que “pago” deveria ocorrer, exclusivamente, com os outros auxiliares (*Foi pago o preço certo pelo produto.*). Porém, sucede que as pessoas substituem, de modo sistemático, “pagado” por “pago”. Este fenómeno tende a levar ao total desaparecimento de “pagado”, se não se utilizar. Aliás, Celso Cunha e Lindley Cintra afirmam que desapareceu “completamente” (cf. 11.^a ed. da gramática, p. 440, “sendo que a última [*pago*] substituiu completamente o antigo *pagado*”). A mim, não me parece que isso tenha sucedido porque o ouço a vários falantes. Porém, o caso da frequente substituição de “pagado” é um exemplo do efeito normalizador do uso linguístico na comunidade. Se alguns dizem assim, incluindo as elites (de que os professores fazem parte), pensando que está certo, os outros repetem o que não figurava na Gramática. Então, é necessário refazer a Gramática com os usos predominantes, mesmo se se trata de erros ou desvios linguísticos. Para “pagado” e “pago”, que revelarão os dicionários do tira-dúvidas?

Nas sete obras, procurei “pagado” e “pago”, com o intuito de obter informação suficiente. Alarguei a consulta a “pagar”, se não o fosse. Como o participio passado pode corresponder a um adjectivo, pensava encontrar em todas aquelas duas entradas. O dicionário da PORTO EDITORA e o da ACADEMIA não definem “pagado” e, na entrada de “pagar”, não há nenhuma menção ao participio passado. Pelo contrário, o da PRIBERAM, o FIGUEIREDO, o MACHADO, o AURÉLIO e o HOUAISS registam os dois vocábulos. Esta última obra não tem um verbete para “pagado”, mas menciona a forma em “pagar”. Comparando as referências, as várias definições divergem um pouco. Na primeira destas obras, “pagado” é apenas classificado. Na segunda, surge como um adjectivo sem qualquer ligação a “pagar”. Na terceira, “pagado” e “pago” são tidos como adjectivos. As duas últimas referências, as brasileiras, são as que apresentam a solução para o problema. Indicam que “pagado” é o participio passado regular de “pagar”, mas que está a cair em desuso.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão o participio passado regular de “pagar” é “pagado”? Porquê? É porque a Gramática assim o definiu, nos séculos passados, em função dos usos da comunidade linguística. O verbo “pagar” teve (e continua a ter) dois participios passados. Deveria, portanto, dizer-se “ter pagado”, enquanto o participio irregular se empregaria com os outros auxiliares

(ser pago). Contudo, como os usos vão alterando o que está estabelecido (e considerado certo), normalizando realizações linguísticas gramaticalmente erradas, ganhou força “ter pago”. Uma língua viva vai evoluindo assim. O que é errado hoje, amanhã, pode ser certíssimo. Em dias primaveris de Poesia, apetece-me repetir os versos de Luís de Camões “Mudam-se os tempos; mudam-se as vontades/ (...) Todo o mundo é composto de mudança”. Nesta constante vivacidade das línguas (materna e estrangeiras), que deverá um professor ensinar aos alunos, nomeadamente aos de 3.º Ciclo do Ensino Básico? No meu entender, deve explicar-lhes a situação como ela é e levá-los a pensar na língua que usam durante todo o dia e que utilizarão ao longo de todos os dias da vida.

Tira-dúvidas

Dicionários	(ter) pagado	(ter) pago
Priberam “em linha” (2008-2013)	masc. sing. part. pass. de <u>pagar</u>	pago <i>adj.</i> pago <i>s. m.</i> pago <i>s. m.</i> 1.ª pess. sing. pres. ind. de <u>pagar</u> masc. sing. part. pass. de <u>pagar</u> pa·go ¹ (particípio de <i>pagar</i>) <i>adjectivo</i> 1. Que se pagou. 2. Entregue para pagamento. = SATISFEITO 3. Que recebeu pagamento. 4. Vingado, desforrado. (...).
Houaiss (2001)	verbeta inexistente pagar verbo transitivo direto, transitivo indireto e bitransitivo 1 dar remuneração a; gratificar, recompensar Ex.: <paga-o regimento> <o patrão paga por hora trabalhada> <a fábrica pagou os salários aos empregados> (...) o part. <i>pagado</i> , pelo menos no Brasil, vem caindo em desuso, superado por <i>pago</i> : <i>ser pago</i> , <i>tinha pago</i>	adjetivo 1 que se pagou; cujo pagamento foi efetuado Ex.: prestação p. 2 que recebeu pagamento; remunerado Ex.: colaborador p. 3 dado em pagamento Ex.: total p. 4 cuja ofensa foi reparada; desforrado, vingado part. irreg. de <i>pagar</i>

<i>Academia</i> (2001)	verbeta inexistente	pago², a (...) <i>adj.</i> [Do part. pas. do v. <i>pagar</i>] 1. Que recebe uma quantia, uma remuneração, para executar um trabalho (...).
<i>Porto Editora</i> (1998)	verbeta inexistente	pago¹ <i>adj.</i> entregue para pagamento; que recebeu paga; remunerado; recompensado; liquidado (débito); [fig.] vingado; desforrado; ressarcido (Part. pass. de <i>pagar</i>)
<i>Machado</i> (1991)	<i>adj.</i> Que se pagou, pago. // <i>fig.</i> Que recebeu recompensa, premiado, remunerado. // <i>Fig.</i> Satisfeito, contente, alegre. // <i>Fig.</i> Sossegado; pacífico, pacato.	pago¹ <i>adj.</i> Que se pagou; que foi entregue para pagamento. // <i>fig.</i> Que se vingou, que tirou desforra. // (...).
<i>Cândido de Figueiredo</i> (1986)	verbeta inexistente pagado <i>Adj. Ant.</i> Sossegado; pacífico. (Cp. <i>pacato</i>).	pago¹ <i>adj.</i> Entregue para pagamento (...).
<i>Aurélio</i> (1986)	verbeta inexistente pagar [Do lat. <i>pacare</i> .] <i>V. t. d. 1.</i> Satisfazer (dívida, encargo, etc.) (...) [Conjug.: v. largar. Part.: <i>pagado</i> (p. us.) e <i>pago</i> .] (...).	pago³ [Part. de <i>pagar</i> ; f. contrata de <i>pagado</i> .] <i>Adj. 1.</i> Entregue para pagamento (...).

É “encarregado” ou “encarregue”? Porquê?

Houve quem me perguntasse se podemos dizer “encarregue”. Uma colega colocava-me a questão porque não tinha encontrado este vocábulo numa pesquisa que empreendera, mas, como muitas pessoas o dizem, ficava sem saber. Adiantou-me que, como as obras de referência não o consideravam, se deveria empregar apenas “encarregado”. É mais um caso relacionado com o particípio passado. Terá “encarregar” um particípio passado ou dois? Como nunca tinha pensado no assunto, respondi que deveríamos procurar mais informação para resolver esta questão. Entretanto, nesses dias, folhee a revista *SÁBADO* (n.º 516 – de 20 a 26 de Março de 2014), cuja capa continua sementes e devia, portanto, ser plantada. Uma ideia criativa e original para festejar a Primavera! Fui lendo os artigos que me interessavam, inclusive a parte da crónica de Alberto Gonçalves com o subtítulo “Um texto concluído em 2 decímetros e 17 minutos”. É, aí, referido o *HOUAISS*, devido à controversa expressão “espaço de tempo”, que tende a substituir “período”. Transcrevo um excerto que dá que pensar: “*A principal função dos dicionários é compilar tudo o que se diz, incluindo as asneiras. A principal função dos falantes é evitá-las.*”. Nunca tive uma opinião tão negativa dos dicionários, embora sempre os encarasse como instrumentos de trabalho imperfeitos. Serão os usos “asneiras”? É certo que alguns resultam de erros, gralhas e desvios. Quando estudamos a história de muitos vocábulos consensuais no século XXI, compreendemos que resultam de deturpações e, portanto, de erros. Se os fossemos excluir dos dicionários da língua portuguesa, poucos sobriariam. Deverão todos os usos linguísticos figurar nos dicionários? É uma questão que os lexicógrafos colocam e que não vou abordar aqui. Porém, interessa-me saber se isso sucederá com “encarregue”. Pensar sobre tudo, incluindo usos linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Morfologia. Terá o verbo “encarregar” dois particípios passados? Parece tê-los, já que se empregam. Se assim for, “encarregado” acompanhará os auxiliares “ter” e “haver” (*Tinha encarregado o Paulo de comprar pão. / Havia encarregado o Paulo de comprar pão.*) e “encarregue” os restantes auxiliares (*Está encarregue de organizar a festa, anualmente.*). Não me choca o uso de “encarregue”. Estarei eu de tal modo familiarizada com este vocábulo que não seja capaz de prescindir dele? É provável. Contudo, há mais uma razão para eu considerar válida a existência de “encarregue”. É porque “encarre-

gado” também integra a classe dos substantivos (masculino: *Precisamos de um encarregado para controlar a obra.* / feminino: *Precisamos de uma encarregada para controlar a obra.*). Como será que os dicionários do tira-dúvidas resolvem este assunto? Registrarão ambos os vocábulos ou apenas um deles? Haverá alguma divergência entre os dicionários portugueses e os brasileiros?

Nem todas as sete obras do tira-dúvidas possuem as duas entradas, mesmo se a maioria as atesta. O AURÉLIO, o FIGUEIREDO, o MACHADO, o HOUAISS e o dicionário da PRIBERAM têm-nas. O dicionário da PORTO EDITORA e o da ACADEMIA registam apenas “encarregado”. Porém, este último, na definição, dá “encarregue” como sinónimo de “encarregado”, o que é, no mínimo, de estranhar, porque não regista o verbete. Este lapso (o da sinonímia) revela bem que “encarregue” se emprega. Todavia, como foi construído por analogia com “entregue”, resultando de um uso recente, não é recomendado. Seria oportuno saber de quando data o início do uso. Nenhum dicionário dá essa informação, nem o MACHADO, que evidencia este pormenor e desaconselha “encarregue”. Os dicionários brasileiros, o AURÉLIO e o HOUAISS, atestam a existência dos dois vocábulos, mas classificam “encarregue” como ocorrendo apenas em Portugal. O HOUAISS identifica-o mesmo como um “regionalismo”, embora esta etiqueta não corresponda à noção comum de “regionalismo”, por não remeter para “região”. Se é corrente em Portugal, não deixa de ser frequente em registos de diversos lusófonos, nomeadamente nos oriundos de vários países africanos. Portanto, dificilmente será um “regionalismo”, no sentido comum do termo. A referência da PRIBERAM considera “encarregue” como, por um lado, uma forma verbal da conjugação de “encarregar” e, por outro, um adjectivo. Não o classifica como particípio passado, procurando, decerto, resolver desta maneira o problema que subsiste.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão “encarregue” é um particípio passado e um adjectivo que pode ser usado? Porquê? É porque os falantes de português o criaram. É verdade que não acrescenta nada relativamente ao adjectivo e particípio passado “encarregado”. Logo, podemos considerá-lo desnecessário. Todavia, não creio que desaparecerá, uma vez que se generalizou. Neste caso, resulta de uma criação analógica e faz sentido que os dicionários a definam. Não me parece que seja uma “asneira” fazerem-no. Sucede com “encarregue” o contrário do que acontece com “pagado”. O uso daquele vai-se expandido, enquanto o deste tende a desaparecer. Os falantes de língua portuguesa decidirão se os vocábulos são, ou não, pertinentes. Neste pormenor, concordo com Alberto Gonçalves. Quem usa uma língua viva decide como dizer. Os dicionários são apenas um instrumento de trabalho que

deveria registrar os usos predominantes (e legitimados) numa determinada época. Concordo, também, com ele, quando defende que temos uma tendência para complicarmos a linguagem, preferindo vocábulos rebuscados (muitas vezes inadequados) aos mais comuns (e adequados). Provavelmente, será por isso que as línguas estão em constante mutação, com permanentes criações linguísticas. Será assim com as línguas e com a vida. Se não o fosse, a *SÁBADO* não teria a ideia de criar uma capa de revista com sementes para plantar, surpreendendo os leitores.

Tira-dúvidas

Dicionários	encarregado	encarregue
<i>Priberam “em linha”</i> (2008-2013)	<i>adj. adj. s. m. s. m.</i> masc. sing. part. pass. de <u>encarregar</u> en·car·re·ga·do (particípio passado de <i>encarregar</i>) <i>adjectivo</i> 1. Que se encarregou. <i>adjectivo e substantivo masculino</i> 2. Que ou quem tem um encargo, uma incumbência. <i>substantivo masculino</i> 3. Pessoa que dirige um trabalho ou uma exploração na ausência do patrão, do empreiteiro, do mestre, etc. 4. O mesmo que <i>encarregado de educação</i> . (...).	<i>adj. 2 g.</i> 1. ^a pess. sing. pres. conj. de <u>encarregar</u> masc. e fem. sing. part. pass. de <u>encarregar</u> 3. ^a pess. sing. imp. de <u>encarregar</u> 3. ^a pess. sing. pres. conj. de <u>encarregar</u> en·car·re·gue <i>adjectivo de dois géneros</i> Encarregado, que recebeu um encargo; incumbido.
<i>Houaiss</i> (2001)	adjetivo e substantivo masculino 1 que ou aquele a quem se atribuiu alguma tarefa, negócio, cargo etc. substantivo masculino 2 indivíduo incumbido de fiscalizar os operários em uma obra, substituindo o mestre-de-obra part. de <i>encarregar</i> ; ver <i>carr-</i>	adjetivo Regionalismo: Portugal. diz-se daquele que está incumbido de um cargo, tarefa ou negócio; encarregado part. de <i>encarregar</i> ; f. pref. em Portugal, cf. <i>encarregado</i> ; ver <i>carr-</i>
<i>Academia</i> (2001)	encarregado¹, a (...) s. (Do part. pas. do v. <i>encarregar</i>) 1 . Pessoa que tem a	verbeta inexistente

	<p>seu cargo a execução, vigilância, supervisão ou acompanhamento de alguma coisa. = CHEFE, ZELADOR. (...).</p> <p>encarregado², a (...)</p> <p><i>adj.</i> (Do part. pas. do v. <i>encarregar</i>) 1. Que se encarregou. 2. Que tem sobre si algum encargo ou incumbência. = ENCARREGUE (...).</p>	
Porto Editora (1998)	<p>A <i>s. m.</i> pessoa que dirige um serviço ou exploração, na ausência do patrão; fiscal dos operários numa obra</p> <p>B <i>adj.</i> que tem algum encargo; incumbido; (...) (Part. pass. de <i>encarregar</i>)</p>	verbetes inexistente
Machado (1991)	<p>encarregado¹</p> <p><i>s. m.</i> Pessoa que dirige um serviço ou exploração na ausência do patrão. // Fiscal dos operários numa obra.</p> <p>encarregado²</p> <p><i>adj.</i> Que tem algum encargo.</p>	<p><i>adj. 2 gén.</i> (de <i>encarregar</i>). Que recebeu um encargo; encarregado, incumbido. // <i>Obs.</i> Este particípio deve-se à analogia com <i>entregue, aceite</i>, etc. Devemos preferir <i>encarregado</i>.</p>
Cândido de Figueiredo (1986)	<p><i>m.</i> Aquele que está incumbido de um serviço ou negócio. (De <i>encarregar</i>).</p>	<p><i>adj. P. us.</i> Que recebeu um encargo. (De <i>encarregar</i>).</p>
Aurélio (1986)	<p>[Part. de <i>encarregar</i>]</p> <p><i>Adj. 1.</i> Que está incumbido de qualquer cargo [Sin.; lus.: encarregue]</p> <p><i>S. m. 2.</i> Aquele que está incumbido de qualquer serviço ou negócio. 3. Indivíduo que tem o cargo de vigiar os operários numa obra em substituição ao mestre-de-obras (...).</p>	<p>[Part. de <i>encarregar</i>] <i>Adj. 2 g.</i> Lus. Encarregado.</p>

É “controle”, “controle” ou “control”? Porquê?

A tecnologia facilita ou complica a vida? Considero que a simplifica. Porém, às vezes, complica tudo. Há dias, estava ao telefone (fixo, mas móvel porque sem fios), quando tocou um dos telemóveis. A campainha da porta deu sinal que estava alguém do lado de fora e o computador indicava que tinha um familiar à espera no Skype. Tive de reagir rapidamente. Acabei com a conversa que estava a ter pelo telefone fixo. Fui abrir a porta para saber quem era e o que queria. Retribuí a chamada do telemóvel e, por fim, dei sinal de vida a quem me ligava pelo Skype. Às vezes, ainda é pior! Com todos estes meios de comunicação, perde-se um pouco a tranquilidade. Controlamo-nos todos uns aos outros. Esta sensação não tem nada a ver com aquela da espionagem que organismos nacionais e internacionais fazem de forma secreta e que têm sido denunciadas. É mais um sentimento de interrogatório constante. Onde estás? Que estás a fazer? Para onde vais? Quando só havia um telefone (fixo, sem dar qualquer possibilidade de movimentação) parecia tudo mais fácil e menos esgotante. A sensação de ser controlada também não existia. A propósito de “controlar”, colocaram-me uma questão. Para o substantivo, diz-se “controle”, “controle” ou “control”? Eu uso o verbo “controlar”, mas não me lembro de empregar o substantivo. Todavia, a questão é pertinente. Pensar sobre tudo, incluindo usos linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Morfologia, da Etimologia, da Lexicologia e da Lexicografia. Pensando automaticamente uns segundos, a resposta quase imediata que me ocorreu e que dei foi que o termo vem do francês (“contrôle”) e que, portanto, se escreveria com “e” final. A possibilidade terminada em “l” não seria válida em português e a que acabava em “o” deveria ser a variante aporuguesada. Senti que era importante verificar se a minha resposta não fora precipitada. Como, habitualmente, não emprego este substantivo, nunca tinha pensado sobre a sua ortografia, mas os lexicógrafos já deveriam ter colocado esta questão. É preferível escrever com “e” ou com “o”? Por que razão a vogal final será, aí, problemática? Como será que os dicionários do tira-dúvidas resolvem este assunto? Registrarão as três possibilidades? Surgirão apenas as finalizadas em vogal? Haverá alguma divergência entre os dicionários portugueses e os brasileiros?

Em nenhuma das sete obras do tira-dúvidas existe “control”. Portanto, esta possibilidade está excluída. O FIGUEIREDO não regista nenhuma das

três grafias. O MACHADO considera válida apenas “controlo”, embora não a aconselhe por ser um galicismo. Com o AURÉLIO é, exactamente, o contrário, tendo só “controle”. O dicionário da PORTO EDITORA e o da ACADEMIA dão conta da existência das duas, considerando-as variantes. Todavia, porque optam por incluir a definição em “controlo”, indicam preferir esta à outra, finalizada com “e”. Ora, sucede o contrário com o HOUAISS. O dicionário da PRIBERAM dá a mesma definição para as duas ortografias, considerando-as “sinónimos”, inadequadamente, quanto a mim, porque não passam de variantes gráficas. É o mesmo vocábulo, mas tem duas grafias. O caso de “controle” e “controlo”, sendo insignificante, torna-se complicado pela divergência de opiniões dos dicionaristas. É, por isso, que aconselho a consulta de dois ou mais dicionários, quando tivermos dúvidas. Ao abrir apenas um, corremos o risco de pensar que, aí, está a “verdade” toda e, afinal, corresponde unicamente a parte dela. Neste caso, eu concordo com a opção do “e” final porque remete, imediatamente, para o vocábulo francês.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão, “controle” é a ortografia a seguir para quem quiser utilizar este termo? Porquê? É porque o “e” final corresponde à grafia francesa, a origem deste vocábulo, e porque, em português, também há muitos terminados com esta vogal (“implante”, “dente”, “estudante”, “se”, “lhe”, “livre”, “liberdade”, “mole”, etc.). Quem preferir não usar este galicismo que empregue um sinónimo. A mim, não me perturba. Se fôssemos evitar os galicismos, os anglicismos e outros empréstimos linguísticos, perderíamos muito léxico. Aliás, todas as línguas recorrem a este modo de enriquecimento lexical, inclusive o francês e o inglês. É sabido que uma língua falada vai vivendo ao sabor das necessidades e eu imagino mal como se pode substituir “torre de controle” ou “controle remoto”, no século XXI. Estamos, de novo, no âmbito das tecnologias, que são uma área propícia aos estrangeirismos. Dificilmente podemos abdicar deles e, sem elas, comunicar à distância torna-se dispendioso, o que é problemático. Ainda bem que há quem crie tecnologias, mas, quanto a mim, deveria fazer parte da equipa criativa um linguista para ajudar a nomear a novidade. Cortavam-se, assim, alguns problemas linguísticos pela raiz.

Tira-dúvidas

Dicionários	controle	controllo	control
<p>Priberam “em linha” (2008-2013)</p>	<p>controle <i>s. m.</i> 1.ª pess. sing. pres. conj. de <u>controlar</u> 3.ª pess. sing. imp. de <u>controlar</u> 3.ª pess. sing. pres. conj. de <u>controlar</u> con·tro·le ô (francês <i>contrôle</i>) <i>substantivo masculino</i> 1. Vigilância, exame minucioso. 2. Inspeção, fiscalização, comprovação. 3. Lugar onde se faz a verificação de alguma coisa. 4. Domínio. 5. Acto de dirigir um serviço orientando-o do modo mais conveniente.</p> <p>Sinónimo Geral: CONTROLO</p>	<p>controllo <i>s. m.</i> 1.ª pess. sing. pres. ind. de <u>controlar</u></p> <p>con·tro·lo ô (francês <i>contrôle</i>) <i>substantivo masculino</i> 1. Vigilância, exame minucioso. 2. Inspeção, fiscalização, comprovação. 3. Lugar onde se faz a verificação de alguma coisa. 4. Domínio. 5. Acto de dirigir um serviço orientando-o do modo mais conveniente. Sinónimo Geral: CONTROLE Plural: controlos ô .</p>	<p>verbete inexistente</p>
<p>Houaiss (2001)</p>	<p>substantivo masculino ato ou efeito de controlar 1 monitoração, fiscalização ou exame minucioso, que obedece a determinadas expectativas, normas, convenções etc. (...). voc. consid. gal. pelos puristas, que sugeriram em seu lugar: <i>fiscalização, domínio, governo, superintendência, autodomínio, equilíbrio, chave, mostrador, botão, alavanca, verificação</i> fr. <i>contrôle</i> (1367 sob. a f. <i>contrerole</i>) ‘lista, rol,</p>	<p>substantivo masculino m.q. controlle</p>	<p>verbete inexistente</p>

	registro em duplicata, contralista?		
<i>Academia</i> (2001)	Cf. <i>controle</i>	controle, controle (...) <i>s. m.</i> (Do fr. <i>côntrole</i>). 1. Verificação de dados. de informações; averiguação sobre o cumprimento de certas normas. = FISCALIZAÇÃO, INSPECÇÃO (...).	verbeta inexistente
<i>Porto Editora</i> (1998)	<i>s. m.</i> -> controle	<i>s. m.</i> ação ou efeito de controlar; verificação; fiscalização; revisão (Do fr. <i>côntrole</i> , «verificação»)	verbeta inexistente
<i>Machado</i> (1991)	verbeta inexistente	(ô), <i>s. m.</i> (do fr. <i>côntrole</i>). Galicismo que se deve evitar em benefício de: <i>verificação, revisão, fiscalização.</i>	verbeta inexistente
<i>Cândido de Figueiredo</i> (1986)	verbeta inexistente	verbeta inexistente	verbeta inexistente
<i>Aurélio</i> (1986)	[Do fr. <i>contrôle</i>] <i>S. m.</i> 1. Ato ou poder de controlar; domínio, governo. 2. Fiscalização exercida sobre as atividades de pessoas, órgãos, departamentos, ou sobre produtos, etc., para que tais atividades, ou produtos, não se desviem das normas preestabelecidas. 3. Restr. Fiscalização financeira. (...). [Pl.: <i>controles</i> (ô). Cf. <i>controle e controles</i> , do v. <i>controlar</i>].	verbeta inexistente	verbeta inexistente

Para “cair”, escreve-se “eles caem” ou “eles caiem”? Porquê?

Para quem escreve (e não estou a falar unicamente dos escritores), é um exercício muito difícil reler um texto próprio para o corrigir. Se não ganharmos distanciamento suficiente, afastando-nos o mais possível do discurso gerado, será complexo alterar, ajustar, limar, isto é, trabalhar no sentido de aperfeiçoar o que escrevemos. A fim de ter uma visão crítica aguçada relativamente aos próprios textos, quanto a mim, é necessário lê-los como se fossem de outros e não nossos. Vemos sempre melhor os defeitos dos outros... O que complica tudo é que, aquando da leitura, as palavras fazem eco em nós e conhecemos de cor a sequência discursiva. Olhamos e não vemos as lacunas porque assumimos o todo, sem sermos capazes de descobrir as falhas da criatura textual. O melhor, então, é deixá-la repousar, como se faz na culinária. Experimento fazê-lo com estas minhas reflexões textuais.

Ao reler uma das últimas, encontrei a forma verbal “fôssemos” sem acento circunflexo. Inexplicavelmente, o revisor automático não deu qualquer sinal de problema. Não é que precise dele para me indicar falhas, mas deveria ajudar na revisão textual. Isto revela bem que não podemos confiar nos revisores automáticos. É problemático ter deixado escapar aquele acento gráfico? É! É-o porque representa uma marca da sílaba tónica dessa forma verbal esdrúxula do imperfeito do conjuntivo. Não significa que não saiba conjugar o verbo. Indica apenas que, sem querer, posso ter levado alguém a pensar que “fôssemos” se pode escrever sem acento circunflexo, o que não é verdade. É, portanto, uma gralha que corrijo para conjugar devidamente o verbo “ser” (e também “ir”). Tendo em conta os verbos, lembrei-me de “cair” porque, recentemente, num texto formal de outra pessoa, vi escrito “caiem”. A forma verbal certa é “caem” (eles caem). Então, por que razão há a tendência para adicionar “i” entre “a” e “em”? Pensar sobre tudo, incluindo usos linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Morfologia porque se refere à conjugação verbal. O verbo “cair” tem duas sílabas “ca/ ir” e esta última é a tónica. Se observarmos todas as pessoas dos tempos e modos da conjugação, verificaremos que a única que não se grafa com “i” é a terceira pessoa do plural do presente do indicativo (“eles caem”: *Os bebés caem*

muito, quando começam a andar.). Por que razão será e por que motivo há a tendência para escrever essa vogal? Creio que a inclinação para a colocar corresponde à de seguir o modelo estabelecido, ou seja, “cair” tem um “i” e seria esperado que todas as suas formas o mantivessem. Então, por que motivo não ocorre em “caem”? É complexo explicar porquê. Eu penso que é por uma razão fonética, já que “em” é um ditongo nasal igual ao que está presente em “mãe”. Logo, é constituído por uma vogal central e uma semi-vogal anterior ou palatal. Como “a” também é uma vogal central, seria, à partida, mais fácil articular esta com a seguinte. Porém, há quem prefira inserir aquele “i” de permeio para as distanciar, mas a Gramática não o considera. É importante, além disso, reter que “cair” não se pode confundir com “caiar”. Para este último verbo, ocorre a forma “caiem” no presente do conjuntivo (*Que eles caiem a casa! Está mesmo a precisar.*) e no imperativo afirmativo (*Caiem a casa! Está mesmo a precisar.*). Porém, muitas vezes, há verbos que têm as mesmas formas, como é o caso de “fôssemos” para “ser” e “ir”. Portanto, o problema não estará aqui. Que revelarão os dicionários do tira-dúvidas a propósito de “caem” (cair) e “caiem” (caiar)?

Um dicionário é, essencialmente, uma obra onde procuramos definições. Fará sentido querermos que ele dê a conjugação verbal? Para mim, faz todo o sentido porque, num dicionário, além da significação de um vocábulo, também procuramos a sua ortografia e, para isso, torna-se indispensável registar as formas verbais. Aliás, utilizo vários dicionários de línguas estrangeiras que apresentam os paradigmas verbais, ou na própria entrada do infinitivo ou no final. O que acontecerá com as sete obras do tira-dúvidas? Destas, apenas o dicionário da PRIBERAM e o HOUAISS têm as conjugações de “cair” e “caiar”. O AURÉLIO e o MACHADO dão, unicamente, a de “cair”. Portanto, a maioria desconsidera a conjugação dos verbos, que enunciam no infinitivo. É pena que assim seja e que a generalidade dos dicionários de português não apresente as conjugações verbais. Nos que as facultam, lá está “caem” (cair), mas nenhum deles avança uma explicação para a irregularidade, visto não haver “i” após o “a”. É certo que há dicionários de verbos especializados nas conjugações. No entanto, se a maioria da população não consulta dicionários gerais, como irá abrir dicionários específicos? Para acabar com a questão da falta de “i” em “eles caem”, fui buscar o *Dicionário de Verbos Portugueses* da Porto Editora. Não encontrei nenhuma explicação. Quanto a mim, todos os dicionários teriam a ganhar contemplando as conjugações verbais e avançando explicações para irregularidades. Ajudariam a resolver muitas dúvidas, inclusive quanto à ortografia de “caem”.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão a forma verbal da terceira pessoa do plural do presen-

te do indicativo de “cair” é “caem”? Porquê? É a que está gramaticalmente oficializada. Se está assim estabelecido, a forma com “i” é um erro. Se nos lembrarmos disso, escreveremos sempre “caem”. O mesmo se aplicará a “saem” (sair) e verbos semelhantes. Se os dicionários não explicam por que razão temos de escrever “caem”, devemos procurar a solução em gramáticas. Fica a proposta para quem quiser procurar. Entretanto, vou reler o meu texto para verificar se está tudo adequado ao que quero dizer. Sei, todavia, que não estou livre de errar...

Tira-dúvidas

Dicionários	caem (cair)	caiem (caiar)														
<i>Priberam “em linha”</i> (2008-2013)	3. ^a pess. pl. pres. ind. de <u>cair</u>	3. ^a pess. pl. pres. conj. de <u>caiar</u> 3. ^a pess. pl. imp. de <u>caiar</u>														
<i>Houaiss</i> (2001)	cair Conjugação verbal Presente do Indicativo eu caio tu cais ele cai nós caímos vós caís eles caem	caiar Conjugação verbal <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <thead> <tr> <th style="text-align: center;">Presente do Subjuntivo</th> <th style="text-align: center;">Imperativo Afirmativo</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>eu caie</td> <td>caia</td> </tr> <tr> <td>tu caies</td> <td>caie</td> </tr> <tr> <td>ele caie</td> <td>caíamos</td> </tr> <tr> <td>nós caíemos</td> <td>caiai</td> </tr> <tr> <td>vós caies</td> <td>caiem</td> </tr> <tr> <td>eles caiem</td> <td></td> </tr> </tbody> </table>	Presente do Subjuntivo	Imperativo Afirmativo	eu caie	caia	tu caies	caie	ele caie	caíamos	nós caíemos	caiai	vós caies	caiem	eles caiem	
Presente do Subjuntivo	Imperativo Afirmativo															
eu caie	caia															
tu caies	caie															
ele caie	caíamos															
nós caíemos	caiai															
vós caies	caiem															
eles caiem																
<i>Academia</i> (2001)	Não tem conjugação verbal.															
<i>Porto Editora</i> (1998)	Não tem conjugação verbal.															
<i>Machado</i> (1991)	(...) // <i>Obs.</i> Pres. ind.: <i>caio, cais, cai, caímos, caís, caem</i> (...).	Não tem conjugação verbal.														
<i>Cândido de Figueiredo</i> (1986)	Não tem conjugação verbal.															
<i>Aurélio</i> (1986)	(...) [Irreg. Pres. Ind.: <i>caio, cais, cai, caímos, caís, caem</i> (...)]	Não tem conjugação verbal.														

Serão “velar” e “zelar” sinónimos? Porquê?

Os feriados são excelentes oportunidades para quebrar a rotina porque permitem uma pausa nos trabalhos quotidianos. São, igualmente, momentos especiais de celebração por marcarem acontecimentos importantes na história de um povo. Ao representarem datas singulares a nível nacional, não se deveriam abolir, como aconteceu a alguns para, supostamente, sermos mais produtivos. Esta foi a ideia de alguns políticos. O 25 de Abril fez a belíssima idade de 40 anos, atingindo a maturidade e foi mantido como feriado. Ainda bem que se assinala e festeja a data! Porém, a crise dos 40 é terrível! Há algum tempo, ouvi uma intervenção de Miguel Real acerca do assunto. A opinião negativa deste pensador acerca do pós-revolução confirmou-me que os pontos de vista variam consoante o sítio de onde olhamos determinada realidade. No fundo, há quem pense que aquela foi uma revolução falhada, não se tendo conseguido uma sociedade mais justa e equitativa. Eu não perfilho essa visão. Opto pelo positivo, em vez de carregar na tecla do negativo. Portugal mudou muito em 40 anos, graças ao 25 de Abril. É certo que muito está por fazer e a regressão dos últimos anos revela o quanto podemos andar para trás, se não acautelarmos os direitos que foram conquistados. Mesmo se ainda há analfabetismo, ignorância, pobreza, miséria e injustiças sociais, conseguiu-se um clima de liberdade que não existia. Combateu-se a mortalidade infantil. Os cuidados de saúde melhoraram muito e tornaram-se mais acessíveis. A escolaridade passou a ser obrigatória até ao 12.º ano, o que, no meu entender, é valioso. As mulheres ganharam direitos que não tinham. Os factos positivos são inúmeros. Portanto, prefiro ver o que foi conseguido, mesmo se sei que muito está por fazer. Porém, temos de zelar pelos direitos alcançados. Se não o fizermos, arriscamo-nos a perder tudo, inclusive a liberdade. Será que podemos dizer “velar” em vez de “zelar”? Serão estes dois verbos sinónimos? Pensar sobre tudo, incluindo pormenores linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Etimologia, da Semântica, da Axiologia e da Lexicografia porque se refere à significação, aos valores e sentidos de vocábulos que têm origem latina. Quanto a mim, a sinonímia de “zelar” e “velar” deve-se, não à proximidade de significantes com a diferença do fonema inicial (/z/ ~ /v/), mas ao facto de o sentido original dos termos ter evoluído até chegar a um cruzamento. Perguntei a algumas pessoas conhecidas se os dois verbos seriam sinónimos. As respostas que

obtive foram negativas, já que para “zelar” surgia a ideia de “cuidar de algo ou alguém”, enquanto, para “velar”, o sentido se ligava, logo, a “velório”. Uma vez que as respostas não me satisfizeram, visto que, para mim, estes dois verbos são sinónimos parciais, decidi abordar o assunto. É claro que não têm, na totalidade, os mesmos sentidos e é por isso que digo que não são sinónimos integrais, mas parciais. Por exemplo, “zelar” não tem a acepção de “estar num velório” e “velar” não comporta a noção de “ciúme” presente em “zelar”. No entanto, apesar de parte da significação ser divergente, há um sentido que é comum a ambos e que resultará da evolução semântica de “velar”. Quem vela um morto está a cuidar do cadáver e a protegê-lo, nos momentos terrestres finais. O verbo “velar” ganhou, então, os semas “cuidar” e “proteger” que “zelar” foi, também, adquirindo. Assim sendo, têm em comum a ideia de “cuidar de” como nos seguintes exemplos: “Ele zela pelos nossos interesses.” – “Ele vela pelos nossos interesses.”, equivalendo os dois a “cuidar de” (Ele cuida dos nossos interesses.). Dos três, o verbo “cuidar” será mesmo o mais empregue, já que, no meu entender, é mais comum que “zelar” ou “velar”. Que revelarão os dicionários do tira-dúvidas a este propósito? Concorde comigo?

Nuns, regista-se a sinonímia parcial (cf. AURÉLIO e HOUAISS) e noutros isso não acontece (cf. FIGUEIREDO, MACHADO e o dicionário da ACADEMIA). Alguns dão conta dela apenas na definição de um dos verbos (cf. o dicionário da PORTO EDITORA e o da PRIBERAM). Nas referências dicionarísticas em que não se verifica, há, todavia, termos comuns, como é o caso da obra da ACADEMIA com “cuidar de” (ver os sublinhados adicionados). Considerando que os critérios da maioria destes dicionaristas tendem a ignorar a sinonímia, temos de ter alguma cautela ao defendê-la, mas é impossível ignorar a possibilidade. Os dicionários brasileiros são de grande ajuda porque a revelam. Os portugueses não o são, ignorando a sinonímia. Por que razão será assim? Eu creio que o facto de irem transcrevendo as informações uns dos outros não os auxiliou neste caso. Olhando para o FIGUEIREDO, verifica-se que as definições que dá para “zelar” e “velar” são retomadas pelos dicionários portugueses posteriores. Este processo de transposição de informação com alterações mínimas pode funcionar como uma desvantagem. Parece-me ser esse o caso.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão “zelar” e “velar” são sinónimos, quando significam “cuidar”? Porquê? É porque “zelar” tinha o sentido latino de “amar” e “velar” o de “vigiar” (“estar acordado a tomar conta”). Quando amamos e vigiamos, temos, forçosamente, de “cuidar” e “proteger”. Portanto, acabaram por ganhar um sentido comum, mesmo se têm muitos outros diferentes e se alguns dicionários não dão conta do sentido partilhado. Um dicionário é como uma pes-

soa; frequentemente, tem um ponto de vista próprio, esquecendo outros existentes. Parece-me ser o caso para “zelar” e “velar”. No dia 25 de Abril de 1974, começou a transição para um regime democrático e a construção de uma sociedade em que há liberdade, tanto de pensamento, como de expressão e de voto. Para a preservar, temos de ser cidadãos cada vez mais informados e responsáveis porque muito depende de nós. Acredito que as mudanças de mentalidade vão ocorrendo, paulatinamente, na vida quotidiana. Portanto, no próximo dia 25 de Abril, sendo feriado, aproveitarei a data para festejar interiormente. Não farei nada de especial nesse dia, mas não deixarei de pensar sobre o assunto, zelando, velando, pela liberdade, sobretudo a minha.

Tira-dúvidas

Dicionários	zelar	velar
<i>Priberam “em linha”</i> (2008-2013)	<i>verbo transitivo</i> 1. Ter zelo ou zelos de. 2. <u>Tratar com zelo, com cuidado</u> . 3. Administrar diligentemente. 4. Ter ciúmes (de alguém). <i>verbo intransitivo</i> 5. Ter zelos ou ciúmes. Confrontar: selar.	velar ¹ (latim <i>vigilo, -are</i>) <i>verbo transitivo</i> 1. Estar de vigia a, estar de guarda a, geralmente durante as horas habitualmente dadas ao sono. = VIGIAR 2. [Figurado] Proteger. 3. Proteger. 4. Não abandonar. 5. <u>Interessar-se com vigilante zelo</u> . 6. Exercer vigilância sobre. <i>verbo intransitivo</i> 7. Passar a noite ou parte dela sem dormir. 8. Fazer serão prolongado. 9. Conservar-se aceso (ex.: <i>uma luz velava</i>). 10. Estar sempre vigilante. 11. [Figurado] Conservar-se no constante exercício das suas funções. <i>verbo pronominal</i> 12. Vigiar-se, acautelar-se.
<i>Houaiss</i> (2001)	transitivo direto e transitivo indireto 1 ter zelo por; vigiar, proteger, tomar conta de (alguém ou algo) <u>com toda a atenção, cuidado e interesse</u> ; <u>velar</u> Ex.: <ainda tão jovem, a moça zelava a mãe e os irmãos> <o bondoso padre zelava pelos pobres da paróquia> transitivo direto e transitivo indireto 2 interessar-se por, administrar, defender ou tratar de (algo) com empenho, diligência, precisão; <u>velar</u> Ex.: <z. a honra e os bens da família> <um governante	velar ¹ transitivo direto 1 permanecer de vigia, de sentinela, de guarda; vigiar Ex.: alguns guardas circulavam, enquanto outros velavam o palácio (...) transitivo direto 4 permanecer acordado, ao pé de (alguém que dorme, que está enfermo, ou que está morto) Ex.: <a mãe vela o bebê adormecido> <uma enfermeira vela noite e dia o doente> <uma multidão veio v. o presidente assassinado> transitivo direto e transitivo indireto 5 <u>dispensar cuidados, proteção a;</u>

	deve z. pela dignidade da nação> (...).	tratar de, interessar-se, dedicar-se, <u>zelar</u> , proteger Ex.: <v. o bom nome da família> <o bondoso padre velava pelos pobres da paróquia> <v. pela moral da sociedade> (...).
Academia (2001)	(...) v. (Do lat. <i>zelare</i> ‘amar’). 1. Tomar conta de alguém ou alguma coisa com atenção, cuidado e interesse; tratar com zelo. = <u>CUIDAR DE</u> , <u>GUARDAR</u> , <u>VIGIAR</u> (...).	velar ⁴ (...) v. (Do lat. <i>vigilare</i> ‘estar acordado’). (...) 5. Agir no sentido de afastar dos perigos, de conduzir ao êxito ou ao sucesso, interessando-se muito e preocupando-se para que tudo corra bem. = <u>CUIDAR DE</u> , <u>OLHAR POR</u> , <u>PATROCINAR</u> , <u>PROTEGER</u> (...).
Porto Editora (1998)	A v. <i>tr.</i> ter zelo por; <u>cuidar com desvelo</u> ; vigiar; <u>velar</u> B v. <i>intr.</i> ter ciúmes de alguém; ter inveja (Do lat. <i>zelare</i> , «invejar; amar»)	velar ² A v. <i>tr.</i> vigiar; não dormir de noite; assistir (um doente); estar de guarda a; [<u>fig.</u>] <u>proteger</u> ; <u>não desamparar</u> B v. <i>intr.</i> estar de vigia; deixar de dormir; interessar-se (Do lat. <i>vigilare</i> , «estar desperto»)
Machado (1991)	v. <i>tr.</i> Ter zelo por; defender; vigiar com o máximo cuidado ou interesse. (...) // Cuidar com desvelo, diligência e exactidão; administrar com zelo. // <i>V. intr.</i> Ter zelos ou ciúmes (...).	velar ² v. <i>tr.</i> (do lat. <i>vigilare</i>). Estar de vigia, de guarda ou de sentinela a; <i>vigiar</i> . (...) // Concentrar ou exercer (alguém) a sua influência benéfica ou protectora (...).
Cândido de Figueiredo (1986)	v. <i>t.</i> Ter zelo por. Tratar com zelo, <u>com cuidado</u> , com ciúme. Administrar diligentemente. Ter ciúmes para com. <i>V. i.</i> Ter zelos ou ciúmes. (Lat. <i>zelare</i>).	velar ¹ v. <i>t.</i> O mesmo que <i>vigiar</i> . Passar sem dormir (...). <u>Fig. Proteger. Dispensar cuidados a.</u> <i>V. i.</i> Passar a noite sem dormir. Conservar-se aceso (falando-se de candeeiro, castiçal, etc.). Interessar-se; ter <u>vigilância</u> (...). (Do lat. <i>vigilare</i>).
Aurélio (1986)	[Do lat. <i>zelare</i>] <i>V. t. d.</i> 1. Ter zelo por. 2. Ter zelos ou ciúmes de. 3. Tratar com zelo. 4. Administrar diligentemente; tomar conta de (algo) <u>com o máximo cuidado</u> e interesse. 5. Tomar conta de (alguém) <u>com o maior cuidado</u> e interesse; tratar com zelo ou desvelo; <u>velar</u> . (...). <i>T. i.</i> 6. Cuidar; <u>velar</u> , interessar-se (...).	velar ³ [Do lat. <i>vigilare</i>] <i>V. intr.</i> 1. Passar a noite, ou boa parte dela, acordado (...). 7. Proteger, patrocinar (...). 8. Interessar-se grandemente, <u>com zelo</u> vigilante (...). 9. Interessar-se, preocupar-se, <u>zelar</u> (...).

É “afogador” um sinónimo de “gargantilha”? Porquê?

No âmbito do Património Linguístico Madeirense, está em curso um levantamento relacionado com as “saloias do Espírito Santo”. Depois da Páscoa, para os católicos, vem a descida do Espírito Santo e é tradição, no arquipélago madeirense, haver visitas às casas dos paroquianos. Vão adultos com os símbolos do Espírito Santo e acompanham essas visitas crianças, em princípio, meninas, que as anunciam por meio de cânticos. Inexplicavelmente, recebem o nome de “saloias”. Em termos linguísticos, elas revelam ser de grande interesse, mormente porque usam uma indumentária própria. Desejando compreender até que ponto a tradição das “saloias do Espírito Santo” se mantém conservada em todo o arquipélago, sobretudo quanto ao património lexical que representam, houve uma equipa de estudantes de Património Linguístico a calcorrear diversas localidades na recolha de informação. Num levantamento realizado no Lugar da Serra e no Campanário, surgiu o termo “afogador” relacionado com as “saloias”. Quem fez o levantamento não estranhou o vocábulo por ser de uso corrente naquelas localidades madeirenses. Aconteceu o contrário comigo, já que nunca o tinha ouvido para designar um tipo de colar, isto é, uma gargantilha. De início, pensei tratar-se de um possível regionalismo. Pedi a quem o recolhera que o explicasse e que o fosse procurar para verificar se estava dicionarizado. Encontrou-o numa referência da Porto Editora. Decidi pensar sobre o assunto para compreender melhor de onde vem “afogador”. Será mesmo sinónimo de “gargantilha”? Terá caído em desuso e ter-se-á preservado naquelas localidades do arquipélago? Pensar sobre tudo, incluindo usos linguísticos como este é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Lexicografia e da Semântica. O termo “afogador”, podendo classificar-se como adjetivo, é, inequivocamente, um substantivo da família do verbo “afogar”. O significado deste remete para “causar a morte de alguém por imersão, sem lhe dar qualquer possibilidade de respirar” ou apenas esta última parte. Logo, este valor negativo de “afogar” está presente em “afogador” porque é “algo que impede a respiração”. Como é que este sentido poderá ser comum ao de “gargantilha”? O facto de ser usado ao pescoço (associar “gargantilha” a “garganta”) e o de ser apertado (sufocar), interferindo com a respiração, terão suscitado a criação do termo “afogador”. Contudo, como a ideia de “causar a morte por afogamento, isto é, asfixia” é extremamente negativa,

terá levado a que o seu uso fosse menos frequente que “gargantilha”, um termo mais neutro, celebrizado, por exemplo, numa canção de Rui Veloso. Esta é a hipótese que coloco. O sema “sufocar”, associado a “afogador”, poderá ser uma das razões do fraco uso desde termo para “colar”? É a ideia que tenho. Fui perguntando às pessoas com quem convivi nestes últimos dias se sabiam o que significava e todas me disseram que estava associado a “afogamento”, ou seja, “alguém ou algo que causa a morte por asfixia”. Que ideia transmitirão os dicionários para “afogador”?

Das sete obras do tira-dúvidas, apenas a da ACADEMIA não tem o verbete. As restantes (AURÉLIO, FIGUEIREDO, MACHADO, PORTO EDITORA, HOUAISS e PRIBERAM) registam, todas, para “afogador”, o sentido de “gargantilha” e, quase todas, o de “colar”. O HOUAISS data o termo do século XVIII, mas não sabemos se o sentido de “gargantilha” seria já dessa altura. O AURÉLIO e o FIGUEIREDO dão duas abonações literárias em que é usado como sinónimo de “gargantilha”. Uma delas é de Aquilino Ribeiro, que, como é sabido, é um escritor de cunho regionalista, o que poderá confirmar a minha ideia de ser um vocábulo pouco usado, subsistindo em algumas localidades e regiões. Esta é, todavia, apenas uma ideia que necessitaria de investigação para ser comprovada.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão “afogador” é sinónimo de “gargantilha”? Porquê? É porque está assim dicionarizado. Poderá ser um termo que está a cair em desuso? Creio que sim. Eu desconhecia esta sinonímia e o levantamento do âmbito do Património Linguístico, nomeadamente o relacionado com as “saloias do Espírito Santo” madeirenses permitiu-me descobri-lo. Todavia, não sei se o passarei a usar porque não aprecio a ideia de ter ao pescoço uma preciosidade que me impeça de respirar, sufocando-me. Porém, a tradição é as “saloias do Espírito Santo” embelezarem-se com ouro e o “afogador” será um dos colares que colocarão, aquando das visitas pascais, mas não se afogarão, embora possam ficar sem voz por causa da cantoria. Mesmo se, comumente, o termo “afogador” vai sendo substituído por “gargantilha”, a tradição das “saloias do Espírito Santo” poderá não o deixar desaparecer. Elas são demasiado caracterizadoras das visitas pascais madeirenses. Enquanto a tradição for mantida, nas localidades onde o termo “afogador” for usado, ambos se manterão. A conservação do Património Linguístico fica assegurada. É, por isso, que trabalhos de recolha são importantes. Todavia, o interessante será verificar se em todas as localidades regionais da recolha se usa este termo ou se em, apenas, algumas. Se for o caso, é fundamental saber quais serão. Este levantamento revelará a riqueza lexical da tradição das “saloias do Espírito Santo” madeirenses.

Tira-dúvidas

Dicionários	afogador
<p>Priberam “em linha” (2008-2013), última consulta feita dia 28-04- -2014</p>	<p>a·fo·ga·dor ô <i>adjetivo e substantivo masculino</i> 1. Que ou o que afoga. 2. Abafador. 3. Gargantilha quase justa ao pescoço.</p>
<p>Houaiss (2001)</p>	<p>adjetivo e substantivo masculino 1 que ou o que afoga ou sufoca 2 que ou o que oprime; opressor Ex.: sentia uma melancolia a. no fundo do peito substantivo masculino 3 ornamento para o pescoço (de pérolas, pedras etc); colar, gargantilha 4 Rubrica: automobilismo. disco metálico que limita a entrada de ar no carburador, permitindo uma mistura mais rica para se dar partida no motor quando frio</p>
<p>Academia (2001)</p>	<p>verbeta inexistente</p>
<p>Porto Editora (1998)</p>	<p><i>adj. e s. m.</i> que ou o que se afoga; colar; gargantilha (De <i>afogar</i>+ -<i>dor</i>)</p>
<p>Machado (1991)</p>	<p>afogador² <i>s. m.</i> (de <i>afogar</i>). Indivíduo que faz o afogamento. // Colar de mulher, gargantilha.</p>
<p>Cândido de Figueiredo (1986)</p>	<p><i>m. e adj.</i> O que afoga. Abafador. O mesmo que abafador, em certas seitas. <i>M.</i> Colar de mulher, gargantilha: «um afogador com pedras verdadeiras». Aquilino Ribeiro, <i>Bat. sem Fim</i>, 155.</p>
<p>Aurélio (1986)</p>	<p><i>Adj.</i> 1. Que afoga. <i>S. m.</i> 2. Aquele que afoga. 3. Colar, gargantilha: “Cingia-lhe o pescoço alvo e redondo um rico afogador de pedraria” (Afonso Arinos, <i>Pelo Sertão</i>, p. 139). 4. <i>Autom.</i> (...)</p>

Significarão o mesmo “resistência” e “resiliência”? Porquê?

Vi dois documentários relacionados com o Brasil. *O Arco e a Lira* foi um momento de grande poesia, em que uma índia constrói uma lira com dois pequenos arcos para fazer uma declaração de amor musical ao amado, um caçador, dono de um arco enorme, que fere e mata. Em *Cinema de Quebrada*, uns enérgicos jovens cineastas dos subúrbios de São Paulo demonstraram-me que a vontade de transformação do mundo passa por nós próprios e pela nossa mudança individual. Assisti à conferência do Professor Doutor José Ribeiro intitulada “A comunidade face aos poderes – resistência e reflexividade social”. O tema centrou-se, essencialmente, no filme *Tous au Larzac* (Todos ao Larzac). Na década de 70 do século XX, uma comunidade de agricultores resiste à vontade política de alargar uma base militar na localidade de Larzac, em França. As movimentações dos resistentes são pacíficas e criativas. Acabaram por vencer o poder político, através da política, com os resultados de umas eleições presidenciais. A dado momento, o conferencista esboçou uma questão linguística que reformulo. Serão “resistência” e “resiliência” sinónimos? Agora, diz-se, recorrentemente, “resiliência”. Significará o mesmo que “resistência”? Pensar sobre tudo, incluindo pormenores linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão, como qualquer outra relativa à sinonímia, será do domínio da Etimologia, da Semântica, da Axiologia e da Lexicografia porque se refere à significação, aos étimos, aos valores e aos sentidos de vocábulos. Estes substantivos femininos, que começam (resi-) e terminam (-ência) da mesma maneira, podem ser considerados como parónimos e parecem sobrepor-se a nível semântico. Contudo, apesar das semelhanças, creio que não se confundem porque não significam o mesmo. No meu entender, e embora tenham, semanticamente, algum ponto em comum, indicam algo diverso. Ambos apontam para “a capacidade de suportar uma força, um movimento, um choque”. Todavia, enquanto “resistência” indica “o próprio suportar, procurando aguentar, opondo-se”, “resiliência” vai no sentido de “ter ultrapassado a adversidade, mantendo a integridade”. Penso que o primeiro se relaciona, acima de tudo, com “o decorrer do processo” e o segundo com “o resultado”. Assim sendo, na minha opinião, os pontos de

vista serão diferentes, já que, ao falar de “resistência”, se concebe “a fase de suportar algo, contrariando” e, para “resiliência”, se regista o momento final, “tendo ultrapassado positivamente a situação a que se resistiu”. É curioso observar que são termos usados sobretudo a nível técnico, nomeadamente na Física, em que não são sinónimos. No geral, creio que o emprego de “resistência” é mais frequente que o de “resiliência”. Porém, tenho verificado que este último termo tem sido cada vez mais usado, em particular na Psicologia. Parece-me, no entanto, que “resistência” é mais comum e está muito mais generalizado do que “resiliência”, que surge em contexto técnico e científico mais restrito, mesmo se com tendência para se expandir. Que revelarão os dicionários do tira-dúvidas a este propósito? Concorde comigo?

Todos definem “resistência”. Apenas o FIGUEIREDO e o dicionário da ACADEMIA não atestam “resiliência”. Se compararmos a dimensão das definições dos dois termos, verificamos que “resistência” possui mais sentidos e uma definição mais vasta do que a de “resiliência”. Encurtei quase todas as definições, guardando unicamente as acepções que interessam. O dicionário da PRIBERAM, o AURÉLIO e o HOUAISS consideram que “resiliência” tem origem no termo inglês “resilience”, enquanto, no dicionário da PORTO EDITORA, vem a informação que se formou a partir de “resilientia”, forma do verbo latino “resilire”, com o sentido de “saltar para trás”. Deduzimos que, do termo latino, se terá formado o inglês, dando este origem ao vocábulo português. Sendo, sobretudo, usado a nível científico, é lógico que seja através de bibliografia anglo-saxónica que se passe a empregar cada vez mais em contexto técnico. O dicionário da PRIBERAM reduziu a definição de “resistência” ao essencial e, ao cotejarmos esta com a de “resiliência”, compreendemos que só se pode [podemos] falar de “resiliência”, após ter havido “resistência”, visto que aquela consiste no “ter recuperado integralmente, depois de se ter resistido”. Logo, os dois termos não são sinónimos.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão “resistência” e “resiliência” não são sinónimos? Porquê? É porque, embora estejam relacionados com um processo de suportar uma força adversa, sofrendo com isso, “resistência” corresponde à oposição que se faz, enquanto “resiliência” revela que se venceu esse combate, recuperando-se o estado pré-combativo. Com resistência, é possível, ou não, conseguir-se resiliência. Só serão resilientes os que recuperarem completamente do choque ou combate por que passaram. Deste modo, os agricultores do Larzac foram resistentes e resilientes. Qualquer manifestante tem muito a aprender com eles.

Tira-dúvidas

Dicionários	resistência	resiliência
<p>Priberam “em linha” (2008-2013)</p>	<p>re·sis·tên·ci·a <i>substantivo feminino</i> 1. Força por meio da qual um corpo reage contra a acção de outro corpo. 2. Defesa contra o ataque. 3. Oposição. 4. Delito que comete aquele que não obedece à intimação da autoridade.</p>	<p>re·si·li·ên·ci·a (inglês <i>resilience</i>) <i>substantivo feminino</i> 1. [Física] Propriedade de um corpo de recuperar a sua forma original após sofrer choque ou deformação. 2. [Figurado] Capacidade de superar, de recuperar de adversidades.</p>
<p>Houaiss (2001)</p>	<p>substantivo feminino ato ou efeito de resistir 1 qualidade de um corpo que reage contra a ação de outro corpo 2 o que se opõe ao movimento de um corpo, forçando-o à imobilidade 3 capacidade de suportar a fadiga, a fome, o esforço 4 recusa de submissão à vontade de outrem; oposição, reação 5 luta que se mantém como ação de defender-se; defesa contra um ataque 6 Derivação: sentido figurado. reação a uma força opressora 7 qualidade de quem demonstra firmeza, persistência 8 Derivação: sentido figurado. aquilo que causa embaraço, que se opõe 9 força que anula os efeitos de uma ação destruidora 10 propriedade que apresentam alguns materiais de resistir a agentes mecânicos, físicos ou químicos (...) 16 Rubrica: termo jurídico. direito que possui alguém de defender-se de ordens injustas, ou atos que violem seus direitos; oposição (...) etimologia lat.tar. <i>resistentia,ae</i> ‘resistência’</p>	<p>substantivo feminino 1 Rubrica: física. propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica 2 Derivação: sentido figurado. capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças etimologia ing. <i>resilience</i> (1824) ‘elasticidade; capacidade rápida de recuperação’</p>
<p>Academia (2001)</p>	<p>(...) <i>s. f.</i> (Do lat. <i>resistentia</i>). 1. Qualidade do que resiste. 2. Maior ou menor capacidade de uma matéria, corpo ou objecto de não ceder aos efeitos da acção de agente(s) exterior(es). (...) 3. Força</p>	<p>verbetes inexistentes</p>

	que se opõe ao movimento de um corpo ou que o contraria (...). 4. Maior ou menor aptidão de um ser vivo, vegetal ou animal, para suportar os efeitos nocivos da acção de agentes exteriores. (...).	
Porto Editora (1998)	<i>s. f.</i> acto ou efeito de resistir (...); força com que um corpo reage contra a acção de outro; obstáculo; reacção; oposição; defesa; ELECTRICIDADE (...); MECÂNICA (...); MEDICINA (...); [fig.] ânimo; força; coragem; teimosia; (...) (Do lat. <i>resistentia</i> -, «idem»)	<i>s. f.</i> MECÂNICA O contrário de fragilidade; capacidade de <u>resistência</u> de um material ao choque, a qual é medida pela energia necessária para produzir a fractura de um provete do material com dimensões determinadas; energia potencial acumulada por unidade de volume de uma substância elástica, quando deformada elasticamente (Do lat. <i>resilientia</i> , part. pres. neut. pl. de <i>resilire</i> , «saltar para trás; recuar vivamente»)
Machado (1991)	<i>s. f.</i> (do lat. <i>resistentia</i>). Acção ou efeito de resistir; (...) // Causa que se opõe ao movimento de um corpo. // Defesa própria do que luta contra os elementos externos (...).	<i>s. f.</i> Valor ou número característico da <u>resistência</u> ao choque de um material, e que representa a energia absorvida pela rotura de uma barra de secção unitária.
Cândido de Figueiredo (1986)	<i>f.</i> Acto ou efeito de resistir. Força, ou qualidade, de um corpo, que anula os efeitos de outra força ou de outro corpo. Aquilo que se opõe ao movimento de um corpo. Obstáculo. Reacção. Oposição Luta em defesa; defesa. (Lat. <i>resistentia</i>).	verbetes inexistentes
Aurélio (1986)	[Do lat. <i>resistentia</i> .] <i>S. f.</i> 1. Ato ou efeito de resistir. 2. Força que se opõe a outra, que não cede a outra (...). 5. Luta em defesa; defesa. (...). 6. <i>Fís.</i> Força que se opõe ao movimento de um sistema. (...) 10. <i>Fig.</i> Oposição ou reacção a uma força opressora (...).	[Do ingl. <i>resilience</i> .] <i>S. f.</i> 1. <i>Fís.</i> Propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora duma deformação elástica. 2. <i>Fig.</i> <u>Resistência</u> ao choque.

O pronome “se” pode indicar uma construção passiva? Porquê?

A Linguística é uma ciência com a finalidade de estudar a linguagem verbal em geral, podendo centra-se numa língua em particular. Interessa compreender o fenómeno linguístico nas suas diversas realizações porque, cientificamente, o linguista não visa indicar o que está certo ou errado. Todavia, na minha opinião, ele é, simultaneamente, um gramático. Portanto, tem de procurar auxiliar os “falantes” (termo linguístico técnico que significa *grosso modo* “os usuários de uma língua”) nas questões pontuais que vão colocando. Deve ajudá-los a encontrar uma solução. Isso é possível, desencadeando raciocínios sobre formulações linguísticas individuais e conjuntas. O questionamento é indispensável. Como se diz isto? O que é aquilo? Se isso tem essa classificação, à partida, não terá essoutra. Vem isto a propósito do pronome “se”. A dúvida é constante, quando surge em construções fráscas com elementos no plural. Por exemplo, serão “**Vendem-se todas as casas.**” e “**Vende-se todas as casas.**” duas possibilidades viáveis e equivalentes, a nível gramatical? Esta questão é frequente e é sabido que são ambas, linguisticamente, válidas. Contudo, muitos gramáticos preferem a construção com a forma verbal no plural e os falantes continuam a ter dúvidas. Nestes dias, puseram-me, de novo, a questão. Pensar sobre tudo, incluindo usos linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Gramática no sentido mais restrito, por remeter para a Morfologia e a Sintaxe, envolvendo também a área da Semântica. Para tentar facilitar, vou partir de exemplos e de uma classificação. O pronome pessoal átono “se” é, normalmente, um complemento que corresponde a um sujeito de terceira pessoa do singular (ele/ela) ou do plural (eles/elas). Há verbos que se conjugam sem ele (“beber” – não se diz: *Ele bebeu-se muito.) e outros apenas com ele (“apaixonar-se” – não se diz: *Ele apaixonou por ela.). Há, ainda, uns que requerem ou não esse pronome, podendo causar alterações de sentido, (“chamar” – Ele chamou o filho para que viesse depressa. / “chamar-se” – Ela chama-se Ana.). Posto isto, como classificar “se”? Pelos estudos existentes, é sabido que pode ser: 1) **intrínseco** ao verbo, quando não se dissocia dele, formando um verbo pronominal (Ele apaixonou-se por ela.). 2) **reflexo** (ou reflexivo), quando sujeito e complemento correspondem ao mesmo referente (O João lava-se, a ele pró-

prio.) 3) **recíproco**, sempre que o sujeito esteja no plural e que a acção verbal seja exercida por cada elemento sobre o(s) outro(s) (O João e a Joana cumprimentam-se (um ao outro). O João cumprimenta a Joana e ela cumprimenta-o, a ele.) 4) **expletivo**, quando é dispensável, conservando-se o sentido da frase porque não tem uma função concreta (O João riu-se com a Joana./ O João riu com a Joana.) 5) **indeterminado**, sempre que for substituível por “alguém” e ocorrer com um verbo intransitivo, isto é, sem complemento de objecto. Neste caso, “se” deixa de ser complemento, passando a sujeito indeterminado (Passeia-se todos os domingos. / Alguém passeia todos os domingos.) 6) **passivo**, se se puder substituir por “alguém”, mas o verbo for transitivo directo, com um sentido passivo (Vendem-se todas as casas. / Todas as casas são vendidas por alguém. / Alguém vende todas as casas.).

É nesta última construção que me quero deter. À partida, a escola ensina a diferença entre voz activa e voz passiva. Assim, todos sabemos que, na passagem da primeira para a segunda, o sujeito (alguém) torna-se agente da passiva (por alguém) e que o complemento directo (todas as casas) vai ocupar o lugar de sujeito. Logo, tudo se altera para expressar um ponto de vista distinto. O objecto ganha primazia e o sujeito secundariza-se, podendo mesmo apagar-se no discurso, deixando de ter interesse identificá-lo (Todas as casas são vendidas. / Vendem todas as casas.). As razões pelas quais se emprega este tipo de construção têm, a nível discursivo e pragmático, muito interesse, mas não são o meu assunto, de momento. A questão é a de saber se é viável dizer “Vende-se todas as casas.”. Será esta construção frásica correspondente a “Vendem-se todas as casas.”? Pela classificação exposta e pela lógica, sabemos que “as casas” não se vendem a elas próprias, mas que são vendidas “por alguém”. Nas duas frases consideradas, há uma construção passiva, como ficou claro pela classificação. A tendência é para os gramáticos considerarem “todas as casas” como sujeito da frase passiva e “se” como uma partícula apassivante que remete, de algum modo, para o agente da passiva, embora fique indeterminado, isto é, indefinido. Assim, há uma fusão entre “se” indeterminado (cf. 5) e passivo (cf. 6). A posição dos elementos é importante para verificar a diferença entre ambos. Não se dirá: *“Todas as casas se vende.”, mas “Todas as casas se vendem.”. Portanto, as formulações “Vendem-se todas as casas.” e “Vende-se todas as casas.” não serão completamente equivalentes. Apenas a do verbo no plural aceita a inversão de posição de “todas as casas” e é a construção recomendada pela Gramática Normativa. Que explicarão os dicionários a propósito de “se”? Seguirão as prescrições gramaticais? As sete obras do tira-dúvidas dão informação gramatical sobre a classificação de “se”. O dicionário da PRIBERAM tem uma definição muito insuficiente. O MACHADO não dá exemplos e o FIGUEIREDO apresenta um. As restantes definições estão bastante próximas, tendo algumas diferenças que interessaria analisar, mas fica o tira-dúvidas para o comprovar.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão, entre as duas construções “Vendem-se todas as casas.” e “Vende-se todas as casas.”, a primeira é a recomendada pelos gramáticos normativos (e dicionaristas)? Porquê? É porque, sendo uma construção passiva, o sujeito (todas as casas) e o predicado (vendem) têm de concordar. Nesta análise, o pronome “se” indicará uma partícula apassivante, remetendo para um agente da passiva indeterminado (por alguém). Há linguistas e, inclusive, gramáticos que têm uma opinião diferente. Isso revela que o assunto não é tão pacífico quanto possa parecer. Numa ciência, quase nada se encontra completamente definido e descrito. Se assim fosse, deixaria de ter sentido a investigação. Acontece o mesmo na Linguística, que é diferente da Gramática, embora haja quem as confundas.

Tira-dúvidas

Dicionários	se (pronome)
<i>Priberam “em linha”</i> (2008-2013)	(latim <i>se</i> , acusativo do pronome reflexo <i>sui,sibi,se</i>) (...) <i>pronome pessoal de dois géneros</i> 3. Sua pessoa. <i>pronome indefinido</i> 4. A gente, nós. 5. Alguém indefinido (ex.: <i>ainda se trabalha a esta hora?</i>). (...)
<i>Houaiss</i> (2001)	1 pronome pessoal da terceira pessoa do sing., caso oblíquo, átono, para os dois gêneros, us.: 1.1 como complemento de verbo trans. direto, podendo expressar reflexividade ou reciprocidade Ex.: <feriu-se> <agrediram-se> <mataram-se> 1.2 como complemento de verbo pron. trans. indireto ou bitransitivo Ex.: deu-se ao trabalho de ler o artigo até o fim 1.2.1 em verbos pronominais que exprimem esp. sentimento ou mudança de estado (arrepender-se, atrever-se, indignar-se, queixar-se derreter-se etc.) Ex.: <atreva-se e verá> <queixou-se baixinho> 1.3 como partícula apassivadora Ex.: alugam-se quartos (quartos são alugados) 1.4 como símb. de indeterminação do sujeito Ex.: vive-se bem, come-se mal 1.5 como palavra expletiva (para realçar nos verbos intransitivos movimento ou atitude do sujeito) Ex.: <foi-se embora, chorando> <vão-se os anéis...> Gramática a gramática tradicional costuma atribuir dupla função ao <i>se</i> , quando ele participa de uma construção constante de verbo principal no infinitivo, antecedido de verbo auxiliar causativo (<i>deixar, fazer, mandar</i> e outros); é o que se verifica, p.ex., em <i>deixou-se cair na cama</i> , onde o <i>se</i> pode ser interpretado como <i>sujeito</i> em relação a ‘cair’ e <i>objeto</i> em relação a ‘deixou’

	Etimologia lat. <i>se</i> ac. do pron. reflexivo de 3. ^a p. <i>sui,sibi,se</i> (...)
Academia (2001)	(...) <i>pron. pes. m. e f.</i> (Do lat. <i>se</i>). Refere-se à terceira pessoa gramatical para indicar a pessoa de quem se fala ou a pessoa a quem é dirigida a mensagem (no tratamento formal por «o senhor», «a senhora» ou no tratamento por você). 1. Indica reflexividade da acção praticada pelo sujeito, nas funções de objecto directo ou indirecto (...) <i>A senhora preocupa-se demais</i> . 2. Com sujeito plural, indica reciprocidade da acção, sendo parafraseável por «uns aos outros» [sic], nas funções de objecto directo ou indirecto. <i>Elas escreveram-se durante alguns anos</i> . (...). 3. Traduz a indeterminação do sujeito, sendo parafraseável por «alguém», «a gente», e usa-se com o verbo conjugado na terceira pessoa do plural [sic]. <i>Precisa-se de uma secretária. Come-se bem neste restaurante</i> . 4. Usa-se como partícula apassivante junto de um verbo na terceira pessoa, que concorda em número com o sujeito, e equivale semanticamente a uma frase passiva com o verbo auxiliar <i>ser</i> sem realização do agente da passiva. <i>Vendem-se bolos com creme e sem creme</i> . (<i>Bolos com creme e sem creme são vendidos</i>). <i>Criticou-se muito aquele espectáculo</i> . (<i>Aquele espectáculo foi muito criticado</i>). 5. Usa-se esvaziado de conteúdo semântico, funcionando como partícula expletiva. <i>Lá se foram os turistas</i> .
Porto Editora (1998)	A <i>pron. pess.</i> equivale a <i>si</i> ; tem a função de complemento directo; usado com verbos pronominais tem sentido reflexo (<i>A Isabel esqueceu-se do guarda-chuva</i> .) ou recíproco (<i>A Manuela e o Dionísio beijaram-se</i> .) B <i>partic. apassivante</i> indica a passiva: <i>Vendem-se apartamentos</i> . C <i>partic. expletiva</i> <i>Lá se vão</i> D <i>pron. indef.</i> significa <i>alguém, um certo, determinadas pessoas</i> : <i>Fala-se inglês</i> (Do lat. <i>se, «id.»</i>)
Machado (1991)	<i>pron.</i> Variação átona do pronome pessoal da 3. ^a pessoa, quando serve de complemento <i>objectivo</i> ou <i>directo</i> reflexo. // É empregado nos verbos pronominais. // Indica carácter de reciprocidade. // Exprime passividade, isto é, que o verbo é empregado na <i>voz passiva</i> . // Em algumas frases de carácter passivo, apresenta certa noção de indefinido (do lat. <i>se</i>). // Variação do pronome pessoal da terceira pessoa, que funciona como objecto indirecto e corresponde a <i>si</i> .
Cândido de Figueiredo (1986)	<i>pron.</i> A <i>si</i> . – É um dos casos do pron. <i>ele</i> , e emprega-se geralmente como complemento directo e algumas vezes como terminativo. É também partícula, que apassiva os verbos, como em: <i>acabou-se a obra</i> . (Lat. <i>se</i>).
Aurélio (1986)	[Do lat. <i>se</i> , acus. do pron. da 3. ^a pess.] <i>Pron. pess.</i> 1. Usa-se como objeto direto: “Tranqüilize-se, que eu, pela minha parte, estou tranqüilo.” (...). 2. É us. em verbos pronominais. Tem, por vezes, conservando a condição de objeto direto, carácter reflexivo, ou recíproco: <i>Feriu-se de leve</i> (...); <i>Desavieram-se</i> ; <i>Trocaram tiros, e mataram-se</i> . 3. Indica, freqüentemente, a voz passiva, sendo chamado partícula apassivadora: “Já se diz há muito ano que honra e proveito não cabem num saco.” (...). 4. Emprega-se, ainda, como índice da indeterminação do sujeito: <i>Vive-se, trabalha-se</i> , (...).

Para “não adequado”, diz-se “inadequado” ou “desadequado”? Porquê?

Uma língua viva é herdada e transmitida de pais para filhos. Sem contar com a relevância dos meios de comunicação para esse efeito, a escola tem, há muito, um papel importante, na transmissão linguística. O português que, no século XXI, usamos e ensinamos é uma língua românica com história. Surgiu como galaico-português e foi evoluindo ao longo do tempo, tendo mais de 800 anos. Os primeiros documentos não oficiais que atestam a existência do Português Arcaico datam do século XII. Porém, as raízes latinas (e gregas) do português são inequívocas, mas as influências diversas que foi recebendo (e continua a receber) vão fazendo com que esteja em constante evolução. Está numa dinâmica permanente, apesar de haver quem queira fixar a língua *ad aeternum* num compêndio gramatical ou num dicionário. Todavia, estes materiais vão ficando obsoletos e a língua perpassa pelos séculos ao sabor dos usos. Muitas vezes, estes são, na origem, lapsos, isto é, não correspondem ao que está estabelecido naquele período. No entanto, interessam aos linguistas porque se generalizam, tornando-se comuns. Pensava nisto porque, nestes últimos dias, diziam-me que, recentemente, na página da Internet do jornal PÚBLICO, se tinha colocado uma questão linguística que girava em torno do adjectivo a usar para significar “não adequado”. Havendo quem empregue “desadequado”, houve quem corrigisse para “inadequado”. Estaria a emenda certa ou errada? Existirão ambos, sendo sinónimos? Quando me colocaram o problema, nenhuma das duas possibilidades de negação (a do prefixo “des-” e a do “in-”) me soou como estranha. Todavia, respondi que seria necessário procurar dados mais concretos. Pensar sobre tudo, incluindo pormenores linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Morfologia, da Etimologia, da Semântica, da Lexicologia e da Lexicografia porque se refere à formação de um termo por prefixação, com o sentido de negação. Os dois prefixos cumprem a função de negar, havendo inúmeros exemplos para um e para o outro. Por exemplo, para “qualificado”, diz-se “desqualificado” e, para “qualificável”, emprega-se “inqualificável”. Podem empregar-se em concomitância na negação de um termo? De momento, não me lembro de nenhum exemplo. Fui à procura. No dicionário HOUAISS, regista-se a seguinte informação para a) “des-” e b) “in-”:

a) «prefixo, de form. vern., extremamente prolífico, sobre o qual comenta J.P. Machado: “De indubitável origem latina, não se esclareceu ainda definitivamente de que palavra ou locução; há duas sugestões: *dis-*, para uns; *de ex* para outros (...)”; exprime sobretudo: **1**) oposição, negação ou falta: *desabrigo, desamor, desarmonia, desconfiança, descortês, desleal, desproporção, dessaboroso*; **2**) separação, afastamento: *descascar, desembolsar, desenterrar, desmascarar*; **3**) aumento, reforço, intensidade: *desafastar, desaliviar, desapartar, desferir, desinfeliz, desinquieta*; ver o que é dito *in fine* de *de-*, sem conexão com este *des-*».

b) «prefixo, com duas fontes no lat.: **1**) do pref.lat. *in-* ‘privação, negação’ – tb. sob. as f. var. *il-*, *im-*, *ir-* (por assimilação total, antes dos voc. iniciados por *l*, *m* e *r*, e por assimilação parcial, antes de *b* e *p*) e *i-* (por dissimilação, antes de pal. iniciadas por *gn-*) -, oriundo da f. i.-e. **n* (fonte tb. do gr. *a-/an-*, ver *a[n]/-*), grau zero da raiz i.-e. **nè* ‘não; privação’; é cultismo que começa a ser empregado na língua do sXIV em diante, prosperando em fecundidade até os dias de hoje, conformando-se aos padrões lat. originais, como pref. em adjetivos, em participios passados e/ou supinos, em substantivos, em advérbios e em der. de tais pal. assim formadas; são raras as ocorrências populares ou popularizadas antigas (*inimicu-* > *eimigo* > *iimigo* > *imigo*); são incorporados ao léxico port. alguns latinismos com apofonia (*inimigo, imberbe, inerme, iníquo, inerte* etc.) e outros com f. arcaicas lat. (*ignoto, ignorante, ignaro*); eis algumas seqüências de exemplificação: *feliz:infeliz, lícito:ilícito, válido:inválido, polido:impolido; felicidade:infelicidade, licitude:ilicitude, validade:invalidade, validez:invalidez, polidez:impolidez; felicitar:infelicitar, validar:invalidar; felicitável:infelicitável, validação:invalidação, validante:invalidante; variavelmente:invariavelmente*; tais constelações morfossemânticas não presumem, desde o lat., que todos os elos tenham de existir necessariamente, assim ocorre tb. em port., que pode registrar *irrazoável, inumerável, incriável* (como antônimos de *razoável, numerável, criável*), sem obrigar a existência de **irrazoar, *inumerar, *incriar* – por ausência de necessidade semântica; a rigor, ocorrem por vezes usos de tal tipo, algo pedantescos: *inobstante, inoconter, inacidente*; importa, por fim, considerar que o pref. *des-*, de orig. popular, é o negativo popular (*infeliz*, em certas áreas, divulgado, mas sentido como pouco negativo, se faz *desinfeliz*) na língua: assim, quando ocorrem duas f. negativas concorrentes (p.ex., *impedir:despedir, impronunciar:despronunciar, invalidar:desvalidar, inanimante:desanimante*), as f. com *in-* ger. correspondem a uma negação prévia, enquanto as com *des-* tendem a corresponder a uma negação do já em curso, já havido, já iniciado (*invalidar-se um concurso ainda não validado; desvalidar-se um que tenha sido validado*); **2**) do pref. e prep.lat. *in-* ‘em, a, sobre; superposição; aproximação; transformação’, de uma raiz i.-e. **en* ‘no interior; em’, ver ²*en-*; tem, em port., valor intensivo, de movimento para dentro, de repouso, de permanên-

cia, de direção, de tendência; além de ocorrer como populismo, quando em geral passa a *en-*, ocorre em eruditismos sob formas puramente lat. ou equiparáveis: *imersir, imigrar, imitir, impelir, inalável, inaugurar, incendiar, incendir, incitável, incorrer, incriminar, indigitar, inferência, infibulação, informar, inocular, inspirar, intumescer, inundação* etc.»

Se se confiar no HOUAISS, encontra-se, assim, estabelecida a diferença entre os dois prefixos. Enquanto “des-” é de origem popular, “in-” não o é. Além disso, haverá uma diferença de sentido entre ambos. Este segundo prefixo indicará uma “negação prévia” e o primeiro apontará para uma negação “do já em curso”. Pode isto aplicar-se àqueles dois vocábulos com o sentido de “não adequado”? Se assim for, “inadequado” será o que, logo à partida, não se adequa (“Era inadequado levar uma blusa com decote acentuado à entrevista.”) e “desadequado” corresponderá a algo que se considerou apropriado (adequado), mas que, depois, se veio a verificar que não o era (“O vestido comprido revelou-se desadequado porque, na festa, o ambiente era descontraído.”). A diferença semântica parece-me pertinente. Que revelarão os dicionários do tira-dúvidas a este propósito? Salvo o dicionário da ACADEMIA e o da PRIBERAM, nenhum atesta a existência de “desadequado”. O HOUAISS também não considera o termo! Todavia, os dois dicionários que definem “desadequado” não apresentam qualquer diferença de sentido relativamente a “inadequado”. Ora, podemos considerar que ela existe, como nos exemplos “invalidar” e “desvalidar” (cf. alínea b) para “des-”).

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão “inadequado” e “desadequado” significam “não adequado”, mas há uma distinção significativa entre eles? Porquê? É porque ambos têm este sentido, devido ao prefixo que usam. Acontece, no entanto, que “desadequado” será um termo recente, já que a maioria dos dicionários não o regista. Por esta breve exposição, julgo, ainda, que o aparecimento de “desadequado” adiciona um sentido, distinguindo-se de “inadequado”. A diferença está na fase do processo de inadequação em que se situa. Portanto, “inadequado” é “a qualidade de algo que é, imediatamente, não apropriado”; enquanto “desadequado” corresponde à “qualidade de algo que se tornou, posteriormente, inapropriado, embora o pudesse não ser à partida”. Passarei a estar atenta aos usos de “inadequado” e “desadequado”, a fim de compreender se esta subtilidade significativa se revela pertinente ou se são ambos utilizados como sinónimos integrais, com o sentido exclusivo de “não apropriado”. Há, claramente, aqui, um exemplo da dinâmica da língua portuguesa que precisa de permanente estudo para ser compreendida como língua viva que é e que será, se continuar a ser usada, sem se abusar dela. Se muito é possível, nem tudo o será. Assim, “desadequado” parece-me perfeitamente viável, mas não como sinónimo total de “inadequado”. Tenho de

procurar aquela problemática exposta acima para verificar se, aí, se deve usar um ou o outro porque cada caso é um caso.

Tira-dúvidas

Dicionários	inadequado	desadequado
<i>Priberam “em linha”</i> (2008-2013)	i·na·de·qua·do (in- + <i>adequado</i>) <i>adjetivo</i> Que é não é bom ou não é próprio para determinado efeito, lugar ou objectivo. = DESADEQUADO, IMPRÓPRIO, INCONVENIENTE ≠ APROPRIADO, CONVENIENTE	de·sa·de·qua·do (des- + <i>adequado</i>) <i>adjetivo</i> Que é não é bom ou não é próprio para determinado efeito, lugar ou objectivo. = IMPRÓPRIO, INADEQUADO, INCONVENIENTE ≠ APROPRIADO, CONVENIENTE
<i>Houaiss</i> (2001)	<i>adjetivo</i> que não se adequou; impróprio, inconveniente etimologia in- + <i>adequado</i> ‘que não é adequado, ajustado ou adaptado’ (...).	verbeta inexistente
<i>Academia</i> (2001)	(...) <i>adj.</i> (De in- + <i>adequado</i>). Que não está ajustado, apropriado ou adaptado a alguém ou a alguma coisa; que não se adequa. = DESAJUSTADO (...).	(...) <i>adj.</i> (De des- + <i>adequado</i>). Que não é ou não está ajustado, apropriado ou adequado a alguém ou a alguma coisa, objectivo ou situação; que não se adequa. = DESAPROVADO, INADEQUADO (...).
<i>Porto Editora</i> (1998)	<i>adj.</i> não adequado; impróprio (De in-+ <i>adequado</i>)	verbeta inexistente
<i>Machado</i> (1991)	<i>adj.</i> Que não é adequado; impróprio, inadaptado.	verbeta inexistente
<i>Cândido de Figueiredo</i> (1986)	<i>adj.</i> Que não é adequado; impróprio; inconveniente. (De in...+ <i>adequado</i>)	verbeta inexistente
<i>Aurélio</i> (1986)	[De in ² + <i>adequado</i> .] <i>Adj.</i> Não adequado; impróprio.	verbeta inexistente

É “*supra* citado” ou “supracitado”? Porquê?

É estranha a passividade com que os portugueses, a nível individual, profissional e institucional, vão aceitando as incoerências do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990* (AO), procurando segui-las, sem se questionarem sobre elas. Estou a ler um artigo da área da Linguística escrito por um académico brasileiro para emitir um parecer. Ao longo do texto, vou registando, por exemplo, “aspectos”, “expectativas”, “conectados”, “caracteriza” e “caracteres”. Seguindo o AO, esta pessoa, motivada pela maneira de dizer, mantém uma grafia que, em Portugal, pela mesma influência, querem alterar. Há algum tempo, tive de preparar um “póster” para um encontro científico, numa universidade portuguesa, e fui compelida a retirar o “c” em, por exemplo, “aspecto” e “características” para aplicar o AO. Era uma orientação da organização do evento. Por mais que dissesse que o AO concebia a “dupla grafia”, ninguém quis ouvir. Ando a ficar impressionada pelo desconhecimento generalizado, incluindo entre universitários da área da Linguística, do texto original do AO. Estou cada vez mais convencida que as consequências para a língua portuguesa deste AO são deveras nefastas. Com pena, vejo cavar-se um fosso, tendencialmente maior, entre a ortografia brasileira e a portuguesa, além de, esta, se vir a diferenciar da africana, nomeadamente da angolana. Está visto que os países africanos com o português como língua oficial seguirão um caminho próprio. Com perplexidade, verifico que o AO, apenas do plano ortográfico, está a interferir com a Fonética, isto é, a pronúncia do Português Europeu. Um pouco por todo o lado, vejo escrito “contacto”, sem “c”, quando, todos os portugueses, que eu saiba, articulam essa letra, o mesmo sucede a “facto”. Poderá acontecer deixarmos de dizer como era hábito? No entanto, o problema maior é motivado pelas opções gráficas dos revisores textuais automáticos que seguem orientações que nem vêm no AO, mas são apresentadas por editoras. Sem grande reflexão, os portugueses vão escrevendo como ditam esses revisores, mas o melhor é inverter esta situação. Temos de ganhar alguma consciência linguística para termos a capacidade de pensar no que dizemos e escrevemos. Creio que o devemos, por exemplo, fazer com “*supra* citado”. Tem aparecido com a aglutinação dos dois elementos, como se fosse apenas um vocábulo. Pode haver, aqui, apenas uma palavra? Pensar sobre tudo, incluindo usos linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão parece-me ser do domínio da Morfologia e da Semântica, envolvendo duas línguas: o latim e o português. Abordo o

tema porque continuo a ver “supra” e “citado” aglutinados em textos de todos os gêneros. Neste caso, será “supra” um prefixo? Não me parece, visto que é um advérbio de lugar latino que se deveria escrever em itálico. É o contrário de “infra” que deveria seguir o mesmo procedimento. Com frequência, usamos expressões latinas como “sine die”, “ex aequo” ou “ipsis verbis” e ninguém dirá que são termos portugueses. O mesmo acontece com os advérbios “supra” e “infra” que ocorrem isolados (a referência *supra* – a referência que está acima / a referência *infra* – a referência que está abaixo) ou que incidem sobre participípios passados isolados (a referência *supra* citada – a referência acima citada / a referência *infra* citada – a referência abaixo citada.). Há, pelo menos, três razões que revelam a não existência de vocábulo único: 1) a possível substituição de “citada” por outros elementos como “mencionada”, “indicada”, “apresentada”, etc. 2) a mudança de posição dos dois elementos (a referência citada *supra* – a referência *supra* citada) e 3) a viável supressão de “supra” (a referência citada). Portanto, estes dois advérbios latinos não se podem aglutinar com o participípio passado português que ladeiam, por mais que os revisores automáticos e as editoras permitam a aglutinação. Os dois elementos não formam um vocábulo. Que revelarão os dicionários do tira-dúvidas?

As sete obras do tira-dúvidas apresentam “supra” e “citado” como um adjectivo com os elementos aglutinados. Todos indicam a mesma definição e a mesma origem, como se houvesse reprodução dos dados. Eu discordo de todos, pelas razões apresentadas acima (e por outras), já que “supra” e “citado” têm existência própria. É curioso verificar que a lexicalização ocorreu apenas com “citado”, mas não se regista com “mencionado”, por exemplo. Como se terá chegado aqui? Poderá haver alguma confusão entre o prefixo “supra-”, que o AURÉLIO remete para “super-”, e o advérbio “supra” (que é latim), como o indica o HOUAISS? É provável. Poderá a lexicalização dever-se ao sentido jurídico de “citado”, a fim de evitar mal-entendidos? Seria interessante procurar as razões para esta aglutinação impossível, quanto a mim. Tendo em conta as diferenças, comparo-a à de “com certeza”, que muitas pessoas lexicalizam. Numa língua viva, as possibilidades de grafia são inúmeras, mas nem todas são aceitáveis, mesmo se os dicionários as atestam.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão o advérbio latino “supra” e o participípio passado “citado” não podem formar um vocábulo? Porquê? É assim por várias razões. Uma delas é a da inversão de posição dos elementos: “*supra* citado” – “citado *supra*”. Quem não concorda comigo pode aglutiná-los, já que tem os dicionários a atestar essa possibilidade. Eu não aglutinarei “supra” e “citado”, assim como não seguirei o AO pelas incoerências que apresenta.

Porém, pensarei no assunto porque a língua portuguesa é o meu instrumento de trabalho, mas, simultaneamente, a minha matéria de estudo. Para emitir o meu parecer, vou continuar a ler o artigo escrito com o AO, mas que segue a grafia do Português do Brasil. A impossibilidade de uniformizar as ortografias é evidente, como mencionado *supra*.

Tira-dúvidas

Dicionários	<i>supra</i> citado (citado <i>supra</i>)	supracitado
<p>Priberam “em linha” (2008-2013)</p>	<p>su·pra (latim <i>supra</i>, sobre, por cima de, para lá de) <i>advérbio</i></p> <p>Usa-se para indicar parte de texto anterior ou precedente (ex.: veja texto <i>supra</i>). = ACIMA ≠ ABAIXO, INFRA</p> <p>ci·ta·do (particípio de <i>citar</i>) <i>adjectivo e substantivo masculino</i></p> <p>1. Que ou o que se citou ou mencionou. 2. Que ou quem recebeu citação.</p>	<p>su·pra·ci·ta·do (<i>supra-</i> + <i>citado</i>) <i>adjectivo</i></p> <p>Já citado; mencionado acima. = SOBREDITO, SUPRAMENCIONADO, SUPRATRANSCRITO, SUSODITO</p> <p>supra- (latim <i>supra</i>, sobre, por cima de, para lá de) <i>prefixo</i></p> <p>Elemento designativo de superioridade, excelência, excesso, acima.</p> <p>Nota: É seguido de hífen quando o segundo elemento começa por vogal, <i>h</i>, <i>r</i> ou <i>s</i> (ex.: <i>supra-axilar</i>, <i>supra-excitar</i>, <i>supra-hepático</i>, <i>supra-renal</i>, <i>supra-sumo</i>).</p>
<p>Houaiss (2001)</p>	<p>supra Língua: Latim <i>advérbio</i> acima [Us. para indicar trecho da mesma página, mais acima, ou de página(s) anterior(es).] Obs.: p. opos a <i>infra</i> Ex.: consulte a tabela s.</p> <p>citado <i>adjetivo e substantivo masculino</i></p> <p>1 diz-se de ou autor ou documento anteriormente mencionado ou transcrito num texto 2 Rubrica: termo jurídico. que ou aquele que recebeu citação para comparecer em juízo ou cumprir mandado judicial</p>	<p>supracitado <i>adjetivo</i> citado ou mencionado acima ou anteriormente; referido em trecho anterior Ex.: o livro s.</p> <p>supra- prefixo culto, da prep.adv.lat. <i>supra</i> ‘sobre, acima de, por cima de; além de; antes de; à testa de; por cima, no alto; mais acima, mais além; acima, antes’; na composição em vern., reveste as acp. de: 1 ‘superposição’: <i>supra-axilar</i>, <i>supracitado</i>, <i>supraclavicular</i>, <i>supradito</i>, <i>supra-esternal</i>, <i>supramaxilar</i>, <i>supra-renal</i> etc.; 2 ‘superioridade’: <i>supradivino</i>, <i>supramundano</i>, <i>supra-racional</i>; 3 ‘excesso’: <i>supraconsumismo</i>, <i>supranormal</i>, <i>supranumerário</i>; 4 ‘aumento, intensidade’: <i>supracondutividade</i>, <i>supracondutor</i>; o</p>

		V.O. consigna cerca de duas centenas de termos com este pref., observando que é seguido de hífen quando se lhe junta el. começado por vogal, <i>h</i> , <i>r</i> ou <i>s</i>
Academia (2001)	supra (...) <i>adv.</i> (Do lat. <i>supra</i> ‘acima’). Numa parte anterior do texto. citado¹ (...) <i>adj.</i> (Do part. pas. do v. <i>citar</i>). 1. Que se transcreveu, referiu, mencionou, textualmente, no todo ou em parte. = TRANSCRITO (...).	supracitado (...) <i>adj.</i> (De <i>supra-</i> + <i>citado</i>). Que já foi mencionado ou citado acima ou anteriormente (...). supra- <i>elem. de form.</i> (Do lat. <i>supra</i> ‘acima’). Exprime a noção de <i>superioridade</i> . <i>Supracitado, supranacional, supra-renal.</i>
Porto Editora (1998)	supra verbetes inexistentes citado verbetes inexistentes	supracitado <i>adj.</i> Citado anteriormente; já mencionado (De <i>supra-</i> + <i>citado</i>) supra- elemento de formação de palavras que exprime a ideia de superioridade, excelência (liga-se por hífen ao elemento seguinte quando este começa por vogal, <i>h</i> , <i>r</i> ou <i>s</i>) (Do lat. <i>supra</i> , «em cima»)
Machado (1991)	Supra¹ <i>adv.</i> Acima, em cima, mais acima. Citado¹ <i>adj.</i> (de <i>citar</i>). Que sofreu citação. // Intimado judicialmente.	Supracitado <i>adj.</i> Citado <i>ou</i> mencionado acima <i>ou</i> anteriormente. supra- elemento de composição (Do lat. <i>supra</i>) que traduz a ideia de <i>superioridade</i> , <i>excelência</i> , excesso: <i>supraglótico, supranatural, supratorácico, supralunar.</i> // Opõe-se a <i>infra-</i> .
Cândido de Figueiredo (1986)	supra verbetes inexistentes citado verbetes inexistentes	supracitado <i>adj.</i> Citado ou mencionado acima ou anteriormente. (De <i>supra...</i> + <i>citado</i>) supra... <i>pref.</i> (designativo de <i>superioridade</i> , <i>excelência</i> , <i>excesso</i> , etc.). (Lat. <i>supra</i>).
Aurélio (1986)	supra [Lat.] Citado ou mencionado acima ou anteriormente. [Antôn.: <i>infra</i>]. citado [Part. de <i>citar</i>] <i>Adj.</i> 1. Mencionado; transcrito. 2. <i>Jur.</i> Que recebeu citação para vir a juízo (...).	supracitado [De <i>supra-</i> + <i>citado</i> .] <i>Adj.</i> Citado, mencionado ou dito acima ou antes; já referido; sobredito, supradito. supra- V. <i>super-</i> .

Escreve-se “escoteiro” ou “escuteiro”? Porquê?

A Beatriz é uma menina que gosta de princesas. É viva e tem muita energia. Reservada, vai falando um pouco, segundo o que lhe interessa. Caso contrário, fica calada. Com um olhar profundo e penetrante, aproxima-se devagarinho, para saber se a confiança dela é merecida. Séria, mas sorridente, é decididamente franca. Aprecia correr e, como grande parte das crianças, quando vê um cão, tende a acarinhá-lo. A Beatriz é escuteira há algum tempo e fez, numa celebração, uma promessa de o ser convictamente. Estive nesse acontecimento e descobri uma menina com vontade de ferro e grande determinação. No escutismo, os mais velhos cuidam dos mais novos, ajudando-os a crescer, formando-os e transmitindo-lhes valores. Os da mesma idade auxiliam-se uns aos outros. Confirmei-o nesse acontecimento. A *princesa* Beatriz – de camisa, calções e botas – assumiu o compromisso de livre vontade porque gosta de ser escuteira. Este passo decisivo vai marcá-la e ajudá-la ao longo da vida. Quanto a mim, é positivo para ela, a família e a sociedade. Uma criança bem formada é uma pérola para toda a comunidade, no presente e no futuro. Em princípio, o escutismo é uma boa escola de formação humana e social porque retoma, se assim se pode dizer, o princípio da “mente sã em corpo são”. Como um bombeiro, um escuteiro está sempre alerta e pronto a servir. A propósito, escreve-se “escuteiro” ou “escoteiro”? É “escutismo” ou “escotismo”? A imprensa vai alternando estas formas e os leitores vão duvidando. Serão as duas possibilidades válidas? Se assim for, é preferível grafar com “u” ou com “o”? Porquê? A variação linguística pode manifestar-se em minudências. Pensar sobre tudo, incluindo pormenores linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Ortografia. Contudo, estará, ainda, ligada à Etimologia. Sabe-se que foi Baden-Powell, um militar de carreira, quem criou este movimento de formação juvenil. O vocábulo inglês “scout”, ou melhor, “boy-scout”, é a base da designação da língua portuguesa. De início, era apenas para rapazes e, progressivamente, acompanhando as mudanças culturais, admitiu raparigas, como é o caso da Beatriz. O que significava “scout”, aquando da sua criação por Baden-Powell? No dicionário *Chambers’s Twentieth Century Dictionary of the English Language* de 1931, uma reedição do original de 1901, na entrada “scout”, lê-se “one sent out to bring in tidings, observe the enemy, &c (...)”. [O. Fr. *escoute* – *escouter* (It. *ascoltare*) – L. *auscultare*, to listen – *auris*, the ear.].

No *Oxford Wordpower Dictionary for Learners of English* de 2000, está escrito “(...) **1 Scout** (also **Boy Scout**) a member of an organization (**the Scouts**) that teaches boys how to look after themselves and encourages them to help others. Scouts do sport, learn useful skills, go camping, etc. (...) **2** a soldier who is sent on in front of the rest of the group to find out where the enemy is or which is the best route to take”. Portanto, o termo inglês veio do francês, através do italiano e do latim. O verbo “escutar” (“ouvir com atenção”) é a base fundamental de “scout”. Tornou-se um termo militar por indicar aqueles que eram enviados como batedores. Estavam habituados a andar com cautela, junto do inimigo, para obterem informações preciosas. Escutavam, atentamente, para compreender a estratégia adversária e descobrir pistas. Assim, os “scouts” são os que escutam e estão sempre em alerta. Isso explica que sejam conhecidos por “escutas”. Fazem-me lembrar alguns índios a que os militares americanos recorriam na conquista de territórios e que via, em criança, em filmes de Hollywood. Que revelarão os dicionários portugueses do tira-dúvidas a propósito dos termos em análise?

Todos (FIGUEIREDO, MACHADO, PORTO EDITORA, ACADEMIA, HOUAISS e PRIBERAM) definem os quatro termos, salvo o AURÉLIO que regista apenas “escoteiro” e “escotismo”. O dicionário da PORTO EDITORA é o único que não dá conta das formas brasileiras, já que “escoteiro” e “escotismo” ocorrem definidos com outras acepções. Nas restantes obras, existe uma clara distinção entre a preferência brasileira (“escoteiro” e “escotismo”) e a opção portuguesa (“escuteiro” e “escutismo”). É mais um caso das divergências gráficas luso-brasileiras. Então, por que razão alguma imprensa portuguesa escreve com “o”? Será assim porque já há dicionários (cf. ACADEMIA e PRIBERAM) que atestam, a par uma da outra, as duas grafias. Faz isso sentido? Não me parece. Interessaria compreender qual das duas é preferível, independentemente do país. No tira-dúvidas, dou as definições integrais ou parciais, conforme a pertinência da informação, para “escuteiro”/ “escoteiro” e “escutismo”/ “escotismo”. Verifica-se que “escotismo” é uma corrente filosófica medieval, não tendo nada a ver com a proposta de Baden-Powell. Portanto, duas razões se impõem para se preferir as grafias com “u”: 1) a origem de “scout” está no verbo “escutar” e 2) é indispensável fazer a diferença entre “escotismo” (doutrina medieval de John Duns Scotus ou Escoto) e “escutismo” (movimento do século XX, criado por Baden-Powell).

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão é preferível escrever “escuteiro” e “escutismo”? Porquê? É porque se torna importante diferenciar “escotismo” de “escutismo”. Além disso, quem anda no escutismo é “escuta”, ficando em alerta permanente. A Beatriz é uma *princesa escuteira*, sempre em estado de alerta e atenta ao mínimo pormenor com o seu olhar profundo e penetrante.

Tira-dúvidas

Dicionários	“escuteiro” e “escutismo”	“escoteiro” e “escotismo”
<p>Priberam “em linha” (2008-2013)</p>	<p>es·cu·tei·ro <i>(escuta + -eiro)</i> <i>substantivo masculino</i> Membro de uma associação escotista. = ESCOTEIRO, ESCUTA</p> <p>es·cu·tis·mo <i>(escuta + -ismo)</i> <i>substantivo masculino</i> O mesmo que <i>escoteirismo</i>.</p>	<p>es·co·tei·ro <i>(escote + -eiro)</i> <i>substantivo masculino</i> 1. Aquele que viaja sem ou com pouca bagagem. 2. Pioneiro. 3. Membro de uma associação escotista. = ESCUTEIRO 4. [Brasil] Tripulante de uma baleeira. <i>adjectivo</i> 5. Veloz; leve. 6. Só, desacompanhado.</p> <p>es·co·tis·mo¹ <i>(Escoto, antropónimo + -ismo)</i> <i>substantivo masculino</i> [Filosofia] Conjunto das opiniões do filósofo escocês John Duns Scotus ou Escoto (1266-1308).</p> <p>.es·co·tis·mo² <i>(escote + -ismo)</i> <i>substantivo masculino</i> 1. Movimento fundado por Baden-Powell (1857-1941), destinado a desenvolver a cultura física, intelectual, cívica e moral de crianças e jovens, por meio de exercícios físicos. 2. Qualquer movimento de escoteiros, de princípios semelhantes a esse movimento. Sinónimo Geral: ESCOTEIRISMO, ESCUTEIRISMO, ESCUTISMO</p>
<p>Houaiss (2001)</p>	<p>Escuteiro adjetivo e substantivo masculino Regionalismo: Portugal. m.q <i>escoteiro</i> Ex.: e. reunidos em conferência nacional</p> <p>escutismo substantivo masculino m.q <i>escotismo</i> Ex.: o e. é uma escola da mocidade</p>	<p>escoteiro¹ substantivo masculino aquele que participa de qualquer unidade de escotismo</p> <p>escotismo¹ substantivo masculino Rubrica: filosofia. teo conjunto das idéias filosóficas e teológicas de John Duns Scotus (1270-1308), pensador escolástico escocês que propugnava a incompatibilidade</p>

		entre o pensamento racionalista e a fé cristã escotismo ² substantivo masculino movimento criado pelo militar inglês Robert Stephenson Smyth Baden-Powell (1857-1941), que visa ao aprimoramento moral e físico de crianças e adolescentes; escoteirismo
Academia (2001)	escuteiro, a, escoteiro, a (Bras.) (...) <i>s.</i> (Do ingl. <boy> <i>scout</i> + suf. - <i>-eiro</i>). Membro da organização fundada pelo general inglês Baden Powell [sic], em 1908; adepto do escutismo. = ESCUTA (...). escutismo, escotismo (...) <i>s. m.</i> (De <i>escuta</i> + suf. - <i>ismo</i>). 1. Organização internacional, fundada pelo general inglês Baden-Powell [sic], em 1908, que tem por objectivo fomentar nos jovens um comportamento baseado em valores éticos e num forte espírito comunitário, através de actividades que privilegiam a vida ao ar livre e em grupo. 2. Doutrina e prática educativa dessa organização.	escoteiro, a <i>s. V. escuteiro.</i> escotismo <i>s. m. V. escutismo.</i>
Porto Editora (1998)	Escuteiro <i>s. m.</i> indivíduo pertencente a uma associação praticante do escutismo (Do ing [<i>boy</i>] <i>scout</i> , «escuteiro» + - <i>-eiro</i>) escutismo <i>s. m.</i> doutrina do general inglês Baden-Powell (1857-1941), que tem por fim a formação do homem moral, intelectual e fisicamente perfeito, pelo desenvolvimento das virtudes cívicas (De <i>escuta</i> + <i>-ismo</i>)	escoteiro A <i>s. m.</i> aquele que viaja sem bagagem, gastando por escote nas estalagens; pioneiro B <i>adj.</i> desacompanhado; leve; veloz (De <i>escote</i> + <i>-eiro</i>) escotismo <i>s. m.</i> sistema filosófico e doutrina de João Duns Scotus, filósofo irlandês (1274-1308), seguida pelos franciscanos (De <i>Escoto</i> , antr. + <i>-ismo</i>)
Machado (1991)	Escuteiro <i>s. m.</i> Aquele que faz parte de um grupo de crianças <i>ou</i> rapazes que pratica em comum exercícios ao ar livre (marchas, excursões, campismo, acampamento, etc.), e se submetem a determinadas regras de disciplina livremente consentidas; o <i>m. q. escuta</i> . // Obs. No Brasil, usa-	escoteiro ³ <i>s. m.</i> (do ingl. <i>scout</i>). Aquele que pertence ao escoteirismo. escotismo ¹ <i>s. m.</i> (de <i>Escoto</i> , antr.). Seit ou doutrina de João Escoto, filósofo irlandês. // <i>Obs.</i> Diferente, portanto, de <i>escutismo</i> . escotismo ²

	<p>-se a forma escoteiro.</p> <p>escutismo</p> <p><i>s. m.</i> Prática dos exercícios de escuteiro. // Doutrina do general inglês Baden-Powel [sic] que tem por fim a formação do homem moral, intelectual e fisicamente perfeito pelo desenvolvimento das virtudes cívicas. // Obs. Vj. <i>escotismo</i>.</p>	<p><i>s. m.</i> (do ingl. <i>scout</i>). O m. q. <i>escoteirismo</i>.</p>
<p>Cândido de Figueiredo (1986)</p>	<p>Escuteiro</p> <p><i>m.</i> Aquele rapaz que faz parte de um grupo de rapazes, que praticam em comum exercícios de marcha, excursões, acampamentos, etc., e se submetem a certas regras de disciplina. O mesmo que <i>escuta</i>. (No Brasil, prefere-se a forma <i>escoteiro</i>). (Equiv. do ingl. <i>boy-scout</i>).</p> <p>escutismo</p> <p><i>m.</i> Prática dos exercícios de escuteiro. Doutrina, mentalidade dos escuteiros.</p>	<p>escoteiro¹</p> <p><i>m.</i> Aquele que viaja sem bagagem nem alforjes, gastando por escote nas estalagens. O mesmo que <i>pioneiro</i>. <i>Bras.</i> Aquele que faz parte de um grupo de rapazes, que praticam em comum exercícios de marcha, excursões, acampamentos, etc., e se submetem a certas regras de disciplina. (Nesta acepção, prefere-se em Portugal, a forma <i>escuteiro</i>). (...).</p> <p>escotismo</p> <p><i>m.</i> Seita ou doutrina de João Escoto, filósofo irlandês.</p>
<p>Aurélio (1986)</p>	<p>Escuteiro</p> <p>verbeta inexistente</p> <p>escutismo</p> <p>verbeta inexistente</p>	<p>escoteiro¹</p> <p>[Adaptado do ingl. <i>boy-scout</i>.] <i>S. m.</i></p> <p>1. Membro componente de qualquer unidade de escotismo [q. v.] * Adj. 2. Pertencente ou relativo ao escotismo.</p> <p>escotismo</p> <p>[De <i>escot(eiro)</i>²[sic] + -ismo] <i>S. m.</i></p> <p>Organização mundial masculina de educação extra-escolar, voluntária, fundada pelo general inglês Baden-Powell (1857-1941), que visa a desenvolver, entre meninos e rapazes, um comportamento baseado em valores éticos, por meio da vida em equipe, do espírito comunitário, da liberdade responsável e do estímulo ao aprimoramento da personalidade, quer no campo individual, quer no campo coletivo. [Sin.: <i>escoteirismo</i>. Cf. <i>bandeirantismo</i> (2).].</p>

Escreve-se “caboverdeano”, “caboverdiano”, “kabuverdianu” ou “cabo-verdiano”? Porquê?

Gosto de recomeçar! É bom voltar a pôr os ponteiros a zero para iniciar nova contagem. É indescritível a sensação da página em branco, limpinha, a aguardar a escrita. Recomeço, agora, duplamente! Volto às minhas reflexões com muitos porquês, já que as dúvidas persistem. Início um novo ano académico com os exames da época especial, depois de umas férias merecidas. Estive em Cabo Verde e pude conhecer quatro das nove ilhas habitadas do arquipélago: Sal, São Vicente (onde passei mais tempo), Santo Antão e Santiago. O balanço é muito positivo, embora as mornas, as coladeiras e as restantes composições musicais não me tenham deixado dormir o suficiente... Fui contactando com a população e descobri realidades que desconhecia. Quanto à língua, contrariamente à ideia que levava, o português não é usado no quotidiano porque o(s) crioulo(s) ocupa(m) esse lugar. É língua oficial, mas não é a que se fala em casa, nem, muitas vezes, na rua, mesmo se todos (ou quase) a compreendem. Em parte por isso, houve linguistas que sugeriram que o crioulo (escolhendo um deles como padrão) fosse escrito diferentemente do português para não se confundir com ele, evitando equívocos. Numa escrita marcadamente fonética, sugeriram “kabuverdianu” para o termo crioulo que identifica o que é relativo a Cabo Verde (cf., por exemplo, Manuel Veiga, *DISKRISON STRUTURAL DI LINGUA KABUVERDIANU*). A propósito, como se escreve, habitualmente, em português? É “caboverdeano”, “caboverdiano”, “cabo-verdeano” ou “cabo-verdiano”? Pensar sobre tudo, incluindo pormenores linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Ortografia e do âmbito da Política Linguística. Após uma sessão com escritores, no decorrer do XI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS, organizado pela Universidade de Cabo Verde e coordenado, com dedicação, por Manuel Brito Semedo, perguntei a Germano Almeida, ao pedir-lhe um autógrafo, por que razão escreveu “caboverdeano” e “caboverdiano”/ “cabo-verdiano” em obras como *A MORTE DO MEU POETA* e *HISTÓRIAS DE DENTRO DE CASA*? Porquê o “e” a alternar com o “i”. Sorrindo, explicou-me que ele sabe que é com “i”, mas, sendo escritor, ele tem a liberdade de poder pôr um “e”. Perguntei-lhe se era porque Cabo Verde se escrevia com

“e”. Ele respondeu-me que não. Era porque ele preferia o “e” por ser mais feminino do que o “i”. Esta letra tem um ar mais masculino. Sorri e agrade-ci. Dificilmente esquecerei a justificação da liberdade literária. A Ortografia não é tão permissiva. Que revelarão os dicionários do tira-dúvidas?

Todos (*AURÉLIO, FIGUEIREDO, MACHADO, PORTO EDITORA, ACA-DEMIA, HOUISS e PRIBERAM*) registam “cabo-verdiano”, excluindo as restantes possibilidades colocadas e que vi escritas em Cabo Verde. O *HOUISS* dá conta de “Kabo-verdiano”, mas essa eu não a vi grafada na-quele país de língua oficial portuguesa. Até que ponto os dicionários têm mais força do que a população? Pode um escritor alterar a norma ortográfi-ca? Que autoridade têm os linguistas para o fazer? O tema daria para uma longa reflexão. Aqui, parece não haver dúvidas, para a norma (dicionariza-da), “cabo-verdiano” escreve-se com hífen e “i”.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o con-trário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão, em português, se escreve “cabo-verdiano”? Porquê? É porque está assim estabelecido. Parece-me que os linguistas que propõem uma escrita fonética para o crioulo cabo-verdiano (incontestavelmente de base portuguesa) complicam mais do que ajudam. Tanto é assim que quase ninguém segue as suas orientações. Recomeçar exige um sentido crítico e verifico que a Linguística nem sempre ajuda a solucionar questões. Recomeço com dúvidas, mas, também, com muitas certezas.

Tira-dúvidas

Dicionários	“caboverdeano”/ “cabo-verdeano”	“caboeverdiano” (inexistente)/ “cabo-verdiano”
<i>Priberam</i> “em linha” (2008-2013)	verbetes inexistentes	ca·bo·ver·di·a·no (<i>Cabo Verde</i> , topónimo + <i>-iano</i>) <i>adjectivo</i> 1. Relativo ou pertencente a Cabo Verde. <i>substantivo masculino</i> 2. Natural, habitante ou cidadão de Cabo Verde. 3. [Linguística] Língua de base lexical portuguesa falada em Cabo Verde. = CRIOULO
<i>Houaiss</i> (2001)	verbetes inexistentes	cabo-verdiano adjetivo e substantivo masculino 1 relativo à Republica de Cabo Verde, arquipélago atlântico do Noroeste da África, ou o que é

		<p>seu natural ou habitante substantivo masculino Rubrica: lingüística. 2 língua crioula de base portuguesa falada em Cabo Verde e regiões costeiras africanas próximas, de ocupação ou influência portuguesa a) pl.: <i>cabo-verdianos</i> b) em Cabo Verde, tb. grafado <i>kabo-verdiano</i></p>
<i>Academia</i> (2001)	verbetes inexistentes	<p>cabo-verdiano¹ (...) <i>adj.</i> (de <i>Cabo Verde</i>, top. + suf. <i>-ano</i>). Que é de Cabo Verde, país na costa oeste de África, ou dos seus habitantes; que lhes diz respeito. Pl. <i>cabo-verdianos</i>, as. cabo-verdiano² (...) <i>s.</i> (de <i>Cabo Verde</i>, top. + suf. <i>-ano</i>). Natural <i>ou</i> habitante de Cabo Verde. Pl. <i>cabo-verdianos</i>, as.</p>
<i>Porto Editora</i> (1998)	verbetes inexistentes	<p>cabo-verdiano A <i>adj.</i> de. <i>Cabo Verde</i>. Relativo a Cabo Verde. // B <i>s. m.</i> natural ou habitante de Cabo Verde (De <i>Cabo Verde</i>, top. + <i>-iano</i>).</p>
<i>Machado</i> (1991)	verbetes inexistentes	<p>cabo-verdiano <i>adj.</i> (de <i>Cabo Verde</i>, top.). Relativo <i>ou</i> pertencente a Cabo Verde. // <i>S. m.</i> Natural <i>ou</i> habitante de Cabo Verde.</p>
<i>Cândido de Figueiredo</i> (1986)	verbetes inexistentes	<p>cabo-verdiano <i>adj.</i> Relativo ao arquipélago de Cabo Verde. <i>M.</i> habitante de Cabo Verde.</p>
<i>Aurélio</i> (1986)	verbetes inexistentes	<p>cabo-verdiano <i>Adj.</i> 1. Do, ou pertencente ou relativo ao arquipélago de Cabo Verde (África). <i>S. m.</i> 2. O natural ou habitante desse arquipélago (...) [Pl.: <i>cabo-verdianos</i>].</p>

É “anos atrás”, “há anos” ou “há anos atrás”? Porquê?

Estou a preparar um livro que agregue vários textos, isto é, crónicas linguísticas. Deve sair brevemente. Aquando do trabalho de compilação, lembrei-me de uma conversa com alguém que me indicava ser um erro dizer e escrever “há anos atrás”. Eu usava a construção e nunca tinha parado para pensar nela. Acabei por concordar que se deveria evitar, mas, para mim, não era propriamente um erro. Então, se não é um erro o que é? Classifico a sequência como um uso pouco adequado, a nível de norma linguística. Pensar sobre tudo, incluindo pormenores linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Semântica e da Pragmática. Será uma redundância semântica, embora a considere um uso linguístico corrente. Creio mesmo que a construção estará praticamente fixada ou em vias de cristalização. Para mim, era um uso banal. É tão frequente ouvi-la que já não me suscitava qualquer questão. É como “as pernas da mesa”, “fiquei sem bateria” ou “o nascer do sol”. Todos sabemos que se convencionou dizer que uma mesa tem pernas, embora não se movimente sozinha. Não há qualquer dúvida que não sou eu que estou sem bateria, mas o telemóvel. Se eu andasse a pilhas e baterias, a minha vida seria bem diferente. É sabido que o sol nem nasce nem se põe. Estas expressões não as colocamos em causa porque todos as empregamos e sabemos o que significam. Quanto a mim, acontece o mesmo com “há anos atrás”. O reforço de “atrás” funciona como uma repetição para sublinhar a ideia de passado de “há anos”. Portanto, temos aqui um pleonasma como em “tenho um amigo meu” ou “na minha opinião, eu acho que isso...”. Para evitar a redundância, será suficiente usar “há anos” ou “anos atrás”, embora não sejam propriamente sinónimas as duas construções. Que revelarão os dicionários do tira-dúvidas a propósito? Vou procurar nas entradas “ano”, “atrás” e “haver”.

Do conjunto de dicionários consultados (cf. tira-dúvidas), apenas três (*AURÉLIO ACADEMIA* e *PRIBERAM*) registam informação sobre algumas daquelas locuções, nas entradas “ano”, “atrás” ou “haver”. Curiosamente, o dicionário da *ACADEMIA* apresenta “há uma semana atrás”, num exemplo extraído de uma referência de 1995. Isto revela que a aceita porque a valida como adequada. É interessante observar a proximidade deste dicionário com o *AURÉLIO*, inclusive a nível formal (numeração a negrito, por exemplo). Considerando que “anos” pode ser substituído por “dias”, “meses”, “sema-

nas”, etc., inspirou-se no dicionário brasileiro para atestar as locuções “haver anos” e “anos atrás”. Pelos dados recolhidos, creio que, na expressão pleonástica “há anos atrás”, aconteceu a fusão entre “há anos” e “anos atrás”, que têm, todavia, sentidos diferentes, devido ao ponto de onde se posiciona o locutor. A primeira, com o verbo, realçará a quantidade e um olhar do passado para o presente. A segunda, com o advérbio, sublinhará a ideia de passado (embora esta também se encontre em “há anos”) e um olhar do presente para o passado.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão deveríamos evitar a construção “há anos atrás”? Porquê? É porque é redundante, visto que a ideia de passado é expressa duas vezes: tanto em “há anos”, como em “anos atrás”. Por economia, temos de escolher uma ou outra. Eu, depois de me fazerem pensar sobre o assunto, assim farei. No entanto, estou convencida que a expressão continuará a ser empregue, visto que até o dicionário da *ACADEMIA* lhe deu cobertura. É fundamental ajudarmo-nos a pensar sobre tudo, incluindo os usos linguísticos. A variação linguística é justificação para toda uma mudança em curso, mas não pode justificar tudo. Espero que o meu livro seja útil para isso. Não tenho quaisquer outras intenções com ele e é, sobretudo, para os estudantes que o concebo, mas igualmente para quem se interessa pela língua portuguesa. Falar e escrever melhor são obrigações de qualquer cidadão responsável que deve pensar sobre o que está à sua volta. Anos atrás, não tinha esta visão, mas, agora, estou cada vez mais convencida que ajudar a pensar é fundamental para termos uma sociedade mais pacífica e justa.

Tira-dúvidas

Dicionários	“há [uns] anos atrás” / “há anos” / “anos atrás” (“anos”, “atrás” e “haver”)
Priberam “em linha” (2008-2013), última consulta feita dia 15-09-2014	haver (...) 6. Ser decorrido [sic] ou ter passado determinado período de tempo (ex.: <i>são amigos há mais de trinta anos; vi-o há uma hora na biblioteca</i>). [Verbo impessoal].
Houaiss (2001)	expressões inexistentes
Academia (2001)	atrás (...) <i>adv.</i> (Do lat. <i>ad trans</i> ‘para lá’). (...) 5. Em tempo anterior, já passado. (...) « <i>Neste domínio, o Governo foi absolutamente intransigente e há uma semana atrás acabou por firmar um acordo com a Suíça</i> » (DAR, 25-5.1995). « <i>de todas as velhacarias [...] só lhe lembrava uma: ter sido juiz o ano atrás</i> » (T. COELHO, <i>Amores</i> , p. 59). <i>Anos, dias, meses, semanas +; tempos +.</i> haver (...) [Do lat. <i>habere</i> . ‘ter’] (...) III (...) 3. Ser passado ou ter decorrido, determinado período de tempo. (...) <i>Não o vejo há séculos. Saiu há instantes. + anos, dias, horas, meses, minutos, segundos; + muito, pouco.</i> (...).
Porto Editora (1998)	expressões inexistentes
Machado (1991)	expressões inexistentes
Cândido de Figueiredo (1986)	expressões inexistentes
Aurélio (1986)	atrás [Das prep. <i>a + trás</i>]. (...) 3. Antes, anteriormente, em expressões relativas a tempo anterior, ou época passada (dia, semana, mês, ano, etc.): <i>Estive com ele dias atrás; Meses atrás, disse-me que pretendia escrever um livro.</i> (...). haver [Do lat. <i>habere</i> .] (...) 8. Fazer (31): “ <i>Havia dias não caía neve.</i> ” (Benjamim Costallat, <i>Modernos...</i> , p. 103); <i>Havia meses que não nos víamos.</i> (...).

O que é uma “contracapa”? Porquê?

Publicamente, quando era Ministro da Educação e da Ciência, Nuno Crato veio pedir desculpa porque um concurso de professores correu muito mal, sendo necessário repeti-lo. Registou-se uma demissão no ministério e surgiu a anedota: um matemático falha nas contas elementares. Para quem trata destes processos, deveria ser uma rotina, mas, claramente, não o é. A inovação, as experiências e as mudanças são anuais. Por todo o país, algumas escolas vão fechar porque não têm um número suficiente de crianças. Houve tempos em que deveriam ser no mínimo 10. Agora, segundo consta, devem ser 20. Existem estabelecimentos com muitas crianças, mas a equipa do Ministro quer encerrá-los, manifestando-se pais e autarcas contra a medida. Além disso, mais de mil professores estarão por colocar e vários estudantes começam o ano sem docentes e sem aulas. Fico por aqui neste rol que a comunicação social vai desenrolando. Se olharmos apenas para o que está a correr mal, tenderemos a esquecer o que vai acontecendo dentro da normalidade e, por isso, bem. Ter a noção da realidade é ver os dois lados. Portanto, no geral, começámos mais um ano escolar de trabalho. Os pais foram comprando os materiais e a maioria das pastas ficou pronta a tempo. Numa destas tarefas preparatórias, uma amiga telefonou-me com uma dúvida. O que é uma “contracapa”? Numa escola de ensino básico, recomendaram que os cadernos fossem identificados na contracapa e houve quem ficasse com dúvidas. Uns pais diziam que era a parte interior da capa e outros que era a parte final do caderno, o lado oposto à capa. Eu nunca pensei no termo para um caderno, mas tenho-o usado para os livros. Na resposta que dei, optei, então, pela segunda possibilidade. No entanto, fiquei com uma “pulga atrás da orelha” e pensei dedicar esta reflexão ao assunto. Pensar sobre tudo, incluindo pormenores linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Lexicologia, da Lexicografia e da Semântica, sendo, também, um problema relacionado com a linguagem técnica. Neste caso, é provável que tenhamos de distinguir um sentido específico e técnico, da área das Artes Gráficas e da Encadernação, do que se usa comumente. Todos sabemos que uma capa, enquanto peça de roupa, serve para recobrir. O vocábulo aplicado ao livro terá o mesmo sentido, isto é, o de “cobertura”. Portanto, no geral, a capa de um livro ou de um caderno será o material que serve para recobrir o miolo, ou seja, as páginas em si. Porém, passou a especificar-se, designando a capa “a parte

dianteira”. Logicamente, a contracapa identificou-se com “a parte traseira”. Se tivermos um livro fechado, em cima de uma mesa, vendo o título e o nome do autor, estaremos a olhar para a capa. Se o virarmos, veremos a contracapa. A lombada separa as duas. Usaremos todos “capa” e “contracapa” com estes sentidos? Que revelarão os dicionários do tira-dúvidas a propósito?

As respostas são tão variadas que compreendo bem a confusão dos pais na simples tarefa de identificar os cadernos dos filhos. Do conjunto de dicionários consultados (cf. tira-dúvidas), o *FIGUEIREDO* não apresenta os verbetes. O *MACHADO* ignora o sentido de “capa” ligado a livro ou similar e a definição de “contracapa” é pouco esclarecedora. As referências brasileiras, o *HOUAISS* e o *AURÉLIO*, fazem a distinção entre exterior (capa) e interior (contracapa). Concordam com a ideia de a “capa” ser o que envolve, externamente, o miolo do livro, caderno, etc., identificando a “contracapa” o interior da capa. O dicionário da *ACADEMIA* considera dois sentidos para “capa”: 1) a totalidade exterior e 2) a parte da frente. Segundo este dicionário, a “contracapa” corresponde à parte interior da “capa” (enquanto elemento exterior) e tem um uso familiar: a acepção de parte posterior, oposta à da frente do livro. O dicionário da *PORTO EDITORA* veicula exclusivamente este último sentido de “contracapa”, mantendo, porém, os dois de “capa” (1- totalidade exterior e 2- parte da frente). Na obra da *PRIBERAM*, registam-se os dois sentidos de “capa” e os de “contracapa”.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão o termo “contracapa” pode suscitar dúvidas? Porquê? É porque tem, pelo menos no Português Europeu, dois sentidos: a) face interior da capa e b) parte posterior do livro, da encadernação, etc. Isso acontece porque “capa” também tem dois sentidos: a) a cobertura integral do livro, da encadernação, etc. e b) parte anterior dessa cobertura. Logo, para evitar confusões e equívocos, quando falamos em “capa” ou “contracapa”, temos de especificar o que pretendemos dizer. Eu vou manter os sentidos que sempre usei: “capa” é, apenas, a parte da frente da encadernação e “contracapa” a que está atrás. O interior de uma e de outra designo-os como tal ou, então, “verso”, tendo a capa e a contracapa frente e verso. Não sei como terminou este caso, mas estou convencida que alguns pais terão identificado os cadernos dos filhos no verso da capa e outros na contracapa, havendo alguns outros que o terão feito na face interior da contracapa (o verso). Quando não clarificamos o que queremos dizer, tudo se complica e surgem os mal-entendidos. Os pais sofrem e os professores também, mas as maiores vítimas são os alunos.

Tira-dúvidas

Dicionários	“capa”	“contracapa”
<p><i>Priberam “em linha”</i> (2008-2013)</p>	<p>ca·pa¹ (latim tardio <i>cappa</i>, tipo de toucado, parte do vestuário que tapa a cabeça) <i>substantivo feminino</i> (...) 8. Parte exterior de um livro, caderno, revista, ou de outra obra ou publicação, geralmente em papel ou material mais resistente. 9. Parte da frente de um livro, caderno, revista, ou de outra obra ou publicação, por oposição à contracapa. (...).</p>	<p>con·tra·ca·pa (<i>contra-</i> + <i>capa</i>) <i>substantivo feminino</i> 1. Parte de trás de um livro, caderno, revista, ou de outra obra ou publicação, por oposição à capa. 2. Parte interna da capa de uma obra ou publicação; verso da capa ou verso da contracapa.</p>
<p><i>Houaiss</i> (2001)</p>	<p>substantivo feminino (...) 6 Rubrica: encadernação. parte exterior de qualquer publicação, ger. de papel encorpado, papelão ou outro material mais rijo que o miolo, que protege e mantém juntas as páginas (...).</p>	<p>substantivo feminino Rubrica: artes gráficas. cada uma das duas faces internas da capa</p>
<p><i>Academia</i> (2001)</p>	<p>(...) <i>s. f.</i> (Do lat. <i>cappa</i> ‘toucado’). (...) 3. Cobertura de papel ou de outro material, mais ou menos rígida, que envolve e protege um livro, uma revista, um folheto... <i>O manual de código está tão usado que já não tem capa.</i> + <i>de livro, de revista; + dura, mole.</i> 4. Parte da frente dessa cobertura, onde estão inscritos normalmente o título do livro, da revista, o nome do(s) autor(es), da editora...; o conjunto dos elementos impressos nessa parte. <i>A editora tem um enorme cuidado na composição das capas. A atriz apareceu na capa do último número da revista.</i> (...).</p>	<p>(...) <i>s. f.</i> (De <i>contra-</i> + <i>capa</i>). <i>Encad.</i> Lado interno da capa. 2. [sic] <i>Fam.</i> Lado posterior da capa. <i>Um texto de contracapa.</i></p>
<p><i>Porto Editora</i></p>	<p><i>s. f.</i> (...) face anterior de livro ou</p>	<p><i>s. f.</i> face posterior de livro ou</p>

(1998)	revista; peça que forma a lombada e as faces anterior e posterior de uma publicação (...).	revista (De <i>contra-+capa</i>)
Machado (1991)	acepção inexistente	<i>s. f.</i> Em encadernação, aba lateral da capa de brochura.
Cândido de Figueiredo (1986)	acepção inexistente	verbetes inexistente
Aurélio (1986)	<i>s. f.</i> (...) 6. Encad. Cobertura de papel ou de outro material, flexível ou rígida, que enfeixa ou protege mais ou menos solidamente um livro, um folheto, etc., segundo constitua brochura, cartonagem ou encadernação [sic] (...). 7. Bibliogr. O conjunto dos dizeres e imagens impressos na cobertura de um livro, de um folheto, etc. (...)	[De <i>contra- +capa</i> ¹ .] <i>s. f.</i> Encad. Cada um dos lados internos (segunda capa e terceira capa) de um livro, revista, folheto, etc.

É “guardiense” ou “egitaniense”? Porquê?

Ultimamente, falam à saciedade de “mobilidade” e, recentemente, foi o dia europeu sem carro(s). Todos os dias, desloco-me a pé pelas ruas do centro citadino, mas, afastando-me para o trabalho ou as compras, necessito do carro. Então, a rádio é uma excelente companhia de viagem, enquanto conduzo. Entre todas, prefiro as que não têm publicidade. Compreendo a sua utilidade, mas dispenso-a porque, numa rádio, aprecio, acima de tudo, as notícias e os demais programas informativos (entrevistas, debates, comentários, etc.). Agrada-me a música e saber-me-ia muito bem ouvir mais melodias nacionais a intercalar com o discurso. Estava eu a conduzir, deslocando-me para o trabalho, quando, num noticiário, ouço um jornalista falar em “guardiense” para um habitante da cidade da Guarda. Soaram-me, interiormente, alarmes e campainhas. Como? O que é que ele disse? O quê? Não é assim, pois não? Pensar sobre tudo, incluindo pormenores linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Lexicologia, da Lexicografia e da História da Língua. Quem conhecer a Guarda, a “capital” da Beira Alta, saberá que é a cidade “formosa” (para muitos e “feia” para alguns), “farta” e “fria”. O granito, a pedra que mais se encontra por aquela paisagem, dá-lhe em encanto original. Recomendo a visita a quem gostar de passear. Vivi ali durante alguns anos e lembro-me de me contarem que um natural da Guarda é um egitaniense porque, no período da romanização da Península Ibérica, aquela zona era chamada EGITANEA. Faz sentido, mas é preciso saber. Ninguém se lembrará desse nome, se não conhecer a sua origem. Seria mais evidente usar um termo próximo do nome da localidade como em “Funchal” – “funchalense” ou “Porto” – “portuense”. Pela divergência de significante que “egitaniense” evidencia em relação a “Guarda”, haverá uma forte tendência para procurar outros vocábulos. Que revelarão os dicionários do tira-dúvidas a propósito?

Seria impensável que um dicionário não atestasse “egitaniense”. Isso acontece com o *AURÉLIO*. Será, provavelmente por ser brasileiro, mas não é linear, uma vez que há muitos brasileiros com antepassados egitanienses. Aliás, o *HOUAISS* tem a entrada e, inclusive, a de “guardense” como sinónima. Esta designação (“guardense” – “Guarda”) também figura nas referências portuguesas mais recentes (cf. o dicionário da *ACADEMIA*, o da *PORTO EDITORA* e o *PRIBERAM*), revelando tratar-se de uma nova criação

linguística. Esta última referência é da Internet e tem mesmo um problema com a existência de “guardense” porque não apresenta qualquer entrada com definição para este vocábulo. As obras mais antigas do tira-dúvidas (o FIGUEIREDO e o MACHADO) não mencionam tal palavra. Curiosamente, o MACHADO é o que faculta mais variantes, inclusive “egitano”, que não ocorre em nenhuma das restantes obras. Neste caso, parece ter alguma relação com “igeditano”. Posto isto, fica claro que nenhum dicionário do tira-dúvidas refere “guardiense” e todos, salvo um, definem “egitaniense”. Embora não subsistam dúvidas quanto a estes, permanecem para “guardense”, que será um neologismo.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão o habitante da Guarda é um **egitaniense**? Porquê? É porque há razões históricas a justificar esta relação linguística. Podemos sempre querer mudar a História, mas não podemos fugir ao nosso passado. Tentar substituir o que é com outras possibilidades não apaga o que somos. Eu não sou egitaniense, mas fui-o durante uns anos, enquanto morei na Guarda. Eu não sou madeirense porque não nasci na Madeira, mas sê-lo-ei enquanto aqui viver. Para mim, a cidade ou a localidade onde cada um vive é a sua “pátria”. Tem, portanto, de cuidar dela. Andar a pé para diminuir o impacto da poluição automóvel pode ser uma solução, a fim de evitar o agravamento deste problema urbano, que se vai intensificando em diversas cidades do mundo. Paris é uma delas. Porém, não o será num dia ou numa semana. Terá de o ser numa vida. Os comportamentos mudam, quando as mentalidades se alteram. Criar palavras para designar o que já tem nome não modifica nada, mesmo ouvindo-se numa rádio.

Tira-dúvidas

Dicionários	“guardiense”	“egitaniense”
<i>Priberam “em linha”</i> (2008-2013)	verbo inexistente guardense Palavra não encontrada (na norma europeia, na grafia pré-Acordo Ortográfico). Será que queria dizer guardense?	e·gi·ta·ni·en·se <i>adjetivo de dois géneros</i> 1. Relativo ou pertencente a Idanha-a-Velha e, por extensão, à Guarda. <i>substantivo de dois géneros</i> 2. Natural de Idanha-a-Velha e da Guarda.
<i>Houaiss</i> (2001)	verbo inexistente guardense adjetivo e substantivo de	adjetivo e substantivo de dois géneros I relativo à Idanha-a-Velha BEI.BX

	dois gêneros relativo à cidade da Guarda BEI.AL ou o que é seu natural ou habitante; egitaniense	ou o que é seu natural ou habitante 2 relativo à cidade da Guarda BEI.AL ou o que é seu natural ou habitante; guardense Etimologia: top. <i>Egitânia</i> + <i>-ense</i> ; <i>Egitânia</i> , nome antigo da atual Idanha-a-Velha, tem orig. no lat. * <i>Igaeditania</i> , top. der. do lat. <i>Igaeditáni,órum</i> ‘população da Lusitânia’, região da qual Idanha-a-Velha era um dos municípios, donde <i>Igeditânia</i> > <i>Egitânia</i> > <i>Eidãia</i> > <i>Idanha</i>
<i>Academia</i> (2001)	verbetes inexistentes guardense ¹ (...) <i>adj. m. e f.</i> (De <i>Guarda</i> , top. + suf. <i>-ense</i>). O m. que <i>egitaniense</i> ¹ . guardense ² (...) <i>s. m. e f.</i> (De <i>Guarda</i> , top. + suf. <i>-ense</i>). O m. que <i>egitaniense</i> ² .	egitaniense ¹ (...) <i>adj. m. e f.</i> (Do lat. <i>egitaniensis</i> , de <i>Egitania</i> , top.). 1. Que é da cidade portuguesa da Guarda, capital de distrito, ou dos seus habitantes, que lhes diz respeito. = GUARDENSE. 2. Que é de Idanha-a-Nova ou dos seus habitantes, que lhes diz respeito. = IDANHENSE, IGEDITANO.. <i>Ruínas egitanienses.</i> 3. Que é de Idanha-a-Velha ou dos seus habitantes, que lhes diz respeito. egitaniense ² (...) <i>s. m. e f.</i> (Do lat. <i>egitaniensis</i> , de <i>Egitania</i> , top.). 1. Natural ou habitante da cidade da Guarda. = GUARDENSE. 2. Natural ou habitante de Idanha-a-Nova = IDANHENSE, IGEDITANO. 3. Natural ou habitante de Idanha-a-Velha.
<i>Porto Editora</i> (1998)	verbetes inexistentes guardense <i>adj. e s. 2 gén.</i> que ou a pessoa que é natural ou habitante da cidade portuguesa da Guarda, na província da Beira Alta; -> egitaniense (de <i>Guarda</i> , top. + <i>-ense</i>).	<i>adj. e s. 2 gén.</i> que ou a pessoa que é natural ou habitante da cidade portuguesa da Guarda, na província da Beira Alta; -> egitaniense Guarda. (do lat. <i>Egitania</i> , top.).
<i>Machado</i> (1991)	verbetes inexistentes	egitanense ¹ , egitaniense ¹ , egitano ¹ <i>adj. 2 gén.</i> (do lat. <i>Egitania</i> , top.). Relativo à Idanha. // Relativo à

		Guarda. egitanense², egitaniense², egitano² <i>adj. 2 gén.</i> [sic] (do lat. <i>Egitania</i> , top.). Aquele que é natural da Idanha-a-Velha. // Homem natural da Guarda.
Cândido de Figueiredo (1986)	verbeta inexistente	<i>m.</i> [sic] Aquele que é natural da Idanha-a-Velha. <i>Ext.</i> Habitante da Guarda. <i>Adj.</i> Relativo à Idanha. <i>Ext.</i> Relativo à Guarda Cf. Herculano. <i>Hist. de Portugal</i> , II, 96 e 121 (Do lat. <i>Egitania</i> , n. p.). egitanense <i>m. e adj.</i> O mesmo que <i>egitaniense</i> .
Aurélio (1986)	verbeta inexistente	verbeta inexistente

É “um chiclete”, “uma chiclete” ou “uma pastilha”? Porquê?

Estava numa aula a tratar de questões relacionadas com a construção das frases e, para resolver um exercício, coloquei uma pergunta a uma estudante, cuja resposta não entendi. Pedi-lhe que repetisse. Explicou-me que tinha “um chiclete” na boca e que ia deitá-lo fora. Em vez de a situação me perturbar, aproveitei-a para a análise linguística que estava a realizar e perguntei se todos os presentes diziam assim ou de outra forma. Ninguém discordou daquela resposta. Então, eu acrescentei que estava habituada a ouvir o feminino: “uma chiclete”. Quis saber se usavam mais termos para designar o mesmo que o nome daquela marca de origem americana, se não me enganou. Surgiram “um pirata” e “um gums” (como realização regional). Este estrangeirismo derivará do vocábulo inglês “gum”. Coloquei de novo o problema do feminino: “uma pirata” e “uma gums”? As hesitações foram aparecendo. Para pôr a pensar, perguntei pelo vocábulo usado na norma. Não houve qualquer resposta. Avancei, então, com “pastilha elástica”. Concordaram comigo. Existirão mais sinónimos, como, por exemplo, “gorila”. Porém, persiste a questão do género gramatical destes vocábulos. São femininos ou masculinos? Uma vez a pastilha deitada fora, prossegui com o exercício relacionado com as construções frásicas, mas a questão do género gramatical subsistiu. Pensar sobre tudo, incluindo pormenores linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Lexicologia, da Lexicografia, da Morfologia, da Cultura e dos usos linguísticos. Eu emprego o feminino para os que utilizo, associando-os sempre a “pastilha”. Os vocábulos “chilete” (nome de uma marca) e “gums” (estrangeirismo regional que não é atestado nos vocabulários regionais mais conhecidos), não os uso no quotidiano. Logo, nunca tinha pensado neste assunto, que me parece interessante. Recentemente, numa reportagem histórica, descobri que, no fim da II Guerra Mundial, os soldados americanos introduziram na Europa realidades culturais aí desconhecidas, incluindo a pastilha elástica. Poderá a história ter mais contornos, mas é incontestável: culturalmente, revela-se bastante recente enquanto produto comercial, embora as substâncias para mastigar possam ser mais antigas. Porventura, as crianças e os jovens apreciam este produto mais do que os adultos, mesmo se alguns também não o

dispensam. É o caso de certos treinadores de futebol, por exemplo. Eu tenho uma tendência para fazer bolinhas, enquanto mastigo alguma pastilha. Esta finalidade (pouco recomendável) vem expressa no nome inglês “bubble-gum” que tem “gum” em comum com “chewing gum”. Para a realidade linguística inglesa, o género gramatical não é pertinente, mas é-o para a portuguesa. As línguas não são todas iguais. Que revelarão os dicionários do tira-dúvidas a propósito?

Os dicionários do tira-dúvidas revelam algum atraso cultural e não acompanham os usos dos falantes. Nas entradas de “pirata” e “gorila” (nomes de pastilhas), não vem referida a possibilidade de serem pastilhas elásticas. Então, decidi procurar apenas “chiclete” e “pastilha” para obter uma resposta à minha pergunta. É evidente a diferença entre o Português Europeu e o do Brasil. Os dicionários brasileiros (*AURÉLIO* e *HOUAISS*) classificam “chiclete” como masculino (“um chiclete”), havendo a par desse um outro nome também ele masculino (“chicle”). Na referência da *ACADEMIA* e na do *PRIBERAM*, “chiclete” é feminino, mas “chicle” tem o género masculino. A *PRIBERAM* indica a diferença de género entre o Português Europeu e o do Brasil. As restantes obras consultadas (*PORTO EDITORA*, *MACHADO* e *FIGUEIREDO*) não registam “chiclete”. Em contrapartida, todos os dicionários do tira-dúvidas definem “pastilha”, embora nem todos com o sentido de “pastilha elástica”. Estive a falar do assunto com alguém que vive em França. Disse-me que, naquele país, há dois dicionários que são referências incontornáveis: o Larousse e o Robert, faltando obras do género para o português. Expliquei-lhe que também as tínhamos, sendo, porém, a concorrência mais feroz.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão é preferível dizer “pastilha (elástica)” em vez de “chiclete”? Porquê? É porque “pastilha” é o termo mais comum e generalizado, não representando nenhuma marca de produto. Além disso, neste caso, não há dúvidas quanto ao género feminino. Quem quiser empregar “chiclete” tem de se lembrar que o género recomendado para o Português Europeu é o feminino e para o do Português do Brasil é o masculino. É mais uma das diferenças linguísticas entre duas opções culturais distintas. De permeio, nomeadamente nos arquipélagos, derivados de “gum” (“chewing gum” e “bubblegum”) vão ganhando elasticidade e dimensão. No madeirense, “gums” (do género masculino, segundo os estudantes) é o preferido. Aprender não ocupa lugar e a reflexão linguística pode surgir das maiores insignificâncias.

Tira-dúvidas

Dicionários	“chiclete”	“pastilha”
<p>Priberam “em linha” (2008-2013)</p>	<p>chi·cle·te clé chiclete s. f. (PT) ou s. m. (BR) (<i>Chiclets</i>, marca registada) Goma aromatizada feita a partir do chicle e que se pode mastigar durante bastante tempo. = PASTILHA ELÁSTICA chi·cle substantivo masculino 1. Látex que escorre da sapota e é utilizado no fabrico da chiclete. 2. [Brasil] O mesmo que chiclete.</p>	<p>pas·ti·lha (espanhol <i>pastilla</i>) substantivo feminino 1. Pedaco de pasta açucarada, de cores, formas e sabores diversificados. 2. O mesmo que pastilha elástica. 3. Pequena porção comprimida de pasta medicamentosa, geralmente de formato redondo. = COMPRIMIDO, PÍLULA (...).</p>
<p>Houaiss (2001)</p>	<p>substantivo masculino m.q. goma de mascar chicle substantivo masculino 1 goma insolúvel e pegajosa que flui do tronco do sapotizeiro, que certos povos têm o hábito de mastigar e que é empr. como ingrediente na fabricação de gomas de mascar 2 m.q. goma de mascar</p>	<p>substantivo feminino 1 pequena guloseima de açúcar, ao qual se acrescentam corantes e/ou ingredientes ou essências de vários sabores; bala 2 (1899) Rubrica: farmacologia. massa de forma circular, comprimida para adquirir consistência sólida e envolta em açúcar, à qual se adicionam substâncias medicamentosas</p>
<p>Academia (2001)</p>	<p>(...) s. f. (Do ingl. <i>Chiclets</i> <marca registada>). Goma ou pastilha elástica doce, aromatizada, que se masca. <i>Caixa de chicletes. Chicletes com sabor a morango. Chicle</i> (...) s. m. (Do ingl. <i>Chiclets</i>, marca registada). 1 Substância que escorre das sapotáceas com a qual se faz a pastilha elástica ou a chiclete. <i>O chicle é o látice da sapota.</i> 2 Pastilha elástica ou chiclete.</p>	<p>(...) s. f. (Do cat. [sic] <i>pastilla</i>). 1. Pasta pequena. 2. Pequena porção de uma pasta, açucarada, semelhante a rebuçado, com formas variáveis e essências de diversos sabores. (...). 16. pastilha elástica, pequena guloseima, de forma variável, feita com a goma de certas plantas, envolvida por uma fina camada de açúcar, de sabor variado e que não se dissolve com a mastigação, devido à sua consistência elástica e pegajosa. (...).</p>
<p>Porto Editora (1998)</p>	<p>verbetes inexistentes</p>	<p>s. f. pequena porção de açúcar, em geral de forma circular e achatada, com chocolate ou sabor</p>

		a frutas (...) (do cast. <i>pastilha</i> , «id.»)
Machado (1991)	verbetes inexistente	<i>s. f.</i> (do esp. <i>pastilha</i> , dim. de <i>pasta</i>). Pequena porção de açúcar aromatizado (em geral de forma circular e achatada), de chocolate, etc. // Qualquer massa de forma análoga (...).
Cândido de Figueiredo (1986)	verbetes inexistente	<i>f.</i> Pasta de açúcar que contém uma essência <i>ou</i> um medicamento (...).
Aurélio (1986)	[Marca registrada (do ingl. <i>Chiclets</i> < esp. <i>chicle</i>).] <i>S. m.</i> <i>Chicle</i> (2): “Devagar os caros, avançando no meio de transeuntes, das barraquinhas de chiclete e confeitos.” (Ricardo Ramos, <i>Matar um Homem</i> . P. 160.) Chicle [Do náuatle <i>tzictli</i> , atr. do esp. <i>chicle</i> .] <i>S. m.</i> 1 O látex da sapota. matéria-prima da goma de mascar. 2 <i>P. ext.</i> goma de mascar; chiclete.	[Do esp. <i>pastilla</i> .] <i>S. f.</i> (...) 2. Bala, rebuçado. (...). Bala (...) 6. Caramelo, drope, rebuçado: <i>chupar bala</i> (...).

Por que motivo se escreve “comummente”? Porquê?

Nestes dias, recebi um “e-mail” relacionado com a internacionalização do ensino superior português. Nele, perguntaram-me se eu estaria disponível para usar, nas aulas de mestrado, a língua inglesa. Respondi que não estava disponível para abdicar da minha língua materna, no meu próprio país. No entanto, se houvesse estudantes estrangeiros, apoiá-los-ia, como tenho feito. Em mais de vinte anos de ensino, trabalhei com muitos e verifiquei, com frequência, que um grande número nem termos ingleses elementares entende... Com políticas linguísticas destas, bem podem fazer os estudos promocionais que quiserem sobre o valor económico da língua portuguesa e festejar os seus 800 anos de história, dizendo que tem milhões de falantes. É ridículo! Será que não entendem? Isto, no Brasil, seria impensável. Andam os Países de Língua Oficial Portuguesa a impulsionar o português para que, em Portugal, se dê lugar ao inglês. Gostando tanto do mundo anglófono, contra o qual nada tenho, já que uma parte da minha família é, dele, oriunda, sugiro que Portugal apresente uma candidatura à Commonwealth, como Moçambique já fez. Em vez de nos afirmarmos pelo que somos, queremos ser o que os outros são e, competindo com os que se afirmam pelo que são, a batalha (para não dizer “a guerra”) está perdida, logo à partida. Tenho visto colegas a publicarem na Internet uma versão inglesa do CV, esquecendo a portuguesa. Há cada vez mais congressos de universidades portuguesas para académicos portugueses ou lusófonos todos em versão inglesa. Incrível! Para que servirá a tradução?

O Brasil segue o seu caminho e impulsiona os académicos a aprenderem línguas estrangeiras, sem renunciar ao português. Há pouco tempo, em Cabo Verde, cruzei-me com alguns que tiveram bolsas do Estado Brasileiro para fazerem cursos de línguas em Inglaterra ou na França. O Brasil e a língua portuguesa: o tema daria para uma vasta reflexão. Este país da América do Sul segue uma política linguística própria da qual não se afasta, mesmo se é diferente da de Portugal. Por exemplo, escolheu um modo de escrever muito vocabulário comum de maneira específica, mantendo-a depois do ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA de 1990 (AO1990). Aliás, nada tem a ver com este (des)acordo, mas acaba por se impor aos portugueses como se fizesse parte do AO1990 que tanto querem aplicar, enquanto os brasileiros andam com hesitações. Por exemplo, o revisor automático do meu computador segue-o em muitos casos e a variedade que tenho escolhida, *a priori*, é a do Português Europeu... Dou o caso da escrita de “comummente” (com “mm”). É estranho, mas não dá erro se grafar apenas com um

“m”, embora tivesse de dar. Muitos portugueses escrevem-no assim, não pensando que é um erro, mesmo com o AO1990. Se agem assim com o português, como será com o inglês? Li o vocábulo escrito com um “m” em vários textos diferentes, nesta semana. Será que não sabem que, em Portugal, se escreve “comummente” (com “mm”), mesmo se, no Brasil, preferem escrever de outra maneira? Não é arbitrária essa escrita com duas vezes a letra “m” porque há uma razão e uma explicação. Para lá chegar, basta pensar um pouco. Pensar sobre tudo, incluindo pormenores linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Morfologia, da Fonética e da Ortografia. Há uma orientação, já antiga, que se aprende (Aprendia?) na escola e que indica o seguinte: OS ADVÉRBIOS DE MODO TERMINADOS COM O SUFIXO “-MENTE” FORMAM-SE A PARTIR DO FEMININO SINGULAR DOS ADJECTIVOS. EXEMPLOS: “alta” – “altamente”, “silenciosa” – “silenciosamente”. SE O ADJECTIVO FOR UNIFORME (COM A MESMA FORMA PARA O FEMININO E O MASCULINO), ADICIONA-SE-LHE O SUFIXO. EXEMPLOS: “feliz” – “felizmente”, “comum” – “comummente”. Assim, a sequência “mm” é, aqui, obrigatória. Se não se souber a regra, pense-se na produção fonética e ortográfica. O “m” final de “comum” não vale como consoante própria porque está dependente da vogal “u” que é nasal. Sucede o mesmo com “um” ou “atum”. Ninguém se lembrará de retirar essa letra para escrever “u” ou “atu”, pois não? Então, por que razão a tiram em “comum”, quando forma o advérbio de modo? Se assim fizerem, muda tudo porque a vogal nasal escrita “um” passa a oral “u”. Não sei se dá para entender, mas é uma evidência para quem pensar um pouco. Em “comummente”, a sequência “mm” é necessária porque a primeira letra pertence ao “um” e a segunda inicia outra sílaba. Ortograficamente, o primeiro “m” não tem valor próprio, enquanto consoante independente, como acontece com o segundo “m”. A escola deveria ensinar isso, mas, de tão ocupada a cumprir programas, esquece o que é fundamental: desenvolver uma consciência linguística para pôr os alunos a pensar no que dizem e escrevem. Retirar um “m” em “comummente” é alterar a pronúncia. No Brasil, supostamente, quiseram simplificar e complicaram, alterando uma regra que era fácil de entender. Agora, paulatinamente, em Portugal, por influência estrangeira, vai-se impondo o erro (simplista), apagando o uso (coerente, fonética e ortograficamente falando). Que revelarão os dicionários do tira-dúvidas a propósito?

Nem todos os dicionários consultados atestam a existência do advérbio formado a partir de “comum”. Dos três que o ignoram (*MACHADO*, *AURÉLIO* e *HOUAISS*), dois deles são referências brasileiras. É estranhíssimo! Poderão o *AURÉLIO* e o *HOUAISS* discordar da posição dominante no Brasil

e, assim, evitar equacionar a questão? Não é possível sabê-lo. O certo é que registam outros advérbios de modo, como é o caso de “felizmente”. O dicionário da *ACADEMIA* não refere a grafia brasileira, enquanto os restantes (*PRIBERAM*, *PORTO EDITORA* e *FIGUEIREDO*) lhe fazem menção, sem esquecerem a grafia do Português Europeu. Logo, não há dúvidas. Deve escrever-se “comummente” com a sequência “mm”. A primeira letra está dependente da vogal, nasalizando-a, já que “u” (uma vogal oral como a de “tu”) é diferente de “um” (uma vogal nasal como a de “atum”).

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão é obrigatório escrever “comummente”? Porquê? É porque o adjectivo termina em vogal nasal e a ele deve ser adicionado o sufixo “-mente”. A repetição da letra “m” tem sentido porque o primeiro “m” e o segundo têm funções distintas. Então, aquilo que parece uma repetição desnecessária não o é, visto que as vogais nasais como “um” são uma característica da língua portuguesa. As outras línguas, nomeadamente o inglês, têm outras. Se ignoramos o funcionamento da nossa língua materna, como havemos de saber comunicar, a um nível superior, numa língua estrangeira, mesmo se é uma língua franca? Comummente, este inglês falado não corresponde à variedade culta e constitui um meio de comunicação desvirtuado que só pode criar equívocos comunicativos, se não se souber como funciona. A tradução pode ser um meio para acabar com este problema. As universidades deveriam formar tradutores-intérpretes, em vez de incentivar o esquecimento da língua materna, remetendo-a para segundo plano. Enquanto eu aposto na mundialização do castelhano, a moda do mandarim e a do inglês ainda vão durar alguns anos. É provavelmente por isso que Lídia Jorge publica o seu último livro (*O ORGANISTA*) em Português com tradução inglesa.

Tira-dúvidas

Dicionários	“comummente”	“comumente”
<i>Priberam “em linha”</i> (2008-2013)	co·mum·men·te (<i>comum</i> + <i>-mente</i>) <i>advérbio</i> 1. De modo comum. 2. Na linguagem comum (ex.: <i>cloreto de sódio, comummente conhecido como sal de cozinha</i>). = CORRENTEMENTE • Grafia no Brasil: <i>comumente</i> .	(remete para “comummente”)
<i>Houaiss</i> (2001)	verbeta inexistente	verbeta inexistente
<i>Academia</i> (2001)	(...) <i>adv.</i> (De <i>comum</i> + suf. <i>-mente</i>). 1. Na maior parte dos casos ou das vezes; em geral; de modo comum. = GERALMENTE, HABITUALMENTE, VULGARMENTE (...).	verbeta inexistente
<i>Porto Editora</i> (1998)	<i>adv.</i> vulgarmente (De <i>comum</i> + <i>-mente</i>)	<i>adv.</i> [Bras.] -> comummente
<i>Machado</i> (1991)	verbeta inexistente	verbeta inexistente
<i>Cândido de Figueiredo</i> (1986)	<i>adv.</i> Geralmente; de ordinário; vulgarmente. – No Brasil, usa-se <i>comumente</i> . (De <i>comum</i>).	<i>adv.</i> (V. <i>comummente</i>).
<i>Aurélio</i> (1986)	verbeta inexistente	verbeta inexistente

É “fontanário” ou “fontenário”? Porquê?

Desde o aparecimento do problema nos próprios países, os meios de comunicação e as entidades governativas ocidentais têm dado importância ao ébola, pontualmente. Parece que, em Espanha, a mulher que tinha sido atingida pelo vírus (Não chego a perceber se é enfermeira ou “auxiliar médica” porque umas notícias inclinam para um lado e outras para o outro...) está a recuperar desse mal terrível e mortal. Em contraste (já que o singular é ocidental e o plural africano), é alarmante o número de mortos em alguns países africanos! Logo, com surpresa, vi, num canal televisivo estrangeiro, uma entrevista a uma jovem médica dos Estados Unidos da América. Tinha decidido deixar o conforto do lar para ir, salvo erro, para um hospital da Libéria onde havia inúmeros casos de ébola. Ela explicava que vestir o fato para se proteger não lhe causava problemas. Porém, ficava angustiada ao retirá-lo, depois de ter “tocado no ébola”. Vi, ainda, outra ocidental explicar a crianças africanas as medidas de segurança para que elas as assimilassem, repetindo-as. Dizia algo do género: “É preciso lavar as mãos com frequência.” e “Não se deve tocar em pessoas doentes.”. Que entenderiam, aquelas crianças, por “lavar as mãos”?

A água é um bem escasso, e, com frequência, as famílias africanas não têm água canalizada em casa. Em muitos lugares do mundo, em especial em África, esse é um luxo acessível apenas a alguns. A raridade da água canalizada não é difícil de entender. Nos anos 80-90 do século XX, lembro-me de passar férias numa pequena freguesia onde as casas não tinham nem água nem esgotos. No local, havia um chafariz, isto é, um lugar com torneira para recolher água destinada a cozinhar e beber. Perto, existia uma fonte, ou seja, uma casota que abrigava uma nascente de água fresca, em que se lançava um recipiente atado a uma corda para recolher água destinada a usos domésticos gerais. O chafariz corresponde ao que se designa, muitas vezes, como “fontanário”. Certas pessoas preferem “fontenário”. Haverá alguma diferença entre os dois termos? Pensar sobre tudo, incluindo pormenores linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Etimologia, da Morfologia, da Fonética e da Ortografia. A diferença entre “fontanário” e “fontenário” é mínima. Um fone (e letra) os distingue. É um exemplo de variação linguística. Um vocábulo pronuncia-se (e escreve-se) com “a”, enquanto o outro é com “e”, mas isso não comporta qualquer alteração de significa-

ção. A distinção fonemática não se revela pertinente. Os dois remetem para um chafariz, frequentemente confundido com uma fonte, embora, para mim, pelas definições/ explicações que dei, não sejam o mesmo. Por que razão se escreve “fontanário” e “fontenário”? Como surgiram os dois termos? Creio que “fontanário” é a forma etimológica, original, e que “fontenário” surgiu porque as pessoas foram associando este vocábulo a “fonte”. Como em múltiplas situações, o que os falantes pensam estar certo é, afinal, errado, mas vão perpetuando o erro, tornando-o certo. É próprio da variação linguística ir aceitando os usos. Que revelarão os dicionários do tira-dúvidas a propósito?

Todos os dicionários consultados registam “fontanário” e apenas um (*AURÉLIO*) ignora “fontenário”. Neste termo, o escrito com “e”, considera-se haver uma “dissimilação”. Trata-se de um fenómeno fonético em que dois fones (sons) semelhantes de sílabas próximas se diferenciaram. Embora concorde com a dissimilação, penso que ela sucedeu por analogia com “fonte”. É interessante verificar que, nos dicionários mais antigos (*AURÉLIO* e *FIGUEIREDO*), “fontanário” é, na origem, um adjectivo usado, nomeadamente, em “marco fontanário” (= chafariz). Posteriormente, mantendo-se como tal, também terá evoluído para um uso substantivado (cf. o dicionário da *PORTO EDITORA*, o da *PRIBERAM* e o da *ACADEMIA*). Assim, o “marco fontanário” (com adjectivo) deu “o fontanário” (com substantivo). O *MACHADO* é categórico e indica “fontanário” como a “forma preferível” e “fontenário” como a “menos aconselhável”. Os dicionários remetem a origem de “fontanário” para um termo latino, mas parece não haver grande concordância sobre o assunto. Contudo, a maioria indica “fontana”.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão se deveria empregar “fontanário”? Porquê? É porque corresponde à forma etimológica, enquanto a outra, embora registada em quase todos os dicionários, é produzida por deturpação (dissimilação por analogia) de “fontanário”. Nesse caso, a associação com “fonte” revela-se evidente. Creio que é esta que vai perdurar porque a vejo, com frequência, registada. A vida e a língua (esta, em parte, reflexo representativo daquela) estão repletas de usos (erros?) voluntários ou involuntários, condicionando-as. Poderia ter sido fatal para a jovem espanhola com ébola um simples erro de conduta. Sê-lo-á para as crianças africanas com fracos recursos que, certamente, por perto, terão fontes, chafarizes ou fontanários para lavar as mãos, mas dificilmente terão água canalizada.

Tira-dúvidas

Dicionários	“fontanário”	“fontenário”
Priberam “em linha” (2008-2013)	fon·ta·ná·ri·o (latim <i>fontana</i> , -ae, nascente, fonte + -ário) <i>adjectivo</i> 1. Relativo a fonte. = FONTAL, FONTANAL <i>substantivo masculino</i> 2. Fonte com uma ou várias bicas ou torneiras, usada para abastecimento público. Sinónimo Geral: FONTENÁRIO	fon·te·ná·ri·o (alteração de <i>fontenário</i> [sic]) <i>adjectivo e substantivo masculino</i> O mesmo que <i>fontanário</i> .
Houaiss (2001)	adjetivo 1 m.q. fontanal substantivo masculino 2 m.q. chafariz Etimologia fontano + -ário	adjetivo e substantivo masculino m.q. fontanário Etimologia fontanário, por dissimilação
Academia (2001)	fontanário ¹ , a (...) <i>adj.</i> (Do lat. <i>fontana</i> ‘fonte’ + suf. -ário). Que é relativo a fonte (...). fontanário ² (...) <i>s. m.</i> (Do lat. <i>fontana</i> ‘fonte’ + suf. -ário). Construção, geralmente em forma de pequena coluna de ferro ou de pedra, provida de uma torneira pela qual sai água canalizada, para abastecimento público. <i>la todos os dias buscar água ao fontanário da aldeia.</i>	fontenário ¹ , a (...) <i>adj.</i> (Do lat. <i>fontana</i> ‘fonte’ + suf. -ário). O m. que <i>fontanário</i> ¹ . fontenário ² (...) <i>s. m.</i> (Do lat. <i>fontana</i> ‘fonte’ + suf. -ário). O m. que <i>fontanário</i> ² .
Porto Editora (1998)	A <i>s. m.</i> fonte artificial para abastecimento público de água B <i>adj.</i> relativo a fonte; marco ~ fonte em forma de coluna ou pilastra, provida de torneira (Do lat. * <i>fontanariu-</i> , <id.>)	<i>s. m.</i> -> fontanário
Machado (1991)	<i>s. m.</i> O m. q. <i>fonte</i> // <i>Adj.</i> Relativo a fonte; fontal.// <i>Marco fontanário</i> , coluna ou pilastra em lugar público, com torneira, para os habitantes do sítio tirarem água para o seu uso. O m. q. <i>fontenário</i> . forma menos aconselhável.	<i>adj.</i> e <i>s. m.</i> O m. q. <i>fontanário</i> , forma preferível.

<i>Cândido de Figueiredo</i> (1986)	<i>adj.</i> O mesmo que <i>fontal</i> . (De <i>fontana</i>).	<i>adj.</i> (V. <i>fontanário</i>).
<i>Aurélio</i> (1986)	Adj. V <i>fontanal</i> .	verbeta inexistente

É “o este” ou “o leste”? Porquê?

No dia de Todos os Santos, consegui ir ao lançamento do livro ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU do poeta José Agostinho Baptista. Desconhecia o sítio e o restaurante O Moinho, na ilha da Madeira. Indo de propósito para ali, fui do sol do Funchal para um chuvisco outonal e uma aragem bastante fresca, num entardecer sabático. Pareceram-me elementos de um cenário propício a uma vivência poética, em dia de recordar as pessoas amadas que faleceram. Prefiro o eufemismo “partir”: que partiram. Do lugar onde estava, enquanto ouvia as apresentações, via, de um lado, a paisagem inclinada, indo da terra ao mar e, de um outro, um pedacinho de serra. A determinado momento, senti o vento, que marcou, discretamente, presença. Saí dali a pensar em vários assuntos: a vida e a morte, a terra e o céu, a família e os amigos, a poesia e a escrita, a palavra e o silêncio, o vento e... os nomes dos pontos cardeais, em especial “este”. Diz-se “o leste” ou “o este”? Pensar sobre tudo, incluindo pormenores linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Etimologia, da Comunicação e da Fonética. Terá sido para evitar equívocos, na audição, que surgiu “leste”, uma vez que o termo etimológico é “este”. Os pontos cardeais que aprendemos na escola são: norte, sul, este e oeste. Podem reduzir-se aos símbolos (iniciais): N, S, E e O (O passa a W, em alguns boletins meteorológicos devido ao inglês). Todavia, correntemente, referimos o ponto “este” como “leste”. Porquê? É interessante saber que o termo vem do equivalente inglês “east”, através da designação francesa “est”. Não deixa de ser curioso observar que a variante portuguesa “leste” tem origem no mesmo termo francês, mas com a incorporação do artigo definido (l’est). Assim, ao dizer “o leste”, o tal artigo emprega-se duas vezes: o português “o” e o francês com apóstrofo para evitar a repetição da vogal “e” (l’). Se foi por razões de comunicação auditiva que se passou a empregar “leste” em certas circunstâncias, seria importante compreender como aconteceu. Serão sempre equivalentes estas duas formas, sendo indiferente escolher uma delas? Será que os dicionários do tira-dúvidas têm alguma informação a este propósito? Todos os dicionários consultados registam “este” e “leste” como sinónimos. As duas referências brasileiras (*AURÉLIO* e *HOUISS*) explicam a razão pela qual a Marinha usa sempre “o leste”. É para não confundir “o este” com “oeste”. Radicará aqui este emprego que se foi expandindo. Com o uso, passou a designar uma área geográfica “a Europa do Leste” e aí usa-

-se a maiúscula (cf. MACHADO). A variante com “l” ainda deu nome ao vento que vem desse ponto cardeal. Portanto, ganhou um valor diferente de “este”. Assim, se, em diversos contextos, é indiferente empregar uma ou outra, em muitos outros, já não o será.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Podemos usar “o este” e “o leste” como sinónimos? Porquê? Sim, podemos porque se tornaram equivalentes para mencionar o ponto cardeal. Porém, a opção “leste”, que tende a evitar mal-entendidos, passou a identificar pelo menos duas realidades bem concretas. Por um lado, representa um determinado tipo de vento e uma situação atmosférica específica que ouvi mencionada em Cabo Verde e que se reencontra no Arquipélago da Madeira (cf. ACADEMIA e PRIBERAM). Por outro, nomeia uma área geográfica: o Leste. Assim, um erro linguístico (o leste: com duplicação do artigo) está na base de um uso desviante, que se quis, propositadamente, afastar da norma para clarificação da mensagem a transmitir. Todavia, não é “leste” mais poético do que “este” porque vão conquistando espaços semânticos diversos, não sendo já integralmente sinónimos. Uma poesia poderia jogar com “o leste” e “o este”, diferenciando-os. Ao folhear o livro de José Agostinho Baptista, dou-me conta que é o “sul” que parece prevalecer. As flores também vão marcando presença. A poesia sente-se e dificilmente se explica, embora os académicos procurem razões para tudo. A poesia é vida, mesmo quando feita de morte, sobre o vento de onde quiser.

Tira-dúvidas

Dicionários	“este”	“leste”
<i>Priberam “em linha”</i> (2008-2013)	es·te é ¹ (francês <i>est</i>) <i>substantivo masculino</i> 1. [Astronomia] Lado de onde nasce o Sol. = NASCENTE, ORIENTE 2. [Geografia] Ponto cardeal que indica esse lado (símbolo: <i>E</i>). <i>adjectivo de dois géneros</i> 3. Relativo a ou situado nesse lado (ex.: <i>o parque está situado na zona este da cidade</i>). = ORIENTAL <i>adjectivo de dois géneros e substantivo masculino</i> 4. [Meteorologia] Diz-se de ou vento que sopra desse lado. Sinónimo Geral: LESTE	les·te <i>substantivo masculino</i> 1. Este. 2. Levante; nascente; oriente. <i>adjectivo e substantivo masculino</i> 3. Diz-se de ou vento que sopra de leste. 4. [Portugal: Madeira] Diz-se de ou tempo quente e seco, que resulta de ventos quentes africanos.

<p>Houaiss (2001)</p>	<p>adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino m.q. leste ('direção', geo, met) [símb.: <i>E</i> (na rosa-dos-ventos) e <i>L.</i> (região)] Uso: na Marinha do Brasil e na de Portugal, emprega-se a f. <i>leste</i>, em vez de <i>este</i>, para evitar a confusão eufônica <i>o este: oeste</i> Etimologia: fr. <i>est</i> (sXII), do ing. medv. <i>est</i> (ing. atual <i>east</i>), do teutônico ant. *<i>aus-to-nô</i> 'do este', da base *<i>aus-</i> 'aurora', a mesma que ocorre no lat. <i>auróra,ae</i> 'id.'</p>	<p>substantivo masculino 1 direção, na esfera celeste, onde nascem os astros, à direita de quem olha para o norte; levante, nascente, oriente, este [símb.: <i>E</i>] 2 Rubrica: ludologia. pedra do majongue, jogo de origem chinesa adjetivo de dois gêneros 3 relativo ao leste (acp. 1) adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino 4 Rubrica: geografia. diz-se de ou região, ou conjunto de regiões, que se situa a leste [símb.: <i>L.</i>] Obs.: inicial maiúsc. 5 Derivação: por metonímia. Rubrica: meteorologia. diz-se de ou vento que sopra do leste Uso: na Marinha do Brasil e na de Portugal, emprega-se a f. <i>leste</i>, em vez de <i>este</i>, para evitar a confusão eufônica <i>o este: oeste</i> Etimologia: fr. <i>l'est</i> 'o este' (c1140 <i>est</i> 'este', do ing. <i>east</i>, de mesmo significado); f.hist. 1516 <i>lest</i></p>
<p>Academia (2001)</p>	<p>este¹ (...) <i>s. m.</i> (Do fr. <i>est</i>, do ing. <i>east</i>). 1. Ponto cardeal situado a nascente (símb. E). = LESTE, LEVANTE, ORIENTE. (...) 2. O vento que sopra desse ponto este² (...) <i>adj. m. e f.</i> (Do fr. <i>est</i>, do ing. <i>east</i>). Que é relativo ao lado onde o sol nasce. = LESTE. (...).</p>	<p>(...) <i>s. m.</i> [Do fr. <i>l'est</i> 'o este'] 1. Ponto cardeal que indica a direção do nascer do sol. = ESTE, LEVANTE, NASCENTE, ORIENTE. 2. (us. com maiúsc.) Região situada a oriente de um ponto de referência. (...) 3. Vento que sopra desse ponto. 4. <i>Region. (Mad.)</i> Vento seco acompanhado de temperaturas altas. (...) 5. (com maiúsc.) Conjunto de países da Europa oriental e central, que formaram após a Segunda Grande Guerra, o Pacto de Varsóvia. (...).</p>

Porto Editora (1998)	este ² (...) <i>s. m.</i> um dos quatro pontos cardeais; -> leste ; oriente; nascente; levante (Do ing. <i>east</i> , «este», pelo fr. <i>est</i> , «id.»)	leste A <i>s. m.</i> levante; nascente; oriente: -> este B <i>pl.</i> ps ventos de leste (Do fr. <i>l'est</i> , «id.»)
Machado (1991)	Este ² , <i>s. m.</i> (do fr. <i>est</i> , do ingl. <i>east</i>) Um dos quatro pontos cardeais. Grafa-se com minúscula inicial quando empregado com o seu valor próprio, designando direcções ou limites geográficos; escreve-se com maiúscula inicial quando designa regiões. O <i>m. q.</i> <i>leste</i> ; oriente; nascente; levante.	<i>s. m.</i> (do fr. <i>l'est</i>). Nascente, levante, a partir do oriente; o <i>m. q.</i> <i>este</i> . // Vento que sopra da parte do horizonte onde se levanta o Sol. (...) // Obs. Pl.: lestes (na acepção de «ventos de leste» (...).
Cândido de Figueiredo (1986)	Este ¹ (<i>és</i>), <i>m.</i> O mesmo que <i>leste</i> . (Do anglo-sax <i>oest</i>).	(<i>lés</i>), <i>m.</i> O mesmo que <i>este</i> ¹ ; oriente; nascente; levante. Vento que sopra do lado do nascente. (Do fr. <i>l'est</i>).
Aurélio (1986)	[Do anglo-saxônico <i>east</i> (ingl. <i>east</i>) pelo fr. <i>est</i> , «id.»] <i>S. m.</i> (...) 2. Geog. Ponto cardeal situado à direita do observador voltado para o norte (...) [Sin., nessas acepç.: <i>oriente</i> , <i>levante</i> , <i>nascente</i> .] 3. Região ou regiões situadas a este. 4. O vento que sopra do este. <i>Adj.</i> 2 <i>g.</i> e 2 <i>n.</i> 5. Relativo ao este (1 e 2), ou dele procedente: <i>vento este</i> . 6. Situado a este (1 e 2): <i>região este</i> . [Var.: <i>leste</i> . Abrev.: <i>E</i> . Pl.: <i>estes</i> . Cf. <i>este</i> (ê), pl. <i>estes</i> (ê).]	[Do fr. <i>l'est</i> .] <i>Adj.</i> 2 <i>g.</i> e <i>s. m.</i> 1. V. este [na Marinha do Brasil e na de Portugal a f. us. é exclusivamente <i>leste</i>] 2. <i>Geog. Bras.</i> V. <i>grande região</i> . [Abrev.: <i>L</i> . Pl.: <i>lestes</i> (...)]

Podemos, ou não, usar o verbo “constatar”? Porquê?

No programa da TSF-Madeira (100 FM) intitulado ESTRADA MONUMENTAL de Juvenal Xavier, soube, através de Policarpo Gouveia, que deixou de haver uma pista de atletismo no Funchal: uma notícia que me tinha passado, literalmente, ao lado. A Associação de Atletismo da Madeira, tendo, entretanto, já encontrado um sítio para treinar, precisa de uma verba substancial para concretizar esta pista, indispensável a uma cidade como o Funchal. Fiquei, também, a saber que, no jornalismo, há uma recomendação explícita: não usar o verbo “constatar” porque é um termo de origem francesa, havendo vários outros que são portugueses e se podem empregar em vez daquele. Até que ponto “constatar” é um termo de origem francesa? Até que ponto os seus sinónimos (“verificar”, “averiguar”, etc.) são portugueses? Pensar sobre tudo, incluindo pormenores linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do domínio da Etimologia e da História da Língua, ligando-se ao Jornalismo. Ensinam os historiadores da língua portuguesa que o nosso idioma se formou na faixa ocidental da Península Ibérica, a partir do Latim Vulgar, coloquial e popular, recebendo a influência de línguas de substrato e de superstrato. Foi-se formando ao longo dos séculos. É viável dizer que este processo ainda não está concluído porque vai, continuamente, evoluindo ao sabor dos usos que as diversas gerações vão fazendo. A variação linguística é uma constante. As primeiras descrições gramaticais datam do século XVI, embora não se tivessem imposto, nem generalizado. O Latim Clássico era a língua oficial da escolarização e, com o Renascimento, este idioma ganhou novo fulgor, importando o português daquele período, que já se escrevia e imprimia, um considerável número de vocábulos. O castelhano foi uma forte influência durante os três reinados filipinos e, depois, com o Iluminismo Enciclopédico e a Revolução Francesa, o léxico foi-se enriquecendo com empréstimos linguísticos franceses. Estes são alguns pormenores de uma história linguística de contactos permanentes. Pode uma língua manter-se intocável, isto é, não assimilar termos estrangeiros, nestas circunstâncias? Duvido. Não tenho uma visão purista das línguas. Todavia, reconheço a inutilidade de usar um termo estrangeiro, se a língua já possui equivalentes. Por exemplo, em alguns programas de CUIDADO COM A LÍNGUA! da RTP, o apresentador despede-se (despedia-se?) com um “Ciao!” (de origem italiana), quando existem em

português inúmeras fórmulas: “Adeus!”, “Até breve!”, “Até uma próxima oportunidade!”, “Despeço-me. Fique bem!”, etc. No último programa que vi, já optou por um “Até lá!”, o que me parece mais adequado. Será este caso semelhante ao de “constatar”? Que revelam os dicionários do tira-dúvidas a propósito deste verbo? Para obter mais informação, vou procurar as definições do verbo “constatar” e do substantivo “constatação”.

O termo “constatar”, considerado francês, tem origem no latim, isto é, «der. do lat. *constat*, f. impes. de 3.^a p.s. pres.ind. do v.lat. *constare* ‘constar’» (cf. tira-dúvidas). O verbo “verificar”, segundo o HOUAISS, tem a sua etimologia em «lat. *verifico, as, avi, atum, are* ‘estabelecer como verdade, verificar’». Portanto, “constatar” e “verificar” têm, globalmente, origem latina. O primeiro foi usado na língua francesa e a ela adaptado, passando, a partir desta, para a língua portuguesa, embora contra a vontade dos puristas. O segundo, possivelmente mais empregue, transitou, quase tal e qual, para as duas línguas. Precisaria de, pelo menos, um dicionário de latim para observar se, na origem, haveria alguma diferença de significação entre eles. Neste momento, não tenho nenhum comigo. Divagando um pouco, para mim, “verificar” e “constatar” não significam bem o mesmo. Quando “verifico algo”, estou envolvida num trabalho (“Verifico se os documentos estão no sítio.”). Será sinónimo de “comprovar”, “atestar” ou “certificar-se”. Quanto “constato algo”, posso não estar envolvida num trabalho, mas observo um facto ou tiro uma conclusão do que foi feito (“Constato que os documentos não estão no sítio.”). Pela proximidade semântica, poderá não se fazer a diferença, mas, no meu entender, não são totalmente equivalentes. Parece-me que, primeiro, é necessário verificar (fazer um trabalho de comprovação) para, depois, poder constatar (tirar ilações ou conclusões). A maioria dos dicionários do tira-dúvidas identifica “constatar” como um galicismo (um francesismo) considerando-o dispensável por corresponder a “verificar”, “averiguar”, etc. Eu tenho algumas reservas quanto a esta sinonímia nada recomendada pelos puristas. Seria um assunto interessante para um trabalho de investigação, o que não tem lugar aqui.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Podemos, ou não, usar “constatar”? Porquê? Se o que se quiser dizer é “verificar”, “comprovar”, “atestar” ou algo que implique testes e provas, é dispensável. Se o que se pretende transmitir remete apenas para uma ilação, uma observação, uma conclusão, que se tira de algo que foi, anteriormente, verificado, creio que se pode porque, nesse caso, terá um sentido específico.

Tira-dúvidas

Dicionários	“constatar”	“constatação”
<p>Priberam “em linha” (2008-2013)</p>	<p>cons·ta·tar (francês <i>constater</i>) <i>verbo transitivo</i> 1. Comprovar. 2. Verificar, certificar, provar, mostrar.</p>	<p>cons·ta·ta·ção (<i>constatar</i> + -ção) <i>substantivo feminino</i> 1. Acto ou efeito de constatar. 2. Verificação.</p>
<p>Houaiss (2001)</p>	<p>verbo transitivo direto 1 descobrir a verdade de; verificar (os fatos) Ex.: o delegado foi pessoalmente c. as circunstâncias do crime transitivo direto 2 tomar conhecimento; perceber Ex.: os visitantes constataram as precárias condições do hospital transitivo direto 3 dar prova ou testemunho de; atestar, comprovar, provar, demonstrar Ex.: descobertas arqueológicas constataam a presença do homem nesta parte do mundo Etimologia: fr. <i>constater</i> (1726) ‘mostrar, comprovar, certificar’, der. do lat. <i>constat</i>, f. impes. de 3.^a p.s. pres.ind. do v.lat. <i>constāre</i> ‘constar’; ver <i>const-</i> e <i>-sta-</i> Gramática: voc. consid. gal. pelos puristas, que sugeriram em seu lugar: <i>certificar(-se), mostrar, demonstrar, provar, comprovar, perceber</i></p>	<p>substantivo feminino ato ou efeito de constatar 1 averiguação, verificação 2 comprovação, confirmação Etimologia: fr. <i>constatation</i> (1586) ‘comprovação’, der. do rad. lat. <i>constat-</i> + <i>-ation</i>, uma vez que somente em 1726 há doc. do v. fr. <i>constater</i> ‘mostrar, comprovar, certificar’; ver <i>const-</i> e <i>-sta-</i> Gramática: voc. consid. gal. pelos puristas, que sugeriram em seu lugar: <i>comprovação, averiguação, demonstração</i></p>
<p>Academia (2001)</p>	<p>(...) v. (Do fr. <i>constater</i>). 1. Verificar uma realidade ou a verdade de um facto; comprovar alguma coisa. = COMPROVAR, DAR-SE CONTA (DE), VERIFICAR. <i>O médico constatou, com novas análises, que o doente estava a recuperar. Foi constatado pelos próprios interessados que a casa já não estava à venda.</i> 2. Certificar oficialmente. = CERTIFICAR. (...) <i>O médico constatou o óbito. A autenticidade da peça foi constatada por um perito.</i></p>	<p>(...) s. f. (De <i>constatar</i> + suf. -ção). 1. Acção de comprovar, de verificar a verdade de um facto, de constatar. <i>Fora atraído pelo melhor amigo e a constatação dessa realidade foi para si muito penosa.</i></p>

Porto Editora (1998)	v. tr. verificar; atestar; averiguar; comprovar; certificar-se de; reconhecer; ver; dar tento de; ficar ciente de; apurar; notar (Do fr. <i>constater</i> , «verificar»)	s. f. acto de constatar; verificação; comprovação (De <i>constatar</i> +ação)
Machado (1991)	v. tr. (do fr. <i>constater</i>). Verificar e estabelecer a verdade ou o estado de; averiguar. // Consignar num escrito, certificar por acto autêntico. // Obs. Galicismo dispensável, vantajosamente substituível por: <i>comprovar, verificar, documentar, autenticar, certificar, provar, ver, concluir; provar</i> [sic]; <i>avaliar, estimar, apreciar; acentuar; atentar, dar tento, dar fé; averiguar, testemunhar</i> , etc.	s. f. (de <i>constatar</i>). Acto de constatar; averiguar, demonstração. // Obs. Galicismo dispensável.
Cândido de Figueiredo (1986)	v. t. (É um francesismo dispensável, com a significação de <i>certificar, mostrar, comprovar</i>). (Fr. <i>constater</i>).	verbete inexistente
Aurélio (1986)	[Do fr. <i>constater</i> .] V. t. d. Estabelecer ou consignar a verdade de (um fato), o estado de (uma coisa); comprovar; verificar: <i>A perícia constatou a culpa do acusado</i> . [É muito expressivo e de largo uso, embora condenado pelos puristas.]	[Do fr. <i>constatation</i> .] S. f. Ato ou efeito de constatar. [É de grande uso, ao menos no Brasil, e muito expressivo.]

É “anis” ou “aniz”? Porquê?

Novembro vai a meio e o Natal aproxima-se muito depressa. As lojas apresentam decorações alusivas à quadra natalícia e as ruas começam a enfeitar-se. Numa ruela, um comércio tradicional prepara guloseimas: bolos e biscoitos de todo o género com formatos caseiros. O aroma adocicado espalha-se pelas redondezas e chama pelos transeuntes. Entrei e andei a vistoriar o que me poderia adoçar a boca. Encontrei um pacotinho de “lo-sangos de aniz”. Quando perguntei o preço e a empregada com menos de 60 anos mo disse, perdi o apetite. Entretanto, delicadamente, fui dizendo que “anis” se escrevia com “-s” em vez de “-z”, como figurava no pacote. Prontamente, respondeu-me que ela tinha aprendido com “-z”. Não quis alongar-me e saí. Fiquei a meditar na prontidão da resposta. Mesmo estando convicta da ortografia de “anis”, quis dedicar-me a este assunto. É um presente de Natal para aquela confeitaria que me presenteou com uns biscoitos deliciosos, mas caros. Por que razão “anis” se escreve com “-s”? Pensar sobre tudo, incluindo pormenores linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do âmbito da Ortografia e da Escolarização. Antes da Reforma Ortográfica iniciada em 1911 e concluída em 1916, motivada pelo Governo Republicano da época, a língua portuguesa era escrita ao sabor da vontade individual. Uma das razões da infundável história dos acordos é, provavelmente, o facto de não haver uma ortografia uniformizada e oficial antes do início do século passado. A partir de finais da década de 20 do século XX, depois de algumas alterações pontuais à “Nova Ortografia” (Republicana), a escola e a burocracia estatal seguiam orientações precisas, deixando de lado o livre arbítrio. Quem foi escolarizado após 1945 aprendeu a escrever segundo o Acordo Ortográfico aprovado pelo Decreto n.º 35 228, de 8 de Dezembro de 1945. Este documento foi, posteriormente, alterado pelo Decreto-Lei n.º 32/73, de 6 de Fevereiro. Fui consultar esse documento (cf. Bases Analíticas do Acordo Ortográfico de 1945, Base V, 5.º ponto) de onde extraí a seguinte citação: «**Distinção entre s final de palavra e x e z idênticos: aguarrás, aliás, anis, após, atrás, através, Avis, Brás, Dinis, Garcês, gás, Gerês, Inês, íris, Jesus, jus, lápis, Luís, país, português, Queirós, quis, retrós, resvés, revés, Tomás, Valdês; cálix, Félix, fénix, flux; assaz, arroz, avestruz, dez, diz, fez (substantivo e forma do verbo fazer), fiz, Forjaz, Galaaz, giz, jaez, matiz, petiz, Queluz, Romariz, [Arcos de] Valdevez, Vaz. A propósito, deve observar-se que é inadmis-**

sível z final equivalente a s em palavra não oxítone: Cádiz, e não Cádiz.». Reconheço que a orientação não é muito esclarecedora. Às vezes, os linguistas são pouco explícitos. Todavia, “anis” aparece como exemplo para “s” final. Então, se acreditar na resposta que recebi para os “losangos de aniz”, foi a escola que falhou. Fazendo contas, de 1945 a 2014, passaram 69 anos e de 1973 (isto é, após a revisão do Acordo Ortográfico de 1945) a 2014, foram 41. Se as mudanças ortográficas categóricas ainda não se impuseram, imaginemos o que vai suceder com o Acordo Ortográfico de 1990 (AO1990), a “dupla grafia” e o critério do “facultativo”... Num jornal como o semanário EXPRESSO, que prontamente aderiu ao AO1990, vejo aparecer “expectativa” e “expetativa” ou “sector” e “setor, para dar apenas dois exemplos. Em casos como “anis”, não há, todavia, mudanças e isso verifica-se nos dicionários do tira-dúvidas. Sendo todos posteriores a 1945, registam, evidentemente, apenas “anis”. Se a grafia não coloca problemas, nos dicionários, a sua ocorrência em designações compostas deixa adivinhar uma variedade botânica com alguma complexidade. Aproxima-se o “anis” do “funcho”, como se pode observar pelas definições (cf. HOUAISS) de ANIS-ESTRELADO: “(...) badiana, badiana-da-china, badiana-de-cheiro, funcho-da-china.”, ANIS-DOCE: “(...) m.q. *funcho*”, FUNCHO: “(...) anis-doce, erva-doce, fiolho, maratro (...)” e FUNCHO-DA-CHINA: “(...) m.q. *anis-estrelado* (...)”. Com isto, estou a “meter a foíce em seara alheia”, uma vez que de Botânica percebo o elementar. Porém, seria interessante explorar a relação do termo “pimpinela” com o de “anis”, visto que aquela designação, muito em uso na Madeira, remete para um vegetal. Fica para outra altura porque, agora, importa apenas o anis.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que motivo se escreve “anis” com “s”? Porquê? É porque é a representação etimológica (cf. tira-dúvidas) e ortográfica. É incontestável que se escreve assim: “anis”. Os cheiros e os sabores, sejam de funcho, erva-doce ou anis, também fazem pensar no Natal, sobretudo nos licores e nos doces que, tradicionalmente, surgem nesta época. Desconhecia os “losangos de anis”, mas fiquei a apreciá-los. São saborosos, com ou sem licor de anis a acompanhar.

Tira-dúvidas

Dicionários	“anis”	“aniz”
<i>Priberam “em linha”</i> (2008-2013)	a·nis <i>substantivo masculino</i> 1. [Botânica] Planta apiácea e respectiva semente. 2. Erva-doce. 3. Aniseira. 4. Licor de anis. Plural: anises.	verbete inexistente

Houaiss (2001)	substantivo masculino 1 Rubrica: angiospermas. erva (<i>Pimpinella anisum</i>) da fam. das umbelíferas, com folhas variadas, desde lobadas a tripenatissectas, flores brancas, em umbelas, e frutos elipsóides, com duas sementes; anis-verde, erva-doce, pimpinela [Nativa da Grécia ao Egito, é planta forrageira e esp. cultivada pelos frutos aromáticos, us. como condimento e para extração de óleo essencial, com propriedades medicinais, de que se fazem licores e xaropes.] 2 Rubrica: angiospermas. arbusto (<i>Clausena anisata</i>) da fam. das rutáceas, nativo da Ásia, de folhas imparipenadas, com o aroma do verdadeiro anis, flores e bagas pequenas, cultivado como ornamental 3 m.q. anisete Etimologia: fr. <i>anis</i> (1265) ‘id.’, do lat. <i>anisum</i> , ii ‘id’, emprt. gr. <i>ánison</i> , ou e suas var. <i>ánéson</i> , <i>ánésson</i> e <i>ánison</i> ‘id.’; ver <i>anis-</i>	verbeta inexistente
Academia (2001)	(...) s. m. (Do lat. <i>anisum</i> < gr. (...), pelo fr. <i>anis</i>). 1. Bot. Planta herbácea anual, da família das umbelíferas (<i>Pimpinella anisum</i> , Hook.), de cujas sementes se extrai uma essência aromática, e [sic] também <i>aniseira</i> e <i>erva-doce</i> (...). 2. Bot. Semente dessa planta. = ERVA-DOCE (...). 3. Bebida licorosa preparada com essa planta. (...).	verbeta inexistente
Porto Editora (1998)	s. m. planta herbácea, da fam. das Umbelíferas, também denominada erva-doce, que tem aplicações em farmácia, culinária e na preparação de algumas bebidas alcoólicas; a semente desta planta; licor fabricado com esta planta (Do gr. <i>ánison</i> , «anis» pelo lat. <i>anisu-</i> , «id.», pelo fr. <i>anis</i> , «id.»)	verbeta inexistente
Machado (1991)	s. m. (do fr. <i>anis</i>). Planta herbácea da família das Apiáceas, com aplicações em farmácia e no fabrico de bebidas alcoólicas, também chamada <i>erva-doce</i> . // Semente dessa planta. // Licor aromatizado com a mesma planta.	verbeta inexistente
Cândido de Figueiredo (1986)	m. Planta umbelífera. Semente dessa planta. Erva-doce. Licor aromatizado com a mesma planta. (Fr. <i>anes</i> [sic], do lat. <i>anisum</i>).	verbeta inexistente
Aurélio (1986)	[Do gr. <i>ánison</i> , de or. oriental, pelo lat. <i>anisu</i> e pelo fr. <i>anis</i>] S. m. 1 Erva da família das umbelíferas (<i>Pimpinella anisum</i>), originária do Egito, a qual fornece a essência de anis, usada na fabricação de licores e xaropes; erva-doce, pimpinela. 2 V. <i>anisete</i> . 3 Arvore ornamental da família das rutáceas (<i>clausena anisata</i>), originária da Ásia, cujo perfume lembra o do anis (1). [Pl.: <i>anises</i> .]	verbeta inexistente

É “mandado de captura” ou “mandato de captura”? Porquê?

A notícia surpreendeu: José Sócrates foi detido, na noite de 22 de Novembro de 2014, no aeroporto, à sua chegada a Lisboa, ou melhor, à saída do avião em que viajava, vindo de Paris. O ex-governante, comentador na RTP1 ao domingo à noite, foi detido, numa sexta-feira. Em vez de passar o fim-de-semana em liberdade, com a família e os amigos, esteve, em instalações policiais e do tribunal, a aguardar o interrogatório que terá terminado na segunda-feira. Qualquer pessoa no seu lugar estaria cansada e não teria motivos para alegrias. Num noticiário de domingo, quando ouvi uma jornalista dizer que ele apresentava um “semblante carregado”, fiquei a pensar na intenção da expressão. O que queria ela comunicar com essa descrição impressionista? No programa EIXO DO MAL (SIC-Notícias) desse sábado, o tema foi a detenção inesperada, a par dos procedimentos judiciais que envolvem situações semelhantes. Falou-se da presunção de inocência e da quebra do segredo de justiça, fazendo com que meios de comunicação social pudessem estar em locais inimagináveis, a horas impensáveis, para terem imagens de momentos únicos. Nem tudo o que vamos ouvindo, vendo e lendo é informação porque os boatos vão aparecendo. A Justiça e a Política, o dinheiro e a corrupção, a Democracia e o Estado de Direito: são temáticas que se discutem e comentam amplamente porque todos somos iguais perante a Lei. Sê-lo-emos? Dos procedimentos judiciais sei muito pouco, mas as notícias divulgaram que José Sócrates (e mais três pessoas) foi detido porque houve um mandado de captura. Diz-se “mandado” ou “mandato”? Porquê? Pensar sobre tudo, incluindo pormenores linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do âmbito da Etimologia, da Fonética, da Semântica e da Linguagem Técnica Judicial. Entre “mandado” e “mandato”, a diferença fonética é mínima, correspondendo à oposição fonológica de [d] ~ [t]. Porém, a distinção não se resume à que ocorre entre dois fonemas. Embora pareçam ter a mesma etimologia, os dois vocábulos têm sentidos diversos. Podem ser sinónimos? À partida, são empregues em contextos distintos e específicos. Portanto, não o serão na linguagem comum. Dizemos frases como: “Ele foi mandado parar, quando conduzia ensonado.” e “Ele tem um mandato de deputado.”, sem pensarmos em

assemelhar “mandado” e “mandato”. Julgo que a terminação “-ado”, que aponta para o particípio passado do verbo “mandar”, indica que “mandado”, tendo substantivado, será anterior ao parónimo. Parece haver uma clara diferença semântica entre os dois elementos que se usam como substantivos, tanto na linguagem corrente, como na do âmbito do Direito. Não se confundirão quanto à significação, embora, fonética e semanticamente, estejam muito próximos. Que revelam os dicionários do tira-dúvidas a este propósito?

Todos os dicionários do tira-dúvidas registam “mandado” (como adjetivo e substantivo) e “mandato” (como substantivo). Quanto à etimologia, não há convergência de ideias, mesmo se existe uma relação com o verbo “mandar”. Nas referências brasileiras (HOUAISS e AURÉLIO) e no dicionário da ACADEMIA, assim como no da PRIBERAM, há uma menção recíproca aos termos, indicando poder haver sinonímia. Porém, as diferenças técnicas, próprias do domínio da linguagem jurídica, são claras: “um mandado” é “uma ordem judicial escrita para fazer algo” (para capturar alguém é necessária uma ordem judicial) e “um mandato” corresponde a “uma incumbência dada a alguém para sua representação”.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão é “um mandado de captura”? Porquê? É porque “mandado” ganhou o sentido de “ordem judicial”. Esta faz com que alguém seja mandado para ser executada. Portanto, um juiz manda capturar e quem cumpre a ordem vai mandado por ele, com um “mandado de captura”. Que a justiça seja justa! Neste, e em todos os processos, pede-se apenas que sejam provados os factos, antes da condenação. Não há pior justiça do que a da rua, promovida por meios de comunicação pouco credíveis.

Tira-dúvidas

Dicionários	“mandado”	“mandato”
<i>Priberam “em linha”</i> (2008-2013)	man·da·do (latim <i>mandatum</i> , -i) <i>substantivo masculino</i> 1. Acto de mandar. 2. Ordem, determinação imperativa. 3. [Direito] Ordem escrita, emanada da autoridade judicial ou administrativa para a execução de alguma diligência (ex.: <i>mandado de busca</i> , <i>mandado de captura</i>). <i>adjectivo</i>	man·da·to (latim <i>mandatum</i> , -i) <i>substantivo masculino</i> 1. Autorização ou procuração que alguém dá a outrem para, em seu nome, praticar certos actos. 2. Delegação; procuração. 3. Ordem. 4. Confiança. 5. Sentença ou decreto. 6. [Religião católica] Lava-pés. Confrontar: <u>mandado</u> .

	4. Que recebeu ordem. Confrontar: <u>mandato</u> .	
Houaiss (2001)	<p>substantivo masculino 1 aquilo de que se é incumbido; mandalete, encargo, missão 2 prescrição de origem superior, de uma autoridade; determinação, ordem, <u>mandato</u> Ex.: por que não cumpriram os m. da diretoria? 3 m.q. mandamento ('preceito') 3.1 Rubrica: administração, termo jurídico. ordem escrita emitida por autoridade pública prescrevendo o cumprimento de determinado ato Ex.: <m. administrativo> <m. de busca e apreensão> 4 ação ou efeito de mandar; mandamento, mando 5 Rubrica: dança. Regionalismo: Sudeste do Brasil. dança sapateada, variante do cateretê, em que os gestos e os ruídos de pés e mãos atendem à marcação feita por um indivíduo; mandadinho 6 Diacronismo: antigo. m.q. ¹manda ('legado') adjetivo (sXIV) 7 que se mandou, enviou (diz-se de alguém ou algo); enviado Ex.: <portador m. pela seguradora> <por todos os lados se viam flores m. para a aniversariante> 8 cujo transporte se deu por; transportado Ex.: m. por terra, por mar, por avião 9 sob ordem ou comando de; administrado, dirigido, governado Ex.: casa m. por muita gente acaba desgovernada adjetivo e substantivo masculino 10 que ou aquele que é enviado com uma função, missão; emissário, enviado, mensageiro Ex.: <representante m. com plenos poderes para negociar> <para fazer o que faz, só mesmo sendo um m. do diabo> Etimologia: lat. <i>mandatus, a, um</i></p>	<p>substantivo masculino 1 aquilo de que se está encarregado; incumbência, missão 2 concessão de poderes para desempenho de uma representação; delegação 3 m.q. ¹mandado ('prescrição') 4 poder dado ou autorizado 5 no direito público, delegação conferida às pessoas, para que representem o povo nas instituições, que se constituem pelos seus representantes 6 Derivação: por metonímia. período de exercício de um cargo eleitoral Ex.: o presidente não chegou a completar o segundo m. 7 Rubrica: termo jurídico. contrato que designa duas vontades, uma que dá a outra uma incumbência, outra que a recebe e aceita Etimologia: lat. <i>mandatum, i</i> 'encargo, cargo, comissão'; cp. ¹<i>mandado</i>; ver ¹<i>mand-</i></p>

	<p>‘de que se está encarregado’, part.pas. do v. <i>mandare</i> ‘encarregar, dar cargo’, já substv. no neutro lat. <i>mandatum</i>,ⁱ ‘encargo, cargo, comissão’; ver ¹<i>mand-</i>; f.hist. 1265 <i>mandado</i>, sXIV <i>mãdados</i> ‘ordem’, sXIII <i>mandado</i> ‘notícia’</p>	
<p>Academia (2001)</p>	<p>Mandado¹, a (...). <i>adj.</i> (Do part. pas. do v. <i>mandar</i>). 1. Que recebeu uma ordem. 2. Que foi enviado, remetido ou dirigido; que se mandou. (...). Mandado², a (...). <i>s.</i> (Do part. pas. do v. <i>mandar</i>). Pessoa mandada, enviada como mensageira. = EMISSÁRIO, ENVIADO. Mandado³ (...) <i>s. m.</i> (Do part. pas. do v. <i>mandar</i>). Cf. <i>mandato</i>. 1. Ordem ou determinação superior de carácter imperativo; acto ou efeito de mandar. = MANDAMENTO. 2. <i>Jur.</i> Ordem escrita emanada de autoridade judicial ou administrativa. = DESPACHO. mandado de captura, ordem de prisão contra uma pessoa. (...).</p>	<p>(...) <i>s. m.</i> (Do lat. <i>mandatum</i>). Cf. <i>mandado</i>³. 1. Poder que uma pessoa confere a outra para agir legalmente em seu nome. = AUTORIZAÇÃO, PROCURAÇÃO, REPRESENTAÇÃO. (...).</p>
<p>Porto Editora (1998)</p>	<p>A <i>adj.</i> que recebeu ou recebe ordens B <i>s. m.</i> acto ou efeito de mandar; ordem; recado; determinação escrita emanada de autoridade judicial ou administrativa; ~ de captura ordem de prisão (Do lat. <i>mandatu-</i>, «id.»)</p>	<p><i>s. m.</i> contrato pelo qual uma das partes se obriga a praticar um ou mais actos jurídicos por conta da outra; missão; delegação; encargo; sentença; cerimónia do lava-pés; ~ judicial mandato que confere poderes de representação em juízo a um profissional do foro (Do lat. <i>mandatu-</i>, «id.»)</p>
<p>Machado (1991)</p>	<p>Mandado¹, <i>adj.</i> (do lat. <i>mandatum-</i> [sic]). Diz-se daquele que foi mandado; que se mandou; dirigido, enviado (...). Mandado², <i>s. m.</i> (do lat. <i>mandatu-</i>). Acção ou efeito de</p>	<p><i>s. m.</i> (do lat. <i>mandatu-</i>). Autorização que alguém confere a outrem para, em seu nome, praticar certos actos; delegação; procuração. // Em sent. particular, poderes</p>

	mandar; ordem, determinação superior. // Despacho, ordem escrita por autoridade judicial <i>ou</i> administrativa para executar qualquer diligência. (...).	conferidos pelos cidadãos àqueles que elegem para legislar <i>ou</i> para administrar. (...).
Cândido de Figueiredo (1986)	<i>m.</i> Acto de mandar. Ordem, determinação imperativa. Ordem escrita, emanada da autoridade judicial <i>ou</i> administrativa. <i>Ant.</i> Legado (...). (Lat. <i>mandatum</i>).	<i>m.</i> Autorização <i>ou</i> procuração, que alguém dá a outrem, para, em seu nome, praticar certos actos. Delegação. Coniança. (Lat. <i>mandatum</i>).
Aurélio (1986)	mandado ² . [Part. de <i>mandar</i> .] Adj. 1. Diz-se daquele a quem mandaram. 2. Que se mandou; dirigido, remetido; enviado: <i>cartas mandadas</i> . 3. Orientado, comandado. S. m. 4. Aquele a quem mandaram. 5. V. mandamento (1). 6. Recado, incumbência, mandamento. 7. Ordem ou determinação imperativa. 8. Ordem escrita que emana de autoridade judicial ou administrativa. 9. Mandamento (3). (...).	[Do lat. <i>mandatu</i> .] S. m. 1. Autorização que alguém confere a outrem, para praticar em seu nome certos atos; procuração; delegação. 2. Missão, incumbência. 3. Ordem ou preceito de superior para inferior; <u>mandado</u> . 4. Poderes políticos outorgados pelo povo a um cidadão, por meio do voto, para que governe a nação, estado ou município, ou o represente nas respectivas assembleias legislativas (...).

É “porto-santense”, “portossantense” ou “portosantense”? Porquê?

Em Hong Kong, muitas pessoas, sobretudo jovens estudantes, têm protestado contra as autoridades chinesas. Os governantes estão a tentar condicionar as próximas eleições, ou melhor, pretendem limitar os candidatos a estas. Querem escolhê-los previamente, o que a população, habituada à liberdade, não aceita. Os protestos, em grande parte pacíficos e simbolicamente representados por guarda-chuvas, duram há algum tempo. Num ambiente completamente diverso e bastante pacífico, embora as divergências se acentuem com o decorrer da campanha, dentro de dias, os militantes do PSD-Madeira vão escolher o futuro presidente do partido. Num regime democrático, a liberdade de se candidatar e de eleger são os fundamentos de qualquer eleição. Os seis candidatos à sucessão do Presidente do PSD-Madeira têm usado os meios de comunicação para se expressarem. Muitas vezes, alargando a área de incidência, por se posicionarem, em parte, como futuros candidatos ao Governo Regional, dirigem-se à população em geral e não especificamente aos militantes que vão votar. Os apoiantes com que contam procedem da mesma maneira, nos artigos de opinião que vão publicando. A propósito da designação dos habitantes da ilha do Porto Santo, têm aparecido variegadas grafias. Registei, pelo menos, três possibilidades, considerando o plural: “porto-santenses”, “portossantenses” ou “portosantenses”. Qual delas é a legítima? Pensar sobre tudo, incluindo pormenores linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do âmbito da Ortografia, da Gramática, da Lexicologia e da Lexicografia. Está relacionada com o uso do hífen (cf. HOUAISS: **hífen** “substantivo masculino Rubrica: editoração, artes gráficas, gramática. sinal em forma de um pequeno traço horizontal (-), us. para unir os elementos de palavras compostas, separar sílabas em final de linha e marcar ligações enclíticas e mesoclíticas; risca-de-união, traço-de-união, tirete Ex.: <guarda-chuva> <aboli-/ção> <telefonaram-lhe> <fá-lo-ei> gramática: pl.: *hífenes* e (B) *hífens* etimologia: gr. *huphen* adv. ‘juntamente’, pelo lat.tar. *hyphen*; f.hist. 1576 *hyphen*”). Servindo para unir, deve colocar-se o hífen a juntar “porto” e “santense”? Por vezes, os meios de comunicação social vão divulgando os resultados do Clube Desportivo Portosantense. Este nome manifesta uma grafia que não segue os preceitos

ortográficos, já que, na língua portuguesa, um “s” intervocálico (entre duas vogais: “o^san”) pronuncia-se como [z] (“a^sa”) e não como [s] (“a^ssa”). Porém, é certo que os nomes próprios representam, quase sempre, casos especiais. É, por exemplo, o que acontece com o apelido de Maria de Lourdes Pintasilgo. Porém, o que se aplica aos nomes próprios pode não ser válido para os comuns. Quando preparei a minha tese de doutoramento, confrontei-me com o mesmíssimo problema. Usa-se o hífen ou não naquele gentílico? Em alguma bibliografia, incluindo o vocabulário do Padre Fernando Augusto da Silva, aparecia a aglutinação (“portossantense”) e acabei por a preferir à grafia justaposta (“porto-santense”). Por que razão se hesita entre estas grafias? É possível escolher uma delas? Em casos como este, os dicionários deveriam ser de grande ajuda. Até que ponto o termo está dicionarizado?

Pelo tira-dúvidas, comprova-se que nem todos os dicionários atestam a designação relativa aos naturais ou habitantes da ilha do Porto Santo. Fazem-no apenas as referências mais recentes, isto é, a obra da PORTO EDITORA, a da ACADEMIA e a da PRIBERAM, assim como o HOUAISS. Estas registam apenas “porto-santense”, a grafia com o hífen. As referências que têm a entrada “porto-santense” não explicam por que motivo se deve escrever assim. As definições tendem a indicar apenas a construção do plural (“porto-santenses”). A do dicionário da ACADEMIA revela, inclusive, um certo equívoco, para quem consultar o dicionário e não souber que o Porto Santo é uma das ilhas habitadas da Região Autónoma da Madeira. Pela definição, parece que corresponde a uma localidade “da ilha da Madeira” ou que é uma realidade distinta do arquipélago. Fui folhear o prontuário de Magnus Bergström e Neves Reis, encontrando a seguinte prescrição ortográfica nas páginas dedicadas ao uso do hífen: “Os gentílicos dos compostos onomásticos levam hífen: *belo-horizontino* (de *Belo Horizonte*), *cabo-verdiano* (de *Cabo Verde*), *castelo-vidense* (de *Castelo de Vide*), *monte-realense* (de *Monte Real*), *ponte-limense* (de *Ponte de Lima*), *rio-maiorense* (de *Rio Maior*), *vila-realense* (de *Vila Real*)”.

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que razão se escreve “porto-santense” com “hífen”? Porquê? É porque corresponde à grafia dicionarizada e legitimada a nível ortográfico (cf. tira-dúvidas). As restantes resultam de opções individuais e a variação linguística assinala as possibilidades. A imposição dicionarística parece não convencer os falantes. Quando quem manda não tem grande autoridade ou exerce deficitariamente aquela de que se revestiu passa por contestações. Parece ser o caso para os votantes de Hong Kong e não o será relativamente às eleições internas do PSD-Madeira. Pacificamente, aguardam-se os resultados de um lado do mundo e do outro.

Tira-dúvidas

Dicionários	“porto-santense”	portossantense”	“portosantense”
Priberam “em linha” (2008-2013), última consulta feita dia 02-12- -2014	por·to·san·ten·se (<i>Porto Santo</i> , topónimo + - -ense) <i>adjectivo de dois géneros</i> 1. Relativo à ilha e cidade do Porto Santo, Madeira. <i>substantivo de dois géneros</i> 2. Natural ou habitante do Porto Santo.	verbete inexistente	verbete inexistente
Houaiss (2001)	adjetivo e substantivo de dois géneros relativo à vila [sic] de [sic] Porto Santo MAD ou o que é seu natural ou habitante Etimologia: top. <i>Porto Santo</i> + -ense Gramática: pl.: <i>porto-santenses</i>	verbete inexistente	verbete inexistente
Academia (2001)	porto-santense ¹ (...) <i>adj. m. e f.</i> (De <i>Porto Santo</i> , top. + suf. - -ense). Que é da vila [sic] portuguesa de [sic] Porto Santo, na ilha da Madeira [sic], ou dos seus habitantes; que lhes diz respeito. = PROFETA (<i>Pop.</i>). <i>Uvas porto-santenses</i> . Pl. porto-santenses. porto-santense ² (...) <i>s. m. e f.</i> (De <i>Porto Santo</i> , top. + suf. - -ense). Natural ou habitante de [sic] Porto Santo = PROFETA (<i>Pop.</i>). Pl. porto-santenses.	verbete inexistente	verbete inexistente
Porto Editora (1998)	<i>A adj.</i> relativo à ilha portuguesa de [sic] Porto Santo (arquipélago da Madeira) B s. 2 <i>gén.</i> natural ou habitante da ilha de [sic] Porto Santo (De <i>Porto Santo</i> , top. + -ense)	verbete inexistente	verbete inexistente
Machado (1991)	verbete inexistente	verbete inexistente	verbete inexistente

<i>Cândido de Figueiredo</i> (1986)	verbete inexistente	verbete inexistente	verbete inexistente
<i>Aurélio</i> (1986)	verbete inexistente	verbete inexistente	verbete inexistente

É “vinho e alho(s)”, “vinha de alho(s)” ou “vinha-d’alho(s)”? Porquê?

Nas Filipinas, um arquipélago com mais de 7 000 ilhas (!), há milhares de desalojados por causa de um tufão. Os ventos podem ultrapassar os 200 km por hora. Terei ouvido bem? Os noticiários portugueses não dão grande relevância a este fenómeno e a estas pessoas, que, alarmadas, saíram de casa. Muitas vivem em habitações frágeis, que contrastam com a tenacidade das gentes. Nos centros de abrigo, as crianças vão brincando, alheias às dificuldades da vida. Os idosos, resignados, aceitam as inevitabilidades climatéricas e o infortúnio de mais uma devastação natural. Os adultos e os jovens tentam preservar os parques bens. Numa reportagem televisiva, alguns homens “pescavam” cocos que caíram num curso de água. A necessidade aguça o engenho. Poderiam vendê-los e obter algum dinheiro, já que, num momento de catástrofe, cada coco valeria bastante. O Natal avizinha-se e os filipinos preparam-se como podem para esta quadra festiva.

No Ocidente, os países abrilhantam as cidades com luzes e um comércio frenético constante. As iluminações deste ano parecem não contentar os funchalenses, assinalando a falta de cor e das estruturas com diversos formatos. Eu não desgosto da simplicidade das luzes deste ano. De qualquer maneira, o Natal é muito mais do que iluminações, embora procurasse, desesperadamente, as minhas gambiarras para o pinheiro. No meio das preparações, em dias chuvosos e ventosos, iluminados com algum sol e muitos arcos-íris, perguntaram-me se se dizia “vinho e alhos” ou “vinha de alhos”? Apostei na junção de “vinho e alho(s)”, para o molho de uma das mais famosas iguarias natalícias madeirenses. Pensar sobre tudo, incluindo pormenores linguísticos como este, é um exercício que aprecio bastante porque coloca problemas que continuarei, aqui, a propor. Isto não significa que saiba tudo ou que o assunto fique, na íntegra, resolvido.

Resumidamente, esta questão será do âmbito da Culinária, da Fonética, da Ortografia e dos usos linguísticos. Tendo já pensado no assunto, nestes dias, andei, todavia, a prestar uma atenção redobrada e fui registando múltiplas grafias para a carne temperada com esse molho, incluindo “vinhadalho” e “Vinha D’Alho”, como se de um nome próprio se tratasse. Pela diversidade de grafias, julgo que cada um vai escrevendo segundo a sua pronúncia e o seu ouvido: uma clara manifestação da variação linguística. Diz ou ouve assim, então, escreve tal e qual, sem se preocupar com o caso. Recentemente, para um congresso, andei a questionar diversas pessoas sobre algu-

mas receitas madeirenses, entre as quais: “o picadinho”, “o bolo família” e “o tim-tam-tum”. Os ingredientes e o “modus operandi” alteravam-se consoante quem inquiria, segundo o que cada um ia lembrando. A memória prega partidas e reconstrói a seu belo prazer, mesmo o que parece saber de cor. Verifiquei que não houve receitas coincidentes. Com a Ortografia, sucede o mesmo, se não soubermos e ninguém nos orientar. Como escrever o que dizemos, quando não estamos habituados a fazê-lo? No meu entender, a escrita não pode ser fonética porque implicará, forçosamente, variação. Os dicionários deveriam, nestes casos, ser de uma extrema utilidade, norteando os usuários da língua, fixando uma única forma, cristalizando-a. Será assim com os dicionários do tira-dúvidas?

Contradizem, os sete, a minha ideia de “vinho e alho(s)”, salvo o da ACADEMIA por ser o único a, também, considerar essa possibilidade. Na designação do molho, todos registam “vinha” em vez de “vinho” e as referências brasileiras (cf. HOUAISS e AURÉLIO) defendem mesmo que se usa essa forma reduzida (“vinha”) para o nome da marinada. Sintetizando, creio que os dicionaristas seguiram um critério fonético, admitindo: “vinha-d’alho” ou “vinha-d’alhos”. O apóstrofo comprova-o, embora alguns prefiram “vinha-de-alhos”. Admitem que o plural possa ser “as vinhas-d’alho” ou “as vinhas-d’alhos”. Terá um nome de um molho plural? Talvez se explique pelas versões que existem, por nem todos o preparem da mesma maneira. Será?

Já sabemos que é fácil o que se entende e complexo, ou discutível, o contrário. Portanto, para um provável tira-teimas, nada melhor do que um breve tira-dúvidas porque as dúvidas são o primeiro passo, mas não podem ser o último. Por que se escreve “vinha-de-alhos” ou “vinha-d’alho(s)”? Porquê? É porque, segundo os dicionários, será assim, embora a comunidade considere outras possibilidades. Eu estou convencida que esta designação vem de “vinho e alho(s)”. Deu-se uma assimilação, um fenómeno fonético que levou à mudança da vogal final de “vinho” para “vinha” por causa da vogal tónica (“a”) de “alho”. A passagem da conjunção “e” para a preposição “de” mereceria alguma reflexão. Estou convencida da origem do molho, mas teria de alargar a pesquisa para a comprovar. Os ingredientes apontados pelos dicionários e pelas receitas que encontrei não são convergentes. Nuns, usa-se apenas vinagre; noutros, vinho e, noutros ainda, os dois líquidos. Enquanto me preocupo com esta questão e outros com as iluminações natalícias, muitos filipinos temem pelas suas vidas e pelas dos familiares. Neste Natal, haverá quem coma carne marinada em vinho (agro) temperado com alho e, talvez, algum vinagre (vinho agro!); outros consumirão o que encontrarem. Um coco “pescado” tornar-se-á uma iguaria. A vida é assim.

Tira-dúvidas

Dicionários	“vinho e alho(s)”	“vinha-d’alho(s)”/ “vinha-de-alhos”
<p><i>Priberam “em linha”</i> (2008-2013)</p>	<p>“Locução não encontrada (...).”</p>	<p>vi·nha·-d’a·lho (<i>vinha + de + alho</i>) <i>substantivo feminino</i> [Culinária] Molho de conserva à base de alhos, vinagre e outras especiarias, usado geralmente para temperar a carne antes de a cozinhar. = VINHA-D’ALHOS Plural: <i>vinhas-d’alho</i>. vinha-d’alhos <i>s. f.</i> vi·nha·-d’a·lhos (<i>vinha + de + alho</i>) <i>substantivo feminino</i> [Culinária] Molho de conserva à base de alhos, vinagre e outras especiarias, usado geralmente para temperar a carne antes de a cozinhar. = VINHA-D’ALHO Plural: <i>vinhas-d’alhos</i>.</p>
<p><i>Houaiss</i> (2001)</p>	<p>verbetes inexistentes</p>	<p>vinha-d’alho <i>substantivo feminino</i> Rubrica: culinária. molho preparado à base de vinagre, sal, alho, cebola e algum outro condimento (pimenta, louro etc.) que se usa para conservar certos alimentos ou, como marinada, para amaciar e temperar carnes Obs.: tb. se diz apenas ²<i>vinha</i> Gramática pl.: <i>vinhas-d’alho</i> vinha-d’alhos <i>substantivo feminino</i> Rubrica: culinária. m.q. vinha-d’alho pl.: <i>vinhas-d’alhos</i></p>
<p><i>Academia</i> (2001)</p>	<p>vinho (...) vinho e alho, o m. que <i>vinha-d’alhos</i>. (...).</p>	<p>vinha-d’alhos (...) <i>s. f.</i> (De <i>vinho + de + alhos</i>), <i>Cul.</i> Molho feito à base de vinho, vinagre, alhos, sal, louro, especiarias... no qual se coloca a</p>

		carne ou o peixe durante algum tempo, para ficarem temperados. = MARINADA. <i>Deixou a carne em vinha-d'alhos na véspera.</i> Pl. <i>vinhas-d'alhos.</i>
Porto Editora (1998)	verbetes inexistentes	Vinha-de-alhos <i>s. f.</i> CULINÁRIA molho feito com vinho, alhos, sal, loureiro, pimenta e outros aromas, para temperar carne antes de ser cozinhada (De <i>vinho+de+alhos</i>)
Machado (1991)	verbetes inexistentes	Vinha-de-alhos <i>s. f.</i> Molho feito de vinagre, com alhos, louro e pimenta, e destinado a conservar e aromatizar a carne.
Cândido de Figueiredo (1986)	verbetes inexistentes	Vinha-de-alhos <i>f.</i> Molho de conserva, em que entram alhos, vinagre e outras especiarias.
Aurélio (1986)	verbetes inexistentes	vinha ² <i>S. f.</i> F. red. de <i>vinha-d'alhos</i> [q. v.]. vinha-d'alho <i>S. f.</i> Vinha-d'alhos. [Pl. <i>vinhas-d'alho.</i>] vinha-d'alhos <i>S. f.</i> Espécie de molho feito com vinagre (ou mais raramente vinho), alho, cebola, louro, etc., no qual se põem carnes, peixes, aves, etc., durante algum tempo a fim de impregná-los de tempero, antes de irem ao fogo; marinada: “Eu estava a impregnar-me de Paris, como a carne que se deixa em vinha-d'alhos para melhor saber ao paladar.” (Costa Rego, <i>Águas Passadas</i> , p. 261.) [Tb. se diz apenas <i>vinha</i> . Pl.: <i>vinhas-d'alhos.</i>]

Porquê?

Em memória de Tiago Freitas

Hoje, não vou falar da diferença entre esta e aquela forma, entre esta e aquela palavra, entre esta e aquela expressão. Não faria sentido. Hoje, tenho mesmo de falar de Tiago Freitas, um jovem linguista madeirense, que estava a terminar a tese de doutoramento, em Lisboa, e que, inexplicavelmente, morreu. Dizem-nos que a morte faz parte da vida e que é necessário saber aceitá-la. Claro, isso não custa, quando não vivemos com as pessoas. Quantos rostos se observam nas páginas da necrologia dos jornais! Quantas fotografias aparecem em obituários! Impressionam, mas as lágrimas não nos correm pela cara abaixo. Quando as conhecemos, lidamos com elas e gostamos delas, custa muito, muito mesmo. Choramos e ficamos a perguntar: Porquê? A fé segreda-nos que tinha chegado o momento, mas, no fundo do coração, fica a tristeza. Não há palavras que nos possam consolar e a Linguística, nestes casos, não tem respostas. Nada distrai o pensamento, nem os usos linguísticos, nem os exercícios que aprecio tanto e que costumo, aqui, propor. A minha ignorância perante a eterna ausência é imensa. Face à ausência do Tiago, tem proporções ainda maiores.

Em poucas palavras, precisaria de várias páginas para a retratar em profundidade, o Tiago que conheci era uma pessoa como todos gostaríamos de ser. Era um rapaz amável, educado, bem-disposto, generoso, trabalhador, conversador, inteligente e sensível. Não exagero. Ele era assim, como era alto, ruivo e sorridente. Tinha sardas e um ar descontraído. Era uma presença amiga atenta, mesmo para quem, como eu, apenas o conhecia há cerca de 4 anos. Nunca lidei com ninguém que partilhasse materiais e conteúdos científicos como ele. Dava o que tinha e eu era obrigada a retribuir, genuinamente, por ele era assim. A generosidade é, decerto, o traço do Tiago que mais me tocou. O nosso interesse pelo falar madeirense motivou longas conversas. Estávamos, juntos, a realizar um trabalho sobre as vogais madeirenses. Ele costumava dizer que eu era a única pessoa com quem ele podia falar de fonética acústica, aqui, na Madeira. Eu vou sentir a falta dele (Já sinto!) porque ele era a única pessoa, aqui, na Madeira, com quem eu podia

falar de fonética acústica. A fala espontânea, a pronúncia regional, as múltiplas facetas da língua portuguesa ou os sons de qualquer tipo eram, entre outros, temas que não nos cansavam. Vou procurar terminar o trabalho que, juntos, começámos para descobrir o que caracteriza, a nível acústico, as vogais madeirenses, mesmo que isso não interesse aos outros. Tínhamos ambos curiosidade a este respeito e queríamos ver o que a investigação ia dar.

Hoje, ainda com um nó na garganta e o coração apertado, não podia falar de outro assunto qualquer. Só podia lembrar o Tiago, um jovem linguista que gostava de tira-teimas e de tira-dúvidas. Porquê a partida do Tiago, nesta fase da vida cheia de potencialidades, oportunidades? Desta vez, não consigo responder “porque ...”. Simplesmente, não sei. Apenas tenho uma certeza: fico feliz por o ter conhecido. O Tiago era uma pessoa, incluindo no domínio profissional, exemplar.

COLIBRI – ARTES GRÁFICAS

APARTADO 42 001 – 1601-801 LISBOA

TELEFONE | (+351) **21 931 74 99**

www.edi-colibri.pt | colibri@edi-colibri.pt


**OS PORQUÊS DO PORTUGUÊS:
A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
EM USOS QUOTIDIANOS** compila
diversas reflexões linguísticas, sociais
e culturais, em jeito de crónicas, que
procuram responder a questões rela-
cionadas com a língua portuguesa.
As interrogações são motivadas por
diversas vivências do quotidiano na-
cional e internacional, nos séculos
XX e XXI, levando a uma reflexão para
procurar respostas. A fim de funda-
mentar a solução a cada pergunta
de língua portuguesa, tornou-se im-
prescindível a consulta de diversos
materiais linguísticos, sobretudo di-
cionários portugueses e brasileiros.
Compreende-se, ao longo do livro, o
quanto a variação linguística está pa-
tente nos diversos usos dos falantes
da comunidade de língua portuguesa.



APOIOS


UNIVERSIDADE da MADEIRA
Departamento de Línguas,
Literaturas e Culturas da FAH

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

 **clic**
universidade de aveiro
centro de línguas, literaturas e culturas

Será a unidade linguis-
tica tão real quanto a
diversidade observada
nas dúvidas diárias
de Português? Como se
diz? Como se escreve?
Porquê?